

*Jardim  
de inverno*

**ZÉLIA  
GATTAI**



  
COMPANHIA DAS LETRAS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**Zélia Gattai**

**Jardim  
de  
Inverno**

Record  
1988

# Sumário

Dedicatória

In Memoria

Epígrafe

PARIS, 6 DE SETEMBRO DE 1984

'ÇA ALORS!...'

HISTÓRIA MADURA

FIM DE OUTONO

"PANE" MARIE E SUA PRINCESA

O LIMPA-CHAMINÉS

O MUSICANTE

"PÂTÉ DE FOIE GRAS"

JARDIM DE INVERNO

OS GANSOS SAGRADOS

CICLISTA DE MÃO CHEIA

A GUERRA CIVIL DA ESPANHA

PERSONAGENS QUE SE ENCONTRAM

ESPORTE DE INVERNO

MUDANÇA FORÇADA

O RUÍDO AMEAÇADOR

JARARACA

O SAMBA DA JARARACA

O ESPETÁCULO

DRDA, O MAIOR!

DAREX

VISITA DE MÉDICO

"AMADO MIO"!

AS FÃS NÚMERO 1

ANDRIAMAMPANDRI

A BOA SURPRESA

O NOVO HÓSPEDE

ÀS DEZ EM PONTO

PÉS DESCALÇOS

DUAS NOTÍCIAS

A BOA ESTRELA  
CHARADA EM HORA DE APERTO  
SALVE-SE QUEM PUDE!  
VIAGEM INESPERADA  
UM CASACO DE QUEBRA  
LUKÁCS  
BUCARESTE  
E ANITA?  
UM POPE FORA DA LINHA  
29 DE MAIO  
O CONSELHO SE INSTALA EM PRAGA  
DE MÃOS E PÉS ATADOS  
UM CAVALO IMPRESSIONANTE  
O CÃO "SCHNAWZER"  
KAFI  
PERSONA GRATA  
A CURTA-LONGA VIAGEM  
FUMAÇA PRA LÁ, SANTO ANTÔNIO PRA CÁ  
LONDRES  
FOGUINHO...VÁ PRA CASA DO VIZINHO!  
TARDE PIASTE...  
SHEFFIELD  
PRAGA  
VARSÓVIA  
RENÉ DEPESTRE  
O CAPA-PRETA  
TOALETE COMPLETA  
NO CENÁRIO DAS MIL E UMA NOITES  
FURACÃO À VISTA!  
SURPRESA EM MOSCOU  
NOTÍCIA-BOMBA  
MENSAGEM A DRDA  
UMA ESPIÃ NO "ZÁMEK"?  
CASAMENTO COM PRÊMIO  
AMADO OU GATTAI?  
ENCONTRO INESPERADO

OPERAÇÃO MELANCIA  
TEMPO DO MEDO E DA SOLIDÃO  
UM SUSTO SEM TAMANHO  
A VOLTA DO CAPA-PRETA  
LARGADA NA CAMA  
PALOMA  
"LATINSKY TEMPERAMENT! "  
RESGUARDO COM REFLEXÕES  
O CIUMENTO  
FÉRIAS DE ANNA SEGHERS EM DOBRIS  
BATIZADO COM FESTA DE ARROMBA  
O CONVITE DE MEUS SONHOS  
PRÊMIO STALIN DA PAZ  
RESOLUÇÃO DIFÍCIL  
UM BASTA AO EXÍLIO  
A QUEM O PRÊMIO?  
NÃO DEU OUTRA  
DESPEDIDA  
CHOQUE NAS PONTAS DOS DEDOS  
MOSCOU  
EMBARQUE COM NOTÍCIAS  
O TRANSIBERIANO  
IRKUTSK, SEU LAGO, SEUS PEIXES  
COM PABLO E MATILDE, NAVEGANDO PELO YANG-TSE  
UM "POLLO" PARA PABLO  
O ANIMAL PRÉ-HISTÓRICO  
UM POUSO NA MONGÓLIA  
A IMENSA SERPENTE  
OS PROGRAMAS  
OS DOS NARIZES  
CHI-PAI-CHE  
NOSSO AMIGO, O ESCULTOR  
A GRANDE MURALHA  
AS CAMPANHAS  
BERÇO DO MACARRÃO  
UMA HISTORIA DE NICOLAS

A ÓPERA DE PEQUIM  
A GRANDEZA DA SIMPLICIDADE  
ENCONTRO COM OS ESCRITORES  
TING-LING  
O PALÁCIO DE VERÃO  
UM PARÊNTESE PARA FALAR SOBRE O DESTINO DE NOSSOS  
AMIGOS  
RESPOSTA ÀS NOSSAS INDAGAÇÕES  
REENCONTRO  
ADEUS, LIÚ!  
PIONEIROS  
ULAN-BATOR À VISTA  
PÉ NA TERRA  
CURTO-CIRCUITO  
O PROFESSOR  
ARCO-ÍRIS NO PARLAMENTO  
A ESCOLA PRINCIPAL  
VAMOS ÀS COMPRAS?  
O COBERTOR MONGOL  
OS PRESENTES  
O PROFESSOR É PROMOVIDO  
ADEUS, COMPADRES!  
TRAVESSIA NO MAR BÁLTICO  
"MONSIEUR LE PRIX"  
SOLUÇÃO RACIONAL  
'POR QUE FOCÊS TEMORRARRO TANTO?...'  
TRABALHO BEM-FEITO  
ROMANCE FRUSTRADO  
BRASILEIROS EM PRAGA  
PORTO DE GÊNVA

Da mesma autora:

**ANARQUISTAS, GRAÇAS A DEUS** - memórias - Record, Rio de Janeiro, 1ª. edição, 1979

**UM CHAPÉU PARA VIAGEM** - memórias - Record, Rio de Janeiro, 1ª. edição, 1982

**SENHORA DONA DO BAILE** - memórias - Record, Rio de Janeiro, 1ª. edição, 1984

**REPORTAGEM INCOMPLETA** - Fotos e histórias - Editora Currupio - São Paulo, 1987

Para lembrar com Jorge, sua cabeça em meu regaço,  
estes anos difíceis e alegres de nossa vida.

*À memória de*

*Anna Seghers, Luba e Ilya Ehreburg, Matilde e Pablo Neruda, Emi Siao, Jan Drda; para Rosa e Nicolas Guillén, Wally e Lumir Civrny e Eva Siao, alguns dos amigos que me fizeram companhia nesta volta ao passado.*

*"Porque de feitos tais, por mais que diga mais me há de  
ficar ainda por dizer"*

Luís de Camões

## PARIS, 6 DE SETEMBRO DE 1984

Três pancadas no chão, secas e compassadas, precederam a voz forte e solene do *huissier* a anunciar: "*Monsieur le Président de la République!*" Quem conversava deixou de conversar, quem andava parou de andar, fez-se silêncio. Ao fundo do salão denominado "Jardin d'Hiver" – devido talvez ao imenso teto de vidro a cobri-lo –, abriu-se uma porta de par em par, e por ela o Presidente François Mitterrand entrou, passos lentos, rosto pálido. Aproximou-se do microfone instalado no salão iluminado pela claridade do dia a atravessar a transparência do vidro.

Nessa tarde de outono, no Palais de L'Elysée, o Presidente da França faria a imposição da Legião de Honra, no grau de Comendador, ao brasileiro Jorge Amado. Amigos e admiradores do escritor, convidados para a cerimônia, lá se encontravam sem faltar nenhum. Mesmo quem estava distante de Paris veio, como foi o caso de Georges Moustaki, compositor e cantor, amigo fraterno de Jorge que, ao receber o convite, interrompeu a tournée que realizava nos confins do oceano Índico, na ilha da Reunião, tomou um avião e chegou a tempo de assistir à solenidade. No começo daquele ano o Presidente Mitterrand outorgara a comenda da Legião de Honra aos romancistas Alberto Moravia, Jorge Amado, Norman Mailer e Yachar Kemal, e aos cineastas Federico Fellini e Joris Ivens, uma constelação.

Em janeiro de 1948, premido por circunstâncias políticas, Jorge fora constrangido a sair do país. O Brasil sofria um retrocesso na vida política. A democracia conquistada a duras penas, após dez anos de ditadura, escapava-nos entre os dedos. O Partido Comunista Brasileiro, ao qual na ocasião Jorge era filiado, obtivera sua legalidade em princípios de 1945 e concorrera em dezembro do mesmo ano às eleições, elegendo um

senador, 16 deputados à Assembleia Nacional Constituinte, entre os quais Jorge, eleito por São Paulo. A legalidade do Partido, no entanto, durou pouco mais de dois anos; seu registro foi cassado em 1947 e, em consequência, seus representantes no Senado, na Câmara Federal e nas Câmaras Estaduais tiveram seus mandatos também cassados em janeiro de 1948, após longa e dura batalha parlamentar.

As perseguições não se fizeram esperar, ameaçando ainda uma vez a liberdade de Jorge, preso várias vezes anteriormente, não lhe dando outra opção senão a de sair do Brasil. Escolheu a França para viver, país que aprendera a amar através de sua literatura, país da liberdade, da igualdade e da fraternidade. Não pude viajar com ele: acabara de dar à luz, João Jorge estava apenas com um mês, não tinha condições de sair mundo afora. Aguardei no Rio de Janeiro a hora certa de ir ao seu encontro. Moramos em Paris quase dois anos, vivíamos felizes até que um dia, sem essa nem mais aquela, fomos postos para fora; nos retiraram o permis de séjours e nos deram 15 dias para deixar a França. Não houve explicações, indesejáveis não merecem explicações. Estávamos em plena guerra fria, e intelectuais de esquerda, como, por exemplo, o poeta Pablo Neruda, os cientistas Mario Schemberg e Jacques Danon, e o pintor Carlos Scliar, sofreram igual violência, postos para fora. Não eram bem vistos pelo governo francês de então.

Durante 16 anos o nome de Jorge Amado figurou na lista negra, lista dos perigosos, em todas as fronteiras da França, proibido de entrar no país, impedido de caminhar pelas ruas de Paris, cidade de sua paixão.

A interdição foi revogada nos começos de 1965, graças à intervenção do escritor Guilherme Figueiredo – então Adido Cultural do Brasil na França -, que levou o fato ao conhecimento do Ministro da Cultura, André Malraux. Ao ser informado da medida discriminatória imposta ao escritor e militante da causa da paz durante a guerra fria e o

macarthismo, Malraux, escandalizado, tomou providências imediatas para que fosse anulada a interdição. A partir daquele ano, as portas da França se abriram novamente para Jorge Amado e sua família.

A cerimônia no Elysée começara. Jorge não escondia sua emoção.

Extremamente comovida, também eu não conseguia desviar os olhos de seu rosto, adivinhando o que lhe ia no coração. De repente nossos olhares se encontraram e sorrimos. Para ele e para mim, aquele ato tinha um significado muito especial: naquele dia, somente naquele dia, ali, na solenidade festiva, em meio a tanto carinho, se daria a reparação pública e completa da injustiça e da violência que sofrêramos nos fins de 1949. Ao condecorar Jorge Amado com a Légion d'Honneur, no alto grau de Comendador, o Presidente Mitterrand referiu-se, com duras palavras de condenação, à arbitrariedade de que fora vítima o escritor, proclamando-o mestre do romance contemporâneo, grande e provado amigo da nação francesa.

### **'ÇA ALORS!...'**

Na atropelada partida de Paris não tivemos tempo para nada. Nem tempo e nem condições de desmontar nosso apartamento no Hotel Saint-Michel. Era impossível embalar, assim de repente, tanta coisa acumulada durante dois anos...

Mas arrumações, embalagem e transporte não chegaram a nos preocupar: conduziríamos conosco o que pudéssemos para a Tchecoslováquia, nosso destino, neste segundo exílio. Misette arrumaria tudo o mais, calmamente, após a nossa partida, e levaria com ela, dias depois, na viagem de trem Paris-Praga.

Pessoa de confiança e da nossa maior estima, Misette morava em nossa companhia, cuidando de João, havia mais de um ano, e,

sem dúvida alguma, nos acompanharia para onde quer que fôssemos.

Tudo estava acertado. Quando Misette foi ao Consulado tcheco apanhar seu visto, voltou aflita: o visto de entrada na Tchecoslováquia lhe fora negado. "Ça alors! Ça alors!...", repetia a moça, sem encontrar outra expressão para extravasar a sua revolta. Ao pedir uma explicação ao funcionário tcheco que a atendera, obtivera uma resposta seca, sem margem de encompridar conversa: "Estão suspensos, até segunda ordem, vistos para cidadãos franceses." Por essa não esperávamos. E se Jorge fosse pessoalmente à Embaixada e recomendasse Misette? Talvez dessem um jeito... Foi o que ele fez, e então soubemos que a atitude do governo tcheco era tomada em represália à do governo francês, que vinha negando vistos a cidadãos tchecos. A medida era estrita, em Paris não havia jeito a dar. Jorge devia tentar em Praga.

Hóspedes da União de Escritores Tchecos, fomos recebidos no aeroporto, em Praga, por um grupo de escritores, entre eles Jan Drda, nosso amigo e Presidente da entidade. Kuchválek, companheiro desde a primeira visita à Tchecoslováquia, nosso tradutor, também lá estava, firme. Mesmo antes de irmos para o hotel, Jorge apresentou-lhes o problema de Misette, e ficou acertado que a União de Escritores cuidaria do assunto.

Passamos uma semana em Praga antes de nos instalarmos no Castelo dos Escritores, junto a uma pequena cidade, Dobris, a uns quarenta e tantos quilômetros de Praga.

## **HISTÓRIA MADURA**

O outono partira, o inverno chegara, a neve caía e cadê o visto de Misette?

A União de Escritores nada pudera fazer e, a conselho de Kuchválek, Jorge encaminhou o pedido, numa carta, à autoridade

que poderia resolver o problema. A carta foi entregue e passamos a aguardar a resposta.

No silêncio do castelo imenso e deserto, livre de telefonemas e de visitas, isolados do mundo, Jorge começara a escrever um romance. Ainda em Paris ele me falara nesse projeto: "O livro está maduro em minha cabeça..." Tema palpitante, *Os Subterrâneos da Liberdade* contaria da luta do povo brasileiro contra a ditadura do Estado Novo, ditadura cujas consequências Jorge sofrera na própria carne, problema que vivera intensamente.

Tratei logo de conseguir uma máquina de escrever, indispensável para o meu trabalho de passar a limpo e tirar cópias dos originais do livro. Mas, ao sentar-me pela primeira vez diante da máquina emprestada, me senti perdida. O danado do teclado, além de ter as letras em posições diferentes daquelas a que eu estava habituada, não possuía til nem cê cedilhado, substituídos por outros acentos estranhos à nossa língua. Até conseguir dominá-la eu ia ter que apanhar muito. O pior era que eu só podia trabalhar à noite, depois de adormecer João, já cansada de correr atrás dele o dia todo.

Misette me fazia falta, e enquanto ela não chegasse eu teria que me virar sozinha. Chovesse ou fizesse sol – e fazia muito frio no início daquele inverno –, eu pulava da cama ao primeiro resmungo de meu filho, habituado a acordar cedo.

Rápida, tratava de vesti-lo e saíamos do quarto num passo de gato, evitando fazer barulho para não despertar o pai, muitas vezes varando a noite no trabalho.

Nas andanças com João Jorge por ali tudo, fui tomando intimidade com o castelo, descobrindo seus segredos, seus meandros; já identificava seus habitantes, conhecia mais de perto a cidade.

**FIM DE OUTONO**

Certa manhã, ainda no fim do outono, ao voltarmos do passeio habitual no bosque, nos deparamos com uma grande movimentação no jardim. Sob o olhar vivo e atento de Marvan, gerente do castelo, homens carregando tábuas, munidos de martelos e pregos, pregavam as tábuas em torno das esculturas de pedra que enfeitavam o jardim. Em três tempos, o enorme touro atacado por cães, os cavalos, a figura de Hércules exibindo sua força e os anjos sobre pedestais nos topos das escadarias desapareceram dentro dos imensos caixões que iam sendo fabricados, com uma rapidez incrível, pelos competentes operários.

De repente tudo ficou triste e desolador com aqueles monstrenhos levantados em meio aos canteiros, canteiros ressentidos pelo frio, despídos de plantas e de flores. Não consegui descobrir o que significava aquele rebuliço no jardim; Marvan não falava outra língua a não ser o tcheco, e sua habilidade na mímica não era das mais brilhantes. De Marvan não arrancaria nada, devia bater noutra freguesia se quisesse matar minha curiosidade. Divisei ao longe o velho Otokar Suhy caminhando lentamente, apoiado na bengala, na sua costumeira elegância, de sobretudo preto, chapéu de aba reta, as longas barbas brancas. Otokar Suhy chegava na hora certa. Não tive paciência de esperar que ele se aproximasse; fui ao seu encontro. O velho então me contou que a revolução no jardim se repetia todos os anos, no início do inverno, antes que a neve tombasse; providência tomada a fim de evitar rachaduras nas esculturas, decorrentes do frio e do contato com a neve.

Aposentado, homem fino, o velho Otokar exercera, quando jovem, funções diplomáticas em Paris, o que lhe rendera um francês impecável e maneiras cavalheirescas. O velho escritor — ele escrevia livros infantis — residia em Praga mas costumava passar os meses frios de inverno no Castelo dos Escritores, onde teria calefação garantida. O carvão andava escasso e racionado em todo o país, e quem dependesse do aquecimento de

radiadores a carvão não podia contar com calor permanente; já o zámek – castelo,, em tcheco – era quase todo equipado com chauffage central. Eu nunca ousei perguntar ao meu fidalgo amigo a sua idade, mas comentava-se que ele já passara, havia muito, dos oitenta anos. Nos encontrávamos em passeios matinais e trocávamos gentilezas. O velho era a minha tábua de salvação, sempre às ordens para servir de intérprete e explicando-me coisas que por vezes me intrigavam.

### **"PANE" MARIE E SUA PRINCESA**

Ao longe avistei pane Marie vindo em minha direção. Sorridente ela se aproximava, a cabeça alva protegida do frio por um xale de lã florado, preso sob o queixo. Andava ligeiro – lépida para os seus oitenta anos confessados – entre os canteiros do jardim coberto de neve. Acenou-me com um objeto embrulhado em papel pardo, agitando-o ao alto. Pelo formato do embrulho, deduzi tratar-se do retrato emoldurado da Princesa Colorado Mansfeld – ex-proprietária do castelo de Dobris –, oferecido a pane Marie, sua lavadeira de toda a vida.

Na véspera, pane Marie se referira a ele. Não vou contar vantagem: do que a velha me dissera não havia entendido metade. Pescara uma palavra aqui, outra ali, chegando à conclusão de que ela desejava mostrar-me o tal retrato.

Eu já me hospedara outras vezes no castelo de Dobris,, passando curtas temporadas, mas morar mesmo, de residência fixa, era a primeira vez. Num ambiente onde só se falava o tcheco, eu tratava de me esforçar para aprender o idioma, sem, no entanto, lograr grandes progressos. Língua mais complicada, avara em vogais e pródiga em declinações, criava confusão em minha cabeça habituada às línguas latinas, mas isso não me impedia de ir avante. Aprendera uma boa dezena de palavras e decorara frases indispensáveis a um mínimo de entendimento no

trato diário com as pessoas. Tornava-me, isso sim, mestra em deduzir e tirar conclusões.

Dessa vez, a do bate-papo na véspera com pane Marie, nem me custara esforço compreendê-la. Em Dobry, quem não tinha visto ainda o famoso retrato da princesa, conservado pela lavadeira como relíquia, exibido por ela a Deus e ao mundo? De pane Marie me haviam dado o serviço completo, sobretudo me falaram de sua devoção aos ex-patrões. Por isso eu nem estranhara quando, dias antes, ela me levava a pulso à igreja defronte ao castelo. Seu objetivo era mostrar-me no teto do templo os ex-patrões retratados em pintura colorida, cercados de anjos e de rosas. Ao vê-la embevecida apontar as figuras do casal de príncipes, pude dar-me conta do enorme e sincero carinho da ex-empregada pelos amos.

Pane Marie foi se chegando e dando bom-dia: – Dobry den, pane Amadova.

Pane Amadova: esse tratamento eu já não estranhava, achava até natural, ou melhor, já não achava nada. Atendia com naturalidade. Afinal de contas, sabia que pane significava senhora e Amadova era declinação de Amado. Quanto a dobry, queria dizer bom e den, dia. Fácil.

– Dobry den, pane Marie – respondi.

A velha fez uma rápida festinha na cabeça de João e em seguida, sem dizer nada, ligeiramente excitada, abriu o embrulho, afastando o papel com toda a delicadeza. Eu acertara: lá estava ela, a princesa, princesa como manda o figurino, de coroa, brocados e rendas, no regaço um cãozinho refestelado, orelhinhas de pé, olhos acesos, em pose adequada para uma foto oficial.

Lavadeira da princesa, de antiga e estreita intimidade com as finas lingerie da patroa, pane Marie merecera não apenas uma cópia do retrato emoldurado como também, oh, suprema honra!, dedicatória de próprio punho. Ela trabalhara para sua ama até o último momento. Chorava, um pranto sentido, ao

recordar aquele triste dia em que a vira partir para sempre, rumo à França.

Os Príncipes Coloredo Mansfeld haviam dividido as habitações do castelo com os invasores nazistas durante a ocupação da Tchecoslováquia, mas não se dispuseram a compartilhá-lo com os novos intrusos. O governo socialista destinara aos escritores o belo zámek. Lá eles iriam trabalhar, passar os fins de semana e as férias com suas famílias. Inconformados com a invasão de seus domínios, os príncipes preferiram partir, abandonar a propriedade, a ocupar apenas uma ala do castelo, como lhes fora proposto. Partiram levando imensa bagagem e deixando para trás o coração de pane Marie despedaçado.

A velha lavadeira se aposentara mas costumava dizer que, aposentada ou não, suas mãos nunca mais iriam lavar anáguas de seda nem esfregar fundos de calcinhas que não fossem as de sua princesa.

Vivendo na casa que sempre ocupara, em Dobris, a uma centena de metros do castelo, sempre que podia dava uma passada por lá, vinha matar as saudades.

Saudades da casa, certamente, pois tudo fora mudado, nem mesmo a antiga criadagem permanecera. Os novos empregados gostavam da velha, os escritores faziam-lhe muita festa e divertiam-se ouvindo-a contar histórias dos "bons tempos", como costumava dizer.

## **O LIMPA-CHAMINÉS**

Foi João quem o avistou primeiro e se alvoroçou: montado numa bicicleta, lá vinha um personagem bastante estranho: magro, todo de preto, roupa de malha colante, na cabeça um gorro enterrado, gorro em forma de funil cuja longa ponta tombava de lado. Pendurado no ombro ele trazia um rolo de fio

de aço. Atrás de sua bicicleta corriam as crianças dos Prochaska, porteiros do Zámek. Excitado, João soltou-se de minha mão e correu, também ele, a incorporar-se ao bando.

Tratava-se de um limpa-chaminés, chamado para verificar e desentupir, se fosse o caso, as chaminés do castelo, pois já era tempo de acenderem as lareiras dos salões, únicos lugares onde a calefação central era insuficiente. Perito em galgar telhados, leveza incrível, o homem foi subindo, subindo cada vez mais, até atingir a chaminé principal.

Inédita para mim, a operação me encantava. Ficaria ali acompanhando as manobras até o fim, mas não pude. Os sinos da igreja repicaram e a criançada saiu em carreira desenfreada para o portão da rua, João com eles, em busca de outra atração, talvez mais palpitante do que a do limpa-chaminés. Os sinos da igreja anunciavam a aproximação de um enterro.

## **O MUSICANTE**

Em tão pouco tempo eu já assistira, em Dobris, a dois cortejos fúnebres, aquele seria o terceiro. Os sinos continuavam a repicar, o séquito se aproximava.

Aglomerados na entrada do castelo, curiosos, encontravam-se os porteiros com os filhos – cinco ou seis, perdi a conta –, com os garçons Franta e Jaroslav, as camareiras Zdenka e Marenka, e inclusive pane Marie, chegada a pompas, mesmo as fúnebres, e outros empregados da casa, fregueses certos daquele programa, li onde se metera João? Ele partira na disparada com as crianças, mas ali não se encontrava. Já ia voltar para procurá-lo, mas não tive que andar muito.

Trazendo seu acordeozinho, ele passou por mim feito um raio, rumo ao portão.

O ritual dos enterros se repetia: à frente vinha o carro mortuário puxado a cavalos, logo em seguida, a pé, a família do

defunto trajando luto fechado, marchando todos no mesmo passo, num compasso de marcha, da marcha fúnebre executada pela banda da cidade que os seguia nos calcanhares. Acontecia por vezes – coisa que me divertia – um deles perder o pé, sair do compasso, mas corrigia imediatamente a falha com um simples passo pra-frente-e-pra-trás arrastado, sem se atrapalhar.

Marcha e cortejo interrompiam sua trajetória na praçinha em frente ao castelo. O caixão era levado para dentro da igreja, onde o vigário da paróquia rezava a missa de corpo presente. Depois, continuavam para o cemitério situado a uns bons quinhentos metros dali, sobre uma pequena colina.

Eu não podia me descuidar de João um minuto sequer, e, no entanto, me descuidara ainda uma vez nessa manhã. Ao procurar o fujão entre as crianças, não o encontrei. O defunto passara diante de nós, a família também já passara, os músicos se aproximavam, e entre eles quem mais poderia estar? Ora, quem! João tocando seu acordeonzinho num firrim-firrim esganiçado, resistindo bravamente aos discretos, porém vigorosos, empurrões do pistonista, que tentava expulsar o intruso. Debaixo de risadas mal disfarçadas da turma do zámek e de todos que assistiam à cena, eu chamava João, buscava arrebatá-lo do meio da banda, sem obter resultado. Ele fingia não me ouvir nem me ver. Só parou de tocar e debandou quando os músicos pararam e debandaram em frente à igreja. "Eu também sou musicante!", protestava ele, justificando a desobediência. Disposto a prosseguir colaborando com os colegas musicantes até o fim da viagem, quer dizer, até o cemitério.

O intervalo ainda ia demorar e, enquanto isso, ocorreu-me um plano estratégico para fazê-lo desistir de sua fúnebre intenção.

– Que tal você tocar uma linda música para o ganso de pane Prochaskova?

Eu sabia que ele adorava visitar o tal ganso, programa que não me seduzia, pois tinha muita pena do bichinho. No

entusiasmo de fazer uma serenata, João esqueceu o enterro e partimos para os lados da antiga cavalaria.

## ' 'PÂTÉ DE FOIE GRAS' '

Num pequeno cercado de madeira que media no máximo um metro quadrado, pane Prochaskova criava um ganso. Belo ganso, enorme, cevado com croquetes de cereal, duros como pedra, cortados em pedaços como se fosse um cabo de vassoura dividido em tocos de uns dez centímetros, que sua dona lhe metia goela abaixo, um atrás do outro, ajudando-os a descer com seus dedos hábeis e muita competência. Impossibilitado de mover-se, pela escassez de espaço, o pobre engordava rapidamente e, sobretudo, crescia-lhe o fígado, ficava imenso, material bastante e adequado para a confecção do pâté de foie gras.

Dos Prochaska eu só recebia gentilezas. Eles se divertiam e assombravam-se com a esperteza de João. Nunca tinham visto menino igual, diziam. Criança sabida, apenas completara dois anos e já falava com desembaraço o francês e o português, e começava a falar o tcheco.

Da janela de sua casa, na portaria, os Prochaska observavam o movimento dos caminhões que abasteciam a cidade e, com faro aguçado pela necessidade -havia falta de tudo -, conseguiam distinguir, pelo formato, o conteúdo dos sacos empilhados. Entre os de batatas, de cebolas e de repolhos, localizavam os de maçãs, única fruta existente na época e raramente posta à venda. Sabendo de minha aflição à procura de frutas para meu filho, os Piochaska me alertavam logo: "Jablka à vista, pane Amadova! Claro que a frase não era aquela, eu só entendia a palavra jablka (maçã), mas assim a interpretava e, sem perda de tempo, partia com João na garupa da Sonho de Valsa, minha bicicleta azul-celeste, na esperança de conseguir bom lugar na fila em frente ao armazém principal. Os porteiros do zámek não

eram os únicos a ficar de atalaia espreitando a passagem dos caminhões de abastecimento.

Muita gente também se dedicava a esse mister, e, insuficientes para os que as disputavam, as maçãs evaporavam em três tempos; várias vezes voltei de mãos abanando.

Para compensar a falta de frutas, o jeito foi apelar para os legumes, estes também raros. Ia procurá-los na estufa de pan Hruby, jardineiro do castelo.

## **JARDIM DE INVERNO**

Os domínios de pan Hruby, responsável pela administração do grande e belo parque do castelo de Dobris, situavam-se nos limites entre o jardim e o bosque. Numa singela casinha branca, cortinas de renda sobre os vidros da janela, vasos de flores no parapeito, pan Hruby vivia com a mulher, moça simpática, e dois filhinhos. Um tanque com peixinhos vermelhos separava sua casa de um amplo e bonito jardim de inverno, destinado ao cultivo de flores em vasos, construção dos tempos dos príncipes. Numa estufa rústica, levantada por suas próprias mãos, estendiam-se leiras de verduras e legumes.

O jardineiro era um homem risonho mas de poucas palavras. Gentil como ele só, não se esforçava, no entanto, para entender meu tcheco arrevesado; respondia às minhas indagações com um sorriso e, quando muito, meneava a cabeça.

Ao voltar dos passeios no bosque, eu costumava passar pelo jardim de inverno e pela estufa. Acompanhava, passo a passo, o desenvolver das plantas nos vasilhinhos, o surgir dos botões que iam aumentando a cada dia, inchando, estufando até explodirem em flores coloridas. Acompanhava com o maior interesse o crescimento lento dos legumes. Ai, que desespero! Como demoravam a tomar corpo as cenouras, os nabos e os rabanetes... Algumas vezes eu perdia a paciência e tentava convencer o

jardineiro a arrancar os legumes da terra antes de estarem completamente formados. Nessas ocasiões ele me compreendia perfeitamente, dizia não com o dedo, me confundia e derrotava. Jamais consegui demover o testarudo de seu princípio: tudo tem seu tempo certo. O jeito era me resignar, e eu me resignava.

Não somente o interesse de acompanhar o desabrochar das flores e o crescimento dos legumes me levava com certa constância às plantações de pan Hruby. Lá dentro, abafada pela ausência do ar puro, em meio a flores se abrindo no calor artificial, eu imaginava coisas, sonhava, procurava me encontrar... Aconteceu mesmo ocorrer-me um dia a ideia de comparar o nosso exílio a um cativeiro, imenso e abafado jardim de inverno. Recordei-me até, num momento de maior nostalgia, de um verso que eu declamara em criança: "A ave presa em gaiola não pode cantar assim/é como a flor que se estiola longe do fresco jardim..." E por que essa tola comparação? O exílio seria mesmo um cativeiro? Seríamos por acaso flores que se estiolavam longe do fresco jardim? Achei graça da maluquice! Voltar para nosso país seria a melhor coisa do mundo, claro que seria. Mas, naquela ocasião, o Brasil não era um fresco jardim. Longe disso.

Essas reflexões só podiam ter uma explicação: saudades, saudades imensas de meu filho que ficara no Brasil, saudades de minha gente, de minha terra.

Extravasamento de melancolia contida, única definição para os sentimentos que me ocorriam nos domínios de pan Hruby. Assim me parecia então.

## **OS GANSOS SAGRADOS**

Veza ou outra, Jorge tirava folga da máquina de escrever, que ninguém é de ferro, e saíamos os três a passear de bicicleta. Havíamos colocado em cada uma delas um banquinho

para João e, empoleirado no seu conforto, ele viajava ora com o pai, ora com a mãe. Contava depois a todo mundo que nas descidas ia com o pai e nas subidas com a mãe. Menino pequeno, porém bom observador.

Saíamos muito cedo, pedalando com gosto por vales e por montes, em busca de aventuras. Descobríamos aldeias, prados e bosques, pontes e regatos, e até descobrimos um dia que o ofício de pastora de gansos não é tão tranquilo quanto parece. Vendo-os em bando pela estrada, buliçosos e barulhentos porém disciplinados, obedientes, ninguém diria.

Deixávamos, certa manhã, uma aldeia, voltando para casa por estradinha deserta, quando avistamos ao longe um bando de gansos. Vinham eles em nossa direção. Eram muitos, tantos que ocupavam toda a largura da estrada, donos do mundo. Dei uma buzinazinha de nada, pedindo passagem, o bastante para irritar o pelotão. Assustados ou ofendidos, não sei dizer, os orgulhosos gansos, até então apenas buliçosos, transformaram-se de repente num alucinado batalhão disposto a atacar. Sobre as finas canelas os corpos se elevavam, se agigantavam, as asas se abriam, imensas, convertiam-se em verdadeiros monstros aterradores a grasnar num coro ensurdecedor. Apavorada, a pastora, pobre pastora, dizia coisas tentando conter os rebeldes, o cajado em ação... Nem com mil gritos, nem com mil toques de bordão a pobrezinha conseguiria vencer aqueles indomáveis. De súbito, diante de meus olhos eu via surgirem os próprios gansos sagrados, os valentes defensores do Capitólio de Roma.

Corríamos perigo – bicada de ganso não é brincadeira, tira pedaço! -Não podíamos facilitar, não havia tempo a perder, o jeito era bater em retirada: "Meia-volta, volver! Ordinário, marche!" Marchar era pouco, voamos! Só houve tempo de fazer a manobra e... força nas canelas, pedais pra que te quero!, retomamos o rumo da aldeia.

Atraídos pela assuada das aves, habitantes do povoado saíram às ruas. Ao nos ver perseguidos naquele desamparo, naquela aflição, um camponês tratou de abrir a porteira de sua propriedade e por ela penetramos rapidamente. Ufa! Que susto! Encharcados de suor, respiramos aliviados, e enquanto esperávamos que os ânimos se acalmassem lá fora, procuramos distrair João que, inconformado com a interrupção da divertida brincadeira, reclamava aos berros, nas línguas que conhecia: "... quero mais! Encore! Jeste!..."

## **CICLISTA DE MÃO CHEIA**

Além dos passeios por vales e por montes, gostávamos de circular de bicicleta pelo bosque do zámek, também ele cheio de encantos e de surpresas. Não deixávamos de rodear o grande lago, criatório de carpas, para vê-las saltar, aos cardumes, fora d'água. A pesca no lago era proibida – várias toneladas de peixes eram retiradas e postas à venda, uma vez por ano, antes que as águas se transformassem em gelo; eu tive muitas vezes tentação de fazer uma pescaria clandestina, mas nunca me atrevi.

Nossos programas esportivos não paravam aí, inventávamos sempre novidades, sobretudo desafios e competições ciclísticas. Jorge astuciava coisas: "Vamos ver se você é capaz..." E lá se ia ele soltando as mãos do guidom, saltando obstáculos, fazendo misérias. Eu me assombrava com tais bravatas. Jorge nunca dirigira automóvel – automóvel, que tem quatro rodas -, e, no entanto, era um craque equilibrado em veículos de apenas duas. Um dia ele me desafiou: – Quero ver se você é capaz de descer esta ladeira – a ladeira em questão era íngreme e cheia de curvas pelo meio – e subir a da frente no impulso.

– Descer esta ladeira? Deus me livre! Eu é que não vou me arriscar, não sou maluca. Nem você é capaz de se arriscar...

– Não sou? – retrucou Jorge. – Quem foi que disse?

– Eu estou dizendo – afirmiei.

Jorge voltou à carga: – Se você estiver de acordo, nós dois descemos...

Fiquei em dúvida: ele desceria mesmo? Bom de bicicleta ele era, não podia negar... daí a se meter numa aventura... Resolvi bancar á valente: – Feito! Se você garantir que desce, eu vou em seguida.

– Em seguida, não! Você vai primeiro. Quem inventou a brincadeira fui eu, tenho prioridade. Depois eu desço. Palavra!

Por essa eu não esperava. Jorge dera a palavra, falava sério, disposto mesmo a enfrentar o ladeirão, e eu ali morrendo de medo. E se eu arrepiasse carreira, dando parte de covarde? Impossível! isso nunca, dona Zélia, palavra de rei não volta atrás, seja lá o que Deus quiser...

Dei o sinal de partida, o coração aos saltos. Cautelosamente, Iniciei a descida, pé no freio, mãos firmes no guidom, venci a primeira curva, venci a segunda, a terceira, soltei o freio, entrei embalada na reta final, subi a rampa num só impulso. Jorge tinha dado a volta, me esperava no ponto de chegada e me aplaudiu entusiasmado: – Sim, senhora! Muito bem! Bravo! Formidável! Gostei de ver!

Ainda trêmula, sob o impacto da façanha, me apressei a lembrá-lo: – Agora é a tua vez.

– Claro que é a minha vez – respondeu ele. – Mas antes vou te pedir um pequeno favor: desça novamente. Não reparei como você usou o freio de pé, nas curvas... Fiquei tão impressionado com a tua elegância que até esqueci de prestar atenção na técnica...

Elegância? Qual elegância? Essa era forte demais! Elogios tão exagerados me punham de sobreaviso. O danado não acreditara que eu fosse descer, e agora estava querendo tirar o corpo fora, não havia dúvida. A brincadeira até que estava divertida.

Ele não havia de fugir ao combinado: – Essa não, seu Jorge! Você deu sua palavra e trato é trato!

Eu já cumpri minha parte, agora cumpra a sua.

Jorge se divertia mais do que nunca. Entre risadas incontidas ele continuava a me elogiar: – Mas, minha filha! Você já mostrou que tem coragem, não mostrou?

Mostrou competência, não mostrou? Está provado que a ladeira não é perigosa, não está? O que te custa me ensinar a técnica de fazer as curvas? Me diga! Custa alguma coisa me fazer esse favor? Que horror! Não seja egoísta... – Ele deixara de rir, se fazia de ofendido.

Decidi entregar os pontos, mas não de todo. Iria até o fim da batalha, havia de fazê-lo cumprir a palavra nem que tivesse de repetir a proeza mil vezes. Afinal de contas, eu exagerara ao ter tanto medo. Bastava ser prudente. Se tudo fora tão bem da primeira vez, por que não haveria de ir da segunda?

Bem mais confiante, ou, melhor dito, mais cheia de mim do que na estreia, toda vaidosa, montei Sonho de Valsa e lancei meu brado de guerra -reminiscência de infância: "Lá vou eu, morena do Caxangá!..." E lá me fui.

Embiquei ladeira abaixo mas, logo na primeira curva, oh, diabo!, meu pé escorregou do pedal e, afobada, não consegui retomá-lo. A bicicleta desgovernou-se e... lá me fui, morena do Caxangá!, esborrachei-me no chão. Ainda tive cabeça e força de olhar para o alto da rampa, na direção em que deixara Jorge, de cócoras, a observar a minha elegância, a minha técnica. Mas ele já não estava lá em cima, descia afobado, vindo em meu socorro. A bicicleta, coitadinha, jazia desfeita, a roda dianteira torcida em formato de oito, e eu, ai de mim, a duras penas consegui me levantar, o corpo uma dor só. Ao ver que eu estava inteira, andando direito, Jorge respirou aliviado: – Você, hem! Nem para me ensinar a técnica das curvas, sua egoísta!

## A GUERRA CIVIL DA ESPANHA

Ninguém trabalhava nos fins de semana. Nem Jorge, nem os escritores que se encontravam escrevendo no castelo. Nem Jan Drda – Presidente da União de Escritores Tchecos –, empenhado na ocasião em começar um romance. Nesses dois dias, a monotonia era quebrada com o movimento de hóspedes chegando: escritores com suas famílias, artistas, gente de cinema e homens de governo. Um dos frequentadores do castelo era o Primeiro-ministro Antonin Zápotosky, anos mais tarde eleito Presidente da República. Muitas vezes ele ia apenas para descansar e participava tios alegres e movimentados serões no grande salão, onde se cantava, se jogavam partidas de baralho, se faziam competições de mímica, conversava-se.

Outras vezes Zápotosky trancava-se para trabalhar e ninguém o via. Vice-ministro da Cultura, o poeta Lumir Civrny e Wally, sua mulher, amigos muito queridos, traziam as duas filhinhas que enturmavam com João. Assídua companhia dos sábados, domingos e feriados era a de nosso bom amigo Kuchválek. Na sexta-feira à noite, eu já suspirava aliviada, ia descansar um pouco. Afeiçoado a João, que conhecera com poucos meses, quando fomos pela primeira vez à Tchecoslováquia, Kuchválek se ocupava dele, saíam os dois, mãos dadas, em longos passeios, conversas de não acabar. Nas segundas-feiras, o vocabulário de João, em tcheco, estava sempre aumentado. Pudera! Aprendia com o amigo – que luxo! –, professor de filologia da Universidade de Praga.

Veza ou outra aparecia ainda um casal de amigos, o Vice-ministro das Relações Exteriores, Artur London, e Lise, sua mulher, com dois filhos menores.

Artur era conhecido por Gerard, nome de guerra adotado na clandestinidade, durante a resistência à ocupação nazista na França. Filha de espanhóis, francesa de nascimento, Lise também lutara como resistente, terminando ela e o marido prisioneiros dos nazistas e deportados para os campos de concentração.

Soldados na Guerra Civil da Espanha, desencadeada em julho de 1936, o casal lutara contra Francisco Franco e seus aliados Hitler e Mussolini, tinha muito o que contar, guardava recordações ainda vivas dos momentos de entusiasmo e também da grande tristeza final.

O fuzilamento de Federico Garcia Lorca, por um pelotão das tropas franquistas, logo no início do conflito – em agosto de 1936 –, comoveu o mundo, causou revolta, provocou protestos veementes. Insuportável admitir o assassinato do grande poeta, insuportável ver a Espanha transformada em campo de experiências dos nazistas a provar novas técnicas, a experimentar novas armas em bombardeios e destruição de cidades, Guernica por exemplo, arrasada pela aviação alemã a 16 de abril de 1937 e sua população massacrada.

Brigadas internacionais foram organizadas, integradas por voluntários do mundo inteiro. Homens e mulheres partiram para as trincheiras da Espanha, Artur e Lise London, entre eles. Poetas e escritores como Pablo Neruda – na época Neruda era diplomata na Espanha, vivia em Madri –, Raul González Tunon, César Vallejo, Octávio Paz, Ilya Ehreburg, Ernest Hemingway, André Malraux, Saint-Exupéry, Arthur Koestler, John Dos Passos e muitos outros, engajaram-se na defesa da República Espanhola. No Brasil, em São Paulo, eu não perdia o programa de rádio transmitido diariamente ao meio-dia, dedicado à Guerra Civil da Espanha, e muitas vezes ouvi emocionada, lágrimas nos olhos, crônicas e poemas escritos por esses homens admiráveis. Naquela época eu não ia nunca imaginar que um dia Ilya Ehreburg e Pablo Neruda viessem a ser meus amigos, meus compadres, padrinhos de meus filhos. Quando iria eu sonhar que, anos mais tarde, ouviria Pablo Neruda, com sua voz dolorosa, declamar em minha frente versos sobre a Guerra da Espanha?

*"Mi casa era illamada La casa de las flores,  
porque por todas partes estallaban geranios:  
era una bella casa con perros y chiquillos.*

*Raul, te acuerdas?*

*Te acuerdas, Rafael?*

*Federico, te acuerdas debajo de la tierra, te acuerdas de mi casa com balcones en donde la luz de junio ahogaba flores en tu boca?*

*..... ..*

*Y una manana todo estaba ardiendo y una manana  
Ias hogueras salían de la tierra devorando seres,  
y desde entonces fuego, pólvora desde entonces, y desde  
entonces sangre."*

## **PERSONAGENS QUE SE ENCONTRAM**

Lumir, Gerard, Lise e Kuchválek falavam o espanhol, e, por vezes, nas reuniões noturnas, cantávamos canções da guerra da Espanha: "Los cuatro generales, los cuatro generales, los cuatro generales, mamita mia, serán haorcados...", "...quinto regimiento se aleja cantando...", "...si me quieres escribir, já sabes mi paradero...", "El ejército dei Ebro...", e tantas mais.

Para Jorge o convívio com os amigos brigadistas tinha duplo interesse, o das horas agradáveis passadas juntos e as histórias que ouvia, precioso material para o capítulo que escrevia sobre a Guerra da Espanha.

Ágil, lépido para seus cento e tantos quilos, Jan Drda era a alegria, a alma do castelo, movimentava as reuniões dos fins de semana, organizava e orientava programas. Durante os dias úteis ninguém o via, Drda não brincava em serviço.

Nos encontrávamos nas horas das refeições. Bom na mímica, misturando algumas palavras de francês, inglês, italiano e latim, entendia-se às maravilhas com Jorge.

Um dia contou que o tema de seu romance era a Guerra da Espanha e as Brigadas Internacionais, seu personagem principal um sargento da Brigada Dimitrov. Ao saber que no romance de

Jorge havia um oficial brasileiro lutando na Espanha, Drda entusiasmou-se e propôs: – Por que não promovemos um encontro de nossos personagens, no teu e no meu livro?

Jorge gostou da ideia e o plano foi realizado. Capítulos idênticos deviam aparecer nos dois romances.

É assim, pois, que no segundo tomo de Os Subterrâneos da Liberdade, intitulado Agonia da Noite, o capitão Apolinário Rodrigues se encontra com Franta Tyburec, personagem de Jan Drda: "Marchando entre os laranjais, fatigado e sonolento, a coxa ferida maltratando-o, Apolinário pensa no Brasil. Quando poderá voltar? (...) um ruído próximo, passos tímidos de quem se esconde (...) Apolinário se aproxima. (...) O sargento Franta Tyburec ouve o rumor abafado dos soldados que o buscam. (...) Dentre as árvores, Franta distingue ao clarão da lua a farda republicana dos soldados em sua busca (...) Dirige-se para os soldados, capengando (...) bate continência e se apresenta: – Sargento Franta Tyburec (...) Sargento da Companhia Gottwald, da décima terceira brigada, a Brigada Dimitrov...

– Capitão Apolinário Rodrigues (...) Brasileiro... Brigada Lincoln."

## **ESPORTE DE INVERNO**

O inverno apertava, a neve caía sem parar e, com isso, encostamos as bicicletas. Impossível circular estradas afora sobre neve e sobre lama. Não perdemos tempo, compramos logo um trenó, seguindo o exemplo dos novos frequentadores do zámek, habitantes da cidade que invadiram o parque e o jardim assim que o grande portão de entrada foi aberto e franqueado à população vizinha para os esportes de inverno. Logo cedo, homens, mulheres e crianças, sobretudo mulheres e crianças, chegavam arrastando trenós, carregando longos esquis de madeira para deslizar na neve e patins para a pista de gelo. Para nós,

possuir um trenó já bastava, era suficiente para nos divertir e obrigar a fazer exercício, pois a tendência naquele frio medonho era nos encolhermos no calorzinho gostoso, sem botar o nariz fora da porta.

Entusiasmado ao ver o pai chegar arrastando um trenó novinho em folha, João gritou: "É o meu trenó mocó!" Achamos graça, onde teria ele arranjado a rima? E o trenó ficou sendo Mocó para todo o sempre. Feliz da vida, de veículo próprio, João já não precisava pedir carona a ninguém.

A neve amassada sobre a grama pelo sobe-e-desce dos frequentadores da montanha formara uma camada espessa e lisa de gelo, facilitando a descida vertiginosa do trenó que, terminada a rampa, no embalo, continuava sua trajetória, lago gelado afora, só indo parar lá nos confins da outra margem. Que sensação mais estranha, aquela! Nunca a pude comparar a nenhuma outra, nem à roda-gigante, nem à montanha-russa de minha infância. Sentia falta de ar, frio no estômago, uma espécie de vertigem... Seria medo ou o quê? O exercício, propriamente dito, era praticado na volta. Subir a montanha de mãos abanando já não era fácil, mas subir até o alto arrastando aquele trambolho é que eram elas!

Insaciável, ao chegar lá em cima, João ia logo se aboletando, pronto a recomeçar a brincadeira, sem dar tempo aos pais, pobrezinhos, de tomar fôlego e recuperar as forças.

Trenó Mocó era grande e sólido. Carregava nas costas cinco pessoas, folgadas. Dava para a família e para as visitas, quando havia. Poderoso, aguentou três invernos conosco, nos regalando e nos divertindo, regalando e divertindo amigos brasileiros de passagem por Praga. Quanto rimos nessa brincadeira com Fernando Pedreira, Francisco Costa Neto, Lygia e Anita Prestes, Palamede Borsari, João Saldanha e Fernando Santana! Certamente muitos outros amigos participaram do folgado, nomes que no momento não me ocorrem.

Só uma coisa intrigava a Jorge e a mim: por que diabo todo mundo descia a mesma rampa se havia outras tão boas ou melhores do que aquela? Tudo ficou esclarecido certa manhã.

Eu fora à lavanderia da cidade levar minha trouxa de roupa para lavar e Jorge saíra com João a passeio, arrastando o trenó. Ao voltar, avistei os dois à minha espera no portão. Mesmo antes de me aproximar, ouvi Jorge gritar para mim: — Menina, é procurando que se acha. Descobri uma rampa formidável, logo depois da casa de pan Hruby..

— Muita gente por lá? — perguntei, curiosa.

— Ninguém — respondeu ele, para acrescentar em seguida: — Eu acho que esse pessoal não tem imaginação ou então tem preguiça de andar... — puxou-me pela mão. — Vamos até lá, quero estrear a descida com você.

A rampa que Jorge descobrira era, realmente, mil vezes mais bonita do que a frequentada habitualmente por todos nós. Bonita de verdade. Espetáculo lindo o da imaculada e fofa neve que cobria a descida da montanha: mais parecia um amplo leito de algodão. Bem no meio do caminho, uma enorme árvore, bela, mesmo estando despida de suas folhas. Lá embaixo, na continuidade da ladeira, encontrava-se a parte mais larga do lago, oferecendo-nos o prazer de um percurso mais longo.

Naquele momento o lago se encontrava excepcionalmente movimentado.

Virtuosos da patinação faziam misérias sobre as lâminas finas dos patins, e operários trabalhavam na colocação de gambiarras e no levantamento de um cercado de madeira, certamente um ringue. Bem que eu vira em Dobris, momentos antes, cartazes anunciando competições de hóquei no zámek. Os patinadores deviam ser participantes da disputa, estavam ali em treinamento.

Jorge tinha pressa: — Vam'bora descer?

Eu não estava ainda muito convencida: — Você acha mesmo que o terreno é garantido?

– Ora, por favor! Lá vem você com desconfianças... Claro que é. Se não fosse, você acha que eu ia me arriscar?

– E a árvore, bem no meio?

– Veja só, a árvore! A árvore empata alguma coisa? Você, com esse teu senso de direção, nem devia levantar tal problema!

Vamos embora! Sente na frente para controlar o trenó, você tem mais prática do que eu. Eu vou atrás com João, assim ele não te atrapalha.

Ainda arrisquei: – Não seria mais prudente deixar o menino? Por via das dúvidas...

– Nada disso! Não vou deixar meu filho aqui, sozinho. Nem pensar...

Colocamos Mocó embicado para baixo, sentei na frente e foi dado o impulso para a largada. Em vez de deslizar como de hábito, na maciota, Mocó perdeu a cabeça, virará de repente um cavalo brabo, pulando e pinoteando, entrando e saindo de buracos, aliando obstáculos... E o que fazia ali aquela neve toda que não tapava os buracos? Não só não os tapava como ainda por cima os escondia sob seu manto branco e macio, virgem de qualquer trânsito. Ela ou nada era a mesma coisa. A árvore se aproximava e eu perdera o controle. Seguia em sua direção como que atraída por um ímã. Gritei para trás, aflita: – Jorge! Não estou conseguindo desviar!...

Só então me dei conta de que, passageira solitária, enfrentava a aventura sozinha. Nem Jorge nem João estavam atrás de mim. O bandido apenas dera o empurrão da arrancada mas não embarcara. Nem ele nem o filho. Não titubeei, me atirei do trenó antes do choque contra a árvore. Fui rolando, sem parar, até estancar numa sebe de espinhos, escondida pela neve. Lembrei então da linda cerca de roseiras selvagens coberta de singelas rosas-loucas, que tanto me haviam encantado na época da floração.

Como de hábito, Jorge se pusera de cócoras para melhor observar o espetáculo, e, de tanto rir ao me ver saltar como um

cabrito, caíra sentado, sem forças para se levantar, quanto mais para me socorrer. Foi um operário que trabalhava ali por perto quem me ajudou a sair do emaranhado, rindo ele também.

Eu não podia nem sequer me queixar. Quem mandara? Eu tinha obrigação de saber que aquela ribanceira não era própria para se descer de trenó, Jorge estava a fim de se divertir, ainda assim eu fora na onda... Jurei não cair noutra; daí por diante ficaria de antenas ligadas. Mas o tempo passa, a memória fraqueja e eu acabei esquecendo o juramento, caindo em novas armadilhas. Mas, devo confessar, algumas vezes o fiz em sã consciência, só pelo gosto da farra. Vivíamos isolados, não íamos a cinema nem a teatros; a televisão ainda não aparecera por lá, e o jeito era inventar coisas que nos divertissem e enchessem o tempo. Por exemplo, foi em sã consciência que num domingo pela manhã despenquei de alto a baixo, na pista dos trenós. Desta vez tive a companhia de Kuchválek e do jornalista Fernando Pedreira, que viera passar o dia conosco. Ele representava a União Nacional de Estudantes do Brasil junto à União Internacional dos Estudantes, com sede em Praga.

Jorge encontrara, na cavalaria do castelo, um enorme trenó com selim de couro estofado preso a duas altíssimas molas de aço, em arco. Selim espaçoso que dava, confortavelmente, para cinco pessoas. Entusiasmado com o formidável achado, nosso herói não teve muito trabalho para nos convencer a embarcar no extraordinário veículo. Dei-me conta em seguida de que um trenó com aquela altura toda não podia oferecer o mínimo equilíbrio. Mas, pelo prazer da pagodeira, topei a parada e embarquei na aventura com Kuchválek e Fernando. Jorge seria o último a empoleirar-se atrás, mas, como eu previra, só fez dar o golpe de misericórdia, o empurrão da partida, e acocorar-se para melhor apreciar a cena, como de hábito e como já se sabe.

Acostumado a transportar príncipes e realezas, veículo feito para ser atrelado a cavalos e deslizar em terreno plano, jamais descer ou subir ladeiras, o trenó não gostou do

desrespeito e nos expulsou de sua garupa, desculpe, de seu nobre assento, logo nos primeiros metros, atirando-nos longe, cada qual para um lado, montanha abaixo.

## **MUDANÇA FORÇADA**

O fim do ano se aproximava, e aos poucos o zámek foi ficando deserto.

Chegara a hora de tomar providências para as festas natalinas, todo mundo queria ter a casa arrumada e bonita para a reunião familiar. Aprendemos que para essa noite, na Tchecoslováquia, não há convites a estranhos, apenas a família participa da ceia, na intimidade mais estrita. Nós, no entanto, achamos que devíamos convidar para a ceia de Natal o velho e solitário Otokar Suhy. Recebemos presentes: de Milena Drdova, um cestinho com nozes, amêndoas, avelãs e passas; de Jofika Pelcova, maçãs e um retrato de João, desenho do marido, Antonin Pele, conhecido pintor. Pan chefe, o cozinheiro do zámek, fizera uma bela rosca para nós; os Prochaska nos deram um pouco de seu patê e pan Hruby nos brindou com cenouras, nabos e um gentil sorriso. Armamos uma arvorezinha para João e lhe compramos de papai-noel um trenozinho em forma de avião.

Ao despedir-se, dez dias antes, Drda nos avisara de que no Natal o zámek fecharia as portas, os empregados entrariam de férias a fim de comer o ganso em família. Não havia condições, pois, de permanecermos no castelo, devíamos partir e ele nos aconselhava viajar em seguida. A União de Escritores já havia providenciado alojamento para nós e para o velho Suhy, num chalé, casa de hóspedes, situado no alto de uma montanha, em Krkonose (Monte dos Gigantes), na Morávia. A residência pertencia ao Pen Club e era administrada pela União de Escritores. Eu não teria empregada para a arrumação, mas

poderíamos comer num pequeno restaurante a uns bons trezentos metros da casa.

Mesmo sendo um carro grande, o Tatra que nos conduziu nessa viagem de uma centena de quilômetros ia superlotado. Além de roupas e provisões, Jorge levou com ele a máquina de escrever e todo o material de trabalho. Embora nossa estada fosse apenas de uns poucos dias, ele não queria interromper o romance.

Apaixonado pelo presente que acabara de receber, João agarrou-se a ele e, assim, o trenozinho-avião também seguiu viagem. Ainda bem que a bagagem do velho Suhy era mínima.

Isolados no chalé, no alto da montanha coberta de neve, um frio terrível, mais do que nunca nos sentimos sós e cheios de nostalgia. Ainda um Natal longe da família. O último passáramos em Moscou. E Misette? Ela bem poderia estar ali conosco. Jamais imagináramos que fosse tão difícil e complicado conseguir-lhe o visto. Perguntávamos a Deus e ao mundo sobre o andamento do pedido mas ninguém sabia nos esclarecer. Tínhamos a impressão, quase certeza, de que as pessoas não queriam se envolver no assunto. Medo de quê, meu Deus do céu?

Decidimos não perguntar mais nada, não criar constrangimentos.

Seria tão bom se Misette estivesse ali conosco! Nos faziam falta a sua presença agitada, seu entusiasmo pela vida, sua maneira de ser, intempestiva, alegre e, sobretudo, amiga. João também não a esquecia, procurava de vez em quando a sua "Bisete", que lhe fazia as vontades e o levava a passear. Misette também sofria, distante do menino, como podíamos ver nas cartas que nos mandava. Não havia dúvida de que a jovem transferira para nosso filho o carinho e o amor destinados ao filho, que morrera ao nascer.

Ao despedir-se de nós, Drda tinha ainda outro assunto: contava conosco, e sobretudo com a minha colaboração, para a festa de Ano-novo que ele organizava.

Nessa noite de 31 de dezembro escritores, suas famílias e alguns convidados se reuniram no castelo. A festa constaria de um espetáculo no grande salão, com palco armado, músicas, cantos, declamações, números esses a serem executados pela gente da casa. Nada de estranhos, apenas escritores e suas esposas e empregados do castelo, nenhum profissional, tudo em família, explicara nosso amigo. Eu fora incluída no programa para cantar e dançar samba. Dançaria ao som das músicas de nossos discos brasileiros, por demais conhecidos e apreciados pelos frequentadores dos serões. Tomada de surpresa, minha primeira reação foi recusar o convite, dizer não, que não podia aceitar. Com que cara eu ia subir ao palco? A reação de Jorge já foi outra, oposta à minha. Entusiasmou-se e tomou a frente: "...Ora essa! Que luxo é esse? Você canta sempre e canta tão bem.. Sabe dançar..." Lá vinha ele com os elogios.. Vi que não adiantava fincar pé. Quis ver a lista dos "artistas". Realmente, só havia nomes conhecidos: Drda seria o apresentador, vestido de palhaço; Helena Resachova – Helena dos olhos tristes, que trazia no braço a marca do campo de concentração – faria um número de prestidigitação; Ivan Resach, marido de Helena, tocaria uma sonata ao piano... Não fui mais adiante: "Está bem, Drda, conte comigo, vou me esforçar."

## **O RUÍDO AMEAÇADOR**

Trancado num pequeno cômodo da casa, embalado no trabalho, Jorge escreveu até não poder mais. Fumava muito naquela época, e a fumaça, concentrada no ambiente fechado em que passava a maior parte do tempo, irritou-lhe os olhos, provocando desagradável conjuntivite. O jeito era tomar o ônibus e ir à cidade, Lá embaixo, no sopé da montanha, à procura de um colírio.

Aproveitaríamos para espairecer e tomar um pouco de ar. O frio intenso e a neve caindo em grandes flocos, sem parar, não nos encorajavam a fazer passeios a pé.

Nossas idas e vindas ao restaurante eram mais do que suficientes para o exercício diário, caminhada fatigante, descidas e subidas, nossos pés enterrados na neve fofa.

Para o velho Suhy, sempre impecável na sua roupa negra, deveria ser bem mais duro, mas ele não se queixava, estava sempre de bom humor. Preparada pela dona do restaurante, a comida deliciosa compensava o sacrifício da andada. Reduzidos em variedade e quantidade, não sobrava nos pratos nem migalha, voltavam para a cozinha reluzindo. Os nossos e o do velho Suhy.

O velho escritor aceitou de bom grado o convite para nos acompanhar à cidade. O ônibus, grande e confortável, levou quase uma hora para percorrer pouco mais de 15 quilômetros, pela estrada escorregadia que contornava a montanha.

Nosso tempo era curto, devíamos regressar antes que a noite caísse, e ela caía cedo. A cidadezinha não tinha para nós grande interesse, e assim, terminadas as compras, colírio, pilhas para as lanternas e filme para minha máquina, entramos na fila do ônibus, àquela hora já bastante grande. Após uma longa espera, chegaram, por fim, dois ônibus enormes, um a reboque do outro, que imediatamente lotaram.

Por muito favor conseguimos um lugar de pé e, gentilíssimas, duas senhoras, sentadas no banquinho lateral sobre a roda, fizeram espaço e encaixaram João entre elas.

O velho Suhy também foi agraciado com um lugar. Antes da partida foi feita uma verificação minuciosa nas correntes que envolviam as rodas. Jorge se impacientava: "...desse jeito, vamos sair noite fechada!" Se a viagem em plena claridade, naquela estrada tortuosa à beira do abismo, não nos seduzira, quanto mais na escuridão da noite! Havia ainda o problema do jantar, não podíamos perder a hora. íamos cedo para o restaurante antes

que a escuridão cobrisse tudo, tornando quase inúteis os facho das lanternas.

Jorge tivera razão, a noite começava a cair quando o chofer deu a partida.

Quanto tempo levaríamos nessa viagem? Se na descida leváramos quase um hora, podíamos dobrar o tempo subindo no escuro.

Rodando lentamente, o ônibus parou ainda duas vezes, para recolher passageiros, antes de tomar a estrada. Espremidos ali, de pé, não víamos João.

Ouvíamos apenas sua vozinha de tagarela a dar a ficha da família, serviço completo: "Eu sou um menino brasileiro... um exilado..." Ouviram-se "ahs!" e "ohs!". "Meu pai é um escritor... minha mãe tem uma bicicleta com banquinho para mim... meu pai também tem... Ele me leva nas descidas e minha mãe nas subidas..." Gargalhadas.' 'Nós temos um trenó Mocó que ficou em Dobris, no zámek... a árvore de Natal também ficou lá... eu trouxe meu avião-trenó..." Os passageiros em volta mostravam-se assombrados com aquele menino tão pequeno a falar com o maior desembaraço, coitadinho, uma criança exilada... Encabuladíssimos com os olhares curiosos que nos lançavam, sentíamos-nos, ao mesmo tempo, orgulhosos de nosso Joãozinho de língua solta no tcheco.

Um bom pedaço de caminho fora percorrido quando, de súbito, a voz de João foi abafada por um ruído estranho: teriam se soltado as correntes das rodas?

Criou-se um certo pânico entre os passageiros que gritavam: "Pare! Pare! Pare!..." O ônibus parou, o ruído também. Muita gente desceu, nós também descemos.

Acenderam-se lanternas à procura do suposto defeito que causara o barulho.

Deitados sobre a neve, os mecânicos de ambos os ônibus examinaram rodas e correntes. Nenhuma anormalidade foi encontrada. Todo mundo voltou aos seus lugares, a neve derretendo com o calor encharcava tudo. A viagem continuou.

Tudo parecia normalizado quando o ruído recomeçou. Nova parada, nova descida, nova verificação de rodas e de correntes, de molas e de freios, serviço completo, trabalho minucioso e demorado, demorado sobretudo para quem estava com pressa, como era o nosso caso. Impaciente com a morosidade da inspeção, Jorge resmungou: "Nessa marcha, nem à meia-noite..." Eu também estava inquieta, mas me fiz de forte e ponderei, ajuizada: "Antes chegar tarde do que despencar num precipício..." Não havendo nada mais a fazer, a vistoria foi dada por finda e quem era de sentar sentou-se, quem era de ficar de pé tratou de segurar-se onde fosse possível a fim de garantir o equilíbrio, não cair nas curvas. Antes de retomar o volante, limpando as mãos numa flanela, o chofer tentou explicar o que ele próprio não sabia. Pedia calma, faltava pouco para chegarmos... estaria atento... "Toque o bonde, rapaz!..." Era Jorge, irritado com o discurso que não acabava nunca, doido para chegar em casa.

O ônibus rodava, marcha lenta, mais lenta impossível. Tudo parecia ter entrado nos eixos, mas ainda uma vez ouviu-se o ruído, mais do que ruído, um estrondo, único porém vigoroso. Não houve o segundo porque, neste momento exato, o enigma foi decifrado. O autor da confusão ali estava, sentadinho, cara de anjo. Com o tacão de sua pesada bota, bota de enfrentar neve, João divertira-se o tempo todo dando pancadas na folha de latão que cobria a roda do ônibus, embaixo de seu assento, sem que ninguém percebesse. Um passageiro acabara de matar a charada ao levar um chute na canela desfechado pelo "pequeno exilado" que, ao dar-se conta do malfeito, recuou o pé rapidamente, batendo com força o calcanhar no citado latão, produzindo o também já citado estrondo. Fora pilhado, acabara-se a brincadeira... Adeus, tambor tão divertido!

Ainda bem que os tchecos são de boa paz e, sobretudo, têm uma paciência infinita com as crianças. Ainda bem. Dedo em riste, sapecaram no moleque apenas um "ti-ti-ti...", reprimenda que dirigida à criança tcheca produz tremendo efeito. Só que

João não era tcheco e ainda por cima é brasileiro. Jorge não é pai de bater em filho, nunca bateu, mas dessa vez faltou pouco. Reclamou, isso sim, de cara fechada: "Pare com isso, João!" Em seguida voltou-se para mim: "Este teu filho..."

## **JARARACA**

Eu nunca vira o zámek movimentado daquele jeito. Os estacionamentos, interno e externo, estavam lotados e continuava a chegar gente. A turma que se exibiria no show procurava, nos baús de roupas deixadas pelos príncipes, algo que pudesse ser aproveitado para o guarda-roupa do espetáculo.

Chapéus bicornes, desencravados certamente dos baús das surpresas, verdadeiras minas, dois jovens tocando sanfona percorriam os corredores, parando de quarto em quarto, e, com sua música alegre, anunciavam a festa do dia seguinte.

Atrás deles, um bando de crianças no maior assanhamento.

Me atirei também aos baús na esperança de encontrar algo que me ajudasse a armar uma baiana. Até que não foi difícil. Entre vestidos de soirée e capas de veludo, achei uma bela anágua branca de linho com babados bordados na barra.

Era exatamente o que eu precisava. A saia de baiana, comprida e rodada, estava ali, linda! E a bata? Já era demais pretender encontrar, entre roupas de princesa, uma bata. Mas não havia problema, eu mesma a faria, num abrir e fechar d'olhos, não fosse eu formada em corte e costura, curso feito em mocinha por imposição de dona Angelina, minha mãe, mãe ciosa e exigente, queria as filhas prendadas.

Necessitava apenas de um pedaço de pano branco que eu compraria no armarinho de Dobris. Jorge me acompanharia na caminhada. Quanto a João, incorporado à troupe atrás dos sanfoneiros, ele também munido de sanfona, ora!, ficaria sob os

cuidados de Wally Civrna, que o vigiaria ao mesmo tempo que a outro componente do bando, Jitka, sua filha.

Em Dobris, Jorge devia passar pelo correio. Nossa estada em Krkonose nos deixara isolados do mundo, sem notícias de espécie alguma, sem cartas do Brasil, para nós tão importantes. Ansioso, Jorge aguardava carta de sua filha Lila, que ficara no Rio de Janeiro em companhia da mãe. Lila completaria 15 anos daí a um mês e ele lhe escrevera, convidando-a a passar a data conosco e ficar até o início das aulas, em março.

Eu recebera carta de Vera, no momento de partir para a montanha, não esperava outra tão cedo. Era Vera quem me dava notícias de Luiz Carlos. Tia cuidadosa e irmã dedicada, permitia-me acompanhar os passos de meu filho, mesmo a distância. Apesar das boas notícias que me dava, suas cartas me provocavam sempre enxurradas de lágrimas.

Já estávamos de saída, no portão, quando Kuchválek chegou. Pediu-nos que aguardássemos um momento, o tempo de deixar sua mala no quarto, pois iria conosco. Se não contei ainda, conto agora, Jaroslav Kuchválek, anos mais tarde, durante todo o governo de Juscelino Kubitschek, foi Embaixador da Tchecoslováquia no Brasil. Deixara de ser celibatário para casar-se com Dana, sua aluna, que foi no Brasil encantadora embaixatriz.

Nem bem entráramos no vilarejo, nos deparamos com cartazes colados nos postes e nas paredes das casas. De intérprete em punho, não tivemos dificuldade de saber o que diziam. Kuchválek foi lendo: - "A União de Escritores convida a população de Dobris para a festa de fim de ano no zámek... " - A população? - me assombrei.

- É o que está aqui, isso mesmo! - confirmou nosso amigo, rindo.

Durante esse curto diálogo, Jorge ia correndo o dedo pelos nomes dos participantes do show, a lista completa estava impressa no programa. Parou de repente, deu uma gostosa

gargalhada, apontou o que ele tanto procurara: ZÉLIA AMADO "JARARACA, SONHO DAS NOITES TROPICAIS", cantará e dançará sambas. Os dois compadres riam de perder o fôlego diante de minha cara de parva: – Foi o senhor, seu Jorge, quem deu o nome! – fui afirmando, sem receio de estar cometendo uma injustiça.

– Eu o quê, menina? Imagine! Veja só, Kuchválek, eu tão longe, nas montanhas, e ela... Isso só pode ser gentileza de Drda, querendo te prestar uma homenagem... – Cara de inocente igual à que vira tantas vezes. Não adiantava reclamar nem me aborrecer, o que estava feito estava feito, e o melhor a fazer era assumir o fato consumado, mostrar-me alegre e encantada com o apodo.

Olhei mais uma vez para o cartaz e comentei: – Olhem que, pensando bem, esse meu nome artístico é até sugestivo: romântico e sensual.

Jorge não esperava por essa e, surpreso com a minha mudança de atitude, ele, que desejara ver a brincadeira render ainda muito, não ficou satisfeito. Não ficou satisfeito, mas não desistiu, seguiu em frente. Apontando com um gesto largo o cartaz, comentou: – Esses tchecos são mesmo uns bambas na arte gráfica! O cartaz é lindo. Eles não esqueceram nenhum detalhe. Veja só que beleza a víbora contornando teu nome...

Eu também não me dei por achada: – Beleza mesmo! – respondi, contendo-me para não rir.

– Sobretudo o palmo de língua da cobra, para fora... Uma víbora, verdadeiramente sexy. Você não acha?

– Eu não acho nada – respondeu ele, diante da minha provocação –, não penso em besteiras.

Encerrando o assunto, deu uma rabanada e saiu levando Kuchválek com ele: – Vou até o correio e te pego na volta.

## **O SAMBA DA JARARACA**

Além de amigos íntimos, do mundo de gente chegada de Dobris, lotando os salões, encontravam-se no zámek, naquela noite de festa, o Primeiro-ministro Antonin Zapotosky e Bedrich Geminder, secretário do Partido Comunista Tcheco, encarregado das relações com partidos comunistas do resto do mundo.

Conhecíamos bem Zapotosky, frequentador do castelo, como já foi dito, mas Geminder víamos poucas vezes. Homens importantes, um e outro, cheios de poderes, andavam sempre com nutrida *entourage* a lhes fazer rapapés.

Minha fantasia estava prontinha. Eu colocara na bata uma renda larga e, com a faixa dourada de um vestido da princesa, armara um turbante. Tivera o cuidado de não mostrar nada a Jorge, queria fazer-lhe uma surpresa. Eu só imaginava a sua satisfação ao me ver surgir de baiana, bela e formosa.

O tempo corria, e, à medida que a hora do show se aproximava, meu nervosismo ia aumentando. Onde é que eu estava com a cabeça, ao aceitar a tarefa ingrata? Era preciso ter muita coragem, muita cara de pau para sair dançando diante daquela gente toda. Ainda por cima, meu número, coitadinho, não tinha graça nenhuma, chocho como ele só! Ai, se eu pudesse desistir!... Mas, nem pensar.

Não podia fazer esse papelão à última hora... Devia ler pensado antes. Precisava inventar qualquer coisa diferente... Dei tratos à bola e, não é que me ocorreu uma boa ideia? Como não havia pensado antes? Eu dançaria o samba com interpretações variadas. Para isso, no entanto, precisava de um tradutor que as explicasse. Só havia um que me pudesse fazer esse trabalho: Kuchválek. Mas sabia de antemão que, pai e mãe da timidez, ele iria se recusar. Assim mesmo fui ao assunto, e a resposta foi exatamente a que eu esperava: "De forma alguma!..." Resolvi insistir; se ele não me ajudasse, eu também desistiria. Kuchválek acabou cedendo, porém com a condição de não aparecer no palco, falaria por detrás das cortinas. Combinamos tudo

direitinho, separamos os discos que iam ser tocados, fizemos um pequeno ensaio com o pessoal do som.

## O ESPETÁCULO

Festa bem organizada aquela. Palco amplo com cortinas pesadas, armado em lugar estratégico, ao fundo do salão. A porta dos fundos dava para uma sala que servia de camarim aos artistas. Por ela podiam subir e descer no palco, sem serem vistos pelo público.

O salão, superlotado, transbordava de assistentes. As cadeiras, dezenas, enfileiradas, haviam sido rapidamente ocupadas. No camarim, cada qual tratava de si, vestindo-se e maquiando-se a seu gosto, de acordo com as exigências de seu número. Quase não reconheci Helena Resachova – a dos olhos tristes –, toda de CLODE MERODE, EM PASSOS DE PRESTIDIGITAÇÃO, verdadeiro fantasma, de camisolão branco, tão branco quanto seu rosto coberto de alvaiade.

Em geral, em matéria de trajes, só dava princesas. Cantoras e declamadoras vestiam-se com os longos da Princesa Colorado Mansfeld.

Todo mundo a postos, ouviu-se o piano de Ivan Resach, abrindo o espetáculo com uma alegre música tcheca. Ao descerrar das cortinas, EL MEJICANITO já se encontrava em cena, sombrero de mariachi na cabeça, violão em punho. Saudou o público e foi saudado com aplausos. Diplomata tcheco, escritor recente, El Mejicanito servira no México e acabava de regressar trazendo na bagagem um chapéu de imensas abas, um violão e calientes canções mexicanas. Seu repertório agradava, a música mexicana mexia com os tchecos. El Mejicanito foi chamado à cena para bisar "Yo no soy marinero, soy capitán..." e "Ai de mi, llorona..." BORBOLETA SELVAGEM, jovem filha de um escritor, arrastando a cauda do vestido saído do baú, acompanhada ao violão por El

Mejicanito -despido do sombrero -, entoou canções folclóricas. Seguiram-se danças da Morávia e depois, por fim, chegou minha vez. O público, bom de aplausos, me tranquilizara, me dera coragem.

De pé, escondido atrás da cortina, segurando um microfone, Kuchválek anunciou: "'JARARACA, SONHO DAS NOITES TROPICAIS', dançará um samba brasileiro, à moda das gafieiras!" Enquanto nosso amigo explicava o que era gafieira, eu espiava Jorge por uma fresta. Ele conseguira sentar-se numa das primeiras filas, João em seus joelhos. Ria a bom rir ao ouvir Kuchválek me tratar por Jararaca. Ele ria, mas senti que, por trás do riso, o seu nervosismo era quase tão grande quanto o meu.

Explicações dadas, entrou o samba. Surgi no palco, me requebrando, me contorcendo toda, sob aplausos entusiastas. Depois veio o "samba da pequena burguesia" e eu moderei o requebro, dancei normalmente, sem afetação. Senti que agradava. O "samba do proletariado", cheio de vida, movimentado, causou grande efeito, sobretudo entre os sectários que aplaudiam com entusiasmo. Para contrastar com as exhibições anteriores, entrei com o "samba da burguesia", e aí esmerei-me, não saía do lugar, apenas movimentava os pés, dando, vez ou outra, um leve molejo de cintura. "A decadência!", comentou o apresentador, provocando gargalhadas.

Dedicava-me agora ao campesinato - a pobre burguesia espremida entre as duas grandes forças da revolução socialista - e, encantada com o sucesso, dona Zélia tratou de caprichar, botou alma no número, fazendo ao mesmo tempo figuração de cavalheiro e de dama, ou, melhor dito, de camponês e de camponesa, Enlaçados na base do eu cá, tu lá, pernas ligeiramente abertas, de um lado braços esticados, mãos apenas se tocando, de outro lado a mão da dama pousada, com toda a delicadeza, no ombro de seu par, sem esquecer um detalhe sutil: o dedo mindinho esticado, destacando-se dos demais. Jorge

aplaudia com grande satisfação, ria contente, e João imitava o pai.

Chegara a vez do "samba tcheco". Mudei de disco; estava nele, escolhidinha por mim, a música rotulada de samba, que eu ia dançar: "Jedna Senorita, Jmenovala se Mamarita..." Aos primeiros acordes gargalhadas explodiram, abafando a música, mas eu continuei compenetrada no meu papel, corpo duro, sem flexibilidade, um passo para a frente, outro para trás, imitando a maneira tcheca de dançar o samba, aliás a maneira de dançar o samba na Europa e adjacências.

Inteiramente refeito da timidez, empolgado com o sucesso do número, meu partner saiu de seu esconderijo, avançou até o meio do palco e anunciou o grand finale: "E... para encerrar, Jararaca passará do samba para a marcha de carnaval! O carnaval, ponto alto, a grande festa do povo brasileiro!" Lamartine Babo invadiu o salão com seu imortal "O teu cabelo não nega..." Descendo do palco, sempre no requebro, Jararaca convidou o povo a acompanhá-la num alegre e animado cordão.

Sucesso total!

## **DRDA, O MAIOR!**

Maior sucesso do que o de Jararaca foi, no entanto, o número de Drda.

Impagável em sua roupa de palhaço, entrou em cena montado na bicicletinha de Pétia, seu filho, que abriu a boca no mundo, num berreiro desesperado ao ver seu veículo desmoronar-se, esmagar-se sob os 150 quilos do pai, antes de chegar ao meio do palco.

## **DAREX**

Na Tchecoslováquia nossa situação financeira era melhor do que na França.

Ao chegar a Praga, em 1949, encontramos nas livrarias traduções tchecas de Terras do Sem Fim, Mar Morto e Cacau. Depois foram saindo, um após outro, Jubiabá, Seara Vermelha, O Cavaleiro da Esperança, Capitães da Areia, São Jorge dos Ilhéus e Suor. O que Jorge recebia de direitos autorais dava para pagar as cinco mil coroas da pensão no zámek, manter Misette na França pagando hotel, alimentação e salário, e ainda sobrava.

Em Paris, com tanta coisa a comprar, tanta tentação pela frente, não nos sobrava dinheiro. Na Tchecoslováquia dava-se o contrário: tínhamos dinheiro e nada a comprar, a não ser cristais, porcelanas e artesanatos, aliás, da mais alta qualidade. Lojas vazias de mercadorias, vitrines também vazias, apenas decoradas com bandeiras e retratos de líderes. O povo resmungando nas filas intermináveis..

Buscávamos explicações para as dificuldades da vida na Tchecoslováquia, para a situação aflitiva em que o povo vivia, sofriamos sem nos queixar nem criticar.. buscávamos e encontrávamos explicações. O país sofrerá o peso da guerra, da ocupação nazista.. Mas a França também acabara de sair da guerra e da ocupação nazista e, no entanto, lá encontrava-se de tudo. Em troca, argumentávamos, a França não realizava uma transformação política e social profunda como acontecia na Tchecoslováquia, que escolhera a via de desenvolvimento socialista. Era preciso analisar a situação à luz dos interesses das classes trabalhadoras e compreender que a construção de uma sociedade justa exigia sacrifícios. Fazia-se necessário, pois, ter compreensão e paciência, sobretudo muita paciência, e colaborar com o governo, pois não tardaria a chegar o dia da recompensa: em vez de carência haveria fartura, abundância para todo o povo. Em lugar de constrangimento e medo, haveria descontração e liberdade total, assim como deve existir num regime socialista.

Convencidos, íamos em frente.

Para não dizer que só havia lojas vazias em Praga, havia uma, e essa muito grande, a Darex, sortida do bom e do melhor. Lá podiam-se encontrar: verduras, legumes e frutas de toda qualidade, iguarias, licores e vinhos, cereais, café, charuteria variada, tecidos, confecções, calçados, eletrodomésticos e até automóveis. Nessa loja, no entanto, só se podia comprar com cupons especiais, aos quais tinham acesso apenas as altas autoridades do governo e do Partido, e quem possuísse divisas. Por isso os mais assíduos fregueses, além dos governantes, eram os diplomatas.

Embora cumprindo obrigações de escritor estrangeiro — pagamento de porcentagem à agência dos direitos de autor, pagamento de uma cota destinada à ajuda aos novos escritores, pagamento de imposto mais alto do que o dos nacionais e recebimento de porcentagem menor do que a deles, nas vendas dos livros —, Jorge não tinha, no entanto, direito ao privilégio de comprar na Darex, pois recebia em coroas e não era divisas. Muita gente não acreditava nisso, e aconteceu, mais de uma vez, termos passado pelo constrangimento de explicar que não possuíamos cupons Darex a amigos que nos pediam, muito em particular, que lhes cedêssemos alguns para a compra de coisas urgentes.

A loja Darex estava sempre repleta de gente que, mesmo não sendo diplomata nem do governo, mesmo não possuindo dólares, mesmo não podendo comprar coisa alguma, ali vinha passear; contentavam-se em circular entre as vitrines e balcões, olho comprido nas mercadorias em exposição.

Certa vez chegou um aviso bancário: havia dólares para Jorge, enviados por uma editora da Áustria que publicara Terras do Sem Fim. Pulei de contente: "Agora, sim, vamos receber os cupons Darex." Mas, conversão feita, o banco pagou a Jorge em coroas: nada de Darex. Achei isso um grande desaforo. Jorge reclamou. Afinal de contas, as divisas haviam entrado no país...

Nada adiantou reclamar. "O Estado precisa de divisas...", declarou o funcionário, encerrando o assunto.

Desapontados, abrimo-nos com Kuchválek, relatando-lhe as nossas dificuldades. Kuchválek, prudente, mostrou-se reticente da mesma maneira que ficava ao lhe falarmos do visto de Misette. "É preciso ter paciência... o país está atravessando sérias dificuldades... precisa de divisas... estamos sofrendo ainda as consequências da guerra... isso é uma questão de consciência política..." Essa frase, "é uma questão de consciência política", eu a conhecia de longa data, ela servia de rolha para tapar a boca dos comunistas que se atreviam a expor suas razões e a discutir resoluções. Antes que Jorge, inimigo de criar casos, principalmente num país estrangeiro, desistisse do assunto, eu voltei à carga: "Ninguém está criticando o governo, Kuchválek, pode ser muito bem que um funcionário do banco, um espertinho, tenha desviado os cupons para seu bolso... Ou aqui é terra de santo?"

Certamente essas coisas não chegam ao conhecimento dos dirigentes, eles nem estão sabendo dessas miudezas... Protestar, alertar contra o que está errado, mesmo as coisas pequenas, meu amigo, é uma forma de ajudar o governo..." Esses cupons eu haveria de receber nem que fosse preciso falar com Geminder, incomodar Zapotosky. Eu queria comprar frutas para meu filho, coitadinho, que nem lembrava mais do gosto da banana... Certamente impressionado com o meu discurso, Kuchválek nos aconselhou a levar o caso à União de Escritores, para que de lá encaminhassem a reclamação, o que foi feito. O assunto, estudado durante semanas, finalmente foi resolvido: deram-nos, por muito favor, cinquenta por cento do valor da remessa em cupons Darex, o que considerei uma vitória. Teria o bastante para as frutas do menino, e ainda sobraria para outras compras.

## **VISITA DE MÉDICO**

Já antes da guerra Jorge fora editado na Argentina, França, Estados Unidos e União Soviética. Depois de restabelecida a paz, seus livros começaram a ser traduzidos nas mais diferentes línguas, tanto no mundo capitalista quanto no socialista. Além de traduções de novos livros nos países onde já era editado, foram saindo edições em alemão, italiano, dinamarquês, hebreu, finlandês, ucraniano.

Vivíamos num tempo em que a literatura e a arte nos países socialistas eram dirigidas e orientadas por uma ideologia dogmática, coincidente com o stalinismo que as limitava ao impor-lhes regras políticas e morais. O resultado foi uma literatura e uma arte reduzidas em sua força criadora, literatura e arte anêmicas, postas a serviço da política dos partidos comunistas no poder. Era a época das teorias de Jdanov, sobre o realismo socialista e o formalismo. Uma literatura insípida e uma arte acadêmica ganharam foros de literatura e arte revolucionárias, tudo o mais era objeto de crítica violenta e de censura rígida.

O amor, ora, o amor! Coisa secundária com a qual não se devia perder tempo. Sexo? Nem falar! Coisa feia, imoral, uma vergonha! O patrulhamento ideológico, naquele tempo, adquiria aspectos cruéis e revoltantes: denúncias, proibições de livros, de músicas, de filmes, o silêncio imposto a muitos criadores.

Esses "linhas-duras" medíocres, em geral faltos de talento, conseguiam assim manter-se em posições de comando à frente de uniões de escritores, de editoras, dos teatros, das produtoras de filmes.

As traduções de livros estrangeiros nos países socialistas, sobretudo na União Soviética, estavam igualmente sujeitas aos maus hábitos que dirigiam a vida cultural no mundo socialista. Os livros traduzidos sofriam cortes e, pior ainda, enxertos para que se adaptassem à linha oficial: capítulos inteiros eram cortados, frases e palavras eram acrescentadas.

Os livros de Jorge não escapavam à tesoura e ao remanejamento. Ainda assim, sobrava o que ler, um sopro de vida verdadeira; mesmo podados, representavam uma abertura. Daí a enorme popularidade de seus romances nos países socialistas. As edições esgotavam-se com incrível rapidez, os exemplares nunca eram suficientes para o número de leitores que os disputavam.

Em 1968, Jorge recebeu na Bahia uma visita inesperada. O cineasta Roman Polanski, de passagem pelo Rio de Janeiro, fez-lhe saber que gostaria de visitá-lo.

Tomou um avião para Salvador e do aeroporto foi direto para a casa da rua Alagoinhas, onde o esperávamos.

Visita curta: o tempo de tomar um sorvete de cajá, andar pelo jardim e bater um papo. Viera à Bahia, disse Polanski, para agradecer a Jorge Amado o prazer que a leitura de seus livros lhe havia proporcionado quando ele era um jovem em começo de carreira, na Polônia. Explicou que, dos livros estrangeiros traduzidos para o polonês, naquela época, os de Jorge eram dos raros que tinham algo a lhe dizer. Despediu-se, voltou em seguida para o Rio, viajava à noite para os Estados Unidos.

### **"AMADO MIO" !**

Com o sucesso de seus livros, Jorge começava a ser reconhecido nas ruas de Praga, parado para um aperto de mão, um autógrafo. Recebia muitas cartas de leitores, traduzidas pacientemente nos fins de semana por Kuchválek.

Um belo dia chegou um postal bastante estranho. Escrito em tcheco, começava com um afetuoso "*Amado mio!*" em italiano cercado de pequenos corações sangrando. Assinava Maritza. Jorge me entregou o cartão: "Veja aí o que diz..." "O que diz não posso saber, não leio tcheco... Só sei que essa tal Maritza está apaixonada por você... Quem é?" Jorge disse que não sabia, não

conhecia ninguém com aquele nome... Não me convenci e continuei intrigada: a mulher escrevera certo o nome e o endereço de Jorge e, se não colocara remetente nem telefone, era porque achava que ele devia conhecê-los de sobra. Sem dúvida alguma o "Amado" dela era Jorge mesmo.

Estávamos numa sexta-feira e eu devia esperar ainda um longo dia para desanuviar minha cabeça ou, quem sabe?, me arrasar. Mesmo sem saber o que dizia o cartão, baseada apenas nos corações sangrando, passei o resto do dia emburrada.

Ao olhar o postal que Jorge lhe entregara, no dia seguinte, Kuchválek sorriu e, prudentemente, "pues se por acaso...", tratou de ler antes em voz baixa. Começou a rir: "Essa mulher deve ser maluca... nem vale a pena traduzir..." "Traduza, Kuchválek! Traduza de uma vez!", ordenou Jorge, rispidez na voz, amolado ele também desde a véspera com a minha cara feia. "Bem, se você insiste..." A moça reclamava a ausência do Amado que, depois de um idílio tão lindo, a havia plantado, sem dar mais notícias. Pedia-lhe que voltasse, estava morta de saudades.

"Que loucura!", exclamou Jorge, dizendo que a mulher devia ser doida de hospício, pois ele não a conhecia, nem sabia de quem se tratava... "Cada uma que me acontece!... Não me faltava mais nada... Eu, aqui enclausurado neste castelo, enterrado no trabalho dia e noite, sem botar o nariz pra fora..." Ouvi tudo calada, não disse palavra, saí correndo, desatinada, fui chorar trancada no banheiro. Sentia-me a última das infelizes, uma desgraçada, humilhada, enganada... Como é que eu podia acreditar no que Jorge dizia? Ele esquecera, por acaso, que passara três dias em Praga, sozinho? Fora chamado para uma reunião com alguns membros do Conselho Mundial da Paz. Eu não pudera ir, pois João apanhara uma gripe forte e estava com febre.

A imaginação voando longe, eu buscava fatos a fim de tirar conclusões.

Nos três dias de ausência ele me telefonara pela manhã e à noite... e daí? Isso não provava inocência. E a história que ele

me contara rindo ao regressar de Praga? O caso do alemão que recebera por engano, ao registrar-se no Hotel Alcron, em vez da sua, a chave do quarto de Jorge, situado bem em cima do que lhe fora destinado.

Ao voltar ao hotel para dormir e não encontrando sua chave, Jorge tivera que recorrer à da camareira, e qual não fora seu espanto ao deparar-se com um jovem alemão, instalado em seus aposentos, vestido com seu pijama, calçado com seus chinelos e, ainda por cima, comendo as frutas que deixara em cima da mesa, frutas trazidas de Paris por um amigo para João. Ao recordar o caso, liguei os fatos e cheguei à conclusão de que o tal alemão não era um alemão e sim uma alemã, Maritza. Isso mesmo, não podia haver engano, tudo estava esclarecido. Maritza nunca fora nome tcheco, era nome alemão, nome de opereta... Encontro e idílio haviam acontecido naqueles três dias, no quarto do Hotel Alcron, os dois na farra e, ainda por cima, comendo as frutas da criança...

Diante de minha obstinação em acusá-lo e não acreditar na sua inocência, Jorge ofendeu-se, deixou de falar comigo, amarrou a cara, infeliz como ele só. Mais ofendida ainda, também amarrei a cara e também deixei de falar com ele, infeliz como eu só.

Começava a escurecer quando o telefone do quarto tocou. Jorge atendeu e saiu. Minutos depois o telefone voltou a chamar. Era Jorge pedindo que eu fosse até a portaria. Pela primeira vez em dez dias ele me dirigia a palavra. Que novidade era aquela? Saí apressada, sem mesmo me agasalhar, atravessei o pátio sob forte rajada de neve.

Na saleta, sempre excessivamente aquecida, onde os Prochaska atendiam as pessoas, encontravam-se, além deles, Jorge, o velho Suhy – ali providencialmente – e uma mulher, muito pintada, horrível, aparentando uns quarenta anos. Ao verme surgir, ela adiantou-se chorando e, com as duas mãos, segurou a minha.

Lágrimas negras de rímel rolavam pelo seu rosto desfeito, enquanto repetia pedidos de desculpas. Baratinada, sem entender o que se passava, perguntava a mim própria quem poderia ser a pobre-diaba ali a se humilhar, quando Jorge se adiantou e, com um gesto de mão indicando a mulher, disse secamente: "Maritza." Olhei para ele encabulada, já com olhos diferentes, olhos de arrependimento, olhos de ternura.

Que injustiça eu cometera! Jamais uma ruína de mulher daquelas poderia interessar a Jorge. Jamais! Senti pena. da pobre em vez de raiva. Se ela soubesse o alívio que me causava a sua presença...

O velho Suhy sorria discretamente, devia estar se divertindo às pampas, ao traduzir a insólita história, narrada entre soluços, verdadeira telenovela. Em resumo, o Amado que a mulher procurava perdidamente não era o que estava de pé em sua frente e sim outro. Talvez se chamasse Giuseppe, Manfredo, Andréa, Nicola ou Giorgio, quem sabe?, pois tratava-se de um italiano. Estagiário num jornal de Praga, o pilantra a ludibriara, fazendo-se passar por Jorge Amado, escritor que ela conhecia de nome sem, no entanto, jamais tê-lo visto. Aproveitara-se de seus favores: casa, comida, cama e roupa lavada, e dera às de vila-diogo, sem deixar rastro.

A história parecia não ter fim, a infeliz não parava de contar e repetir sempre a mesma coisa. Percebendo que Jorge se dispunha a ir embora, Maritza, rosto de arco-íris, segurou-o no braço para fazer-lhe uma última revelação:"... do senhor ele tinha apenas o bigode..." Todos caíram na risada, inclusive eu, mas Jorge não achou graça. Com a cara mais séria deste mundo, deu boa-noite e, sem me esperar, voltou para o quarto.

Jorge ouviu minhas explicações e meu pedido de desculpas, sem me olhar, em silêncio. Continuava magoado e não seria assim, com duas palavras, que ele voltaria às boas.

Eu me deitara havia muito, mas não conseguia dormir. Invadida por um mal-estar, eu me martirizava; como pudera ter

sido tão injusta? Como fora inventar tanta bobagem? Acusara sem nenhuma base, sofrerá e fizera Jorge sofrer... Eu desafinara completamente, não havia dúvida. Havia algum tempo, em Paris, ao assistir a um concerto de violino de minha amiga Mariuccia Jacovino Estrela, viera-me a ideia de comparar a harmonia de um casal com a harmonia de um instrumento de cordas, ambos dependentes de afinação. Mariuccia afinava o violino antes de entrar no palco e, ao notar o meu interesse a observá-la, pilheriou: "...quando ele desafina sou obrigada a torcer suas orelhas..." Eu torcera as orelhas de Jorge, sem que ele estivesse desafinado, e acabara rebentando as cordas... Agora, coberto de razão, ele torcia as minhas... Motivo não lhe faltava para não falar mais comigo... Nunca mais! Ai, que moleza eu sentia!... Que corpo mais dolorido!...

Garganta ardendo, trancada! Cabeça queimando e o remorso a me roer...

Estirado a meu lado, Jorge fechara os olhos. Estendi o braço e pousei suavemente a mão em sua testa. Ao sentir o contato de minha mão em fogo, ele deu um salto, sentou na cama alarmado: "Você está tinindo de febre, meu amor!" A pneumonia apanhada naquele começo de noite, ao sair sem agasalho, debaixo de neve, fora providencial para a instantânea reconciliação, mais eficaz do que os meus pedidos de desculpas.

## **AS FÃS NÚMERO 1**

E a lição me valeu? Ora, se valeu! Valeram essa e ainda outras que fui colhendo, aqui e ali, no correr dos anos. No correr dos anos fui conhecendo gente, pessoas que me ensinaram a arte de bem viver, dando-me exemplos de bondade e de compreensão, de tolerância e de amor, pessoas como dom Timóteo Amoroso Anastácio, abade do Mosteiro de São Bento, na Bahia, e como algumas mães-de-santo de candomblé, Mãe Senhora do

terreiro do Axé do Opô Afonjá, Mãe Menininha do terreiro do Gantois e Mãe Olga do Alaketo. Do comunista de Madagascar, Andriamampandri, homem vivido e sofrido, recebi conselhos que me ajudam até hoje a enfrentar apertos, a vencer dificuldades, a superar sofrimentos.

Creio que aprendi com ele a não sofrer por antecipação e a não confundir alhos com bugalhos. Hoje eu consigo até achar graça de cartas mandadas para Jorge, das "fãs número 1", cartas pitorescas. Como deixar de sorrir diante desta, tão ousada e inofensiva? "Sou sua fã número 1, adoro seus livros, acho você um gato... Putzzz!

Gostaria de receber um livro e um retrato seu com autógrafo – se puder mande a coleção toda. Sou morena, 1,50 de altura, 90 centímetros de busto, 70 de cintura e 1,10 de cadeiras... P. S.: Mando as medidas porque acho que você gosta das de 'balaio grande'..." E esta outra? "... um beijão bem gostoso para você e um abraço para dona Zélia, só para tapear, de sua fã número 1..."

## **ANDRIAMAMPANDRI**

Tomo aqui a liberdade de interromper a sequência dessas histórias no exílio na Tchecoslováquia para avançar sete anos no tempo, a fim de falar de meu amigo Andriamampandri, a cujo nome fiz referência há pouco. Voltarei em tempo útil a retomar o fio da meada.

Conheci Andriamampandri em 1957. Jorge participaria de um Congresso do Movimento Mundial da Paz, em Colombo, no Sri-Lanka, na época Ceilão, e eu iria com ele. Essa viagem me entusiasmava mais do que qualquer outra, entre quantas já havíamos feito. Realizaria um velho sonho: conhecer o Ceilão, a Índia, a Birmânia, e voltaria à China, países que estavam em nosso programa, viagens que faríamos com Matilde e Pablo Neruda, logo após o encerramento do Congresso.

Eu me sentia também feliz com a perspectiva de reencontrar velhos amigos, participantes do Congresso, entre eles nosso fraterno Ilya Ehremburg.

Dias antes do embarque fomos ao Centro da Organização 52 Mundial de Saúde da ONU, tomamos a série de vacinas exigidas – entre as quais a de febre amarela – para tal viagem. As vacinas pegaram todas e, de braços inchados, voamos do Rio de Janeiro a Roma onde, na agência da companhia australiana Qantas, marcaríamos as passagens até Colombo. O funcionário da companhia que nos atendeu pediu passaportes e atestados de vacinação para examinar se tudo estava em ordem. Deu o OK, podíamos seguir viagem, só que devíamos esperar três dias em Roma, os voos estavam todos lotados. Jorge tinha pressa, queria estar lá antes da abertura do Congresso, mas teve que se conformar. Se tudo desse certo, se o avião saísse no horário, chegaríamos ao nosso destino na manhãzinha do dia da instalação.

Felizmente, o avião da Qantas não atrasou. Teríamos uma escala, às três da madrugada, em Karachi, no Paquistão, e dali a Colombo seria um pulo, apenas umas poucas horas.

Eu dormia a sono solto quando Jorge me acordou. Baixávamos e os passageiros haviam sido convidados a descer, durante a escala.

O calor, intenso naquela hora da madrugada, no pequeno aeroporto de Karachi, era amenizado pelo verde das trepadeiras de folhas delicadas, que subiam por toda parte, cobrindo caramanchões. Aguardávamos a ordem de embarque quando pareceu-nos ouvir nossos nomes chamados pelo alto-falante.

Na sala de controle de saúde da ONU um jovem senhor, de pequena estatura, magro, metido num avental branco, segurava nossos atestados de vacinação. Tentou explicar, em inglês – um inglês bastante especial –, que não poderíamos prosseguir viagem, pois... Para fazer-se bem entender, ele apontava a expressão yellow fever. Jorge se recusava a aceitar a minha

versão de que as vacinas contra a febre amarela não eram válidas, que o atestado não estava em ordem e pediu-me que mostrasse, já que estava de mangas curtas, o braço vacinado ao médico. Este deu uma olhada com a maior indiferença e, nem moossa!... Voltava a falar em yellow fever e nós a lhe mostrar no atestado as palavras febre amarela, nas duas línguas, com todas as letras, sem conseguirmos sair do impasse, quando ouviu-se um ronco forte de motor: o avião partia nos abandonando miseravelmente.

Sem saber o que o destino nos reservava, aguardávamos de 53 pé, ao lado de nossa bagagem. Ainda bem que a haviam desembarcado. Uma velha ambulância encostou e nela nos embarcaram. A nós e a um senhor, mulato escuro, carapinha grisalha, magro, modestamente vestido, que permanecera sentado a um canto, assistindo à nossa discussão com o médico.

Atravessamos uma estrada meio deserta, eu podia ver através de uma janelinha por onde penetrava um vento quente misturado com poeira grossa.

Trancados naquele camburão desconfortável - de ambulância só havia a cor branca e uma cruz vermelha -, o percurso pareceu-nos interminável, embora não chegasse a dez quilômetros. Desembarcamos, finalmente, em frente a uma casa térrea, construída em meio de terreno árido, cercado de arame farpado. Eu arrisquei uma piada: "Será que vamos ser internados num campo de concentração?" A pergunta não encontrou ressonância. Jorge se mantivera calado desde o aeroporto, e calado continuava, não estava a fim de brincadeiras de mau gosto.

Uma placa, em inglês, colocada na entrada da casa, nos esclareceu: estávamos diante de um hospital de quarentena.

Após um longo e estridente som de campainha, a porta do hospital se abriu e apareceu um funcionário, alto, magro, cabelos longos repartidos ao meio, dentro de um cafetã branco - pareceu-me ver Jesus Cristo em pessoa -, uma bomba de

desinfetante na mão. Com várias e vigorosas bombadas, Jesus – o curioso é que esse era realmente seu nome – encharcou-nos da cabeça aos pés com um líquido de cheiro nauseabundo. Seria iodo ou ácido fênico? Mortos os micróbios, afastado o perigo da contaminação, nos mandaram entrar. Ficaríamos, Jorge e eu, num salão cheio de camas desocupadas, teto baixo, duas janelas protegidas por telas de arame, dois ventiladores de paletas a deslocar um vento quentíssimo e a fazer uma zoadá medonha. Tenso, Jorge apenas esperava o dia amanhecer para dar o maior esbregue, protestar, exigir que a Qantas nos tirasse dali o quanto antes, já que, irresponsável, nos dera sinal verde para viajar após ter examinado os certificados de vacinação. Certo de que, providências tomadas, sairíamos logo cedo, Jorge nem mudou a roupa, deitou-se do jeito que estava.

Despertei, de um sono curto e desconfortável, sobressaltada com o grasnar estridente de corvos em revoada, saudando o amanhecer. Jorge já não estava na cama, devia andar circulando por ali tudo. Fui encontrá-lo na sala de refeições, sentado diante de uma xícara de café quase cheia, conversando com Massera, amigo uruguaio que não via fazia muito. Matemático ilustre, Massera, como nós, estava a caminho de Colombo, a fim de participar do Congresso da Paz, e, também como nós, de quarentena ali. Hóspede antigo – fora internado havia dois dias –, ele sabia das coisas e nos explicou o motivo da interrupção de nossa viagem: sendo o Brasil considerado pela Organização Mundial de Saúde foco de febre amarela, era exigido às pessoas residentes no Brasil e que de lá partissem para um país do Extremo Oriente vacinar-se contra a febre amarela e aguardar dez dias após a sua inoculação, a fim de validar a imunização. Não havia, certamente, dez dias que nos vacináramos. O caso dele, uruguaio, já era diferente: pelo fato de ter passado pelo Rio de Janeiro, em trânsito para o Ceilão, fora obrigado a vacinar-se, porém, em vez dos dez dias, como tocava aos que ali

iniciavam a viagem, bastavam-lhe apenas cinco dias, metade do tempo, prazo que completaria naquela manhã mesmo.

Massera nos convenceu de que ali não havia jeito a dar, eram extremamente rigorosos, ficaríamos o tempo que o médico determinasse.

'O café está intragável!", avisou Jorge ao ver que eu me servia. Ele não conseguira tomar mais do que dois goles. O mesmo cheiro de desinfetante do banho da madrugada exalava agora do café, da água, do leite, do pão, de tudo.

Chegava a dar engulhos. Massera nos aconselhou a fazer o que ele fizera: pedira a Jesus que fosse comprar lá fora biscoitos e frutas, única maneira de aguentar, pois a sopa, a carne, as verduras etc. também tinham o mesmo gosto horrível.

O homem que viera conosco na ambulância acabava de entrar na sala.

Sentou, calado e discreto, na outra ponta da mesa e serviu-se.

Já passava de 11 horas quando parou um carro em frente ao hospital. O estridente e prolongado som da campainha sacudiu Jesus e o fez sair às pressas para abrir a porta. Sorridente, o médico já nosso conhecido entrava, nas mãos os certificados de vacinação, um calendário e uma tabela própria para calcular a diferença entre os fusos horários. Sentamos junto à mesa e ele me perguntou a que horas eu fora vacinada. Inexperiente, disse a verdade: "Às quatro da tarde." Consultou a tabela, virou, mexeu, fez os cálculos e concluiu que eu ficaria ainda no hospital dois dias e dez horas. Jorge observara atentamente as manobras dele com tabela e calendário, e, embora tivéssemos sido vacinados na mesma hora, sua resposta não coincidiu com a minha, pois ele declarou que fora vacinado às oito da manhã. Dessa vez não foi preciso perder tempo em cálculos, ele seria liberado oito horas antes que eu. Agoniado com as informações do amigo de que não seria liberado antes do prazo determinado pelo médico, tratara de diminuí-lo ao máximo, necessitava sair

o quanto antes. A companhia aérea não possuía meios de tirá-lo dali, mas Jorge insistiu em falar com alguém responsável da Qantas. Não pretendia passar dois dias a pão e banana, eles que mandassem coisas comíveis, pelo menos isso... O pessoal da companhia já estava a par do sucedido, informava o médico, e, por seu intermédio, pedia desculpas. Já haviam, inclusive, num gesto de grande deferência, reservado dois lugares para nós no primeiro voo, daí a quatro dias.

Massera partiu levando recado de Jorge para Ilya e Neruda: esperava chegar a tempo de assistir ao encerramento do Congresso, mas não garantia nada.

Enquanto aguardava Jesus com as compras, Jorge deitou-se, torso nu, apenas de short, calado, sem abrir perspectivas de conversa. Que bom se ele dormisse um pouco! Pouco, não! Devia dormir muito! Passara a noite em claro, chateado ao infinito... O ideal seria se ele ferrasse no sono e só acordasse no momento de ir embora...

Sozinha, verdadeira alma penada, perambulei pelo hospital, mas não havia o que ver. Descobri apenas que, além de nós, existiam outros hóspedes recolhidos num quarto, calados, estremunhados de sono. Pareceram-me árabes. Nosso companheiro de avião e ambulância estirara-se numa espreguiçadeira, usava o mesmo terno da véspera e suava em bicas. Sem ter o que fazer, sem um livro sequer, sem uma revista ou um jornal para ler, sem a companhia de Jorge, eu precisava inventar qualquer coisa que me distraísse. Resolvi puxar assunto com a única pessoa à mão, o cidadão calado e discreto. Sentei-me a seu lado e perguntei-lhe de onde vinha. Prontamente, me deu sua ficha: "Andriamampandri, 73 anos, professor de francês em Madagascar, minha terra, casado, pai de três filhos." Inteirada até do que não lhe perguntara, fui avante: "Vai a Colombo participar do Congresso?" Ele me respondeu que acordara com o galhar dos corvos. "Será que ele não entendeu minha pergunta?", pensei, intrigada. Voltei a repeti-la e mais uma vez o malgaxe mudou de

assunto, divagando sobre a areia trazida do deserto pelo vento e que varava as telas das janelas. Conversa de doido, ou ele desconversava propositadamente? Claro que ele não queria falar em Congresso. Medo de comprometer-se? Só podia. Na certa era um camarada ilegal, um capa-preta precavido, dos que não se arriscam a falar com qualquer um. Ia tirar a limpo: "O senhor pensa sair daqui a tempo de participar do Congresso?" A resposta foi seca e fria: "Depende da polícia..." Polícia? Que polícia? Estaria ele, por acaso, me tomando por uma espiã a interrogá-lo? Deus me livre! Ai, se Jorge soubesse disso, pensei, ia se divertir tanto, rir de se acabar! Mas eu não achei graça nenhuma e fui tratando de me identificar. Não podia admitir, nem mesmo por brincadeira, ser confundida...

O nome de Jorge soou bem aos ouvidos de Andriamampandri, pois, dando uma demonstração de que o conhecia de nome, recitou com ênfase: "Jorge Amado!

Prix Staline de La Paix!" Da pessoa circunspecta e calada de poucos minutos antes surgia, como que por encanto, uma criatura alegre, descontraída, bom papo, resplendente de entusiasmo. Mais entusiasmado ainda ficou ao descobrir que não se encontrava preso e, sim, de quarentena, que não fora detido por estar a caminho de um congresso pela paz, como imaginara. Não havia entendido nada do que lhe tinham dito no aeroporto de Karachi. Não estranhara o fato de ser detido, habituado que estava a pegar cadeia em sua terra por um dá cá aquela palha, a três por dois, disse. Ria ao me contar que sua mulher, pessoa prática e precavida, tinha sempre em casa, à mão, uma sacola com roupas e material de toalete para o momento em que a polícia levasse o marido. Infelizmente a providencial sacola ficara com a bagagem, no avião.

Agoniada de ver ali aquele homem todo vestido, encharcado de suor, tratei de pô-lo à vontade, ele que não fizesse cerimônia comigo, devia tirar o paletó, a camisa e até os sapatos. Ele tirou também as calças, ficou de cuecas. Levei um

susto e, ao mesmo tempo, tive vontade de rir. Afinal de contas, não havia grande diferença da cueca para um simples calção. Apenas o preconceito. Aliviado, ele se preparou para uma longa conversa, ajeitando-se na cadeira.

Começou por explicar a sua filosofia para evitar o sofrimento. "Existe coisa pior do que sofrer? Me diga!" Não esperou resposta. "Falo de sofrimento físico e moral. Às vezes o moral maltrata ainda mais... Em compensação existe o amor, o sentimento mais belo da vida, a força que movimenta céus e terra, que faz superar qualquer obstáculo..." Devo confessar que achei um pouco ridículo esse começo de discurso mas não arredei pé, continuei firme, ia ouvir tudo com muita atenção.

Satisfeito com a aluna atenta, o professor prosseguiu: "A razão de minhas prisões?

Meu amor pela paz, minha luta para ajudá-la. O amor que sinto por minha mulher, amor de homem para mulher, é o que me ajuda, me dá forças no combate por um mundo melhor. Eu jamais sofro por antecipação. Não aceito, assim de primeira, uma notícia ruim que possa me causar sofrimento. Verifico antes, talvez ela nem seja verdadeira... Pobre daquele que se fia, acredita cegamente em comunicados de jornais, tantas vezes falsos e mentirosos... maldosos... Coitado daquele que, baseado em julgamentos subjetivos, tira conclusões..." Seria uma indireta para mim? Ele teria percebido que eu me chateara minutos atrás, pensando que ele me confundira com uma policial? O filósofo estava com toda a corda e prosseguia na sua aula: "Tirar vantagens das coisas ruins é também uma boa receita para evitar ou diminuir o sofrimento. Veja o exemplo: eu devia estar me sentindo irritado, sofrendo, assim como está o camarada Amado, mas, em vez disso, me sinto satisfeito, calmo. Estão à minha espera, em Colombo, compatriotas exilados.

Como chefe da delegação de Madagascar, deveria me reunir com eles antes de minha intervenção no Congresso. Não sei,

francamente, se aguentaria. Ao embarcar em Antananarivo, dias atrás, quase não me aguentava em pé de cansaço.

Encabecei, nos últimos meses, um movimento nacional contra as experiências atômicas e de apoio ao Congresso de Colombo. Viajei durante dois meses por toda a ilha, participei de 36 comícios, em alguns deles tive que correr da polícia que nos atacava; fui detido duas vezes, passei noites sem dormir... Não estou certo de que meu coração, já bastante cansado e às vezes falhando, fosse aguentar... Esta interrupção forçada talvez tenha salvo minha vida. Aqui procuro me distender e repousar, recuperar forças perdidas. Este é, como pode ver, o lado positivo que tirei de um fato negativo." Jorge devia ouvir essa conversa. Ele também embarcara cansadíssimo, na última lona, e, em vez de aproveitar a ocasião para se distender e repousar, estava se consumindo de indignação. Mas Jorge era homem de sentar para ouvir conselhos?

Nem pensar! Não fazia seu gênero. Embora a mim também não fizesse, aprendi, no entanto, muito nessa conversa mansa com Andriamampandri.

Estendido sobre um lençol molhado de suor, Jorge continuava de olhos fechados. Não comíamos desde a véspera; não conseguimos nem provar o almoço que nos ofereceram, o olor de remédio exalando da comida nos repugnara.

Jesus não tivera oportunidade de sair para comprar os biscoitos e as bananas -única fruta que havia à venda na ocasião -, desculpava-se, estava sozinho...

Aproveitei para pedir-lhe que, quando pudesse sair, comprasse também para Andriamampandri o que ele necessitava: biscoitos, sabonete, escova e pasta de dentes.

## **A BOA SURPRESA**

Voltava a soar a estrepitosa campainha, já minha conhecida. Jesus foi abrir a porta. Pela janela divisei uma caminhonete com um emblema de companhia de aviação, parada em frente à porta. Dela retiravam cubas de aço inoxidável que eram levadas para dentro por Jesus. Curiosa, quis saber do que se tratava, mas Jesus nada pôde me informar, pois nada sabia. Levantei a tampa de um dos recipientes e, oh, maravilha! Comida da boa, apetitosa... Que importava Jesus saber ou não de sua procedência? Nem precisava! Estava na cara que a Qantas, constrangida pelos protestos do passageiro, resolvera mandar-nos um almoço. Não havia outra explicação. Nem precisei chamar Jorge, pois, alertado pela campainha, atraído pelo converse, ele apareceu. Destampamos as cubas e o aroma da comida invadiu refeitório e arredores. Ali se encontrava um banquete à nossa disposição: arroz, batata, galinha, peixe, legumes variados, doces e queijos suíços para todos os paladares. Como se isso não bastasse, para completar o festim, tiramos de uma caixa que viera junto garrafas de vinho e latas de cerveja. Comida demais para tão poucas pessoas, embora mortas de fome. "Com a Qantas é assim", comentei. "Ou oito ou oitenta! Não precisavam exagerar dessa maneira!" Do maravilhoso repasto comeu quem quis, mesmo os desconhecidos árabes que apareceram na trilha do cheiro de comida. Jesus também se aproximou, mas aceitou apenas um prato de doces. Mesmo tendo almoçado havia pouco, Andriamampandri comeu de se fartar e, como nós, entrou direto na cerveja geladinha, uma delícia!

Comilança terminada, Jesus retirava os pratos quando o telefone chamou.

Ele atendeu, arregalou os olhos e disse coisas que ninguém entendeu. Saiu às pressas, passou por nós novamente, bomba de desinfetante em punho pronta para entrar em ação. Novos hóspedes estavam chegando. Hóspedes que eram, nada mais, nada menos, os donos da comida que já se fora, a tripulação de um avião grego, num total de 15 pessoas. No hospital aguardariam a

chegada de documentos que liberariam o avião. Ainda lhes sobrou alguma coisa, sobretudo doces e queijos.

Satisfeitos, pandulho cheio, o sono chegou fácil. Nem a cantoria dos gregos, nem o calor horrível, nem o barulho dos ventiladores conseguiram nos despertar. Varamos o resto da tarde e a noite toda, sono profundo até a primeira revoada dos corvos a saudar a aurora. Quanto à tripulação – gregos jovens e simpáticos –, partiu 24 horas após sua chegada.

## **O NOVO HÓSPEDE**

Ainda uma vez a campainha da porta fez Jesus estremecer. Chegava novo hóspede, um milionário canadense, de grande porte e arrogância. Inconformado com o internamento no hospital, ele deblaterava contra Deus e o mundo, iria aos tribunais pedir indenização... Desabafou comigo, única pessoa com quem se abriu, pois, para ele, Andriamampandri, negro e quase nu, não contava e Jorge se recolhera à cama, novamente. "Tudo obra dos comunistas !...", reclamava. Não me custou esforço entender que o homem era um obcecado, um anticomunista doente.

Seu ódio ao comunismo e aos comunistas se devia ao fato de lhe terem tirado a concessão da indústria de cerveja que explorava em Xangai, antes da mudança de regime, na China. A uma certa distância, ouvido atento, Andriamampandri se divertia, dava-me piscadelas significativas. Não fosse aquela mania de perseguição, aquele anticomunismo rabioso, o canadense podia até ser simpático. Num momento de calma, mostrara-me um retrato de sua família: lá estava ele cercado da mulher, dos filhos e dos netos, num belo e imenso jardim, gramado a perder de vista e ao fundo um verdadeiro palácio, sua residência. Deu-me até seu endereço, caso eu fosse um dia a Quebec. Em troca da gentileza, aconselhei-o, como fizera com Andriamampandri na véspera, a não fazer cerimônia comigo, ficasse à vontade,

tirasse o paletó ou ao menos a gravata. Ele agradeceu: "... Não posso, me sentiria ainda mais incômodo... é uma questão de educação, de princípio..."

## **ÀS DEZ EM PONTO**

Às duas em ponto, nem um minuto a mais, nem um minuto a menos, a ambulância encostou. Vinha apanhar Jorge. Voltaria mais tarde por mim.

Andriamampandri também poderia sair naquele dia, mas, não tendo dinheiro para pagar duas diárias num hotel da cidade, aguardaria no hospital até a hora do voo.

Ao chegar ao hotel, no centro de Karachi, Jorge me telefonou. Tardara a me falar, pois perdera muito tempo no aeroporto, para onde fora levado antes de seguir para a cidade, a uns trinta quilômetros. Estava regamente instalado, num grande e luxuoso hotel, com televisão e ar-refrigerado. "Um hotel só de ingleses", disse. Jorge devia estar morrendo de pena de mim, eu o conhecia bem pelo tom de voz, pela preocupação de me agradar, fazendo graça... "...como vai teu amigo? Tem te dado muito conselho?" Ria, o gozador. "Cuidado com o cervejeiro canadense!"

Se ele desconfia que está cercado de elementos perigosos... Não sei, não! Te cuida!..." Voltara-lhe o bom humor, graças a Deus!

Fui chamada ao telefone muitas vezes antes de sair, Jorge não escondia sua impaciência: "...esqueci de te dizer: prepare 120 dólares para pagar a pensão do hospital..." Na ansiedade de se ver livre daquilo tudo, daquela gente da Qantas, ele nem quisera discutir ao lhe apresentarem a nota. Pagara, não ia perder mais tempo.

Minha saída estava marcada para as dez horas, mas às oito surgiu o médico com novidade. Por especial gentileza, ele me

propunha dormir lá ainda aquela noite e partir pela manhã. Não seria conveniente a uma senhora viajar sozinha àquela hora tardia. Agradei mas não aceitei, sairia dali na hora determinada, não ficaria nem um minuto a mais. Jorge acabara de me telefonar para dizer que pedira frutas para mim e que me esperava na porta do hotel: "Venha logo, não vá demorar..." Às dez em ponto, nem um minuto a mais, nem um minuto a menos, a ambulância encostou. Canadense enfarpelado e malgaxe quase nu me acompanharam até a porta. Ao despedir-se, Andriamampandri entregou-me um envelope com duas ametistas de seu país, e algumas palavras: "Sua amável companhia e suas gentilezas foram para mim ainda um lado positivo que tirei do negativo — Andriamampandri Joelina." A uma certa distância, discreto, tímido, Jesus observava as despedidas.

Andei para ele e apertei-lhe a mão: "Thank you, friend. Goodbye."

## **PÉS DESCALÇOS**

No escritório da Qantas, no aeroporto, recusei-me a pagar os 120 dólares da nota que me apresentaram. Eles é que deviam me pagar uma indenização!

Recusei-me também a custear o táxi que me levasse à cidade — àquela hora já não funcionavam os ônibus da companhia; eles que dessem um jeito, não era problema meu. Nunca imaginara saber dizer tantos desaforos em inglês. Eram muitos e eu os disse todos. Botei para fora minha indignação. Impressionado com a inesperada reação da passageira de cara tão mansa, o responsável da empresa aérea não encontrou outra saída para livrar-se da fera senão arranjar transporte por conta da companhia. Após inúmeros telefonemas e discussões, me levaram ao pátio onde um imenso ônibus de turismo acabava de encostar.

Passageira única daquele verdadeiro transatlântico, vazio e sem luz, às escuras realizei uma viagem mais longa do que esperava. De alma lavada, desembarquei no hotel enorme e luxuoso: Jorge não exagerara ao descrevê-lo.

Àquela hora da noite, crianças maltrapilhas e bandos de mendigos circulavam pela calçada em frente, à espera de uma caridade. Lá estava Jorge, impaciente, olhando para todos os lados, menos para o ônibus. Nem de longe ele imaginava que, do grande veículo panorâmico que acabara de parar em sua frente, fosse saltar sua mulher, lépida e fagueira.

Os dois dias em Karachi foram de vadiação. Perambulamos pela cidade, sem destino, caminhando na aventura, entre o povo, descobrindo coisas; nada melhor para descansar, descontrair e recuperar forças. Ficamos conhecendo mais uma cidade, programa que não constara de nosso roteiro, o próprio lado positivo, ganho à custa do negativo, como diria mestre Andriamampandri. Programa positivo apesar do constrangimento que sentíamos diante do contraste da riqueza e da miséria: o grande e luxuoso hotel que nos hospedava, cercado de miseráveis pedintes. Jamais poderemos esquecer o triste quadro do menino arrastando, num carrinho de mão, feito de caixotes e rodas de rolimã, o avô morto. Pedia dinheiro aos passantes, a fim de poder enterrá-lo.

Bem no centro da cidade descobrimos uma rua estreita onde artesãos, mestres sapateiros, trabalhavam em lojas pequenas de apenas uma porta. Sapatos e sandálias bordados de pedrarias coloridas, tão belos e elegantes como eu jamais vira e nunca mais voltei a ver. Lindos e baratos. Entusiasmada, me dispunha a comprar diversos pares, mas Jorge, sabendo de minha fraqueza por sapatos, se alarmou: "Você não está pensando em se carregar de sapatos desde aqui... Deixe para comprar em Colombo, lá é que você vai ver o que é sapato bonito... Os melhores do mundo, merecem a reputação que têm! O quê? Você nunca ouviu falar? Me admira!..." E os elogios aos calçados cingaleses ainda foram

longe. Eu devia desconfiar de tantos e tais conhecimentos, mas, pelo sim, pelo não, comprei um par, um apenas.

Ao desembarcarmos em Colombo me dei conta, no aeroporto mesmo, que a maioria das pessoas andava de pés descalços, homens e mulheres, elas de saris belíssimos e de pés nus... Chamei a atenção de Jorge: "Veja que sapatos mais lindos..." Tão surpreendido quanto eu com esse costume da terra, ele começou a rir. "Se você não encontrar os sapatos aqui, vai encontrar na Índia, onde fazem os melhores do mundo... Não sabia? Me admira!..." No aeroporto de Colombo vários amigos nos esperavam. Chegava, em outro voo, também com bastante atraso para o Congresso, o compositor paraguaio Assunción Flores – compositor de guarânias célebres. O autor de Índia fizera escala no Brasil, razão suficiente para ficar retido, de quarentena, pelo Controle da Organização Mundial de Saúde, na Índia. Lamentei não termos cumprido o internamento juntos; teríamos, ao menos, nos divertido. Pessoa surpreendente, Assunción Flores nos teria feito rir com suas histórias pitorescas e cheias de graça, que sabia narrar como ninguém.

## **DUAS NOTÍCIAS**

Retomo a narrativa que deixei longe, volto à Tchecoslováquia em janeiro de 1950. Janeiro já ia adiantado quando tivemos as duas notícias tão esperadas: a do visto de Misette e a carta de Lila sobre a data de sua chegada, para as férias conosco.

Kuchválek telefonara de Praga, a ordem de visto para Misette já se encontrava à disposição dela no Consulado tcheco, em Paris. A carta de Lila dizia que, por motivo de saúde, era forçada a adiar a viagem. Que o pai não ficasse triste, ela viria para as férias de junho, sem falta. Joelson escrevera ao

.mesmo tempo ao irmão, tranquilizando-o, não havia nada demais com a saúde da 64 I menina.

Apenas, como médico e tio zeloso, pedira uns exames, o que a impedia de viajar naquele momento.

Misette não perdeu tempo: apenas recebeu o visto, tomou o trem. Chegou trazendo o grosso de nossa bagagem e uma notícia desconcertante: seu visto era válido por um mês apenas, sem possibilidade de ampliar o prazo. Fora avisada no Consulado, em Paris. Por essa não esperávamos: o entusiasmo com que a recebêramos transformou-se em desânimo.

Um mês passa ligeiro, Misette devia partir e nós estávamos preocupados com ela, sem trabalho em Paris. Felizmente, tudo se resolveu por pura sorte: passava por Praga, vinda da China, uma amiga francesa, Françoise Leclercq, pessoa de projeção política e social, muito relacionada, que se incumbiu de arranjar, em Paris, um emprego para Misette.

## **A BOA ESTRELA**

Coisa difícil, problema sério, era conseguir uma pessoa para substituir Misette depois de sua partida. Igual a ela eu não encontraria nunca, mas era urgente ter alguém, nem que fosse apenas para cuidar de João Jorge, me possibilitando dar maior assistência a Jorge. E um dia, quando menos se esperava, apareceu Bietuska.

— Meu nome é o mesmo da Rainha da Inglaterra — apresentou-se.

— Elisabeth? Nome bonito — gabei.

— Elisabeth, não! Alsbietta! — corrigiu. — Mas podem me chamar de Bietuska, é meu apelido.

Magra, pequena, puxando um pouco pela perna — seu único complexo -, rosto agradável, delicada, atenciosa, Bietuska era

costureira de profissão. A modista para quem trabalhara em Praga a havia dispensado, não podia mais ter assalariados.

Morava em Dobris e fora trazida pela irmã Marenka, ajudante de cozinha do zámek.

Bietuska viera confirmar a opinião de dona Angelina, minha mãe: ela estava com a razão ao dizer e repetir que a filha "nascera com a estrela, menina de sorte!" Sorte grande era a vinda da moça para me ajudar! Ela e João se entenderam logo, amor à primeira vista; para mim, um descanso. Eu conquistava, enfim, um tempo livre para pôr em dia o trabalho acumulado. Jorge escrevia rápido, e a ruma de páginas em minha frente, para passar a limpo e tirar cópias, não era brincadeira.

Inclusive eu já podia sair tranquilamente, deixando meu filho aos cuidados de Bietu – como ele a chamava. Já podia ir ao dentista, em Praga, para um serviço na boca que eu começara havia tempo e vinha protelando.

Meu dentista era competente, muito bom. Além do mais, sui generis, me divertia: trabalho executado, ele chamava a enfermeira para mostrá-lo e, juntos, se desmanchavam em elogios: "Oh! Que perfeição! Que incrustação mais linda! Que obturação!", exclamava ela de mãos postas. Ele concordava, sorridente, orgulhoso: "Conheço meu ofício!" Bietuska possibilitava-me, além da ida ao dentista, cumprir obrigações sociais. Aproveitei um dia a carona que me oferecia Antoinette, colaboradora de Geminder, e juntas fomos à casa de Lise London, em Praga. Lise dera à luz um menino, e eu ainda não a havia visitado, estava em falta com ela.

No contato com Misette, durante um mês inteiro, João reforçara seu francês, aprendera canções, inclusive a Marselhesa. Era só descobrir caras novas no restaurante, visitantes que apareciam apenas por um dia, punha-se em posição de sentido diante da mesa dos estranhos e, compenetrado, sapecava-lhes: "Allons, enfants de la Patrie...", música e letra.

Agora, com Bietuska – que também era das cantorias –, além de dominar o tcheco, João aprendera canções populares, entre as quais a de um gansinho, morto por um caçador. Ele só a cantava escondido atrás da porta, temendo que o vissem chorar emocionado, ao repetir as últimas palavras da ave moribunda. Outra música, considerada samba pelos tchecos, falava em "Maria da Bahia..."; essa deu complicação e causou transtorno à Bietu.

Um domingo pela manhã, como de hábito, Bietuska saiu para a missa, na igreja defronte. Nesse dia ela inventou levar João. Não demorou muito, chegaram os dois de volta; a moça, entre séria e divertida, contou o acontecido: ao ouvir os fiéis cantar a Ave-Maria, João sentiu-se no direito de cantar também. Em voz alta, surpreendendo a todos, interpretara a ave-maria à sua moda, numa adaptação de sua música predileta: 'Ave-Maria, Maria da Bahia...' Diante dos psius enérgicos reclamando da falta de respeito, Bietuska viu-se obrigada a sair da igreja, às pressas, antes que o padre os expulsasse. Tivera de arrastar o moleque, que não parava de cantar e se recusava a ir embora.

Dominando o tcheco, João começava a nos prestar serviços. Em momentos de aperto, era ele quem nos servia de intérprete, sobretudo no trato com Bietuska. Quando lhe dava na veneta, no entanto, fazia chantagem, barganhava: "Ou você me dá isso – ou aquilo – ou eu não traduzo!" Meu vocabulário aumentava pouco a pouco, mas para manter uma conversação e compreender tudo o que me diziam ainda faltava bastante. Eu caprichava na pronúncia, ao contrário de Jorge: vocabulário reduzido a algumas dúzias de palavras, ele tampouco perdia tempo com requintes de pronúncia, ia em frente, falando como lhe dava gana, colocando vogais onde não devia... Por exemplo, dizia Drida em vez de Drda; Primisco, em vez de Prmysel, nome de um amiguinho de João; priste, em vez de prst, dedo; ou kirke em vez de krk, garganta.

Com a imaginação criadora que lhe deram os orixás, inventava frases verdadeiramente extraordinárias, usando palavras trocadas, declinações fora de hora, e – Deus seja

louvado! – todos o entendiam. Só não o entenderam quando, ao ensinar Lumir Civrny a andar de bicicleta, vendo que o aluno, ao desviar-se de uma senhora, partira para um canteiro de flores, gritou: "Pozor! Curva!" Foi o bastante para Lumir desgovernar-se e esborrachar-se sobre as roseiras. Pozor!

Atenção!, correto. Porém curva em tcheco quer dizer puta.

## **CHARADA EM HORA DE APERTO**

Dava gosto andar pelas ruas do centro de Praga, às vésperas da Páscoa.

Podia-se encontrar, a cada esquina, camponesas vendendo, em cestos de palha, ovos coloridos, verdadeiras obras de arte, pintados por elas próprias, beleza de traços e de cores. Além dos ovos desenhados, vez ou outra vendiam queijos defumados, de leite de ovelha, fabricação caseira, que não chegavam para a encomenda.

Aproveitando a ida de Jorge a Praga para encontrar-se com um camarada brasileiro, em trânsito pela Tchecoslováquia, tratei de pegar boleia. Precisava ir a Praga, onde encontraria, sem dificuldade, ovos e coelhinhos de chocolate que pretendia comprar para a criançada do zámek, para oferecer-lhes na Páscoa. Uma coisa me dava prazer em Praga: parar diante das vitrines da Uva e ver a exposição permanente de belas cerâmicas, sempre com peças de bom gosto. Nessa loja e em outras, de cristais e de porcelanas, ao contrário das demais que ofereciam apenas bandeiras, e retratos de líderes, suas vitrines atraíam pelo refinamento.

Nesse dia descobri, na vitrine da Uva, um burrinho de cerâmica, uma graça!

Lembrei-me que Álvaro Moreyra, amigo tão querido, colecionava burrinhos, em sua casa da Constante Ramos, no Rio de Janeiro. Ele havia de gostar daquele.

Aproveitaria para mandá-lo pelo amigo brasileiro – Jorge esquecera de me dizer quem era a pessoa com quem ia se encontrar. Mas isso não importava; qualquer que fosse, levaria com prazer a minha lembrança ao Alvinho, escritor respeitado, pessoa encantadora, querido de todo mundo.

Entrei na loja e só me dei conta de que não sabia como dizer burro em tcheco quando a balconista veio me atender e perguntou o que desejava.

– Ia hsi...Ia hsi...- gaguejei, repetindo apenas "eu quero, eu quero", sem dizer o que queria.

– Quer o quê? – quis saber a vendedora, impaciente.

Lembrei-me então que sabia dizer cavalo e, entusiasmada, armei logo uma charada: – Ia hsi kone bez intelligence... – pedia um cavalo sem inteligência.

– Um cavalo o quê? – espantou-se a mulher.

Para facilitar a coisa, tratei de ilustrar a adivinha, colocando as mãos à guisa de um par de orelhas.

– Osel! Um burro! – iluminou-se a sabichona.

A história de como pane Amadova conseguira comprar um burrinho sem auxílio de intérprete, na Uva, foi publicada no jornal da União de Escritores como a anedota da semana.

### **SALVE-SE QUEM PUDER!**

O restaurante do zámek estava lotado naquele domingo de Páscoa. Pan chefe caprichara no ganso assado com kenedlik (massa de trigo, pão, ovos e leite) e repolho, prato nacional tcheco. Verdadeira delícia o ganso dourado, porém a ração – nem por ser dia festivo – não aumentara, fora a mesma de sempre, correspondente ao tíquete de carne a que tínhamos direito.

Além do animado almoço houve um movimento extra no restaurante.

Apenas desocupadas as mesas, começaram a chegar, trazidas por pan Hruby e pelo guarda-florestal, braçadas de flores azuis, pequenas e insignificantes, mais caules do que flores, pois os caules eram longos de quase dois metros, cilíndricos e da grossura de um lápis. Fiquei sabendo que essa planta era a precursora da primavera.

Mas, na certa, não era esse o motivo do enorme interesse que despertava.

Comandados por Drda, alguns escritores, conspirativos, tratavam de afastar as mulheres do recinto.

Curiosa de saber o que se passava, rebelde, invadi o salão. Pude ver apenas que eles cortavam e jogavam fora as pobres e miseráveis florezinhas. Não deu para desvendar o mistério, pois fui posta para fora e tive que sair com a mesma curiosidade com que entrara. Os cavalheiros interromperam as manobras para o jantar, mas as reiniciaram logo após e ficaram no restaurante – até quando, só Deus sabe.

O dia mal raiara, ainda dormíamos profundamente, quando violentas e estrondosas pancadas na porta nos despertaram. Sobressaltado e ainda meio dormido, Jorge se levantou, foi ver o que estava acontecendo e entreabriu a porta.

Quis voltar a fechá-la mas já não pôde, o quarto foi invadido. Munidos de chicotes – trançados na véspera com os caules da planta precursora da primavera -, Drda à frente, todo um séquito de escritores e de meninos atrás tomou o quarto de assalto, rodeou minha cama e tome chicotadas, dona Zélia! Assustada, sem entender o que se passava, tratei de me esconder sob as cobertas, cobrindo-me da cabeça aos pés. Protegida pela grossura dos cobertores que puxei sobre mim, não cheguei a sentir a dor dos golpes. Atordoado com o inesperado ataque, diante de tantos chicotes em ação, antes que lhe dessem também umas lambadas, Jorge tratou de se esconder atrás de uma porta, fato que causou hilaridade entre os assaltantes, pois açoite, naquele dia, era só para mulher.

Ficamos sabendo de tudo mais tarde: tratava-se de uma tradição; a fábula que explicava aquele hábito era longa e muito antiga. Se não me falha a memória, era ligada à fertilidade feminina. A mulher que quisesse livrar-se do látigo, nesse dia, devia oferecer um ovo ao agressor. Explicaram também que os chicotes tradicionais eram feitos com ramos da árvore chorão, mas, na falta deles, usavam o que tinham à mão.

Sentindo-me quite - já recebera meu quinhão logo cedo -, saí lépida e tranquila para o jardim. Mas lá estavam eles em busca de vítimas. Ao me verem surgir, correram e me cercaram. Sem poder escapular, comecei a protestar, já havia apanhado... De nada adiantava protestar, pois eles se divertiam dizendo que a surra da manhãzinha não valera, e tome chicotada...

Parado a uma certa distância, o Primeiro-ministro Zapotosky ria de perder o fôlego com a brincadeira. Só parou de rir quando me viu arrebatado o chicote das mãos de um menino, um danadinho que só me atingia nas pernas, e começar um duelo: ao contrário da turma que batia de leve, eu batia com força, no prazer da revanche. Zapotosky se aproximou para protestar: "A camarada não pode romper a tradição!..." Ao que respondi: "Estou iniciando uma tradição, a de que 'quem dá, leva!'"

## **VIAGEM INESPERADA**

Ainda uma vez Jorge tivera que interromper seu trabalho para atender a um chamado de Praga. Devia participar de uma reunião do bureau do Conselho Mundial da Paz, do qual era membro. Preferi não ir, ficaria na máquina de escrever, pondo meu trabalho em dia.

Jorge telefonara na véspera, não pudera voltar a Dobris, a reunião prosseguiria noite adentro, discutiam assuntos da maior importância.

Como de hábito, eu subira logo depois do almoço para o nosso salão, recanto reservado para nosso trabalho, onde ficavam guardados as máquinas, o papel e o resto do material, quando o telefone tocou. Era Jorge: – Arrume tua mala e a minha e venha a Praga trazendo nossos passaportes. Ande rápido, o carro já saiu para te apanhar.

– Vamos viajar? – perguntei, surpresa. – Hoje mesmo?

Para onde?

Jorge estava afobado: – Vamos viajar, sim... Vamos à Hungria... Aqui te explico tudo. Ande ligeiro porque ainda tenho que apanhar os vistos...

Custei a conseguir a ligação, o carro já deve estar chegando aí...

No saguão do Hotel Alcron, em meio a um grupo de amigos, entre os quais Ehremburg, Gabriel D'Arboussier e Alfredo Varela, Jorge me esperava. A satisfação de encontrar amigos tão queridos me acalmou. Eu vinha num pique medonho, agitadíssima. Tinha sido uma verdadeira maratona resolver, a toque de caixa, mil pequenos problemas. Entre eles, um sério, sem dúvida, fora o de João.

Eu nem sabia exatamente quantos dias ficaríamos ausentes. Bietuska fora formidável! Eu podia viajar tranquila, ela cuidaria do menino. Por via das dúvidas, pedi também a Wally Civrna que desse uma olhada no moleque; por sorte, ela passava uns dias no castelo e me tranquilizou: "Vá descansada, me responsabilizo."

## **UM CASACO DE QUEBRA**

O Conselho havia decidido realizar um segundo Congresso Mundial pela Paz – o primeiro se realizara, havia um ano, em Paris, na Sala Pleyel –, na Inglaterra, em princípios do mês de novembro, na cidade de Sheffield.

Congressos nacionais preparatórios seriam realizados em diversos países; Jorge e Gabriel D'Arboussier acabavam de receber a missão de representar o Conselho Mundial nos Congressos da Hungria, România e Bulgária. Passáramos as férias, havia um ano, nesses três países, percorrendo cidades e aldeias, mares e rios, colinas e montanhas. Nossa visita agora seria curta, não daria nem para sair das capitais. Mesmo assim eu estava contente com a viagem, inesperada.

Preso a reuniões e entrevistas sem fim, Jorge não teve tempo de andar pelas ruas de Budapeste como planejara. Vagabundar, trocar pernas sem rumo certo nem compromissos, é com ele. Mas certo dia conseguiu driblar um repórter com quem tinha entrevista marcada, e saímos na escapulida, pelas ruas do centro, com Manta, a mesma intérprete que nos acompanhara da vez anterior. Pessoa alegre e simpática, ela vivera muitos anos no Brasil e só voltara para a Hungria, sua terra natal, após a guerra. Marita continuava saudosa do Brasil, saudosa de São Paulo, saudosa da Casa Sloper.

Exposto numa vitrine, estava à minha espera um casaco de pele de ovelha lindo de morrer! Por fora cor de morango, por dentro a fofa lã branca. A gola alva, felpuda, sobre o couro curtido, fraise vivo, emprestava ao manto um toque todo especial, sem contar o charme que o capuz lhe dava. Jorge também se encantou.

Inda bem! Já era meio caminho andado para que aquela maravilha viesse cair em meus braços.

Jorge adora comprar roupas e sapatos para mim. Porém só compra aqueles que lhe agradam pessoalmente. Quando gosta de uma coisa, tem que ser aquela, não adianta eu preferir outra. Não importa se o tamanho coincide ou não com as minhas medidas. Não é por ser grande ou pequeno, curto ou longo, que ele deixa de comprar. "Esse negócio de tamanho é besteira", costuma dizer. "Se for grande, se aperta; se for pequeno, se alarga... Tão fácil! Qual o problema?" Minha estrela, nesse dia, brilhava

mais do que nunca. Meu gosto e o de Jorge coincidiram, e o casaco me caiu como uma luva. Parecia feito para mim.

Jorge acabara de receber dinheiro de direitos autorais e não perdeu tempo, gastou quase todo na compra do casaco. Dona do custoso abrigo, envolta em seu calor, com as surradas botas polonesas - deselegantes, porém muito quentes -, eu ia enfrentar todos os invernos que me surgissem pela frente, daí por diante. Não podia nem de longe imaginar, no entanto, que, vestida com esse abrigo, calçada com minhas velhas botas polonesas, em breve eu apareceria estampada, em foto de corpo inteiro, na primeira página de importante jornal londrino.

## **LUKÁCS**

Jorge não aceitava a ideia de ir a Budapeste e não ver seu amigo Gyorgy Lukács, o eminente pensador, o grande mestre; queria vê-lo, superando as limitações do tempo parco e, sobretudo, aquelas a que se encontrava sujeito o escritor, caído em desgraça.

Desde a realização do Congresso dos Intelectuais pela Paz, em agosto de 1948, na cidade polonesa de Wroclav, Jorge e Lukács tinham se tornado amigos.

Coincidiam na maneira de pensar e reagir diante de uma série de ideias e fatos políticos. Estabelecera-se entre eles uma espécie de cordial cumplicidade, e Jorge sentira profundamente o ostracismo a que fora relegado o filósofo, devido às suas posições contrárias às teses de Jdanov.

Passou uma tarde com o amigo, voltou emocionado e me disse: "Que grande homem e que firmeza de caráter!"

## **BUCARESTE**

Realizado o Congresso húngaro, voamos para Bucareste. Também na România ficaríamos restritos, naqueles poucos dias, a permanecer na capital, já nossa conhecida.

Em Bucareste eu me sentia em casa: pelo temperamento latino do povo, pelo sabor da comida, pelo idioma parecido... Comparada à língua tcheca, a romena até me parecia fácil. Salvo algumas derrapadas, quando a parte eslava da língua se intrometia no vocabulário latino, eu entendia bastante a língua do país.

Nos dias que precederam o Congresso, preso a vários compromissos: intermináveis reuniões, entrevistas aos jornalistas, sem tempo para nada, Jorge não podia arredar pé enquanto eu saía a caminhar pelas ruas, sem necessidade de intérprete.

Nos intervalos dos trabalhos tínhamos sempre a companhia do escritor Zaharia Stanku e sua mulher, pessoas já de nosso bem-querer, desde a viagem anterior.

Da mesma forma que na Hungria, o Congresso romeno foi um sucesso, e em seguida voamos para a Bulgária. Os dois embaixadores da paz estavam sendo aguardados em Sofia.

## **E ANITA?**

Nossa viagem à Bulgária, havia um ano, coincidira com a morte de Georgi Dimitrov. O país estava de luto e o povo desolado com a perda de seu grande dirigente e amigo. Desta vez permaneceríamos apenas em Sofia e, certamente, veríamos a cidade com outro aspecto, mais alegre.

Sáimos de Bucareste ao meio-dia e, devido ao fuso horário – Bucareste uma hora mais tarde –, chegamos a Sofia ao meio-dia.

No aeroporto, um grupo de pessoas do Movimento da Paz nos aguardava.

Duas jovens, cada qual com um ramo de flores, vieram ao nosso encontro. Recebi o ramo que uma delas me ofereceu. A

outra, com seu buquê, ficou ainda no aeroporto enquanto nós partíamos. Imaginei que ela estava à espera de outro voo.

Na manhã seguinte, no saguão do hotel, enquanto D'Arboussier e Jorge atendiam a umas pessoas, a jovem que me oferecera as flores na véspera me chamou de lado: – A camarada sabe quando é que Anita vai chegar?

– Anita? – me surpreendi. – Não sei de quem está falando...

Não sabia mesmo, nem ouvira falar nesse nome durante a viagem. Estava por fora, completamente. Cheia de dedos, a moça então me contou da confusão que andava por lá, causada por um telegrama de D'Arboussier, de Bucareste, anunciando a nossa chegada e a de Anita. Sua colega fora recebê-la no aeroporto, na véspera, esperara todos os voos do dia e voltara, no fim da tarde, com as flores murchas. A dúvida que reinava era se a moça, designada para ser a intérprete de Anita, devia ou não voltar ao aeroporto. Um quarto lhe fora reservado, ao lado do de D'Arboussier.

Só podia haver um mal-entendido nesta história, e tirar a limpo era a coisa mais fácil do mundo: D'Arboussier estava ali e podia esclarecer tudo num instante.

Eu lhe perguntaria.

Marota, aproximei-me dele com o ar mais inocente do mundo e lhe perguntei à queima-roupa: – Onde está Anita, Gabriel?

– Anita? Mais *quelle Anita*? – perguntou ele.

– A que você anunciou. O pessoal aí precisa saber, está aflito...

– Eu anunciei o quê? Mas que loucura é essa?

Gabriel recordava-se perfeitamente do texto de seu telegrama. Anunciara a chegada de nós três e de mais ninguém... terminava com um cordial *amitié* antes da assinatura. Agora tudo se esclarecia, não havia dúvida! A palavra *amitié* possivelmente fora truncada, transformando-se em Anita. A história se espalhou e foi motivo de muita pilhéria, todos a perguntar a D'Arboussier pela dama misteriosa. Essa brincadeira perdurou

até sua morte; nas trocas de cartas de Gabriel e Jorge, Anita mandava sempre saudades e recebia beijos de Zélia.

### **UM POPE FORA DA LINHA**

Em plena sessão de encerramento do Congresso Búlgaro pela Paz, em Sofia, o recinto superlotado, a mesa composta por personalidades oficiais, intelectuais, sacerdotes, operários e camponeses, aconteceu algo insólito.

Sentado entre os delegados das diversas entidades encontrava-se um pope, representando a Igreja Ortodoxa. Tudo ia muito bem, os discursos e apelos inflamados pela unidade de todos aqueles que desejassem a paz entre os homens, sem distinção de classe e de raça, de posição política e crença religiosa - linha ampla estabelecida pelo Conselho Mundial da Paz -, eram aplaudidos. Eis senão quando assoma à tribuna o padre ortodoxo e clama, entre aplausos, pela destruição dos arsenais atômicos já então existentes. Reservaria, no entanto, apenas três bombas, para lançá-las de imediato: uma sobre a City de Londres, a outra sobre a Wall Street em Nova York e a terceira sobre o Vaticano. Os aplausos transformaram-se em ovação alucinante, o teatro pôs-se de pé. Jorge e D'Arboussier, entre desolados e divertidos diante do disparate sem tamanho, não tiveram outro jeito senão ficar de pé também. Ao levantar-se, Gabriel comentou com Jorge: "Essa não é, de jeito nenhum, a nossa linha..." "*Pasdu tout!*", suspirou Jorge.

### **29 DE MAIO**

De volta a Dobris, demos a Bietuska uma semana de folga, ela bem merecia. Fora impecável, cuidara de João em nossa ausência.

Reassumi meu velho posto: voltara a me despertar antes do primeiro canto do galo, ao ouvir João me chamar, na disposição de recomeçar nova jornada de correrias e traquinagens. Cuidar de meu filho naqueles dias não significava um sacrifício, longe disso. Com as saudades que curtira durante tantos dias, me dava satisfação tê-lo ao meu lado de manhã à noite. Me levantava cedo, sem preguiça; o frio já se fora e a primavera não pedia cama pela manhã; ao contrário, ela chamava para a vida.

Naquele maio a primavera andava à solta, suas obrigações em dia: tivera tempo de sobra para com seu calor vestir e cobrir as árvores, desnudadas pelo vento do outono, hibernadas pelo inverno gelado; já espalhara pelo bosque as flores ausentes durante meses, surgindo, umas após outras, dia após dia, de todas as cores e matizes, de todas as formas e tamanhos. Reaparecia na floresta o misterioso cuco – ninguém o via, escondia-se antes de marcar presença com seu canto, a nos lembrar o passarinho do relógio; os ariscos esquilos, com leveza e rapidez, a fugirem, precavidos; a sebe de rosas-loucas, rosas singelas e frágeis, enfeitando a borda do lago degelado; as carpas de volta a casa, a aumentar a família e a espiar para fora das águas. E os patinhos? Ah, os patinhos brancos tão ousados, vindo em busca de migalhas de pão em nossas mãos... Isso tudo, e muito mais, nos encantava e nos entretinha a manhã inteira.

Eu até comentara com Jorge: "Que bom se Lila chegasse logo para gozar dessa beleza toda!" As férias de junho se aproximavam, e em sua última carta, havia já algum tempo, ela confirmara a intenção de vir à Tchecoslováquia, embora continuasse doente.

Bietuska habituara João – hábito simpático e que nos agradava muito – a nos levar uma flor colhida no bosque, ao voltar do passeio matutino.

A porta do salão se abria de mansinho e eu já sabia que era ele. Entrava, pé ante pé, sem fazer barulho, na intenção de

criar o impacto da surpresa, enquanto a moça o esperava na porta. Depositava a flor sobre a mesa ao lado do pai e chamava sua atenção: "Olha, pai, a tua *kitka* (flor)!" Jorge fingia surpresa: "Oi, moleque!

Você, por aqui?" Ele ria feliz e em troca da flor recebia um beijo. Atravessava o salão para surpreender também a mãe e... "Ai, que susto, meu filho! Por onde você entrou? Pela janela?" Ele se acabava de rir e... tome beijos! A brincadeira se repetia todas as manhãs e nos divertia aos três, melhor dito, aos quatro, pois a boa Bietuska, mesmo não entendendo o português, compreendia tudo e ria conosco.

Naquele dia 29 de maio, ao passarmos pelo jardim de inverno de pan Hruby, ganhei do jardineiro uma rosa apenas desabrochada. "É para o papai!", avisou logo João. Claro que era!

Subimos direto para o salão. Estranhei ver a porta entreaberta, e, mesmo antes de entrar, pude divisar Jorge andando de um lado para outro, na mão um papel amarfanhado. Sem tomar conhecimento de nossa presença ali, ele continuava a andar, os olhos vermelhos, injetados, o rosto desfeito. Eu nunca vira Jorge assim!

O que teria acontecido? Segurei-o pelo braço: "O que foi?..." Ele me fitou, tão triste... Sem dizer palavra, estendeu o telegrama que amassara na mão.

Seu João Amado comunicava ao filho a morte da neta. Lila falecera. Sua doença, ao contrário do que nos haviam dito, fora grave.

Não entendendo nada do que se passava, João insistia em entregar a rosa ao pai: "Toma, pai, toma tua flor!" Jorge então segurou o filho nos braços, apertou-o contra o peito e chorou um pranto convulso e doloroso.

## **O CONSELHO SE INSTALA EM PRAGA**

Naquele dia as máquinas ficaram fechadas. Aliás, a rígida disciplina de trabalho, que o próprio Jorge se impusera, tinha sido rompida desde a instalação provisória da sede do Movimento da Paz em Praga, onde estava sendo preparado o Congresso de Sheffield. O vaivém de pessoas, chegando e partindo, era enorme.

Conhecidos e amigos telefonavam para Jorge, ao chegar. Entre outros, vindo de Paris representando o Movimento Brasileiro da Paz, o engenheiro Palamede Borsari. Também em Praga, porém vindo diretamente do Brasil, o jovem universitário Francisco Costa Neto, representante da União Internacional de Estudantes. Costa Neto e Borsari costumavam passar os fins de semana conosco, no castelo. Traziam sempre novidades, e os longos papos, de mil assuntos, ajudavam a desanuviar nossas cabeças; nos divertiam as histórias contadas por Costa Neto – a quem João chamava de Koska (gato) –, pessoa espirituosa, com um repertório de não acabar.

Reuniões sobre reuniões do Conselho, Jorge com o tempo todo tomado.

Seu romance, já bastante adiantado, passara a marchar lentamente, coitado, a se arrastar. Eu, que andara tão atrasada em meu trabalho, conseguira alcançá-lo, as cópias já andavam par a par com os originais. Essa façanha, em vez de me agradar, na verdade não me agradava nada.

Ao bater à máquina os romances de Jorge, eu passava a viver todos os lances da história e vibrava, seguindo a trama, emocionando-me, divertindo-me...

Ainda hoje eu vivo essas emoções porque continuo a datilografar os seus originais.

No momento em que escrevo estas páginas, ando às voltas com o Sumiço da Santa, a história de feitiçaria que ele está escrevendo, doida por saber do paradeiro da personagem, Santa Bárbara, ou Yansã, conforme a hora, que sumiu e anda fazendo travessuras nas ruas da Bahia.

Ora, de repente, parava tudo, Jorge às voltas com reuniões, o romance ficando de lado. Os personagens do livro eram afastados, saíam de circulação, eram congelados... E, aí, toma a doida impaciência a me torturar, vontade danada de saber o que ia acontecer com eles, de que forma Jorge iria resolver tantos problemas... Até receber matéria nova, eu que ficasse em suspense! De que adiantava pedir notícias dos personagens ao dono da história? Não adiantava nada, eu tinha experiência. A resposta era a mesma que me dá ainda hoje, lacônica: "Tomara eu saber..." Já que ele dizia nada saber, eu me aventurei algumas vezes a fazer sugestões: insinuar casamentos, tentar salvar uma vida... Sugestões inúteis, pois jamais aceitas, graças a Deus.

Em quatro anos Jorge escrevera apenas dois livros: Seara Vermelha, ainda no Rio de Janeiro, e O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá, pequena história de amor, escrita em Paris para comemorar o primeiro aniversário de João. A atividade política, a execução de múltiplas tarefas, o tempo perdido com coisas que qualquer outro poderia fazer sacrificavam seu trabalho de escritor, limitavam sua criação literária.

Agora, em Dobris, liberto de tarefas partidárias, ele escrevia e eu copiava um novo romance, substancial livro em páginas e conteúdo, Os Subterrâneos da Liberdade, que me fascinava: nele eu via espelhados, sem camuflagem, acontecimentos que Jorge vivera e, em parte, também eu. Divertia-me encontrando conhecidos meus circulando por suas páginas, envolvidos na trama do livro.

Encontrara-me também – por que não confessar? – a mim mesma, na figura de Mariana, e me enchia de emoção todas as vezes que ela aparecia. Para não dizer que Jorge nunca atendera a um pedido meu, algumas vezes ele me fez pequenas concessões e, inclusive neste livro, ele me fez a vontade, trocando o nome que inventara para um personagem pelo nome real da pessoa na qual se baseara. Assim, aparece de corpo inteiro, em vez do

velho Giuseppe, o velho Orestes Ristori, homem valente, amigo de meu avô, inesquecível amigo meu e de Jorge.

Eu não via a hora que esse Congresso terminasse e cada qual voltasse para sua casa, Jorge à tranquilidade de Dobris, reconduzindo à cena aquele povo todo, acendendo a luz para iluminar-lhes o caminho a palmilhar e terminar de vez seu romance.

## **DE MÃOS E PÉS ATADOS**

Tendo alguns assuntos a resolver em Praga, aproveitei a condução que levaria Jorge à Legação do Brasil. Seu passaporte estava na última página, era preciso renová-lo. Eu devia passar pela casa de artigos fotográficos, onde deixara vários filmes para revelar e fazer cópias. As fotos já deviam estar prontas havia muito, e eu sem tempo de ir apanhá-las. Otokar Suhy já me perguntara por elas mais de uma vez, deixando-me até encabulada. Ele estava de partida, sua estada no castelo chegara a seu termo. O inverno se fora, fazia calor e ele devia partir, desocupar espaço para novo hóspede. Ia sentir falta dele. Suhy desejava levar as fotos em que aparecia ao lado de Jorge e de João, "como souvenir da charmante família Amado..", dissera.

Nessa tarde eu iria buscá-las, sem falta. Se desse tempo passaria pelo atelier de costura, recomendado por uma conhecida, frequentadora do castelo. Levava comigo o tecido para um vestido, queria melhorar um pouco meu guarda-roupa para a viagem à Inglaterra.

Antes de mais nada, porém, acompanharia Jorge à Legação do Brasil, objetivo principal de sua ida a Praga. A data do Congresso em Sheffield se aproximava, e o assunto do passaporte pedia urgência. O Consulado inglês demorava muitos dias antes

de dar o visto àqueles que o solicitavam para ir ao Congresso da Paz.

Cordial, o Embaixador Plenipotenciário, Fraga de Castro, nos recebeu em seu gabinete, na chancelaria. Nós o conhecíamos de rápidos encontros no saguão do Hotel Alcron. Ofereceu-nos um cafezinho antes de inteirar-se do motivo da visita. Ao saber que Jorge desejava um passaporte novo, ficou sério. Sempre gentil, porém, ele explicou que, se dependesse dele pessoalmente, não haveria problema, mas recebera ordem expressa do Itamarati: "Recusar ao escritor Jorge Amado passaporte ou qualquer outro documento equivalente." Poderia, no entanto, fornecer-lhe um documento válido para uma única vez, a da volta, caso quisesse regressar - arriscando-se a ir para a cadeia.

Ao procurar a Legação do Brasil, Jorge não acalentava ilusões, consciente das dificuldades que iria enfrentar para obter um passaporte novo, mas não esperava encontrar uma ordem expressa do Itamarati mandando negar-lhe pão e água.

A visita ao Embaixador fora rápida. Diante do fato consumado, nada mais havia a fazer na Legação. O representante do Brasil não possuía poderes para decidir, estava claro. Não adiantava, pois, argumentar, insistir. Eu ficara revoltada, vontade enorme de dizer o que pensava, ali mesmo, na hora: "Vocês não estão satisfeitos de perseguí-lo em sua pátria, cassando-lhe o mandato de deputado, mandato conferido pelo voto do povo? De invadir-lhe a casa, em batida policial?

De ameaçá-lo em sua liberdade, fazendo-lhe a vida impossível no Brasil? Achavam pouco? Queriam atingi-lo também a distância, tolhendo-lhe os passos? Não fora por gosto que ele recorrera ao exílio.'" Tudo isso e mais alguma coisa eu teria dito ao Embaixador Fraga de Castro, embora sabendo que com este discurso, ou qualquer outro semelhante, nada seria resolvido, aumentaria apenas o constrangimento que já se instalara. Teria dito, ao menos para desabafar, não estivéssemos tratando com

uma pessoa isenta de qualquer culpa no mal que o governo Dutra nos causava. Ao contrário, mantinha-se cordial e gentil, pessoa da maior cortesia.

Sem outra alternativa, o jeito era entregar no Consulado inglês o passaporte velho, com apenas uma folha em branco. Se, por qualquer motivo, Jorge necessitasse viajar da Inglaterra para outro país, não poderia. Estava de mãos e pés atados, num impasse.

### **UM CAVALO IMPRESSIONANTE**

Ao chegar ao luxuoso andar onde seria atendida pelo costureiro, suprassumo dos costureiros de Praga, segundo a voz de entendidos, fiquei impressionada!

A pessoa que o recomendara, sua antiga cliente, fora rica, figura de destaque da sociedade de Praga, num tempo ainda recente mas já distante. Casada agora com um cineasta comunista, ela guardara, no entanto, ao integrar-se na nova classe no poder, oficialmente a do proletariado, o donnaire e o bom gosto da antiga classe dominante, a dos capitalistas, na qual nascera e cultivara a finesse.

No apartamento que ocupava todo um andar fui recebida por uma senhora.

Ela me pediu que esperasse um pouco, logo seria atendida. Por fim o costureiro apareceu no amplo vestíbulo onde eu o aguardava. Homem de meia-idade, traje impecável, ele me recebeu falando francês: só me atendia porque eu fora muito recomendada. Trabalhava pouco ultimamente, cada vez menos: "Não tenho auxiliares e os vestidos que saem de minhas mãos são desenhados, cortados, provados, costurados e arrematados por mim." Sua mulher – a senhora que atendera à porta – tirava as medidas. Ele podia, dentro do novo regime, trabalhar por conta própria sem, no entanto, dispor de assalariados, não tinha o

direito à "exploração do homem pelo homem". Falava com voz neutra, sua explicação não deixava transparecer desgosto ou queixa.

Suas clientes, as grandes clientes, princesas, marquesas e damas da alta sociedade que pagavam o que ele pedia, haviam partido para outras plagas -França, Itália, Suíça, talvez o Brasil - em busca de pouso seguro, de garantia para suas fortunas. Ele não partiu, preferiu ficar, mesmo sabendo que onde quer que aportasse teria sucesso, ganharia dinheiro facilmente. Mesmo sabendo que estava proibido de cobrar preços altos, ele não quis deixar o país mas, sobretudo, não quis abandonar o belo apartamento que comprara com dinheiro de seu trabalho e decorara a seu gosto - aliás, com muito bom gosto. O costureiro era um homem triste, porém, suponho, cheio de esperanças. Em seu atelier deserto de clientela, ele mantinha a classe das grandes casas. Acompanhei-o a outro aposento, magnífico salão forrado de espelhos, para tirar as medidas e escolher o modelo. Levei um susto logo de entrada: deparei-me com um enorme cavalo embalsamado.

Percebendo o meu espanto, ele sorriu: "Servia para experimentar as jupes-culottes e outros trajes de montaria..." Ao ver o corte de seda que eu levava se encantou, chegou quase a acariciá-la: "Hoje em dia essas sedas são raras por aqui... deve ser italiana." Eu a comprara com os famosos cupons Darex, arrancados a pulso, como já foi explicado em outro capítulo.

Depois de tudo acertado, modelo escolhido, medidas tomadas, o Mestre suspirou: "Agora vamos ao grande problema: os aviamentos." A seda merecia ser bem tratada, não podia ser costurada com uma linha qualquer... Pedia colchetes de qualidade, entretela e botões que não existiam em Praga, à venda. Ao falar em aviamentos, não escondeu seu desgosto; não suportava a falta de bom material de trabalho. O mesmo desgosto de um pintor que não consegue boas tintas para pintar seus quadros. Felizmente eu possuía um variado estoque de linhas, botões, elásticos,

colchetes, enfim, o necessário numa casa, que eu pedira à Misette e ela me trouxera de Paris.

Voltei ao luxuoso andar, em Praga, ainda algumas vezes, para novos vestidos e um casaco, vestidos cada qual mais lindo que o outro. Desse homem triste e contido, guardo boa lembrança. Não consigo também esquecer o cavalo, tão imponente, que, por mais de uma vez, me tentou a mandar fazer uma jupe-culotte.

### **O CÃO "SCHNAWZER"**

O hall do Alcron estava bastante movimentado naquele fim de tarde. Lá se encontravam diversas pessoas vindas para uma reunião do Conselho. Ao me ver, Ilya Ehremburg levantou-se, veio ao meu encontro. "Estava à sua espera... preciso de um favor seu." Ilya recebera, do cineasta Yves Montagui, famoso documentarista inglês, havia dois dias, um cãozinho schnawzer. Trancado no quarto do hotel, o danadinho fizera miséria: rasgara cortinas, emporcalhara os tapetes, pintara o diabo.

Mesmo sendo a personalidade que era - mesmo sendo personalidade soviética -, o famoso escritor recebera um ultimátum da direção do Alcron: o schnawzer não poderia continuar lá. Ehremburg não se preocupou, sabia poder contar comigo para cuidar do animal durante a semana de sua estada em Praga: "Você vai levar meu cachorrinho para Dobris, lá ele terá espaço para correr e se distrair. Nem te dará trabalho. Para quem está trancado, o pobre até fez pouco estrago... Em seu lugar eu teria feito muito mais!..." Ria, divertido.

Só não cocei a cabeça, desanimada, porque não queria desapontar meu amigo, mas tive vontade. Ia passar uma semana inteira pajeando o cão, não havia por onde... Ehremburg achara tudo muito simples porque desconhecia a existência, no castelo, de David, um boxer, cão de guarda, que percorria bosques e

jardins, não admitindo concorrentes. David matara, havia pouco, nosso gatinho siamês; o bichano, despreocupado, saltara da janela do quarto para o jardim, sem notar que embaixo, entre as plantas do canteiro, de tocaia, David o esperava de boca escancarada. Senhor do feudo, não tolerava a presença de animais machos no zámek. Quanto a fêmeas... Houve um caso, muito falado, de uma certa cadelinha...

Contarei mais adiante.

Subimos os três, Jorge, Ilya e eu, a fim de apanhar o "indesejável". Louco por cachorros – assim como Ehremburg –, Jorge nem pensou, não viu o problema que teríamos com David, tão entusiasmado estava de levar o animal e conviver com ele, mesmo sendo por alguns dias apenas. O schnawzer ao nos ver se pôs a latir, tentando atacar-nos. Uma graça! Era lindo, cor de chumbo, pelos espetados cobrindo o focinho, deixando apenas entrever os dois olhinhos brilhantes. Mais parecia um brinquedo do que um animal de verdade.

Ao nos despedirmos de Ilya, eu lhe prometi trazer o cãozinho, no meio da semana, para que ele matasse as saudades. Em realidade, eu devia voltar a Praga a fim de providenciar meu visto para ir ao Congresso de Sheffield. Não deixaria o cachorro no castelo, não o confiaria a ninguém, preferia andar com ele grudado às minhas canelas. Era mais garantido, sem dúvida.

Ao receber o cão sem nome, doido de contentamento, João o batizou em seguida, ao me ouvir exclamar: "Que dentinhos!" O destruidor acabara de esfacelar, com rapidez e competência, a cabeça do urso de pelúcia, antes que alguém pudesse impedi-lo. De minha exclamação surgiu o nome dado por João: Dentinho, bastante adequado ao personagem, pois, com a mesma eficiência com que liquidara o ursinho de João, continuara destruindo o que estivesse ao seu alcance. Dentinho roeria, tempos depois, a barra do paletó de Pablo Neruda, belo paletó de xadrezinho, enquanto comíamos na casa dos Ehremburg, em Moscou.

Na temporada em Dobris, Dentinho e David nunca se defrontaram. Creio que se isso tivesse acontecido, por mais audacioso que fosse, por mais afiados fossem seus dentes, o schnawzer teria levado a pior. Meu esforço de cão de guarda não foi em vão, consegui evitar o encontro, ou seja, a tragédia.

## **KAFI**

Falando em David, senhor feudal em seus domínios, recordo a história prometida páginas atrás. Aí vai ela.

Desde que o Movimento da Paz se instalara em Praga, representantes de vários países, que trabalhavam na preparação do Congresso em Sheffield, passaram a habitar o castelo de Dobris. Entre eles um pastor protestante, americano, com sua mulher, moça francesa, e uma cadelinha do casal, que atendia pelo nome de Kafi.

De raça cocker spaniel, importada dos States, Kafi possuía todas as credenciais de uma futura campeã. Menina dos olhos de sua dona, Gilberte, Kafi passeava todas as manhãs, a horas certas, pelos jardins, as longas orelhas peludas quase a tocar o chão, antes de tomar vitaminas e papinhas que lhe eram servidas na boca.

Um belo dia, Kafi apareceu no jardim de calcinhas, uma espécie de cinto de castidade, próprio para cadelas no cio, e foi aquela admiração! Nunca ninguém tinha visto tal coisa por aquelas bandas. A admiração era acompanhada de risos disfarçados pela frente e de gargalhadas pelas costas. Era o primeiro cio da cadelinha e Gilberte se pôs em campo, atrás de um cão da mesma raça, à altura do pedigree da donzela, a fim de promover o cruzamento. Perguntou a um, perguntou a outro e acabou descobrindo que em Praga havia um campeoníssimo, pertencente a uma família também de bom pedigree, porém arruinada, que vivia às custas de seu cocker spaniel. Antes da

mudança do regime, o cão participara de concursos internacionais e vencera a todos. Reprodutor requisitado – não lhe faltavam noivas no cio -, ganhava o bastante para garantir um bom passado aos seus donos.

As referências eram ótimas, mas Gilberte quis ver de perto o candidato antes de entabular negociações. Tocou-se para Praga e voltou no fim da tarde, morta de saudades – deixara a cadelinha trancada no quarto – porém triunfante, pois Kafi ia ter o marido que merecia. Custar-lhe-ia os olhos da cara, mas valia a pena e resultaria em lucro garantido. Fazia os cálculos: "Pago 3.000 coroas pelo cruzamento, é muito dinheiro!, mas posso vender os cachorrinhos na França ou nos Estados Unidos, ganhar um dinheirão! As ninhadas desta raça costumam ser grandes, quatro ou cinco de cada barrigada." Gilberte assistira à cerimônia do casamento por uma fresta da porta, não queria encabular a virgem com sua presença. Tudo correria bem, apesar de existir uma diferença pequena na estatura dos noivos, o macho um pouco maior.

A gravidez de Kafi foi acompanhada passo a passo, com interesse geral: primeiro assistiu-se aos enjoos, depois à sonolência da gestante... a barriga a crescer rapidamente, cada vez mais... Chegara a hora do parto, porém nada de nascer os cachorrinhos! Na falta de veterinário por perto, foi chamado, às pressas, um médico parteiro residente em Dobris. Depois de muita luta, ele conseguiu extrair, a fórceps, um filhote enorme, já morto, o único que ela gerara. Características de boxer, focinho achatado a denunciar o responsável pela façanha: David conseguira, ninguém sabe como, cruzar a minúscula cadelinha, não respeitando nem estatura nem cinto de castidade.

## **PERSONA GRATA**

Por essa ninguém esperava: o visto inglês fora negado a Jorge, a Jorge e à grande maioria das personalidades de renome internacional, ligadas ao Movimento da Paz, que participariam do Congresso. Existiam umas poucas exceções, Picasso, por exemplo. Mas em geral os favorecidos, os que haviam recebido o visto, eram pessoas sem projeção, e eu estava entre elas. Lá iam saber os ingleses quem era essa tal de Zélia Gattai... Ao aparecer na sala onde se reunia a direção do Conselho, de passaporte em punho, o visto concedido, tudo em ordem para viajar, me senti constrangida e encabulada. Eles discutiam sobre as diretrizes a serem tomadas diante da manobra do governo inglês tentando esvaziar o Congresso, sem pagar os ônus de uma proibição pura e simples. Enfrentei, nessa manhã, gargalhadas e pilhérias: divertiam-se chamando-me de persona grata.

Afinal de contas, de que me adiantava o visto? Eu nem podia mais pensar na viagem, não tinha sentido partir sozinha... Enganara-me. A decisão tomada pela direção do Conselho fora a de que quem havia recebido o visto devia ir à Inglaterra, ir a Sheffield, onde, mesmo sem a presença dos organizadores e das personalidades convidadas, o Congresso seria instalado. Nem que fosse só para protestar contra a afronta da recusa de vistos a tantas figuras eminentes.

Uma delegação, vinda diretamente do Brasil, estava a caminho de Londres.

Mais um motivo para que eu fosse. Conhecendo a maioria das pessoas dos países europeus que haviam recebido o visto, eu serviria de ligação entre elas e os brasileiros. Outra razão, esta de ordem pessoal, a que mais me incentivava a fazer a viagem: eu trataria da renovação do passaporte de Jorge com o poeta João Cabral de Melo Neto, nosso amigo, Cônsul em Londres. Jorge já não poderia fazê-lo pessoalmente, como desejara, fato que o aborrecera duplamente ao ter seu visto negado. Ficou

assim decidida a minha ida. Levaria o passaporte velho e voltaria com um novo. Maravilha!

Numa tarde gelada, de casaco húngaro, cor de morango, parti de Praga para Londres. No aeroporto repleto, além de Jorge e Ilya, encontravam-se os escritores soviéticos Alexandre Korneichuk - cuja mulher, a romancista Wanda Wassilevska, obtivera o visto -, Konstantin Simonov e Alexandre Fadeev, dono de gargalhadas sonoras, que despediu-se de mim, no maior gozo: "Boa sorte, *persona grata*", explodindo ainda uma vez numa risada gostosa.

Eu ficara um tanto preocupada ao saber que viajaria num avião húngaro, vindo de Budapeste com uma delegação de operários e camponeses, todos "personas gratas". Ao ver as delegadas, foi então que meu temor aumentou ainda mais, e eu comentei com Jorge sobre o lenço que elas traziam na cabeça, cobrindo os cabelos, estampados no centro a foice e o martelo. Essa de foice e martelo já era demais... Não poderia ser tomada como provocação pelas autoridades inglesas?

Não podia ser motivo de encrencas no aeroporto de Londres? Me arrependi em seguida de ter levantado essa hipótese, senti que transmitira a Jorge a minha preocupação, embora ele tentasse disfarçar. "Nada vai te acontecer... fique tranquila... mas, por favor, te cuida, não vá topar provocações..." Ele conhecia bem as minhas explosões. Aconselhou-me a ter à mão endereço e telefone de João Cabral, caso surgissem complicações.

No mesmo voo seguia uma importante personalidade soviética, também agraciada com o visto inglês: o notável ator e diretor de cinema Vsevolod Pudovkine, diretor de A mãe (adaptado do romance de Gorki), O fim de São Petersburgo e Tempestade sobre a Ásia, filmes, todos eles, anteriores aos anos 30.

Pudovkine se encontrava em Praga havia dias e jantara conosco em Dobris. Ao nos despedirmos das "personas non gratas"

que ficavam, Ilya recomendou-me ao cineasta: "Cuide dela, Zélia é uma amiga caríssima."

## **A CURTA-LONGA VIAGEM**

No avião lotado com os passageiros embarcados em Praga, como bom anjo da guarda, Pudovkine sentou-se atrás de mim; eu ia ao lado de uma operária húngara.

Talvez a viagem não tivesse sido tão longa quanto me pareceu não estivesse eu de coração pequeno, cheia de preocupações. Cada vez que me acontecia bater o olho no emblema do lenço da camarada ao meu lado, mais o pobrezinho apertava.

Inda bem que não houvera lugar para Pudovkine junto de mim, pois eu não me sentia com nenhuma disposição para conversar. Estava mais para divagações: ia do mais glorioso otimismo, com flores a me receber no aeroporto londrino, ao mais negro pessimismo, vendo-me atirada ao fundo de cárcere escuro, tiritando de frio... grades de ferro e algemas... O passaporte de Jorge estava na minha bolsa. Que imprudência! A bolsa é sempre a primeira coisa a ser revistada! Como não pensara nisso? E se as autoridades inglesas o encontrassem? Que explicação eu ia dar? O jeito era tratar de escondê-lo. Mas onde, meu Deus do céu? Pensei, dei tratos à bola, voltei a pensar... De repente me surgiu uma ideia: talvez o capuz de meu casaco fosse a solução. Era grande, profundo, um bom esconderijo... Não perdi tempo, fui ao toalete, mergulhei o dito cujo até o fundo. Joia! No meio da felpuda lã de carneiro, ele sumira sem deixar rastro, por fora não se viam marcas que o denunciasses.

Voltei aliviada para o meu lugar. Pudovkine dormia profundamente. Beato lui, pensei em italiano, pode dormir sem preocupações. Ao me recostar na poltrona senti a rigidez do passaporte, marcando presença. A tranquilidade com que eu voltara "das manobras" começava a se dissipar, novas ideias me

assaltavam. E se encontrassem o "contrabando" dentro do capuz, não ia ser pior? Mil vezes pior!

Iam descobrir algo escondido, caracterizariam o engodo, o crime... Eu devia retirar, o quanto antes, o documento do fundo do poço. Isso mesmo! Ele voltaria para a bolsa, era esse o seu lugar. Fácil de ser encontrado? E daí? A bolsa era minha, eu carregava nela o que quisesse, e ponto final!

Ia me levantar para retornar ao toalete quando a aeromoça mandou que eu ficasse em meu lugar e apertasse o cinto. O avião ia aterrissar. Não havia mais jeito, o passaporte ficaria onde estava. Tant pis! pensei em francês.

## **FUMAÇA PRA LÁ, SANTO ANTÔNIO PRA CÁ**

A separação dos passageiros foi feita logo ao pisarmos terra firme: "Congresso da Paz? Pra lá. Passageiro comum? Pra cá..." Cada qual tomando seu rumo, assumindo sua condição. Ao ver a divisão, lembrei-me de uma brincadeira de criança: "fumaça pra lá, Santo Antônio pra cá..." Em camisa de onze varas estava eu metida, com o passaporte a me pesar nas costas... Aquela não era hora de pensar em brincadeiras!...

Fui encaminhada para uma grande sala, húngaros e tchecos também.

Quanto a Pudovkine, passageiro VIP, não sei que rumo tomou, nos despedimos no avião.

Os policiais puseram todo mundo em fila. As bolsas de mão, pousadas sobre um banco alto, eram abertas e revistadas, uma por uma. Não encontrando nada de comprometedor na minha, partiram para os bolsos de meu casaco. O coração me saía pela boca. Logo, logo, chegaria a vez do capuz... A moça que me apalpava, de repente, se entusiasmou: acabara de descobrir, num dos bolsos, o pequeno carne de notas que eu estreara com telefone e endereço londrino de João Cabral. Diante de tal

descoberta, excitada, ela foi chamar o chefe. Em vez de um, vieram dois. Um deles me perguntou de quem era o endereço. Eu não tinha nenhum motivo para ocultar, mas, embora tivesse compreendido a pergunta, me fiz de desentendida, dizendo que não falava inglês: "*je parle français, io parlo italiano, yo hablo espanol...*" Sem dizer palavra, os dois se afastaram levando meu carnê. A moça que fuçara meus bolsos deu-se por satisfeita com o achado, não indo mais adiante nas buscas. Ufa! Que alívio! O passaporte, até então verdadeiro chumbo, ficara, de repente, leve como uma pluma.

Abandonada ali, aguardando que voltassem, na maior calma, eu até me divertia vendo o conteúdo das malas – montanhas de malas húngaras – abertas uma após outra, sobre uma grande mesa. Todas elas muito cheias, quase explodiam ao serem destrancadas. Do meio das roupas surgiam presuntos, mortadelas, salames, linguiças, salsichas, queijos, latas de leite em pó, latas de conservas variadas, chocolate, biscoitos, pães.. Os comestíveis, amontoados no chão, davam para abastecer uma mercearia. De orelha esticada, como quem não quer nada, eu ouvia as perguntas do policial e as respostas do representante da delegação,, que falava inglês.

– O que significa isto? – o agente apontava para a montanha de comida.

– É para alimentar a nossa delegação durante a sua estada na Inglaterra – esclareceu o rapaz, na maior seriedade. E explicou: – Como sabemos das vossas dificuldades, da situação alimentar difícil, achamos prudente nos garantir...

O policial não escondia sua contrariedade. Estava ofendido em seus brios de inglês, mas não deu pé para polêmica: – Os senhores têm um visto de apenas cinco dias. Pretendiam comer isto tudo em tão curto prazo?

O húngaro era escolado, não havia dúvida. Com ar abestalhado, ele era, isso sim, inteligente e de fina ironia: – Realmente, o senhor tem razão, não creio que se vá consumir

tudo... mas, podem estar certos, não pretendemos levar nada de volta para a nossa terra, não precisamos. Do que sobrar, faremos uma doação a qualquer instituição de caridade inglesa que esteja necessitada...

Parei de ouvir o divertido diálogo com a chegada do policial, acompanhado de outro cavalheiro, um intérprete de espanhol para me interrogar.

Primeira pergunta: – O que a senhora veio fazer na Inglaterra?

Resposta: – Está escrito no passaporte, em sua mão. Vim para o Congresso da Paz em Sheffield.

– Qual a sua profissão?

– Mãe de família.

– Por que pediu o visto em Praga?

– Porque moro em Praga.

– E o que faz em Praga?

– Cuido de meu filho.

– Por que veio ao Congresso da Paz?

– Porque sou contra a guerra. Não quero ver meu filho morto numa guerra. Nem o meu, nem o seu. O senhor tem filhos?

O policial fechou a cara. Não queria conversa.

– A senhora tem marido?

– Tenho.

– Seu marido é tcheco?

– Meu marido é brasileiro como eu.

– É funcionário do governo tcheco?

– Não.

– Qual a profissão dele?

– Escritor.

– Escritor? – admirou-se. – O que ele escreve?

– Romances.

– Como é o nome dele?

– Jorge Amado.

– A senhora gosta do que ele escreve?

– Gosto muito. Ele é um grande escritor! Já leu algum livro dele?

– Não leio português.

– Nem precisa, ele é traduzido em inglês e em muitas línguas. O dia que o senhor ler um livro dele, vai gostar, tenho certeza.

O policial interrompeu o interrogatório, foi confabular mais adiante com outros policiais, eu fiquei ali plantada, mofando. Assisti à rearrumação das malas dos húngaros, mais fácil agora, livres dos alimentos confiscados.

Todo mundo já fora liberado e eu ainda esperando. Avistei, mais adiante, o intérprete de espanhol e fui lhe falar. Talvez ele pudesse me explicar o que se passava. Fiquei sabendo, então, que eles desejavam me devolver a Praga e que o impasse estava na dificuldade de conseguirem um avião que me levasse. Não havia mais voos naquela noite, e por fim resolveram me liberar, restituindo-me passaporte e carne de endereços.

Saí feito barata tonta, sem saber que rumo tomar. Ao me verem surgir, fotógrafos e repórteres de jornais correram para me fotografar e fazer perguntas.

Felizmente descobri, entre as pessoas que se encontravam na calçada, um rapaz sacudindo uma bandeirola azul com a pomba da paz, na lapela um escudo também com uma pombinha. Fui levada por ele ao hotel, onde me encontrei com os brasileiros.

## **LONDRES**

Os brasileiros – vindos diretamente do Brasil – haviam chegado pela manhã. Eram apenas seis; a outra parte da delegação, mais numerosa, ainda estava em Paris. Do grupo recém-chegado, apenas o físico Mário Schemberg e o editor Artur Neves eram meus conhecidos de São Paulo. Com eles chegara a poetisa Antonieta Dias de Moraes, também paulista, que

participaria do Congresso e trazia a tarefa de dar assistência a Lázara, campeã nacional de assinaturas contra a bomba atômica. Vencedora de um concurso organizado pelo Movimento da Paz do Brasil, ela recebera como prêmio a viagem a Sheffield. Analfabeta, porém espertíssima, Lázara conquistara o título, apresentando centenas de milhares de assinaturas.

Encontrava-se agora em Londres, no hotel para onde eu fora mandada.

Compartilhávamos, nós duas e Antonieta, o mesmo quarto: o hotelzinho reservado para os delegados estava lotado e o jeito era nos apertarmos. Lázara saía pela primeira vez de sua casa, no interior de São Paulo, e não tinha a menor noção de nada, muito menos do frio, vários graus abaixo de zero, que iria enfrentar na Europa. Responsável pela incumbência que tomara e generosa, Antonieta, moça elegante e de fino trato, não teve dúvidas em desfazer-se de algumas peças de roupas que trouxera a fim de agasalhar a campeã.

Além de Mário Schemberg e de Artur Neves, outros dois rapazes compunham a delegação; esses eu não conhecia. O grupo tivera, como eu, dificuldades ao desembarcar em Londres. Ao passarem pela polícia, no aeroporto, o responsável do controle mostrara-se seriamente desconfiado diante do cavalheiro loiro, de olhos claros, de nome Schemberg, que afirmava ser brasileiro. Como podia um brasileiro chamar-se Schemberg e ainda por cima ser loiro?

Passei uma noite péssima, acordando de hora em hora, a cada batida implacável do Big Ben, ao alto da Torre do Parlamento, vizinha do hotel, a marcar as horas. Não foram apenas as batidas do relógio que me impediram de dormir naquela noite, Lázara também acordava — ou não dormia, não sei —, e com a mesma precisa regularidade do Big Ben, apenas voltava o silêncio, suspirava: "Ai, que saudade do meu veio!..." Lá pelas tantas, decidi aconselhá-la a dormir. Dava-lhe, com isso, a deixa esperada para conversar: "Dormi? Com esse diabo de

relógio? Quem é que pode? Essa gente não tem um tiquinho de educação de bota um demônio desse aí pra fazê baruiera de noite..." Antonieta e eu não aguentamos, caímos na gargalhada e acabou-se de vez o sono. Lázara já arranjara companhia para a sua insônia e se animava: "Mora no interiô é que é bom! De noite lá é calmo, um cachorrinho late... os galo canta... mas a gente nem liga, está acostumado... As veis", continuava ela com toda a corda, "de madrugadilha, meu veio me acorda: 'veia, tô doido pra come um franguinho a passarinho...' Daí eu levanto, vô pro terrero, pego um franguinho, puxo o pescoço dele e preparo num minuto, pra ele..." Ria feliz, ao lembrar as noites tranquilas da roça.

— E como foi que você, morando no interior, conseguiu tantas assinaturas contra a bomba atômica? — Curiosidade que me assaltara logo ao primeiro contato com a campeã: analfabeta e campeã de assinaturas.

— Muito fácil, ora! Eu ia prós jogo de futebol... eu parava os ônibu na estrada, subia, pedia licença pro chofé, que tivesse paciência e esperasse um bocadinho e eu falava prós passagero que se eles não assinasse ia tudo morre esmagado debaixo da bomba...

Não falhava um! Aquela gente toda, se borrando de medo, botava logo o nome ali no papel.

A conversa sem fim, na madrugada, me ajudara a acalmar a ansiedade pelo encontro com João Cabral. Jorge não conseguira entrar em contato com ele, para preveni-lo de minha chegada. E se, por azar, ele não se encontrasse em Londres?

Ao telefonar-lhe pela manhã, porém, nem precisei dizer quem era. Farto de saber, o poeta ria ao comentar o meu sucesso na primeira página de um jornal, extremamente popular e escandaloso, que publicara meu retrato de corpo inteiro, em três colunas, sob a manchete: BELA ESPIÃ RUSSA DESEMBARCA EM LONDRES. Ele levaria o jornal quando fosse me buscar ao meio-dia.

Almoçaríamos juntos e conversaríamos sobre o assunto do interesse de Jorge.

Dirigindo o seu Citroen preto, João Cabral entrara na Oxford Street quando, de súbito, o carro empacou. Vira a chave da ignição, torna a virar com insistência... Nada! A partida cada vez mais muda. O cheiro forte de gasolina invadia o automóvel fechado, denunciando o afogador aberto. Não havia dúvida, o motor estava afogado. Depois de muita insistência, consegui convencer o poeta a ficar na direção do carro, a postos para engrenar uma segunda no momento preciso, enquanto eu empurrava. Única maneira de sair do impasse.

E lá estava eu, na movimentada avenida, a fazer força sem obter grande resultado – ou nenhum –, quando surgiu um guarda com seu impressionante capacete alto, enterrado até os olhos. Ficou parado, olhando sem se manifestar, até que eu, com um sorriso e um gesto, o convidei para me dar a mãozinha no "ou vai ou racha". Sério e cortês ao meu lado, empregando capacidade e força, o policial deu aquela empurrada decisiva e o motor voltou a roncar. Até hoje, sempre que nos encontramos, o poeta e eu nos recordamos desse episódio e rimos.

### **FOGUINHO...VÁ PRA CASA DO VIZINHO!**

Pela segunda vez em Londres, em duas circunstâncias sérias e difíceis, me ocorria lembrar de brincadeiras de infância.

Ao saber que eu estava atrás da renovação do passaporte de Jorge, João Cabral mordeu os lábios. Não ia poder nos ajudar. Recebera um comunicado do Itamarati mandando negar passaporte ao escritor Jorge Amado, circular idêntica à que víamos na Legação do Brasil em Praga.

Interessado no assunto e em resolver o problema, João Cabral teve uma ideia: telefonar para Liverpool onde seu amigo e colega Jatyr Rodrigues estava lotado. Até aquele momento,

Jatyr não recebera qualquer comunicado e pediu que eu fosse, sem perda de tempo, a Liverpool que ele resolveria o caso. Foi aí que me ocorreu a lembrança de infância: "Foguinho.. Vá pra casa do vizinho!..." Eu iria, assim que acertasse minha vida com o pessoal que me esperava no hotel, para a casa do vizinho, bateria à sua porta.

Aguardavam-me novidades: os brasileiros que estavam em Paris já não viriam a Londres; nenhum deles, na França, havia recebido o visto. Ainda outra novidade: o Congresso seria realizado em Varsóvia, já que não havia condições na Inglaterra. Iríamos, pois, todos os delegados até Sheffield, daí a dois dias. O Congresso seria instalado, haveria protestos e, em seguida, encerrado. Partiríamos na manhã seguinte, de ônibus, para uma cidade chamada Nelson, onde dormiríamos, e de lá viajaríamos para Sheffield.

Em novo encontro com João Cabral, traçamos meu roteiro: eu iria a Nelson, com o pessoal, e no dia seguinte tomaria o trem das seis horas da manhã para Liverpool, onde já estava combinado que Maria, mulher de Jatyr, me esperaria na estação. De posse do passaporte novo, voltaria numa longa viagem de trem, chegaria a Sheffield a tempo de assistir à abertura do Congresso.

### **TARDE PIASTE...**

No pequeno hotel, em Nelson, onde continuamos a dividir o quarto, Antonieta, Lázara e eu, fazia um frio insuportável. Não havia aquecimento central no quarto, apenas um bico de gás que funcionava à base de pagamento em moedas, que deviam ser colocadas na abertura de um pequeno radiador, a cada duas horas.

Mesmo com o bico de gás aceso, a mísera chama não aquecia grande coisa, dormimos as três de casaco e botas. Praticamente,

eu não pregara olho a noite toda.

Havia pedido um táxi para as cinco e, com medo de perder a hora, me despertava a todo instante.

Quando, pontual, o táxi encostou, eu já me encontrava pronta para sair. Lá fora, rajadas de neve, na madrugada escura. O céu cinzento e o frio intenso, da véspera, haviam sido o prenuncio da nevada. Mesmo com a neve a me fustigar o rosto, ao sair do hotel, eu sentia menos frio do que no quarto. Prudente, o chofer rolava lentamente, e ainda assim algumas vezes chegou a derrapar. Não tivesse sido previdente, saindo com muita antecedência, eu teria perdido o trem. Cheguei à estação no último momento, quando já se ouvia o apito da partida.

Enregelada até os ossos – meu casaco, coitadinho, já não dava conta do recado –, maldormida, eu chegava a Liverpool satisfeita com a perspectiva de resolver, finalmente, o problema que tanto nos afligia.

Pessoa simpática, Maria Rodrigues me aguardava na gare, como fora combinado. Dirigindo seu carro, ela foi me mostrando pelo caminho as ruas principais da cidade, cidade triste, sem colorido, toda cinzenta... De passagem vi o porto, importante, o segundo da Inglaterra. E seguimos para sua casa, fora da cidade, onde o marido me aguardava.

Estranhei o rosto sério e contrafeito de Jatyr Rodrigues, que me pareceu encabulado. Ele foi direto ao assunto: – João Cabral e eu passamos o dia, ontem, tentando localizá-la... Não conseguimos descobrir onde se hospedara em Nelson... Queríamos evitar que desse essa caminhada à toa...

Antes que eu dissesse qualquer coisa, ele me estendeu um papel, a circular do Itamarati, tão minha conhecida... Chegara quando já não havia tempo de me alcançar em Londres. Jatyr Rodrigues, por mais que desejasse, não poderia nos ajudar.

Diante de tamanha decepção, só me restava chorar... Mas não chorei. Tive, ao contrário – coisa que acontece sempre comigo

nestas circunstâncias -, uma reação de autodefesa, recordando, na hora difícil, uma história divertida que se encaixe perfeitamente à situação. História de Lalu, mãe de Jorge, eu contei em livro anterior, tinha o seguinte desfecho: "Tarde piaste na barriga da cigana..." Frase que costumamos usar para gozar alguém que chegue atrasado. Isso mesmo: "Tarde piaste", dona Zélia! O governo Dutra não se descuidava.

## **SHEFFIELD**

Havia muita gente na calçada em frente ao local do Congresso, quando saltei do táxi que me trouxera da estação. Achei que o recinto já devia estar lotado - ou seriam apenas curiosos, ali postados à espera de eventuais personalidades? Se tivessem lido o jornal da antevéspera, iriam ver a "espiã russa" em carne e osso.

Eu chegava ao mesmo tempo que Pablo Picasso. Ele foi logo perguntando por Jorge e Ehremburg, que sabia em Praga. A sala estava repleta, como eu imaginara. Entramos juntos e vali-me do prestígio do Mestre para conseguir um lugar para sentar, ainda por cima, ao seu lado. Aliás, muitos lugares lhe foram oferecidos ao mesmo tempo, as pessoas se punham de pé ao vê-lo, em espontânea homenagem.

Eu estava extremamente abatida, não tanto pelo cansaço físico quanto pelo moral baixo. Não me conformava com o fracasso da minha missão... Pensava em Jorge, com esse problema do passaporte... Gente ruim e mesquinha, por que o perseguiram desse jeito? Picasso também estava bastante chateado com toda aquela confusão de andar pra cima, pra baixo..., perdendo seu precioso tempo. Se valesse de alguma coisa sua presença na Inglaterra, se isso ajudasse ao menos a livrar o mundo da bomba atômica, então, viva! Tudo bem!, me disse.

Avistei os brasileiros ao longe, nos encontraríamos na saída. Daquele ato guardo nítida lembrança de uma senhora americana, sentada no palco, em meio ao calor das discussões, impassível, fazendo tricô, sem participar de nada, sem levantar os olhos, nem abrir o bico, uma única vez.

Protestos e provocações se sucederam ao ser anunciada a transferência do Congresso para Varsóvia e ser dada por encerrada a sessão.

Despedi-me de Picasso, ele não iria a Varsóvia; com a vinda à Inglaterra, dava por cumprido o seu dever de militante da paz.

Enquanto organizavam as caravanas de ônibus que deviam levar as delegações para Londres, entrei com meus amigos brasileiros num pub para comer alguma coisa. Estava varada de fome, não tivera tempo de almoçar, não podia perder o trem. Só mesmo Lázara, com seu primarismo, poderia me fazer rir naquela noite. Ela se dizia morta de sede, e os garçons, atarefados, não paravam à nossa mesa para nos atender. Impaciente, Lázara se pôs de atalaia e, ao divisar um que passava reto, ao largo, segurou-o pelo braço: "Ói, moço, me dê aí uma Malzbier bem geladinha, tá?"

## **PRAGA**

Desembarcamos em Praga, seguiríamos no dia seguinte para Varsóvia.

Estava aflita por encontrar Jorge, certa de vê-lo no aeroporto, à minha espera. Mas qual! Nem Jorge, nem qualquer outro conhecido. Fiquei sabendo, logo depois, que todo mundo já se encontrava em Varsóvia. Mesmo os brasileiros vindos de Paris haviam partido pela manhã para a Polônia. Telefonei para o zámek, falei com Bietuska, tudo estava bem com João. Gentilmente ela se ofereceu: se eu quisesse, poderia levar o

menino a Praga para me ver, na manhã seguinte. Era só o que eu queria. Enquanto meus amigos faziam turismo pela cidade, em programa organizado, eu descansei até meu filho chegar. Com ele passei o dia, ouvindo as novidades que, eufórico, me contava, misturando às vezes o tcheco com o português, coisa mais linda!

## **VARSÓVIA**

Agora, sim! Nem bem desci do avião, avistei Jorge, ele estava à minha espera. O pobre ia ficar decepcionado ao me ver voltar de mãos abanando. Saudosa como nunca, eu me sentira tão carente, tão sozinha, longe dele! O tempo custara a passar, fora pesado, cheio de angústias... Imaginei que eu também lhe fizera falta...

Senti no abraço apertado, sem fim... no carinho com que olhou para mim... nem lembrara sequer de perguntar pelo passaporte... Quando lhe expliquei tudo ele não se mostrou surpreso. Tratou de me consolar: "Não se aflija tanto, não vale a pena... não vou morrer por isso..." Enquanto acariciava meus cabelos, me disse: "Você é formidável e isto é que é importante para mim... Eu te amo muito, você sabia?..." Conhecêramos Varsóvia em 1948, quando tudo se encontrava destruído pela guerra. Passados dois anos, podíamos constatar que muita coisa havia sido feita. O trabalho ininterrupto da reconstrução da cidade prosseguia, mas ainda se faziam sentir as marcas da tragédia. O grande pavilhão do Congresso fora levantado em poucos dias, num superesforço, em tempo recorde.

A delegação do Brasil era grande e representativa, composta de juristas, homens de ciência, músicos, escritores. Entre eles Lázara, a campeã, era a vedete.

Fora apresentada da tribuna: "Mulher do povo, consciente do perigo da bomba atômica, conquistou, à custa de sacrifícios, milhares de assinaturas, uma verdadeira heroína!" Lázara não

cabia em si de vaidade, com as atenções que recebia, com o carinho a cercá-la de todos os lados. Sentara-se ao lado de Arnaldo e Mariuccia Estrela, na bancada da delegação brasileira, e não parava de dar autógrafos. Num dado momento, ao me ver, Mariuccia me chamou: "Espia só..." Indicava com o olhar as garatujas riscadas por Lázara, rabiscos em todas as direções, à guisa de autógrafos. O que era aquilo? Lázara não sabia nem mesmo garatujar seu nome, assinatura que faltara na interminável lista campeoníssima, a garantir-lhe a viagem, como se atrevia? Com muito jeito tratei de aconselhá-la a não continuar a rabiscar papéis, mas ela não quis saber de conselhos: "Essa gringaiada não entende as nossas letra..." Desse Congresso, tão cheio de interesse, do encontro com tantos amigos, do convívio com personalidades as mais marcantes de nossa era - Féderic Joliot Curie, por exemplo -, nada foi tão importante para mim quanto o nosso encontro - meu com Jorge -, encontro de amor do qual resultou a vinda ao mundo de nossa filha Paloma. Ao chegar a Praga, de volta de Varsóvia, eu estava grávida.

## **RENÉ DEPESTRE**

Voltara do ginecologista bem impressionada com o médico e com o atendimento; os exames pedidos anteriormente estavam bons, e, Cálculos feitos, a criança devia nascer daí a seis meses, a partir da segunda quinzena de agosto. Nesse mesmo dia fora reservado um quarto para mim na maternidade, em Praga, onde eu daria à luz. Consulta e exames nada me custaram, os remédios, prescritos no receituário oficial, também não. Eu fora atendida no horário mantido pelo governo.

Se eu quisesse uma consulta particular com esse mesmo médico, ele me atenderia em seu consultório e, então, eu

pagaria, assim como os exames que ele pedisse e remédios que receitasse.

Ao saber que tudo ia bem comigo e com o bebê, e da reserva de hospital com tanta antecedência, Jorge me disse: "Tomara que seja menina. Sinto tantas saudades de minha filha... você nem pode imaginar!" Jorge descera comigo a Praga, para se encontrar com o poeta haitiano René Depestre.

Depestre fora expulso da França com sua mulher, Edith, judia romena que vinha de terminar um curso na Sorbonne, vítimas como nós, Neruda e tantos outros amigos, da guerra fria, do macarthismo. O casal chegara à Tchecoslováquia naquele começo do ano de 1951.

Diretor, no Haiti, de um jornal político-cultural, La Ruche, líder estudantil, o poeta combatera o regime militarista que dominava o país. Em consequência fora preso. Após a sua liberação, conseguira chegar à França, graças a uma bolsa de estudos, obtida pelo Agregado Cultural francês em Port-au-Prince.

Jorge e Neruda tinham lido alguns poemas de Depestre que, aos 25 anos, já publicara três livros de poesia, e viam no jovem poeta a promessa de um grande poeta; prognóstico acertado, de quem entende do assunto e não corre o risco de errar. René escrevera e publicara num jornal um poema dedicado a Prestes, o que muito nos sensibilizara.

Neruda estivera recentemente na Tchecoslováquia e passara, inclusive, uma semana em Dobris. Nessa ocasião, convidamos René e Edith para almoçar conosco num domingo. Branca, bonitona, corpulenta, Edith contrastava fisicamente com o marido, pequeno, franzino, mulato. Pessoa de convívio agradável, ela era inteligente, discreta; ele vivo, um azougue, somava, à inteligência brilhante, um permanente bom humor – amigo que ganhávamos para sempre.

A situação do casal, em Praga, não era das mais brilhantes. René e Edith passavam dificuldades, mal alojados, sem a mínima

condição de trabalho. A bolsa que a União de Estudantes lhes dava era pequeníssima. Jorge prometera tentar obter-lhes uma ajuda da União de Escritores e, naquele dia, levou Depestre a ver Jan Drda. A situação política na Tchecoslováquia andava meio confusa, sentia-se no ar que certas coisas não marchavam bem. Um clima angustiante, as pessoas não respondiam às nossas indagações, ninguém queria se comprometer, ninguém tomava iniciativas... Mesmo Drda, que sempre fora tão exuberante e empreendedor, mudara; já não ria as gostosas gargalhadas habituais, evitava conversas... Os amigos estrangeiros que se encontravam no zámek mantinham reserva: os Laffitte, Georgette e Jean, ele secretário-geral do Conselho Mundial da Paz, nossos amigos, aconselhavam prudência: nós, de fora, não devíamos nos envolver em problemas internos do país...

Ao ouvir Jorge e Depestre naquela tarde em seu gabinete, Drda confessou que, mesmo sendo Presidente da União de Escritores, não poderia tomar nenhuma decisão, não podia fazer nada. Mas... arriscou um palpite – a natureza forte não resistiu –, deu um conselho de amigo: só havia um jeito de ajudar os Depestre: Jorge convocá-lo como secretário particular. Aí, então, ele se empenharia para conseguir acomodações para o casal, em Dobris, onde poderiam trabalhar à vontade. Conselho bom, Jorge não perdeu tempo, ali mesmo encaminhou o pedido de hospedagem para seu secretário e a esposa, no zámek. Era só ter paciência e esperar os trâmites burocráticos.

## **O CAPA-PRETA**

Nem mal chegáramos a Dobris, o telefone chamou Jorge. Diógenes Arruda Câmara, de passagem por Praga, precisava nos falar com urgência sobre assuntos políticos. Pediu a Jorge que, quando fôssemos ao seu encontro para conversar, levasse uma cópia dos originais do romance, para que o Partido lesse.

Ficou combinado que iríamos a Praga no dia seguinte.

Membro do Bureau Político do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro, Arruda Câmara exercia, em realidade, o comando do Partido, em lugar do secretário-geral, Luís Carlos Prestes, que se encontrava isolado, em completa ilegalidade. Era Arruda quem se movimentava, tomava deliberações, mandava e desmandava. Pessoa simpática, homem vivo, enérgico, ele dava ordens, sem discuti-las. Apareceu mais de uma vez na Tchecoslováquia durante nossa estada.

Que novidade era aquela, de Arruda, desejoso de ler os originais do romance? Pela primeira vez ele demonstrava tal interesse. O livro nem estava definitivamente pronto e, a contragosto, Jorge entregou-lhe uma cópia. A direção do Partido, ciosa das teorias de Jdanov, queria opinar sobre o livro de Jorge, antes que fosse publicado, explicou o dirigente.

Aagitado, como de hábito, Arruda nos levou para o canto do bar, no hotel quase deserto. Pelo lugar estratégico, por sua indisfarçável maneira conspirativa de falar, tive a intuição de que ele devia estar a par do mistério que nos perturbava.

Inda bem! Finalmente íamos ter uma explicação do que se passava em nossa volta.

Assumindo um ar solene, Arruda Câmara foi direto ao assunto, ditando diretivas: a situação da Tchecoslováquia era muito grave, e nós, brasileiros, hóspedes do governo, não devíamos interferir em nada, nada de fazer perguntas, menos ainda dar palpites: de jeito nenhum, nem por brincadeira. "Entendido?" A ordem estava dada. Só nos faltava saber o porquê daquele mistério todo, queríamos estar a par do que se passava para melhor seguir as diretrizes, insistimos. À meia-voz, ele nos revelou, então, a existência de um complô contra o regime, com infiltrações de quadros do próprio Partido, muita gente grossa comprometida..

Mas, bico calado, a informação morria ali.

Então era isso? Gente importante envolvida? Ficamos sem saber o que pensar. Conhecíamos alguns dirigentes do Partido tcheco e os mais importantes ministros, todos eles homens provadíssimos na luta, alguns considerados verdadeiros heróis. Passei em revista, mentalmente, os nossos conhecidos: não!

Certamente nenhum deles estaria envolvido. O grande e rumoroso caso de conspiração contra o governo, em 1948, quando uma mulher de grande projeção, Marie Horakova, do grupo nacional-socialista, fora condenada – em julgamento ruidoso – e enforcada em 1949, terminara ali. Nunca mais se ouviu falar, mas persistia no ar o clima da desconfiança e do medo. Esse clima, tão incômodo e desagradável, tivera início em 1948, com a ruptura entre Stalin e Tito, criando uma atmosfera pesada nos países de democracia popular.

Chegamos a Praga, para viver na Tchecoslováquia, quando este ambiente acabrunhante atingia proporções muito evidentes, sobretudo entre os intelectuais: estávamos às vésperas dos grandes processos que liquidaram tantos dirigentes e patriotas.

Arruda partira levando os originais, deixando uma recomendação: "Antes que o Partido opine, você não deve publicar este livro." Levou dois anos para devolvê-lo, o manuscrito passara de mão em mão, entre os dirigentes, inclusive de Prestes. Jorge recebeu os originais cheios de anotações nas margens, anotações do próprio punho de Arruda: "cortar este parágrafo inteiro... cortar os palavrões... excesso de deputaria...", e daí por diante.

Jorge não levou em consideração a opinião do nosso Jdanov tupiniquim, não tirou uma vírgula sequer. O autor do livro era ele. Tempos depois, recebeu um recado de Prestes, através de Giocondo Dias: Prestes lera o romance, gostara, e, a seu ver, Jorge não devia tirar nem acrescentar nada. Sua opinião pessoal era a de que o Partido não podia intervir no trabalho literário de um escritor. Também era essa a opinião de Giocondo Dias, do Comitê Central do Partido, que se ocupava da segurança do

"velho" - tratamento carinhoso dado a Prestes por seus correligionários -, tarefa de guardião fiel à qual se dedicara, sacrificando os melhores dez anos de sua vida. Dos mais queridos amigos de Jorge, Giocondo Dias foi homenageado por ele, sua figura e atuação são recordadas em Seara Vermelha, onde ele é personagem importante, sob o nome de Juvêncio, ou Neném - apelido de Dias no convívio familiar. Em Tenda dos Milagres, Giocondo surge discursando num comício em praça pública, durante os anos da guerra. Em Bahia de Todos os Santos, Jorge traçou-lhe o perfil de patriota, quando Giocondo estava na ilegalidade, foragido da polícia.

### **TOALETE COMPLETA**

A primavera dava sinal de vida quando os Depestre chegaram de mudança, com armas e bagagens; aliás, nenhuma arma e pouca bagagem. Eles vinham morar no zámek e nós partíamos de férias.

Mais uma vez iríamos à URSS, convidados pela União de Escritores. A ideia partira de Ehreburg, que estivera conosco e achara Jorge muito abatido. "O trabalho deste romance me comeu as carnes", dizia ele. Sobretudo o ambiente de desconfiança e de incerteza em que vivíamos contribuía para enervá-lo ainda mais.

Jorge precisava descansar, mudar de ares. Ilya nos sugerira um roteiro apaixonante: Ásia central, visita ao Usbequistão: Tachkent e Samarkand. Valia a pena, íamos gostar. No sexto mês de gravidez eu me sentia ainda firme para aguentar a longa viagem, mas tinha de ser logo, não podíamos adiá-la.

Embarquei em Praga bem-disposta, porém, ao chegar a Moscou, me senti terrivelmente fatigada. Os aviões naquela época ofereciam pouco conforto e eu sentira a viagem. A conselho de Luba, mulher de Ilya, resolvi fazer um check-up antes de prosseguir viagem.

No hospital do Kremlin, fui atendida por um professor – título dado na URSS às sumidades médicas. Homem maduro, simpático, o bambambã conversou longamente comigo, perguntou mil coisas e, por fim, aconselhou um internamento por dois dias, a fim de facilitar a série de exames necessários para uma completa revisão e para me permitir repousar um pouco antes de enfrentar o longo voo para a Ásia. A opinião do professor era lei e, no dia seguinte, fui internada no próprio Hospital do Kremlin, o que havia de melhor. Jorge e Luba me acompanharam até a porta de entrada e de lá voltaram carregando a maleta que eu levava com camisola e outros pertences, em obediência ao regulamento do hospital.

Fui conduzida, em seguida, para uma grande sala de banho toda ladrilhada de branco onde, entre outras coisas, havia uma enorme banheira que recebia água de duas grossas torneiras. Vi logo que pretendiam me dar um banho e tratei de prevenir a *nhanha* – nome dado às serventes de idade ou a velhas amas – de que eu tomara banho no hotel antes de sair. Não sei se ela me entendeu, apenas fez um gesto com a mão e disse: "*nitchvó* – não importa! Despachada como ela só, a *nhanha* tratava de cumprir sua obrigação, me despindo rapidamente. Ao livrar-me da última peça de roupa, ela exclamou: "*harachó!*" – muito bem! Com uma tesourinha ela cortou minhas unhas, das mãos e dos pés, rentes no toco: "*harachó*."

Muniu-se de gilete e pincel de barba, os usou: ' "*harachó!*" Chegara a hora do banho.

Mergulhei, obediente, na água quentinha, ótima! Por meu gosto ficaria ali, horas esquecidas... A *nhanha* alcançou uma escova dura e toma a esfregar meu corpo. A energia era tanta que quase me arranca o couro: "*harachó!*" Enxugou-me toda, sempre com vigor, vestiu-me um camisolão branco, calçou-me meias compridas, colocou em minha frente um par de chinelas enormes. Sem ligas, as meias não se sustinham, desabavam a toda

hora, e foi uma luta manter os chinelos nos pés e suspender as meias, durante todo o percurso, até chegar ao quarto.

Dos dois leitos que havia no quarto, um já estava ocupado por uma jovem chinesa. Ali tudo era limpo e simples. Além das duas camas, apenas as mesinhas-de-cabeceira. Nada de armários. As roupas, tiradas na sala de banho, não subiriam ao quarto esterilizado. Sim, senhor! Meu sectarismo satisfeito, alimentado por minha admiração irrestrita a tudo quanto fosse soviético, concluí: que beleza! Quanto cuidado com o ser humano!

Antes de me acomodar eu quis passar pelo toailete, e a nhanha me acompanhou até a porta do sanitário, no fim do corredor. A privada era apertada e pequena, mas o que me admirou foi ver, em lugar de papel higiênico, uma maçar oca de jornal cortado, pendurada por um gancho de arame. Chamei a velhinha que me esperava fora, apontei para as folhas de jornal... Que negócio era aquele? Não havia outro papel? Tranquila, ela repetiu um gesto já meu conhecido antes de dizer o igualmente já conhecido nitchvó. Como não tinha importância? Só podia ser negligência de alguém... Ou era ainda consequência das dificuldades decorrentes da guerra ainda recente?

Atenciosa, antes de se retirar do quarto, onde abriu a cama para que eu deitasse, a nhanha me explicou várias coisas. Entendi 106 I quase tudo: eu ia tomar um copo de leite e comer as duas maçãs, que ela depositara sobre a mesinha-de-cabeceira, antes de dormir. Pela manhã eu não devia comer nada antes que me tirassem o sangue para o exame. Além de sangue ela dizia outra palavra, desconhecida para mim: *machá*. "O que é *machál*", quis saber. Para que eu entendesse, ela elevou a voz e soletrou a palavra: "*Ma-chá!* Entendeu?" Não, continuava na mesma, claro. Voltei os olhos para o lado da chinesa em busca de ajuda. A *nhanha* perdeu a paciência: "Essa é que não sabe mesmo nada!" Para facilitar e me esclarecer ela resolveu juntar à *machá* a palavra *pissate*. *Pissátel* Me entusiasmei: *pissátel*, pelo que eu

sabia, significava escritor. A velha devia ter comido o ele. Era isso. Ela estava pensando que eu era uma escritora e, no seu fraco raciocínio, não podia admitir que uma escritora não conhecesse o significado de uma palavra tão simples... Me apressei a esclarecê-la: "*pissátel* é meu marido, eu não!" Foi aí que ela perdeu as estribeiras, ou, melhor dito, perdeu a cerimônia: "*Pissate!* Não *pissátel*! Ato contínuo, fez de conta que urinava, imitou o ruído do xixi caindo. Ora, dona nhanha! Podia ter se lembrado disso antes! Tão simples!... Além do exame de sangue haveria um de urina.

Contei a história aos Ehremburg, que morreram de rir, e, gozador como ele só, Ilya passou o resto da vida se divertindo à minha custa, dizendo que eu era uma pessoa tão fina e delicada que não fazia pipi, meu marido fazia por mim.

Procurei puxar conversa com a vizinha do lado. Ela apenas me olhava, calada. Não entendeu as palavras que eu lhe disse em inglês, nem as de francês, nem mesmo em russo... Achei melhor desistir. De súbito, quando menos eu esperava, ela começou a cantar. Certamente se esforçava para que eu não a julgasse muda ou idiota.

O material para os exames fora colhido logo cedo. Era quase meio-dia quando vieram me buscar e me levaram para uma sala com mesas ginecológicas e vários aparelhos. Estendida sobre uma mesa, aguardei a chegada do médico. O bebê, nessa hora, estava mais mexedor do que nunca, me alegrava o coração senti-lo ali, vivinho... De repente, a porta se abriu: lá vinha ele, o professor, todo de branco, da cabeça aos pés, todo esterilizado — saberia ele, por acaso, que suas clientes, lá em cima, não dispunham de papel higiênico e, em seu lugar, usavam papel de jornal largando tinta, cheio de micróbios? Atrás do professor, um verdadeiro séquito de jovens também de aventais brancos. Antes de começar o exame, ele me deu uma palmadinha no rosto, iniciando em seguida uma longa aula, sobre o meu corpo, aos seus atentos discípulos. De tudo o que ele disse, só entendi

duas palavras, as duas últimas, suficientes para me dar grande alegria: "Otchem harachó!" Tudo muito bem!

Permaneci no hospital ainda um dia, repousando, sem visitas, sem conversas, sem leitura, apenas ouvindo, de vez em quando, a vozinha delicada e melodiosa de minha vizinha que cantava. Ela não era muda, absolutamente, não era! Nem muda nem idiota.

## **NO CENÁRIO DAS MIL E UMA NOITES**

Jantamos com os Ehremburg na véspera da viagem ao Usbequistão. Ilya conhecia bem a Ásia central e nos entusiasmava falando de suas belezas, sobretudo as de Samarkand, com seus deslumbrantes monumentos do século XIV, cenário de As Mil e Uma Noites. Ele nos recomendava não deixar de ir à necrópole e ver os mausoléus, mas, sobretudo, o de Tamerlão, o legendário conquistador turco. Ilya ria: "Xeerazade não podia ter escolhido ambiente mais sugestivo e belo para dar colorido aos seus imaginosos relatos. Você já leu As Mil e Uma Noites?", perguntou-me. Para dizer a verdade, eu não fizera outra coisa, nos últimos tempos, senão ler a interminável série de histórias que a sultana Xeerazade contou ao sultão Charihyar, durante mil e uma noites, na ânsia de prolongar a vida.

Entre milhares de livros em tcheco e alemão, inúteis para nós, Jorge descobrira, nas estantes que cobriam as paredes da biblioteca do zámek, uma coleção em francês, para mais de vinte volumes lindamente ilustrados e encadernados, de As Mil e Uma Noites, e, também em francês, a obra completa de Alexandre Dumas, com as delirantes tramas de Os Três Mosqueteiros e todos os seus outros romances. À noite, quando João dormia e a biblioteca ficava deserta de leitores, nos regalávamos, muitas vezes Jorge lendo trechos em voz alta para mim, outras vezes eu

lendo para ele... Àquela altura da viagem à URSS, já havíamos devorado pelo menos umas quinhentas histórias de Xeerazade, o que nos aumentara a curiosidade e o interesse por Samarkand.

A União de Escritores, nossa anfitriã, tivera a delicadeza de mandar conosco, para me atender devido ao meu estado, uma acompanhante, Helena Kólchina, além do indispensável intérprete. Já conhecíamos Helena de outra viagem, pessoa amável e atenciosa.

O avião pequeno, voando baixo, jogando muito, não mexeu com minha saúde mas mexeu com a de minha acompanhante. Sobrevoamos o mar Cáspio, o deserto de Karakum, e, até chegarmos a Tachkent, me ocupei de Helena, que passava mal, enjoava.

Ao contrário do clima de Moscou, ainda frio no começo da primavera, em Tachkent fazia calor. Cidade árabe na arquitetura e nos costumes, nos encantou logo. Como esquecer a faixa estreita e colorida de flores plantadas nas calçadas das ruas principais? Cada morador cuidava do seu pedaço de jardim em frente à sua porta. Regavam os canteiros com água que corria, sem parar, numa valeta no meio-fio.

Os dias passados em Tachkent foram dias de recreação e descanso: visitamos escolas, creches, mesquitas, e passamos horas esquecidas nos mercados populares.

Do avião, já chegando a Samarkand, divisamos as tão faladas cúpulas brilhantes de azulejos azul-turquesa, quase a nos cegar com o reflexo do sol. E aquela construção cilíndrica e quadrada, completamente revestida de mosaicos, com torres e cúpulas de sonho? Ficamos sabendo que se tratava da famosíssima Madrassa, a universidade maometana.

O hotel em que nos hospedaram em Samarkand era único! Largos terraços circundando um amplo pátio, um canteiro florido circundando um repuxo de água ao centro... Não havia dormitórios ou, por outra, os próprios terraços abertos eram dormitórios, onde nós dormimos e onde dormiram outros hóspedes, praticamente

no jardim. Quanto à beleza de Samarkand, Ilya não exagerara ao descrevê-la, nem Ilya, nem Xeerazade.

## **FURACÃO À VISTA!**

Era tempo de partir. Algumas horas de voo e chegaríamos de volta a Moscou, onde, possivelmente, teríamos notícias de João, coisa boa, as saudades começavam a apertar... Mais uma vez ele ficara sob a batuta de Bietuska e com alguns amigos de olho em cima.

A viagem tranquila me permitira tirar uma soneca, já não estava preocupada com Helena, como na ida. Ela se prevenira tomando um medicamento contra enjoos, remédio que devia ser também muito bom para fazer dormir, pois nem bem o avião pegara a pista, ela desligara, caindo em sono profundo.

Jorge me chamou e eu despertei em seguida: havia novidade, estávamos descendo, pouso forçado no deserto de Karakum. Anunciavam ventos fortes...: "Um furacão se aproxima...", disse Jorge em sua versão. Olhei pela janelinha mas, além do deserto de areia sem fim, eu não notei nada de anormal: "Não estou vendo nada demais lá embaixo...", disse a Jorge. Tenso, contido até então, ele explodiu: "Não está vendo nada? Ora, essa é boa! Você queria ver o quê?"

Se o piloto se apressa a descer, se ele anuncia ventanias se aproximando, é porque há furacão se aproximando!... Ele não tem nenhuma necessidade de mentir... ou você acha que ele se diverte assustando os passageiros?" Tive vontade de rir, mas não ri. Não ia botar lenha na fogueira, o melhor a fazer era ficar caladinha no meu canto. E, bico calado, engoli gargalhada e otimismo, não reclamei ao ser chamada de irresponsável, fiquei firme até sentir o baque do pouso, um solavanco que fez estremecer tudo e conseguiu até arrancar Helena do sono profundo.

O vento já começara a soprar forte, levantando redemoinhos da areia grossa do deserto, fazia um calor inimaginável quando alcançamos a grande tenda, próxima à pista de emergência onde havíamos baixado. Outras pessoas já se encontravam refugiadas lá dentro, e se acotovelavam para alcançar um lugar junto ao balcão onde serviam bebidas, chá, café, cigarros e sanduíches. Impossível escolher qual o melhor lugar para ficar: se dentro da tenda, verdadeiro forno, abafado, ou fora, onde soprava um vento de fogo, a areia candente a nos fustigar a pele. Vários camelos, indiferentes a tudo, ruminavam lá fora, enquanto seus condutores bebericavam, tranquilos, na segurança do abrigo, à espera da calma, calma que demorou várias horas a chegar e permitir que cada qual tomasse seu rumo.

## **SURPRESA EM MOSCOU**

Pablo Neruda chegara a Moscou e nos fazia a surpresa de vir ao nosso encontro no saguão do Hotel Metropol.

— *Cóntame cuentos, comadre!*

Sempre que nos encontrávamos, eu divertia o compadre com novo repertório de cuentos, e era sempre com um "*cóntame cuentos*" que ele me recebia rindo.

Neruda e Delia — sua mulher — estavam em Moscou havia dias. Sabiam de nossa vinda por Ilya, que nos convidava para jantar em sua casa, naquela mesma noite. Que tal? Pablo exibia seu paletó novo, de xadrezinho, comprado na Suíça.

Jorge fez o compadre dar uns passos a fim de avaliar melhor a elegância, antes de elogiar o garboso saco de tecido inglês. Garboso, lindo, elegantíssimo, teria, no entanto, pouco tempo de vida, como já mencionei em outro capítulo.

Nazim Hikmet também jantaria conosco. O poeta, que após muitos anos de cadeia na Turquia conseguira evadir-se de seu

país, estava vivendo numa dacha nos arredores de Moscou. Pessoa magnífica, a companhia de Nazim era um divertimento.

À noite, no apartamento da rua Gorki, número 8, antes que nos abrissem a porta, ouvimos latidos. Certamente Dentinho, meu ex-pupilo; não o tínhamos visto na ida: estava internado, sendo tratado por um veterinário especialista em animais insubordinados. Luba dizia: "Animais de mau caráter." Vinha de receber alta, dado por recuperado de seu espírito destruidor, liberado para o convívio social. Estreava seu primeiro dia de liberdade, solto pelo apartamento, sem coleira, transitando por onde bem lhe aprouvesse... Ilya não cabia em si de satisfeito ao ver seu cãozinho a saltar, eufórico, pra cima, pra baixo... Jorge o pegara logo no colo, também encantado.

Pois foi nesta noite que, enquanto jantávamos, caladinho o schnawzer fazia seu serviço, roía a barra do paletó de xadrezinho, depositado por seu dono, com carinho, no espaldar de uma cadeira. Ao apanhar o paletó, na despedida, e ao se dar conta do estrago, Pablo ficou sem ação, sem saber se chorava ou ria. Ilya e Nazim se esforçavam para não rir diante da cena e sobretudo da cara de Pablo. Delia se apressou a consolar o marido, sugerindo uma solução: "Vamos dar el sacco a Oro.

"Ouro era o nome pelo qual o casal Neruda chamava uma amiga espanhola, mulher de um renomado escultor, Alberto, refugiado na URSS desde o final da Guerra da Espanha. De Ouro a chamavam pois não havia o que ela não soubesse e, prestativa e dedicada, conseguia resolver todo e qualquer problema que pudesse surgir.

Segundo Delia, Ouro solucionaria também o problema do paletó: – Dará a alguén competente, que cortará un poco...

Pablo não quis ouvir mais nada. Extravasava sua indignação, seu desgosto, sua ira, tudo!...

– *Y yo salgo de bolero?*

Foi a descontração geral. Todos nós que estávamos de risada presa pudemos soltá-la, livremente. O próprio Neruda ria.

Bom *cuento*, dos que tanto divertiam o compadre, só que nesse ele era o herói negativo... O herói positivo? Outro não podia ser senão Dentinho, que mantinha íntegro seu caráter.

## **NOTÍCIA-BOMBA**

A notícia nos alcançou em Moscou. Um general republicano espanhol, refugiado na Tchecoslováquia desde o fim da Guerra da Espanha, conhecido nosso, amigo de Neruda, nos contou, a portas fechadas e à meia-voz, os boatos que corriam em Praga, sussurrados entre os camaradas, sobre prisões de altos dirigentes do PC e de ministros de Estado. Entre os presos encontrava-se nosso amigo Artur London. Notícia dada por pessoa séria e responsável, devia merecer crédito mas, apesar disso, recusamo-nos a acreditar. Devia haver um engano. Pedimos detalhes.

Infelizmente, não havia engano algum e, segundo o general, a prisão de London não era recente, se dera havia três meses, nos últimos dias de fevereiro.

Durante a viagem de volta a Praga, nos torturamos buscando analisar o fato: como podíamos acreditar que nosso amigo Gerard, comunista comprovado, pessoa íntegra, fosse um espião? Impossível! Muito menos podíamos admitir que ele participasse de uma conspiração contra o regime socialista implantado na Tchecoslováquia, que lhe confiara o posto de Vice-ministro do Exterior. Artur London lutara a vida toda pelo socialismo: integrara a Brigada Internacional combatendo na Espanha até o fim da guerra; fora o guerrilheiro Gerard, participando da resistência na França; prisioneiro dos nazistas, deportado para um campo de concentração, ali criou um comitê de resistência... Sabíamos de suas lutas e de seu heroísmo, histórias rememoradas nos serões do zámek. Quem ignorava a saga do casal de revolucionários, Lise e Gerard? Ninguém. Não era possível!

Devia haver um engano, um terrível engano... Batíamos na tecla do engano, de um lamentável erro a ser corrigido, pois se não podíamos admitir a culpabilidade de nosso amigo, muito menos ainda éramos capazes de duvidar da integridade do governo revolucionário tchecoslovaco.

O jeito era seguir as instruções do dirigente do Partido brasileiro – Arruda devia estar farto de saber da prisão de London, ao nos fazer tantas recomendações: sermos prudentes e reservados, ouvir e falar pouco... Devíamos confiar no socialismo e, certamente, logo, logo, teríamos a alegria de ver tudo esclarecido, com autocríticas, reabilitações e, como de costume, tudo bem, no velho estilo.

Assim aconteceu, porém muitos anos depois. Apesar do período de crítica e autocrítica, iniciado após a morte de Stalin, em 1953, e mesmo depois das revelações de Kruchev, no XX Congresso do PC soviético, em 1956, denunciando os crimes do stalinismo, o PC tcheco não se apressou a rever os processos de Praga. Tal revisão deu-se pouco a pouco, lentamente, caso a caso.

Preso e condenado numa atmosfera de suspeitas e de delações, quando o PC tcheco obedecia cegamente às ordens de Moscou, prevaleceram sobre a verdade as acusações de "espionagem em benefício do Ocidente", "desvio burguês", "sabotagem", "titoísmo", "trotskismo", "traição", para citar apenas algumas delas, acrescidas ainda pelo antissemitismo reinante (London era judeu). Um dos 14 acusados principais no célebre processo Slansky, quando 11 deles foram condenados e enforcados, Artur London penou vários anos de prisão. Ao ser libertado, escreveu um livro, A Confissão, onde narra com detalhes todo o processo e fala de seu longo calvário. Esse livro deu lugar a um filme sob o mesmo título, dirigido por Costa-Gavras, no qual Yves Montand e Simone Signoret interpretam os personagens Gerard e Lise.

Nosso otimismo de que tudo se esclareceria rapidamente foi por água abaixo; só não erramos ao acreditar na inocência de nosso amigo, nem fomos derrotados na certeza de que um dia ela seria totalmente reconhecida. Porém somente em 1961, com a conclusão do segundo inquérito - o primeiro, em 1952, os condenara -, as investigações concluíram pela inocência de todos os acusados do processo Slansky, afirmando que "os processos que levaram às condenações repousaram sobre acusações inventadas". A verdade à qual chegaram as novas investigações, no entanto, somente viria a público em 1968, quando da "Primavera de Praga", ao ser anunciada a reabilitação dos condenados: dos vivos e dos mortos.

Dos três vivos e dos 11 enforcados.

### **MENSAGEM A DRDA**

Somente ao chegar a Dobris deveríamos ter, realmente, informações precisas sobre o que estava sucedendo. Não adiantava queimar os miolos antes do tempo. Os Laffitte, certamente, estariam a par de tudo e nos contariam.

O escritor francês Jean Laffitte estava morando com sua mulher, Georgette, no castelo havia poucos meses, desde a instalação definitiva em Praga do Movimento Mundial da Paz, do qual era secretário-geral. Velhos amigos dos London, dos tempos da resistência, vítimas, eles também, dos campos de concentração, deviam estar muito aflitos.

Ao saber que partíamos para o Usbequistão, Georgette se prontificara a dar uma olhada em João durante a nossa ausência, coisa que me tranquilizara bastante.

De natureza alegre e extrovertida, juntas colhíamos cogumelos, com ela aprendi a diferenciar os bons dos venenosos. Juntas saíamos para realizar verdadeira caça aos escargots, em volta das pedreiras, após os temporais. Voltávamos carregadas

de cagouilles, como ela os chamava. Jean fora pasteleiro na juventude e, entendido em forno e fogão, se encarregava de prepará-los na cozinha do zámek, sob o olhar desconfiado de pau chefe, que nunca vira antes se comer tal coisa... Fora Laffitte quem descobrira, nos regatos do castelo, uma verdadeira invasão de écrevisses, o nosso pitu, enormes e carnudos. Depois do jantar, partíamos para o bosque e, metido na água do regato, até os joelhos, lá se ia ele, docemente, as mãos sorrateiras vasculhando por debaixo das pedras, trazendo-as de volta sempre cheias. Jorge, Georgette e eu, munidos de lanternas de pilha, iluminávamos as trevas, proibidos de fazer barulho – nem rir podíamos – para não afugentar os pitus.

Nossa intimidade com os Laffitte nos permitiria, sem dúvida, conversar sobre os London de coração aberto. Mas, ao contrário do que esperávamos, ao nosso regresso, os encontramos fechados, sem a efusão e a espontaneidade habituais. Sérios e reservados: Jean e Georgette deviam estar sofrendo muito.

Estrangeiros como nós, certamente não desejavam se envolver em assuntos internos do Partido tcheco... Confirmaram, porém, a notícia da prisão de London e nos contaram da prisão de outros conhecidos nossos, entre os quais Bedrich Geminder, secretário do Comitê Central, encarregado das relações com os partidos estrangeiros. Nossa amiga Antoinette, sua assessora, coitada, àquelas horas, na melhor das hipóteses, devia estar no olho da rua... Os Laffitte não sabiam do paradeiro da moça. E Lise? Como reagira Lise? Lise acabara de ser despedida da rádio onde era responsável pela emissão em francês e mandada para uma fábrica. E qual a acusação contra Lise, para tomarem tais medidas? Acabrunhados, os Laffitte não quiseram encompridar conversa, preferiram não entrar no mérito da questão.

Tudo indicava que eles também não estavam entendendo nada, mas eram disciplinados e se calavam. É coisa sabida que, dentro da organização dos partidos comunistas, existe um dogma fundamental, chamado disciplina partidária, resultante, segundo

os dirigentes, da consciência política dos militantes. A disciplina partidária impede que os comunistas discutam e desaprovem as resoluções tomadas pelo Partido; menos ainda por um partido estrangeiro!

Os Laffitte obedeciam cegamente a esse dogma, para eles o Partido tinha sempre razão. O mesmo não se dava conosco. Embora eu me mantivesse durante muitos anos ao lado do Partido Comunista, entusiasta e fiel, apoiando-o e defendendo-o sem medir sacrifícios, nunca, no entanto, a ele me filiei oficialmente – não entrei no PC, nem em nenhum outro partido –, guardei sempre minha independência. Quanto a Jorge, membro do Partido, apesar de submeter-se à disciplina partidária, não abria mão de analisar os fatos e de ter sobre eles um julgamento pessoal. O processo Slansky o abalou profundamente. Creio que foi a partir daquele momento que se iniciou a longa crise de consciência cujo desfecho resultou em seu afastamento da militância partidária. "Quero pensar por minha cabeça e não pela cabeça dos outros", repetiu-me ele, várias vezes.

Por mais que me esforçasse por entender, menos entendia; desejava, procurava em vão enxergar a luz, ver claro.

Fomos encontrar os Depestre confusos, vivendo num ambiente de reserva e desconfiança, também eles sem saber o que pensar... As pessoas os evitavam, procuravam não falar com eles, se esquivavam. Ao nos ver de volta respiraram fundo, deram graças a Deus...

No correr dos dias fomos sabendo um pouco aqui, um pouco acolá, ouvindo, de uns e de outros, que Lise fora informada da prisão do marido na própria ocasião, mas recebera lá do "alto" o "conselho" de calar-se e continuar levando a vida de sempre – para não despertar suspeitas: frequentar as reuniões de célula, ir a recepções, aceitar todo e qualquer convite, rir como de costume, sempre de cara alegre. Procurou cumprir a tarefa à risca, na esperança de que tudo se esclarecesse. Não só nada se esclareceu\* como ela foi atingida, igualmente, depois que a

notícia das prisões se espalhou pelos quatro cantos da cidade. Tiraram-lhe, então, o posto na rádio, a casa onde morava, e a mandaram trabalhar de operária numa fábrica, de peças de avião, salário pequeno, trabalho duro, principalmente para uma intelectual que nada entendia de tarefas manuais. Segundo constava, Lise não estava sabendo como sustentar os três filhos, o menor com apenas um ano, e os pais idosos – o velho Ricol era membro do Partido Comunista francês desde os anos 20.

A sós, com Jorge, procurávamos compreender o que havia feito Lise; no nosso entender, não havia explicação nem justificativa: comunista mais Convicta do que ela não podia haver! Intransigente nos seus princípios, cumpridora de seus deveres partidários, de comprovada consciência política, vigilante fiel, colocando o amor ao Partido acima de tudo.. Qual, então, era seu crime? Ser mulher de um suposto "traidor"?

Naquele ambiente de tanta tensão sentia-me fatigadíssima, física e moralmente, sobretudo moralmente. Entrando no oitavo mês de gravidez, devia me cuidar, e a prudência mandava que procurasse o médico. A data marcada para a consulta de praxe ainda estava distante, mas combinei com o médico ir ao seu consultório particular, pagando a visita.

Aproveitei a carona de Drda que ia a Praga naquele dia, levei comigo João e Bietuska. A companhia de meu filho, falante como ele só, misturando o tcheco com o português e o francês, me divertia, me fazia bem. Ele também, coitadinho, andara com saudades dos pais, descontava contando agora suas novidades.

Arrastando o erre, ele explicava o mergulho dos patinhos do lago: "os patinhos *entttrrrram inteirrramente* na água..." Faria um bom passeio de automóvel em companhia da mãe, coisa que adorava.

Na saída, ao passarmos pela portaria, pane Prochaskova veio correndo entregar a Drda a correspondência recém-chegada. Sentado no banco da frente, ele foi abrindo as cartas. Entre o numeroso correio havia um envelope grande do qual retirou uma

folha de jornal, a primeira página do Rude Pravo, órgão oficial do Partido Comunista tchecoslovaco. Ao abrir a página dobrada em quatro, apareceu, estampado em três colunas, um retrato de Stalin e, no centro, bem no nariz, um pelote de cocô, com vestígios em volta, como se alguém tivesse nele se limpado...

Mais que ligeiro, Drda dobrou a folha e a meteu novamente no envelope.

Movimento rápido, mas deu tempo para que eu visse a "mensagem" enviada por um anônimo, revoltado.

Tal coisa me chocou profundamente. Afinal de contas, admiradora de Stalin de toda a vida, jamais me ocorreria a ideia de envolver o nosso "guia genial" nas confusões que se davam na Tchecoslováquia. Nem de longe podia imaginar que ele tivesse a ver, fosse no que fosse, com o processo Slansky e a prisão de London.

## **UMA ESPIÃ NO "ZÁMEK"?**

Voltei da consulta médica cheia de conselhos, mais conselhos do que remédios: devia repousar, fazer caminhadas ao ar livre, evitar aborrecimentos, procurar não me contrariar... Coisa difícil, porém... Quanto ao mais, tudo em ordem, a criança se desenvolvia normalmente e já se encontrava na posição certa.

Como medida de prudência, eu devia me deslocar para Praga um mês antes do parto, ficar próximo ao hospital...

Aproveitei para visitar os Neruda, que haviam chegado e estavam hospedados no Hotel Paris, na praça São Venceslau, no centro. Os cuentos que eu tinha para o compadre desta vez não o fariam rir, talvez chorar.

Nenhuma novidade, no entanto, eu tinha para contar-lhes que eles não soubessem. Havia estado com uns amigos, refugiados espanhóis, e, como nós, não sabiam o que pensar da situação. Subiriam para Dobris no fim da semana, passariam alguns dias

descansando, Pablo pretendia escrever um pouco, já que em Praga não o deixavam em paz, solicitado por amigos e admiradores a toda hora.

A primavera já se despedia e, docemente, o verão tomava seu lugar. O céu andava azul, o sol voltara a brilhar, cada dia um pouquinho mais, esquentando também lentamente.

Eu ganhara nova companhia para meus passeios matinais. Saía com Edith Depestre a caminhar pelo bosque. Edith estava amadurecendo um romance, tinha até capítulos já definidos que me contava durante as caminhadas. Na volta, enquanto eu retornava ao zámek, ela ficava no jardim, tomando banho de sol entre as aleias de arbustos cerrados, na parte alta do relvado.

Um dia, em conversa, uma hóspede do castelo fez críticas a Edith; era evidente o indisfarçável despeito da reclamante, despeito misturado com ciúme.

Revoltava-se contra os banhos de sol da moça e, sobretudo, contra o ousado biquíni francês, que ela usava, bastante reduzido. Segundo a mulher, Edith costumava tirar o sumário biquíni e ficar pelada, alvoroçando tudo quanto era homem, inclusive seu marido. Falou-me de outras "camaradas" que também, como ela, não estavam de acordo com a "afrontosa exibição". "Imagine", reclamava, "os escritores agora, a pretexto de procurar inspiração, de clarear as ideias, deram para andar pelo jardim ao meio-dia..." Os malandros iam, e as esposas sabiam, lançar olhares compridos lá pras bandas dos arbustos cerrados... Achei a história divertida, nem podia deixar de achar; tratei de tomar o partido de Edith, e fui franca: "Afim de contas, não vejo nada de mais alguém querer se bronzear... vocês deviam, creio, se aborrecer com vossos maridos, não com a moça..." Ali estava um cuento bom para divertir o compadre, não fosse o desenrolar dos acontecimentos que iria tirar-lhe a graça e fazê-lo triste.

Um belo dia, Edith recebeu uma intimação para se apresentar à polícia.

Pasmos, sem saber a que atribuir tal convite, sem adivinhar o que se passava, René e Edith tomaram o primeiro ônibus e partiram para Praga. Jorge e eu ficamos aguardando, na maior aflição. Tanta coisa estranha estava acontecendo naqueles últimos tempos... Tudo podia se passar, nada nos surpreenderia. Como de hábito, para tirar maus pensamentos da cabeça, suavizar o clima, dei um palpite idiota: "Seria por causa dos banhos de sol? Alguém teria ido se queixar à polícia?" Hipótese tão ingênua fez Jorge rir. Inda bem.

Voltaram os dois no fim da tarde e já não eram os mesmos, não conseguiam ocultar o desânimo e a inquietação. Apenas Edith pudera entrar na polícia, René ficara esperando na rua. O interrogatório fora longo: quiseram saber se ela já havia estado antes na Tchecoslováquia e quais as suas verdadeiras origens...

Perguntaram-lhe por pessoas que ela não conhecia... "C'est fou!", repetiam os dois.

Comunista convicto, René não tinha naquele momento a quem apelar, pois as pessoas que ele conhecia no Partido tcheco estavam sumidas ou na cadeia, ninguém sabia deles.

A notícia se espalhou imediatamente e no zámek não havia outro assunto que não fosse esse. A animosidade contra a moça era geral. Ouvimos alguém garantir que ela era tcheca, conhecia perfeitamente a língua e fingia nada entender; outros garantiam tê-la visto na Tchecoslováquia em anos passados... Havia até quem jurasse tratar-se de uma espiã que se valera de René Depestre, casando-se com ele na França com o único objetivo de poder entrar na Tchecoslováquia.

Quanto a René, não passava de uma vítima daquela Mata-Hari... Drda mantinha-se silencioso, mesmo tendo a certeza de que todo aquele falatório não passava de repercussão da onda de histeria que dominava o país, causando as maiores injustiças... Sentia-se responsável pelo alojamento do casal no castelo, devia estar temeroso. Mesmo nosso amigo Kuchválek, frequentador assíduo dos

fins de semana, andava meio arredio, encabulava quando lhe fazíamos perguntas sobre assuntos cabulosos, como esse do interrogatório de Edith, por exemplo... Quanto a London, nem falar! Seu nome virará tabu.

Ainda uma vez a polícia convocara Edith: queriam que ela confessasse ser judia tcheca. Judia sim, afirmava ela, porém romena. Jamais poderia confessar o que eles desejavam, pois não era verdade.

No ambiente carregado do zámek, as pessoas desviavam caminho para não cumprimentá-los, com medo de comprometer-se, um medo que podia tocar-se com a mão... Não havendo mais condições de lá permanecerem, os Depestre partiram de volta a Praga para grande desgosto nosso.

## **CASAMENTO COM PRÊMIO**

Bastante encabulada, sem saber por onde começar, Bietuska vinha nos dizer que ia casar-se em meados de julho, daí a poucos dias. Por esta eu não esperava! Não me faltava mais nada, ficar sem a sua ajuda, novamente sozinha, exatamente na ocasião em que mais precisava dela, no momento em que devia deslocar-me para Praga a fim de aguardar a hora do parto. Nós sabíamos de seu noivado, da paixão desvairada do noivo a lhe telefonar de longe, onde vivia, várias vezes por semana, a gastar um dinheirão em conversas intermináveis, em chamadas de longa distância. Não sabíamos, no entanto, que, por causa de João, a moça adiara o casamento por duas vezes. O noivo, um operário qualificado, ganhando o bastante para casar, perdera a paciência e dera-lhe um ultimato: ou casa ou acabamos de vez, rompemos o noivado! Não aceitava mais desculpas, ele não tinha nada a ver com as viagens dos patrões nem com a gravidez da patroa, patrões dela, não dele. Acuada, Bietuska decidiu-se, mas, antes de nos falar, teve o cuidado de arranjar alguém para

substituí-la, e ninguém melhor do que Marenka, sua irmã, a quem conhecíamos e estimávamos. Ajudante de pan chefe, estava disposta a mudar de emprego. Marenka não possuía as mesmas qualidades, a delicadeza da irmã, nem tanta vivacidade para entender as coisas, mas assim mesmo estaríamos bem servidos, nos conformamos com a solução.

Jorge assinou, na qualidade de empregador, vários papéis para que Bietuska recebesse a ajuda do Estado a que tinha direito ao casar-se. A ajuda consistia em um enxoval - roupas de cama e mesa -, um vestido de noiva, um jantar para 12 pessoas na festa do casamento e, ainda, uma dúzia de retratos dos noivos. O rapaz também seria beneficiado, recebendo móveis, panelas, louça, talheres etc. Fiquei entusiasmada com essa novidade, boa medida do regime socialista a premiar os jovens que decidissem se casar.

## AMADO OU GATTAI?

Meu passaporte estava para expirar e eu achei bom renová-lo de vez, antes de meu parto, assim ficaria descansada. Coisa rápida, não haveria, certamente, nenhuma dificuldade. O Itamarati estava de marcação com Jorge e não comigo: para eles eu nem existia.

Jorge me acompanhou a Praga mas não iria comigo à Legação do Brasil.

Iria com Kuchválek, enquanto me esperava, ao hotel onde os Neruda estavam hospedados. Pablo demorara em Dobris apenas uma semana e não conseguira escrever um verso sequer. Desgostara-se demais com o clima pesado que encontrara por lá. "Mil vezes trabalhar em Praga, mesmo assediado por uns e por outros, do que ficar num ambiente de desconfiança e de medo...", dissera. Delia e ele não suportavam ver a maneira hostil com que os Depestre eram tratados. Sem pouso certo, sem perspectivas de voltar para o Chile, os Neruda viviam feito judeus errantes, de um lado para outro. Na Tchecoslováquia eram hóspedes do Ministério da Cultura. Lá ficariam até princípios de agosto, quando então iriam para a Alemanha; estavam convidados a participar, dentro do quadro das personalidades de renome mundial, do Festival da Juventude, em Berlim, cuja abertura se daria nessa ocasião.

A lista de coisas a fazer em Praga era grande; comprar frutas para João, na Darex – nos restavam ainda uns quantos cupons -, comprar um presente de casamento para Bietuska; procurar os Depestre e providenciar um lugar para ficar durante o mês que antecederesse ao parto. Estávamos em dúvida se aceitávamos ou não a oferta do apartamento dos Civrny, que ficaria vazio enquanto eles estivessem de férias. Aliás, todo

mundo passaria o mês de agosto fora da cidade, gozando as férias de verão.

Na Legação do Brasil, atendida por um contínuo que foi me anunciar, aguardei um longo tempo na sala de espera, antes de ser atendida. O Embaixador Fraga de Castro não se encontrava no momento. Por fim, mandaram que eu entrasse na sala já minha conhecida, apenas na parede já não estava o retrato do General Dutra, fora substituído pelo novo Presidente da República, Getúlio Vargas, reconduzido desta vez ao poder pelo voto dos eleitores, em outubro de 1950.

Sentado atrás de sua mesa, o secretário, que ia me atender, escrevia e continuou escrevendo mesmo depois que me aproximei. Levantou os olhos: nem bom-dia, nem boa-tarde, nem sente-se: — O que a senhora deseja?

— Renovar meu passaporte.

— Pode me dar?

Sempre de pé, entreguei-lhe o passaporte. Sempre sentado, ele estendeu a mão para recebê-lo. Abriu-o, folheou-o página por página, deteve-se por alguns momentos na primeira folha: — Zélia Amado ou Zélia Gattai? A senhora se anunciou como esposa de Jorge Amado mas aqui consta Zélia Gattai, desquitada...

Eu não havia me anunciado como esposa de Jorge Amado, fora o contínuo, que me conhecia, quem o informara. Ele também estava farto de me conhecer, eu estivera, havia alguns meses, com Jorge lá, nos encontráramos algumas vezes no hall do Hotel Alcron. Eu o fitei, séria: — Eu sou mulher de Jorge Amado. Se isso não consta no passaporte é porque não existe divórcio no Brasil... — Não consegui dizer mais nada.

Ele fechou passaporte e cara, disse que não poderia renová-lo antes de consultar, de pedir instruções, que eu deixasse meu documento lá e voltasse dentro de 15 dias para uma resposta.

— Eu não posso deixar meu passaporte nem voltar daqui a 15 dias -disse -, nessa ocasião devo estar na maternidade, dando à luz. — Eu não estava mentindo: embora ainda faltasse um mês, no

estado de indignação em que me encontrava, podia ter a criança a qualquer momento, ali mesmo, naquela hora...

Nem com aquela barriga toda à sua frente eu o comovi. Estendeu-me o passaporte de volta e, sem dizer até logo, passe bem, voltou aos seus papéis.

Virei-lhe as costas e antes de sair parei um momento para guardar o documento na bolsa. A porta abriu-se e por ela entrou o Embaixador Fraga de Castro. Ao ver-me, abriu os braços: — Que surpresa, dona Zélia! A que devo a honra de sua visita? Como vai nosso mestre? Para quando, o bebê?...

O secretário levantou a cabeça de seus papéis, respondeu por mim: — Dona Zélia deseja renovar o passaporte mas não quer deixá-lo...

— Deixar o passaporte para quê? — admirou-se. — Não há necessidade, vamos tratar disso imediatamente.

Fraga de Castro não pudera atender a Jorge e, certamente, sentia-se agora satisfeito, muito satisfeito, de poder se reabilitar de uma mesquinaria da qual, em realidade, não lhe cabia nenhuma culpa. Voltou-se para o secretário, único funcionário que havia no momento: — Por favor, Coelho, providencie os formulários para serem preenchidos e peça ao contínuo que nos sirva um cafezinho, lá dentro.

Deu-me o braço.

— Vamos, dona Zélia?

## **ENCONTRO INESPERADO**

Demorara mais do que esperava na Legação, mas estava feliz da vida com meu passaporte novo, estava feliz, sobretudo, com a lição que aquele homem tão mesquinho recebera. Mesquinho, odioso, a querer me humilhar, a querer dificultar minha vida...

Lá ia eu, distraída, a caminho do hotel, ao encontro de Jorge, quando, de repente, me deparei com Lise London. Abracei-

a comovida. Mesmo marcado pela tristeza e pelo sofrimento, o rosto de Lise continuava lindo, seus olhos grandes, negros, falavam mais que seus lábios. Perguntei-lhe pelas crianças e pelos velhos, por Antoinette, sabia que eram muito amigas. Os velhos iam mais ou menos, melhor dito, iam mal, e Antoinette começara a trabalhar com ela, na mesma fábrica.

Apressei-me a convidá-la a passar o domingo conosco em Dobris, esperava que não tivesse outro compromisso.. Lise sorriu, sorriso bastante significativo, qual o compromisso que poderia ter? Todo mundo a abandonara.. Mas ela ainda conservara uns poucos amigos fiéis: além de Antoinette, Liane Dan, pianista, mulher de um dirigente do Partido vietnamita, também nossa amiga, que vivia em Praga. Lise combinaria com Liane para irem de automóvel... Boa ideia, seria ótimo!

Ela levaria as crianças e Liane, sua filhinha Praga, nome dado em homenagem à cidade onde nascera. Ficou, pois, tudo acertado. Se Liane não pudesse, ela iria de ônibus.

Na praça São Venceslau, ainda distante do hotel, avistei Jorge e Kuchválek.

Preocupado com a minha demora, Jorge resolvera ir ao meu encontro. Tinha boa notícia. Ao saber que eu devia ficar em Praga, Neruda oferecera-nos o apartamento que ocupavam no hotel, pois ele e Delia embarcariam para a Alemanha dentro de dois ou três dias, quando poderíamos nos instalar. Ao resolver nosso problema, Pablo resolveria também o seu: deixaria no quarto todos os seus pertences, levando apenas duas malas. Após o Festival eles voltariam para Praga. Para nós seria uma grande vantagem, pois não pagaríamos nada – o apartamento estava por conta do Ministério da Cultura – e ficaríamos bem no centro da cidade, perto do hospital.

## **OPERAÇÃO MELANCIA**

Os dois compadres vinham muito entusiasmados, haviam topado com um posto improvisado de venda de melancias, a poucos passos dali, numa transversal da praça. Atraídos pela imensa fila que se estendia, interminável, foram ver do que se tratava e se depararam com montes de melancias, importadas da Itália, vendidas sem racionamento, inteiras ou a retalho. A fruta, vermelha e suculenta, deixara os dois com água na boca. No calor sufocante que fazia em Praga uma boa fatia de melancia, bem geladinha, até que cairia bem! Kuchválek sabia das coisas e foi logo adiantando que para mulheres grávidas e mulheres com criança no colo não havia fila. Era só chegar e ir comprando, tinham prioridade.

Partimos, sem perda de tempo, para a operação melancia, eu compraria a maior que houvesse e iríamos partilhá-la com os Neruda. A fila continuava imensa, mas havia outra, bem menor, a fila das grávidas. Certo de que eu seria atendida de cara, ao ver a segunda fila Jorge ficou sem graça, mas não perdeu o espírito, partiu para a brincadeira: "Que horror! Nunca vi tanta mulher grávida em minha vida!...

Parece até que não fazem outra coisa!..." Macaco de auditório de Jorge, achando graça de tudo quanto ele dizia, Kuchválek quase morreu de rir. A melancia que comprei era gigantesca. Impossível carregá-la. No meu estado, não tinha condições de carregar nem mesmo um melão, quanto mais...

Foi preciso dividi-la em dois, Jorge e Kuchválek levaram cada um sua metade. Inda bem que ela era grande. No apartamento de Pablo havia muita gente: José Venturelli, pintor chileno, e sua mulher Delia, ela também, como eu, no nono mês de gravidez. Vinham para o Festival da Juventude, e Delia preferira acompanhar o marido e dar à luz por lá mesmo a ficar em Praga sozinha. Além dos Venturelli, batiam papo com Pablo o general republicano, Cordon, e sua filha, exilados na Tchecoslováquia.

Recebida com grande entusiasmo, a melancia, mesmo sem ser gelada, foi devorada com prazer, rapidamente. Delia Venturelli

não perdeu tempo e, acompanhada do marido, se tocou para a fila das grávidas em busca de outra.

## **TEMPO DO MEDO E DA SOLIDÃO**

Os Neruda não puderam ir a Dobris no domingo, por mais que quisessem estar com Lise, pois embarcaram naquele mesmo dia para a Alemanha. Jorge ficara satisfeito ao saber que eu convidara Lise com os filhos; já que não podíamos fazer nada por eles, ao menos um pouco de solidariedade e de carinho significaria alguma coisa naquela hora amarga de abandono.

Os Laffitte mostraram-se preocupados ao saber de meu convite. Voltaram a falar da nossa posição de comunistas estrangeiros, da necessidade de não nos envolvermos em assuntos internos do Partido tchecoslovaco. De qualquer maneira eles não estariam lá no domingo, Jean havia marcado uma pescaria com uns amigos, sairiam antes do raiar da aurora. Ao tomarem conhecimento da vinda da família London ao castelo, alguns companheiros tchecos ficaram calados, não se aventuraram a dar opinião; outros não esconderam sua desaprovação. Emi Siao, poeta chinês, representante da China Popular no Conselho Mundial da Paz, e sua mulher Eva, alemã, fotógrafa, me felicitaram. Eu fizera bem de ter convidado Lise, eles teriam muito prazer de cumprimentá-la.

Realmente, Emi e Eva estiveram conosco o dia todo, fazendo sala a Lise.

Leon e Vítia, os filhos mais velhos dos Siao, juntaram-se a João, nas correrias e nos folguedos com Françoise e o pequeno Gerard London, enquanto Michel, o menorzinho, brincou com Pupsik, o caçula dos Siao, sob os cuidados de Pacha, dedicada empregada russa que havia anos os acompanhava. Assim, não estivemos sós, Jorge e eu, naquele domingo, como chegamos a temer que acontecesse. Era o tempo do medo e da solidão.

## UM SUSTO SEM TAMANHO

Vieram me avisar que o carro chegara quando eu estava fechando a mala; podiam vir buscá-la. Devíamos partir, sem perda de tempo, pois estava ultrapassado de muito o prazo dado pelo médico para a minha instalação em Praga.

O casamento de Bietuska atrapalhara nossa vida, tudo saíra dos eixos. Não podíamos largar João com Marenka em Dobris antes que os dois se adaptassem um ao outro. Com isso, arriscava-me, podia ter meu filho a qualquer momento, ali mesmo no zámek. Por pouco isso não aconteceu com um susto que João nos pregou. Marenka estreara mal em sua condição de anjo da guarda. Logo no segundo dia de trabalho, pela manhã, saiu ela, João pela mão, a passeio, enquanto fiquei arrumando as últimas coisas, antes do parto. Estava eu tranqüila, na minha, quando de repente a porta se abriu e Marenka surgiu, olhos esgazeados, em busca do menino. Mas ele não estava comigo, nem aparecera por ali. A moça chorava ao contar que João sumira de sua vista, fazia um tempão, e ela já o procurara por toda parte, sem encontrá-lo... As crianças brincavam de trenzinho dando voltas pelo jardim mas retornavam sempre ao ponto de partida. Numa das viagens, o trem voltou, porém cadê João? O passageiro sumira, não se encontrava mais na fila e nenhum dos demais da patota sabia explicar para onde ele fora. A resposta era uma só: "né vime!" não sei! Marenka continuava chorando,, sem ação, e eu, alarmada, coração aos saltos, subi à procura de Jorge que estava escrevendo no salão. Talvez João estivesse com o pai... Mas, qual! Nem sombra dele... Preocupado com o sumiço do filho, Jorge suspendeu o trabalho imediatamente e saímos a procurá-lo.

Em pouco tempo a notícia se espalhou. Avisado, Drda parou de escrever e assumiu o comando das buscas. Convocou, a toque de gongo – gongo utilizado para anunciar almoço e jantar –, escritores e empregados do zámek, organizou-os em grupos, e as

brigadas saíram em sua missão, por parques, bosques e florestas...

Coração apertado, feito louca, me despenquei para as margens do lago, lá embaixo.

Sabia do encanto de meu filho pelos patinhos a comer migalhas em suas mãozinhas, e que o surpreendiam com seus mergulhos: "Eles entttarrram inteirrrramentè na água...", gostava ele de contar, arrastando um erre de gringo. João saíra, me lembrava bem, com seu chapeuzinho tirolês, verde» uma pena vermelha de lado. Na maior das agonias eu vasculhava, com os olhos, a superfície das águas, temendo divisar de repente o chapeuzinho boiando. Ao longe, os apelos das brigadas, pela floresta, ecoavam em meus ouvidos, em doloroso e prolongado "Joaaaaoooo...", ainda mais dramático ao ser pronunciado sem o til. Eu ouvia, sobretudo, como se fosse um pesadelo, os gritos de angústia do pai buscando o filho.

A batida pelos lagos, jardins, bosques e florestas durou quase uma hora, um tempo infinito para Jorge e para mim. Foi Frantisek, o garçom, quem o descobriu, por acaso, atrás da porta da adega, nas profundas de um porão escuro. O que estaria ele fazendo ali? Por que se escondera? Estou certa de que foi a maneira que encontrou, consciente ou inconscientemente, de protestar contra a partida de sua amiga Bietuska. Ao saber que a moça ia embora e não voltava mais, nem quis despedir-se dela, virou-lhe as costas... Chorou depois, escondido. Podia também querer punir Marenka, que tomara o lugar de sua Bietu... Quem sabe? Tudo é possível!...

Ao descobrir o menino ali de pé, caladinho, Frantisek teve a reação que qualquer cidadão tcheco teria ao repreender uma criança faltosa: dedo em riste, balançou-o diante do nariz do fujão, sapecando-lhe um vigoroso "ti-ti-ti..." Para João, criança brasileira, o "terrível" pito não causou o menor efeito. Rosto angelical, voz cândida, inocente como ele só, como se nada tivesse feito de errado, olhou o garçom e pediu: "Por favor, me

traga um copo d'água..." Apesar de toda aquela rebordosa, nada me aconteceu: a criança continuou ali, firme, a mexer de fazer gosto, e eu não dei à luz nas rampas do jardim, como temi. Tive apenas uma crise de choro ao ver meu filho são e salvo. Quanto a Jorge, desabafou repetindo a frase tão minha conhecida: "Este teu filho!..." Dessa experiência esperávamos ao menos uma compensação: que, daí por diante, Marenka redobrasse os seus cuidados. Eu me despedi de João convencida de que por falta de vigilância nada ia acontecer-lhe. Minhas amigas, Eva, Georgette, Pacha, Milena, Gilberte, Olga, Helena e tantas outras, não descuidariam, estariam de prontidão, vigilantes! Pobre Marenka, com tantos olhos em cima a fiscalizá-la!...

## **A VOLTA DO CAPA-PRETA**

Nem bem chegáramos ao hotel, em Praga, o telefone chamou. Era Arruda, vinha de Moscou, encontrava-se embaixo, na portaria, queria falar com Jorge.

O capa-preta trazia tarefa urgente. Estivera com Lygia, irmã de Prestes, companheira e guardiã de todas as horas de Anita Leocádia, filha do dirigente. O Partido decidira que Anita participaria do Festival da Juventude em Berlim. Seria uma homenagem que ela prestaria à memória da mãe, Olga Benário, como se sabe, alemã. Havia apenas um problema: precisavam de uma pessoa que ficasse responsável pela menina durante o tempo que durasse o festival. O problema não era difícil de ser resolvido, nem precisaram quebrar a cabeça. Quem mais podia ser senão Jorge Amado? Arruda chegara já com diretivas: Jorge devia viajar para Berlim, sem perda de tempo, a fim de tomar providências relativas ao conforto e à segurança de Anita. Era uma ordem, e "ordens do Partido não se discutem".

Fiquei só ouvindo. Por que Jorge e não outro? Tanta gente poderia se ocupar dela... por que exatamente ele? E eu, no meu

estado, ali para ter criança a qualquer momento, não merecia consideração? Jorge partia e eu ficava sozinha?

Em qualquer outra circunstância, talvez eu até não me importasse, ficasse satisfeita.

Sentia por Anita um grande carinho, acompanhara, na ocasião, todo o drama de Olga Benário, presa e expulsa do Brasil para a Alemanha de Hitler, em adiantado estado de gravidez... Depois soubera do nascimento da criança, no campo de concentração... Em seguida, seguira os passos de dona Leocádia Prestes, pelo mundo afora, até conseguir recuperar a neta... Anita e Lygia haviam passado pela Tchecoslováquia, no inverno, a caminho de Moscou, onde a jovem iria estudar.

Ficaram uns dias em Praga, passaram um dia conosco em Dobris. Voltamos a encontrá-las em Moscou, e o rosto tristonho de Anita, seus olhos claros, recordava-me sempre o retrato de Olga Benário pintado por Cândido Portinari.

"Ordens não se discutem", mas Jorge resolveu discutir. Ele não estava disposto a me deixar sozinha: - Zélia está para ter menino de um momento para outro...

Arruda não deixou que ele continuasse: - E é você, por acaso, quem vai fazer o parto? - riu da própria graça, antes de voltar a falar sério. - Zélia é suficientemente capaz de procurar o hospital quando chegar a hora. - Voltava-se para mim: - Você está entendendo o problema...

Sinceramente, eu estava entendendo o que ele desejava, mas não estava aceitando. Não reclamei, apenas disse: - Vocês é que sabem...

- Isso! Assim é que eu gosto! Consciência política! Não fosse você filha do Gattai!

Arruda esperava me comover, falando em meu pai, mas se enganava. A referência intencional, em lugar de me comover, me irritou.

Jorge ainda discutiu, não ficaria tranquilo me deixando só, principalmente naquele mês de agosto, quando todo mundo saía de

férias; não havia em Praga um amigo sequer a quem recorrer. De nada, no entanto, valeram as considerações de Jorge. Arruda enterrava o assunto com uma frase taxativa, a chamada tapa-boca: ' - Precisamos ter espírito partidário, meu velho!

## **LARGADA NA CAMA**

Largada na cama, no quarto deserto, eu evocava lembranças, remoía pensamentos, curtia saudades... Agosto era o mês dos aniversários: começava com o de Jorge, no dia 10; logo em seguida, a 12, o de Luiz Carlos, e por último o de mamãe, a 14. Não ia tardar viria juntar-se aos meus três leões mais um leãozinho.

Havia nove anos, naquela mesma época, eu provara o prazer da espera de meu primeiro filho. Era inverno no Brasil e, em São Paulo, fazia muito frio... Agora eu teria meu terceiro filho, era verão na Europa e, em Praga, fazia um calor insuportável. Queria muito ter uma menina. Ai, quem me dera! Jorge ia ficar feliz!

Até o nome já fora escolhido: Paloma. Apostara com o pessoal do zámek que ia ser menina... Apostara garrafas de vinho e de licor, caixas de chocolates... Falara com João por telefone e ele quis saber se a irmãzinha Paloma já havia nascido. Chegara telegrama de Jorge dando seu endereço em Berlim, pedindo notícias minhas.

Respondera em seguida, resposta talvez um pouco seca... Dissera apenas que ele não se preocupasse comigo, pois tudo ia muito bem... Eu não devia ter feito isso...

Dizer que tudo ia muito bem... O muito não passava de má-criação, zanga. Por que aborrecê-lo? Ele não fora por gosto... A abertura do Festival se dera na véspera, mas eu não conhecia detalhes, não tinha com quem conversar, nem sabia ler tcheco.

Mandara, na véspera, uma longa carta a dona Angelina, minha mãe, esperava que chegasse a tempo para seu aniversário. A última vez que recebera carta dela fora em julho, chegara no dia exato de meu aniversário. As cartas de mamãe eram raras e eu as adorava. Custava-lhe trabalho escrever, tomava-lhe tempo. Ela, coitada, não conseguira esconder sua preocupação com a filha, às vésperas de ter criança em país estranho, distante. Embora não fosse fácil, eu conseguia decifrar, já tinha prática, seu confuso português misturado com o italiano, a caligrafia irregular, e me deliciava com seu estilo descontraído e com a variedade de assuntos. Em suas cartas jamais faltavam comentários políticos, sua cachaça. Nesta última carta, ela tratava da sucessão presidencial, fato ocorrido havia meses: "Estamos aqui de novo com o Getúlio empoleirado no governo. O Dutra, grazie a dio, já deu o fora e já foi tarde. O povo, iludido, acreditou no Getúlio e votou nele. Todo mundo está achando que ele agora criou juízo, que vai ser um bom presidente, que vamos ter democracia, que isto, que mais aquilo... Ci credi?"

*Neanch' io!* Eu acho que quem foi ditador durante tantos anos, perseguindo, prendendo e matando gente, não pode deixar de ser uma bela bisca. Tenho ou não tenho razão? Por falar em Getúlio, me diga uma coisa: esse jornalista, Samuel Wainer, não é, por acaso, amigo do Jorge? A Vera garante que é. Será que o Jorge já sabe que ele virou getulista? Getulista e comme! Escreveu cada artigo a favor do Getúlio que só vendo! O pessoal aqui de casa se influiu mas eu não. *Consessanta invernate* nas costas..." Mamãe vivera e sofrerá tanto que, ao beirar os sessenta anos, já se considerava uma velha coroca."Eu ainda carrego *sulla schiena*, minha filha, o peso da ditadura. Se não fosse o *maledetto* Estado Novo, teu pai podia ainda estar vivo aqui com a gente... Enfim, vamos ver que bicho vai dar. Por enquanto ainda não estão perseguindo nem prendendo ninguém, tudo ainda são rose e viole.

Tomara mesmo que eu esteja errada, que o homem não vá mais perseguir ninguém e assim vocês podem voltar." Terminado o assunto político, ela pulava para notícias amenas, de nascimentos, aniversários, não esquecia os necrológicos. Narrava-me fatos pitorescos e divertidos, sabia que eles me fariam rir; dava-me conselhos, "cuide bem do rapaz..." Ao referir-se a Jorge, não sei por quê, ela o tratava sempre de rapaz. Assim eram as cartas de dona Angelina, e todas elas finalizavam com um P.S. "Não vá mostrar minha carta a ele, viu? O que é que ele vai pensar? Uma carta tão mal escrita, cheia de erros." O ele em questão, quem mais poderia ser senão o rapaz! Jorge, por quem ela sentia enorme respeito, admiração e estima.

Impecável, Vera era quem mais me escrevia, porém suas cartas eram curtas.

Ela se preocupava, sobretudo, em dar notícias de meu filho: "Você nem queira saber como Luiz Carlos está sabido... Inteligente como ele só, grande, forte..." A caminho do correio, quando ia despachar a carta de mamãe, encontrara, por acaso, Edith Depestre. Achei-a abatidíssima e triste. René viajara para Berlim, representante do Haiti no Festival da Juventude. Ela não pudera ir, nem pensar, sempre às voltas com interrogatórios. Fora ouvida novamente ao regressar de Dobris e vinha de receber nova intimação; estava, naquele momento, a caminho da polícia. A pobre já não conseguia aguentar aquela loucura toda. Mal alojada, sem poder procurar os amigos a fim de não comprometê-los, sozinha... Como se isso não bastasse, nem bem René partira, cortaram-lhe os principais cupons de racionamento: os de carne e manteiga, por exemplo. Ela só esperava a volta do marido para resolver de vez a situação insuportável em que se via envolvida. Tudo que Edith desejava era ir embora, para bem longe... Impotente, sem poder fazer algo por ela, sentia-me deprimida, completamente desmoralizada...

Largada na cama, remoía revolta e dúvidas.

## **PALOMA**

Na portaria do hotel entregaram-me uma fatura: conta das diárias de uma semana. Fiquei sem entender. Que novidade era aquela? Então eles não sabiam, não haviam sido avisados de que eu estava lá no quarto dos Neruda?! Além do mais eu me encontrava no hotel havia quatro dias apenas, e não uma semana.

Explicaram-me, então, que as diárias corriam por nossa conta a partir do dia em que o casal Neruda deixara o hotel. Não quis discutir, não ia adiantar nada, e nem dinheiro tinha para saldar a dívida. Quando Jorge voltasse, após o encerramento do Festival, acertaria tudo. Mas Jorge não precisou esperar que o Festival terminasse para voltar. Ao saber que a viagem de Anita havia gorado, que ela não iria mais a Berlim, tratou de regressar, embora os amigos já tivessem armado um grande jantar para festejar seu aniversário.

Jorge chegou de surpresa, dando-me a maior das alegrias. Quanto à conta do hotel, não teve outro jeito senão meter a mão no bolso e pagar. Discussão com a direção do hotel, com o Ministério da Cultura ou com quem quer que fosse ficaria por conta de Pablo, era assunto dele. Assunto em verdade do Ministério, que disse a Pablo que hospedava o casal Neruda e não o casal Amado. Ainda bem que nós nem sequer discutimos.

Com Jorge a meu lado tudo ia ser mais fácil, suportaria melhor a espera da hora tão ansiada. Estávamos mortos de saudades de João, e Jorge foi buscá-lo em Dobris; juntos, os três, comemoramos a 10 de agosto o aniversário de Jorge.

Somente a 18, à tardinha, começaram os primeiros sinais do parto, e com Jorge e João, que estava conosco, fui para o Hospital Londinska, na rua que levava o mesmo nome. Enquanto Jorge pagava o táxi, João partiu, rápido, hospital adentro. Fomos encontrá-lo na recepção, cercado da atendente e de duas enfermeiras que buscavam compreender o que o menino, vivo e agitado, lhes dizia.

Excitado como criança que entra em loja para comprar um brinquedo, ele pedia uma irmãzinha: 'Por favor, nós viemos buscar Paloma, minha irmã...' Por acaso, pendurado na parede da saleta, estava o cartaz de Picasso, a Paloma de la Paz.

Apontando o desenho, ele explicava: "Paloma é aquela!..." Minhas contrações de parto aumentavam, eu tinha urgência, mas só fui atendida depois que expliquei às três mulheres o motivo da agitação do menino.

Ali mesmo me despedi de Jorge e de João. O hospital não admitia acompanhantes. Do pequeno elevador que me transportava para o andar superior e subia lentamente, acenei-lhes ainda um adeus, os olhos já transbordando, sem poder conter as lágrimas.

Em matéria de parto, tudo para mim foi novidade: meteram-me numa banheira de água quente e lá me deixaram relaxando durante quase uma hora.

Depois levaram-me diretamente para a mesa de parto, embora ainda não estivesse na hora da criança nascer. Uma enfermeira e um médico permaneceram a meu lado, o tempo todo, dando-me coragem e confiança, até que, às duas da madrugada, dei à luz Paloma. Ao aparar a criança, o médico exclamou: "holka!", menina! Meu coração quase explodiu de felicidade. Se fosse menino, certamente também ficaria muito feliz, mas desejávamos tanto uma menina...

Os dez dias que passei no Londinska, refazendo-me — dez dias é o tempo exigido para todas as parturientes, mesmo de parto normal, como foi o meu caso —, teriam sido de total tranquilidade, não fosse...

### **"LATINSKY TEMPERAMENT! "**

Vira rapidamente minha filha ao nascer e só tornei a vê-la pela manhã, quando a levaram ao meu quarto para mamar. Enfaixada dia cabeça aos pés, apenas o rostinho à mostra, dura

como um salame, Paloma foi colocada a meu lado. Eu queria tanto ver minha filha todinha, seu corpo, suas mãozinhas... Pedi à enfermeira que a desenfaixasse, mas recebi um né, não, definitivo, tão seco que me desencorajou e não insisti. Habituará-me, nos dois partos anteriores, a examinar meus filhos para certificar-me de que tudo estava em ordem; com Paloma não poderia fazer o mesmo, enrolada daquele jeito.

Enquanto amamentava a menina, fui apalpando-a docemente, verificando, pelo tato, mesmo por cima daquela faixa toda, verdadeira couraça, se tudo estava perfeito. Ao chegar nas perninhas, ai meu Deus!, levei um choque, meu coração quase parou! Pareceu-me que um dos pezinhos da criança encontrava-se dobrado, grudado à canela. Na maior das aflições, chamei a enfermeira, perguntei-lhe se minha filha era aleijada. Ela respondeu que a menina era perfeita. "Então, me mostre!", desafiei. Tendo mais o que fazer, ela deu as costas e foi embora levando a criança. Caí num pranto convulso. Se fosse apenas cisma minha, por que então ela não me tranquilizara? E, nesse estado de desolação, Jorge me encontrou na primeira visita que me fazia. Preocupado, ele foi até o berçário mas não conseguiu saber nada do que nos interessava.

Esperamos, impacientes, que trouxessem a criança para a mamada seguinte.

Apenas a enfermeira saiu, deixando-nos sós, não perdemos tempo, tratando de despir nossa filha, tarefa difícil libertá-la das faixas, infindáveis, que a aprisionavam.

Deu trabalho mas conseguimos! Que maravilha! Eu me enganara! Lá estava ela, soltinha, inteirinha... os pezinhos em seus devidos lugares, cinco dedos em cada pé e cinco em cada mão... tudo conferido, tudo a contento! Encantadíssimo, contemplando embevecido a filha, Jorge não cabia em si de felicidade: "Veja só como a corninha está satisfeita!..." Nem pensamos em aprisioná-la novamente, tantos metros de faixa era mão de obra demais para nossas inabilidades... A satisfação que

sentíamos era tão grande que pouco nos importou o carão que a enfermeira nos passou ao deparar-se com a criança nua. Horrorizada, escandalizada com o atrevimento dos dois malucos, coisa igual jamais vira, jamais sucedera por aquelas bandas tal absurdo... a enfermeira deblaterava. Nem ligamos e até achamos graça no arremate da explosão, dito com ênfase: "Latinsky temperament!" Jorge conseguira, a duras penas, autorização para me visitar todos os dias, e chegava trazendo João de contrabando e um ramo de flores.

Terminado o Festival de Berlim, os Neruda voltaram a Praga, com eles Nicolás Guillén e outros intelectuais latino-americanos, de passagem pela Tchecoslováquia. Todos queriam me visitar. E qual era o problema? Visitas absolutamente proibidas? Para Jorge a proibição não seria empecilho; burlando regulamento e vigilância do hospital, conseguiu introduzir em meu quarto a numerosa companhia. Todos falavam, todos riam e, atraídas pelas estridentes gargalhadas, as enfermeiras só faltaram desfalecer ao encontrar o quarto da parturiente entupido de homens e mulheres a fumar e a conversar na maior animação. Mas regulamento é regulamento, e, sem levar em conta a importância de cada uma daquelas personalidades que, com suas presenças, só podiam prestigiar e honrar o estabelecimento hospitalar, expulsaram a todos, todos no olho da rua, sem dó nem piedade, levando de quebra, pelas ventas e pelas costas, a retumbante frase: "*Latinsky temperament!...*"

## **RESGUARDO COM REFLEXÕES**

Na hora de pagar a conta, não havia conta a pagar. Tudo de graça: hospital, atendimento médico, remédios, enfim, todas as despesas hospitalares por conta da assistência social do Estado. Jorge ainda insistiu: e as taxas? "Taxas?", riu a atendente. "Que taxas?" Interessada em tirar as coisas a limpo,

em todas as ocasiões, perguntei-lhe se não seria porventura um privilégio, uma exceção que faziam para um escritor famoso, hóspede ilustre...

Ainda uma vez a moça que nos atendia riu: "Nada disso! Essa é uma regra geral. Apenas, por serem estrangeiros, os senhores, simplesmente, não terão os benefícios, as vantagens de que gozam os cidadãos tchecos." Explicou-nos, então, que cada criança tcheca que nasce ganha do Estado um enxoval e um carrinho para passear, e, além disso, os pais passam a receber uma ajuda mensal, uma pensão para as despesas da criança...

Nem tanto pelo dinheiro que íamos economizar quanto pela constatação na própria carne, como se costuma dizer, de um aspecto da realidade socialista que efetivamente beneficiava o povo, fiquei contentíssima. Aliás, eu já me entusiasmara bastante, quando do casamento de Bietuska, ao saber que tanto ela quanto o noivo receberiam do Estado um prêmio substancial que os ajudaria bastante no início da vida de casados. Após esta nova experiência, eu voltava para Dobris em melhores condições de ânimo do que quando partira.

No pátio do castelo o pessoal do zámek cercou o automóvel. Os que haviam apostado que eu teria um menino lá estavam com garrafas de vinho e caixas de chocolates para pagar a aposta, os outros me ofereciam flores. Pacha se adiantou, tomou Paloma de meus braços e, em troca, recebeu um violento pontapé na canela, desfechado por João, a defender o que ele julgava sua propriedade: "Ela é minha!" Não demorou muito, bateu em nosso quarto uma senhora, enfermeira do posto de saúde de Dobris. O posto fora notificado, pela maternidade Londinska, do nascimento da criança que iria morar no zámek. Ela trazia, inclusive, a ficha da recém-nascida para terminar de preenchê-la, e desejava marcar comigo a hora em que viria dar banho na criança. Estaria lá, diariamente, no horário que eu determinasse, durante o tempo que durasse o meu resguardo. Diante de minha estupefação, "não precisa se incomodar, eu

mesma dou o banho... tenho prática, este é meu terceiro filho...", ela resolveu me dar uma aula: "A parturiente deve descansar quarenta dias após o parto, a fim de evitar complicações futuras... Estou apenas cumprindo uma obrigação." Essa história de quarenta dias de resguardo pareceu-me coisa dos tempos de minha avó, coisa ultrapassada! Eu mesma nunca tivera tal regalia... Lembrava que com 15 dias de meu primeiro parto fora para o tanque lavar fraldas... João nascera em plena agitação política, e as perseguições e as ameaças contra Jorge não me permitiram ter um minuto sequer de descanso... Mas, já que ela insistia, até achei bom, me senti confortada. Durante um mês inteiro, essa mesma senhora apareceu na hora certa, vestiu seu avental branco e deu o banho em Paloma, sem cobrar absolutamente nada.

Meses depois, pane Prochaska também deu à luz, e a mesma enfermeira que atendera a filha do famoso escritor voltou ao zámek para atender o filho do porteiro, que já recebera seu carrinho e também o enxoval. Os outros filhos do casal se beneficiavam do ensino gratuito, frequentavam a escola maternal e o primário.

Estas constatações levavam-me a refletir, a pensar, obrigavam-me a fazer comparações, a raciocinar sobre os contrastes do regime: coisas tão boas ao lado de outras péssimas dominavam a vida quotidiana. Os acontecimentos políticos -perseguições, desconfianças, medo, falta de liberdade, prisões e os processos, condenações à morte - que estávamos testemunhando deixavam-me confusa e insegura. Ao mesmo tempo em que as conquistas de ordem social entusiasmavam-me, reforçando minha confiança no socialismo, eu não podia deixar de raciocinar, pois queria compreender o que estava acontecendo. Eu chegara a ter medo de falar, de dizer o que pensava... só não deixara de pensar... Quem é que podia mandar nos meus pensamentos? Claro que ninguém. Perguntava-me a cada momento: para se chegar ao socialismo é necessário sofrer desse

jeito? Passar por tantas restrições, perder a personalidade, pensar pela cabeça dos outros, abdicar da liberdade, amargar tanto? Essas ideias tomavam conta de mim, sobretudo, ao pensar em Lise, despejada de sua casa com três filhos menores e os pais idosos, expulsa de seu trabalho na rádio para trabalhar de operária numa fábrica onde nem sequer poderia ser útil, não sendo esse seu ofício... Tudo isso acrescido pela amargura de ver seu marido, seu amor, o companheiro de toda a vida e de tantas lutas, encarcerado, acusado de traidor... Contra Artur London havia denúncias – verdadeiras ou falsas, ninguém sabia, somente muito mais tarde seria proclamada a sua inocência –, mas contra Lise não havia absolutamente nada! Contra ela nenhuma denúncia, nada! Sobre ela somente elogios à pessoa íntegra que era, à militante devotada... E então? Por que tanta injustiça, tanta crueldade com a moça? Contra Edith Depestre também não havia provas de que fosse uma espiã, apenas suspeitas resultantes de falatórios... Apenas infâmia. Bastavam-me esses dois exemplos – pequenos, comparados aos das vítimas processadas, condenadas, enforcadas... –, para mim suficientes para me obrigar a meditar e tirar conclusões. No meu entender, esses desmandos, esses crimes nada tinham a ver com o regime socialista. O socialismo que eu aprendera a respeitar, desde criança, com meu pai, era outro, muito outro, completamente diferente... Meu pai me ensinara que sem liberdade o homem não pode viver. Não havia dúvida, os princípios do socialismo significavam um avanço da sociedade. Os homens que o aplicavam é que, muitas vezes, não estavam à altura. Coisa tão simples de analisar, tão fácil! Não era preciso possuir conhecimentos teóricos do marxismo, bastava ter cabeça para pensar, olhos para ver e coração para sentir para se chegar à conclusão de que a ambição pessoal, a sede do poder, era responsável por tudo de ruim que acontecia. A ambição do poder transforma, corrompe o indivíduo. Há homens que para chegar ao poder fazem qualquer negócio... No poder, passam a ver inimigos em seu redor, querendo tomar-lhes a

frente, querendo fazer-lhes sombra, querendo tirar-lhes as vantagens...

Para não perder o mando, recorrem ao dogmatismo, valem-se de todo e qualquer processo para liquidar o concorrente: tornam-se inflexíveis, não admitem queixas, muito menos críticas, tolhem as liberdades, utilizam as polícias e os tribunais, forjam crimes para liquidar os que os incomodam.

Homens assim, tão monstruosos, existem em todos os governos do mundo. Antes, eu não podia sequer admitir que pudessem existir num país socialista. Ser perseguido, preso, desterrado, torturado e morto por uma ditadura qualquer, a mim não surpreendia, mas ser perseguido, preso, desterrado, torturado e morto pelo regime pelo qual lutamos, pelo qual dedicamos nossa vida, inadmissível!

Não havia dúvida, não era o socialismo que não prestava, eram, isso sim, os governantes enlouquecidos pela ambição... esses é que deviam ser combatidos, desmascarados... Ao raciocinar assim, eu me sentia, senão de todo satisfeita, pelo menos mais tranquila, capaz de reafirmar meus ideais socialistas e ir em frente, sem, no entanto, abrir mão do direito à liberdade, de lutar por ela, pois começava a entender que qualquer regime, seja ele qual for, sem liberdade não passa de uma ditadura.

## O CIUMENTO

Amigos de todas as partes do mundo, que haviam participado do Festival em Berlim, paravam em Praga e não deixavam de ir até Dobris; entre tantos, apareceram lá o romancista hindu Mulk Raj Anand, o poeta Raul González Tunón, o escritor Alfredo Varela, Leonor Aguiar, jovem advogada argentina, poetisa, além da romancista Anna Seghers, vinda para férias a convite da União de Escritores. Os Neruda e Guillén se hospedaram no castelo para longa temporada. Os Venturelli, trazendo a

filhinha Paz, nascida na Alemanha, também ali se instalaram por algum tempo. Consegui um carrinho emprestado, com os Prochaska, para Delia levar a filha a passeio pelo parque.

A menina era linda, enorme, muito maior do que Paloma, e, para desespero de João, possuía vasta cabeleira, sobrancelhas cerradas e bracinhos peludos. João não se conformava ao ver, durante nossas andanças, todo mundo parar e ficar admirado com a menina, tão novinha e já tão cabeluda... Para sua irmã careca e pelada, nem uma única palavra... terrível humilhação! Um dia, não se contendo, virou-se para Delia e disse: "Eu não gosto do Paz, tenho raiva do Paz..." Surpresa, entre o sério e o divertido, Delia quis saber a razão de todo aquele desafeto: 'Por quê, João? Que mal te fez Paz? Ela não te fez nada...' Resposta na ponta da língua, João explicou: "Eu não gosto dele porque ele tem cabelo e minha irmã não tem!..." Tratava-a como se Paz fosse menino, e não adiantou querer convencê-lo de que era menina, não mudou o tratamento. Seria vingança, por causa dos cabelos? A verdade é que João estava enciumadíssimo e nós tratamos de elogiar Paloma ao máximo para acalmá-lo, e, por via das dúvidas, o vigiávamos sempre que se aproximava do carrinho de Paz, pois o ciúme é sempre mau conselheiro, não é verdade?

## **FÉRIAS DE ANNA SEGHERS EM DOBRIS**

A vinda de Anna Seghers para as férias no *zámek* foi uma festa para mim.

Pessoa da melhor qualidade, amiga encantadora, sensível, nos dávamos às maravilhas. Podia passar horas a fio a seu lado, ouvindo-a sem me cansar. Anna inventara chamar seus três grandes amigos, Jorge, Pablo e Ilya, de "meus três ursos", e ao lado deles os assuntos eram inesgotáveis. Em Dobris estaria faltando Ilya para completar o trio. Ainda assim, ela se sentia

feliz de passar vários dias em companhia de, ao menos, dois de seus ursos.

Anna se divertira ao saber dos ciúmes de João provocados pelos caracóis da pequena Venturelli; achara graça mas, ao mesmo tempo, sentira pena do menino, "*pauvre petit...*" O jeito era ajudá-lo a superar a humilhação que sentia, e não perdeu tempo: na primeira oportunidade, em sua presença, desmanchou-se em elogios a Paloma, "irmãzinha tão linda, nunca ninguém teve... olhos tão belos..." João ouvindo e inchando de vaidade e satisfação... Tornaram-se íntimos. Sentavam-se os dois a conversar, horas esquecidas, nos bancos do jardim, conversas de igual para igual, assim como as crianças gostam, ela encantada com o progresso do menino que conhecera com poucos meses de idade, em Paris, agora tão crescido, tão cheio de esperteza, falante como ele só... Siderado com as histórias fantásticas que a amiga lhe contava, tramas inventadas no momento – não fosse Anna a grande escritora que era –, de tão encantado, até esqueceu os bastos cabelos de Paz. Anna falava francês com João, levando-o assim a praticar a primeira língua que aprendera. O francês de Anna, no entanto, sofria às vezes intromissões de palavras e até mesmo de frases em espanhol – idioma que falara no México, nos anos do nazismo, quando estivera lá, exilada –, dando motivo para que o camaradinho a criticasse, irreverente: "...você está falando tudo errado... Fale direito, Anna!" Ela ouvia as reclamações, encantada! Se Anna Seghers fora para o Castelo dos Escritores com a intenção de escrever, mudara, certamente, os planos, pois passou o tempo todo em grandes bate-papos com seus "dois ursos", comigo e com João.

Os dias passaram rápido e ela teve que voltar para sua casa, na Alemanha; nem pôde esperar pelo batizado de Paloma, partiu antes, deixando-nos cheios de saudades.

## BATIZADO COM FESTA DE ARROMBA

Quando João Jorge completara um ano, em Paris, Guillén tomara a frente de Pablo, declarando-se padrinho do menino — afinal de contas, fora ele a primeira visita que João recebera ao nascer, na maternidade, no Rio de Janeiro.

Pablo não se dera por vencido, não perdera tempo, e, na hora, elegera-se a madrinha. Desta vez, Neruda antecipara-se a Nicolás: "Eu vou ser padrinho de Paloma..." O outro nem se abalou. "...Que coincidência! Eu também vou ser padrinho de Paloma..." Ehremburg, que por acaso estava presente — viera despedir-se, viajava para Moscou —, divertia-se assistindo ao duelo dos dois poetas, na disputa da padrinhagem da criança, e resolveu entrar no páreo: "Então ela vai ter três padrinhos... comigo serão três... e vamos fazer uma grande festa!

Aguardem a minha volta." Por isso, o batizado só foi realizado dois meses mais tarde, em outubro, quando Ilya retornou para uma reunião do Bureau do Conselho da Paz. O padrinho russo trouxera de Moscou caviar e vodka. Laffitte entrara com o champanha, pan Hruby mandara cenouras e nabos que, servidos cortados em tiras, como de hábito nos serões do zámek, iriam nos regalar, ao lado dos canapês de caviar, dos sanduíches e dos bolos preparados por pan chefe.

Pablo se esmerara num desenho para oferecer à afilhada: um pássaro estranho cujos olhos se pareciam aos seus, desenhado com a caneta de tinta verde — caneta com que escrevia seus versos; completava-o uma carinhosa dedicatória, à sobrinha e afilhada. Guillén trabalhava, na surdina, num poema para Paloma, queria fazer surpresa, declamando-o na hora do batizado.

O grande salão do zámek encontrava-se repleto de amigos, escritores tchecos com suas famílias e escritores de outras nacionalidades, de passagem por Praga, participantes da Reunião do Conselho. Paz Venturelli seria batizada na mesma ocasião e

também ela possuía vários padrinhos. Aos três de Paloma, já acertados, acrescentaram-se outros: Drda, Laffitte, Fadeiev, Korneichuk, Nazim Hikmet. Anna Seghers, antes de partir, nomeara Jofika Pele, esposa do pintor Antonin Pele, amiga comum, nossa e de Anna, sua representante: madrinha por procuração.

Sempre à frente dos eventos, comandando o batalhão, Drda organizou a fila dos padrinhos e das madrinhas, em semicírculo que tomava grande parte do salão. Jorge e eu numa extremidade com Paloma, os Venturelli com Paz na outra.

As crianças deviam ser passadas de braço em braço, de ponta a ponta.

Nicolás se enganara ao pensar ser o único a ter a ideia de escrever um poema para o ato. Outros também a haviam tido, e, apenas a festa começara, adiantou-se para o meio do salão o poeta Fallas, da América Central, um dos padrinhos de Paz, e, à guisa de mestre de cerimônias, recitou: Hoy bautizamos dos ninas médio en serio y médio en broma una es emblema de Paz y otra es la misma Paloma.

Ainda outro poeta, cujo nome não recordo, adiantou-se: Paloma, paloma, palomita, arrullo, esperanza, encanto; más hermosa y más bonita que la dei Espiritu Santo.

Ilya Ehremburg escreveu na hora, em russo. A tradução é mais ou menos esta: Chez Jorge e Zélia, festa de arromba, nasceu Paloma, Paloma em russo quer dizer pomba e, chez Jorge e Zélia, continua a festa, nela presente um urso russo seu tio e padrinho um tal de Ilya.

Nazim Hikmet, o padrinho turco, também fez questão de escrever umas palavras: "Quando Paloma tiver 20 anos eu terei 70 e, juntos, cantaremos a canção da juventude." Alexandre Fadeiev rabiscou, no momento, apenas uma frase: "Querida Paloma, vá para o Brasil e viva feliz em sua casa." Em russo, ele rimara Paloma com doma (em casa).

Enquanto versos e frases eram lidos, sempre sob a batuta de Drda, as crianças iam sendo passadas de braço em braço. Paciente, Guillén aguardava sua vez e, quando a afilhada chegou-lhe às mãos, deu um passo à frente e declamou:

*Paloma, la Reina Maga, de un reino de paz es duena a vivir en paz ensena La Brasilena de Praga.*

*La paz con ella se haga, pues con paz ei mundo suena; traga paz la brasilena, La Brasilena de Praga!*

A festa prosseguiu noite adentro e, entre brindes de champanha, quem era de poesia escreveu versos, quem era de prosa rabiscou frases, quem era de desenhar desenhou e quem pintava pintou para as meninas. O piano foi aberto, e quem era de tocar tocou, quem era de cantar cantou. Quem era de dançar dançou ao som de músicas brasileiras, dos discos trazidos do Brasil por João Saldanha, nosso doutor em futebol, de passagem por Praga. Festa de arromba, como desejara Ilya, a do batizado de nossa filha Paloma, batizado sem padre nem orações religiosas. O batizado religioso – se viesse a acontecer um dia – ficaria por conta exclusiva de Paloma. Ela permaneceria pagã ou elegeria, por sua livre e espontânea vontade, a religião que lhe tocasse o íntimo, lhe falasse ao coração; sem imposições, com toda a liberdade, democraticamente, assim como Jorge e eu, coerentes com nossos princípios, achamos que deve ser. Aliás, assim aconteceu em 1987, enquanto Paloma converteu-se ao catolicismo e se batizou. De nossa parte, naquela noite de trégua, saudamos com os amigos a alegria da chegada de nossa filha, realizando um alegre batizado de paz e de amizade.

## **O CONVITE DE MEUS SONHOS**

Jorge veio direto do telefone. Notícia boa deve ser dada na hora, ainda quente. Emi Siao telefonara-lhe de Praga para

anunciar que havia chegado, por seu intermédio, um convite para nós dois, da União de Escritores Chineses, visitarmos a China.

Jorge sabia do meu encanto pela China, de meu enorme desejo de conhecê-la. Durante toda a vida, desde criança, eu tivera curiosidade por esse país tão imenso e tão distante, tão cheio de magias e de belezas, sem nunca ter imaginado vê-lo de perto, assim como jamais me passaria pela mente ir à Lua, Marte ou Vênus. Para mim a China era inatingível, nada além de sonho. Após a vitória da Revolução Socialista em 1949, no entanto, passei a alimentar a esperança de uma possibilidade.

Desconcertado, ao ver que eu não saltava nem ria diante do "convite de meus sonhos" - era assim que eu costumava me referir ao hipotético convite -, Jorge quis saber: - Que é isso? Você ficou triste?

Amamentando uma criança de poucos meses, eu não podia nem sequer sonhar com viagens, muito menos com uma longa viagem à China, país tão distante... Voz embargada, só consegui dizer: - Você vai, eu fico...

- Chore não - disse Jorge, segurando-me o queixo. - Eu sei, você está pensando nas crianças... Emi não me falou em data marcada, certamente podemos ir mais tarde, no ano que vem... quando pudermos... Sem você eu não vou... E agora um sorriso.

Vamos! Acabou a tristeza!

Mestre em me consolar e convencer, Jorge conseguiu desanuviar minha cabeça e, em três tempos, passei a fazer planos para a viagem à China quando chegasse o dia.

## **PRÊMIO STALIN DA PAZ**

Assistíamos, ainda uma vez, à chegada do inverno. O velho Suhy também chegara de volta, com seu indefectível traje negro, contrastando com a neve, como sempre em busca do calorzinho permanente de seu quarto habitual no castelo.

A neve caíra cedo naquele inverno, cobrindo os caminhos do jardim e do parque, alta de mais de um palmo. Eu já não podia sair empurrando o carrinho de Paloma, as rodas afundavam-se. Levava-a a passear pelo parque carregando-a nos braços, pesada como ela só. Era agradável encontrar novamente meu amigo Suhy a caminhar em passos lentos, apoiado em sua bengala, trocar com ele um dedinho de prosa. Escudeira de João, Marenka arrastava o trenó até o topo da rampa gelada para as descidas sem fim. Algumas vezes, pela manhã, Jorge nos acompanhava e nos revezávamos, levando a menina ou pilotando o "trenó Mocó" em vertiginosas largadas, montanha abaixo.

Certa manhã, ao voltar do passeio costumeiro, já nas proximidades do castelo, encontrei-me com Marvan, que me cumprimentou todo cheio de medidas e de salamaleques. Achei graça de tanta efusão. Por que diabo aquele homem me saudava daquele jeito, tirando o chapéu em gesto tão largo, quase escandaloso?

Estranhara o rapapé, verdadeira bajulação, do administrador do zámek, embora comigo ele sempre fosse amável. De Marvan eu guardava apenas um senão: havia meses eu lhe pedira que mandasse consertar nossa cama que, meio desconjuntada, rangia à noite ao menor movimento, perturbando nosso sono. Sempre sorridente, Marvan prometia tomar providências, mas não tomara nenhuma, até então. As opiniões sobre o gerente do castelo variavam. Uns o achavam boa pessoa, outros não. Diziam-no falso e interesseiro. Acusavam-no de ter sido o autor do "casamento" de David - cão de sua propriedade - com a mimosa Kafi: possuindo chaves de todos os quartos, teria trancado juntos o boxer, enorme, com a cocker spaniel, durante a ausência da proprietária da cadelinha, que fora a Praga contratar casamento para ela. Divertira-se contando aos escritores, com requintes de detalhes, haver surpreendido pane Marie, a lavadeira, na cama do velho Suhy, os dois nuinhos, em ardente colóquio amoroso. Mais tarde, interpelada por Marvan, com quem tinha

muita confiança, demoravam-se em conversas de deboche, a velha confidenciara-lhe, estalando a língua e revirando os olhos: "Otokar é um amante francês!" Verdadeira ou não, a história dos dois velhinhos pareceu-nos linda.

Cuento esse que enterneceu o compadre Neruda.

Rindo de orelha a orelha, enquanto fazia bilu-bilu a Paloma e sacudia o grande molho de chaves para fazê-la rir – gesto também inabitual em Marvan –, ele me disse um monte de frases, das quais deduzi que nesse mesmo dia ele próprio iria consertar nossa cama.

No trajeto, até chegar ao castelo, as pessoas que ia encontrando me sorriam, sorrisos abertos... me acenavam com entusiasmo... O que era aquilo? Algo de anormal se passava.

Um telegrama de Ehreburg, enviado de Moscou, anunciava a Jorge que lhe fora concedido o Prêmio Internacional Stalin da Paz. A notícia se espalhou, rápida.

Nessa noite dormi em cama silenciosa, pois dormia com o "Prêmio Stalin".

## **RESOLUÇÃO DIFÍCIL**

Ainda um Natal de solidão, logo romperia o Ano-novo. Jorge devia ir a Moscou receber o prêmio concedido havia mais de um mês – já não podia adiar –, de lá iríamos à China. Nicolás Guillén e Rosa, sua mulher, também convidados pelos chineses, deviam chegar a Praga naquele mês de janeiro de 1952, viajaríamos juntos. E as crianças? Interrogação sem resposta. O problema redobrou: Marenka, que estava noiva havia alguns meses, ia casar-se em breve; já não podíamos contar com ela para cuidar de João.

Comentávamos a situação que nos afligia, numa roda de amigos, quando Wally Cyvrna nos deu a solução: nos afligiámos por ignorar que existiam na Tchecoslováquia instituições

destinadas a cuidar de crianças. Ela própria ia se encarregar e providenciar tudo. Mulher do Vice-ministro da Cultura, sabia das coisas, conhecia creches, dispondo da melhor assistência, destinadas a bebês cujas mães estivessem impossibilitadas, por esta ou aquela razão, de guardá-las consigo.

Wally nos acompanharia a Praga, nos levaria a uma dessas creches para que vissemos o quanto eram eficientes. Para João, havia uma casa fora da cidade onde viviam crianças órfãs, sobretudo de pais mortos na guerra. Meu coração se apertou só em pensar que meu filho ficaria num orfanato. Desde a infância, a lembrança de orfanatos trazia-me imagens tenebrosas... Recordavam-me meninas vestidas de preto com avental xadrez preto e branco, em fila, nas portas do cemitério da Consolação e do Araçá, em São Paulo, nos dias de finados, uma sacola preta na mão a pedir em coro, quase num gemido: "Esmola para as órfãs, esmola para as órfãs..." Wally achou graça ao ver-me reagir demonstrando horror: "...pelo amor de Deus, Wally, em orfanato não!..." Explicou logo que não se tratava de um orfanato e sim de um lar para crianças que não tinham família... a palavra orfanato era proibida lá dentro...

Dias depois, o Tatra do Ministério veio nos buscar, Wally e Kuchválek nos acompanharam.

A creche que nos mostravam era um primor de limpeza e de organização.

As crianças tinham aspecto sadio; cuidadas por enfermeiras e por pajens que as levavam a passear, algumas horas por dia, pelos jardins que circundavam o imóvel, tratadas com carinho. No ambulatório havia sempre um médico de plantão.

Tivemos uma entrevista com a diretora, fizemos-lhe mil perguntas, e ela nos garantiu: "A criança aqui não corre riscos." Tinha razão Wally quando dizia ser preferível deixar Paloma numa creche do que nas mãos de uma pessoa leiga.

Jorge e eu saímos de lá muito bem impressionados, mas eu continuava amargurada só em pensar que ia ficar longe de meus

filhos. Não bastavam as saudades que eu sentia de Luiz Carlos?

No campo, junto a um bosque, encontrava-se "O Lar das Crianças", instalado num pequeno castelo, adaptado para a petizada com corrimões baixos, privadas e lavatórios, mesas e cadeiras, tudo de acordo com suas pequenas estaturas. Vestidos com roupas normais – nada de uniformes –, meninos e meninas brincavam alegremente. Viviam uma vida familiar, a comida era caseira; fazendo as vezes de avós, velhas senhoras contavam-lhes histórias, tocavam piano, ensinavam-lhes canções, desenhavam com eles, faziam ginástica, jogavam os mais diversos jogos e saíam em bando a passeio pelo bosque. Não tivemos dúvidas de que João iria gostar do ambiente. Wally comprometeu-se a estar sempre em contato com a creche e Kuchválek a visitar João uma vez por semana. Teríamos notícias dos dois, onde quer que estivéssemos.

Tudo estava a nosso gosto, muito melhor do que imagináramos, mas eu continuava angustiada. Notando minha tristeza, Jorge propôs-me desistir da viagem, embora ponderasse que a ocasião de conhecermos a China fosse única. Ele me deixava à vontade, eu devia pensar bem antes de decidir, mas, se resolvesse ir, devia pôr o coração à larga para que a viagem fosse alegre, sem prantos nem suspiros. "Eu seria o primeiro", disse, "a desistir da viagem, não estivesse convencido de que as crianças ficarão em boas mãos; e, além do mais, um mês passa ligeiro, os meninos nem vão sentir nossa falta.." Não foi preciso dizer mais nada, o argumento me convenceu, eu não perderia a oportunidade de conhecer a China.

## **UM BASTA AO EXÍLIO**

A oportunidade de ir à China era realmente única, pois havíamos decidido regressar ao Brasil; fosse como fosse, não

passaríamos o próximo inverno na Europa. Os anos de exílio começavam a nos pesar.

Ao deixarmos o Rio, em princípios de 1948, Jorge recebera da direção do Partido a missão específica de denunciar, na Europa, o retrocesso político que vinha se processando no Brasil, onde as liberdades democráticas conquistadas em 1945, ao fim da guerra, em consequência da derrota do nazismo, estavam sendo objeto de rápida e violenta ofensiva de parte do governo Dutra, governo reacionário, cuja política externa servia aos interesses norte-americanos, ou seja, à guerra fria. Jorge não pensara demorar-se mais de um ano no estrangeiro. Nos primeiros meses, na França e na Itália, ele não parou, deu entrevistas, escreveu artigos para revistas e jornais, fez conferências, participou de debates sobre a situação do Brasil, de atos de solidariedade. De solidariedade sobretudo a Luís Carlos Prestes que, eleito pelo voto do povo carioca, fora expulso do Senado ao mesmo tempo em que seus companheiros de chapa o foram da Câmara. Prestes voltara a viver clandestinamente, na ilegalidade. Jorge cumpria da melhor maneira a tarefa que recebera, e essa tarefa não significava para ele obrigação ou sacrifício, realizava-a com entusiasmo. Recordo-me de um desses atos de solidariedade, organizado por Jorge em Paris; Carlos Scliar, ele também militante comunista, colaborara pintando um enorme retrato de Prestes, no pano de fundo do palco. No teatro lotado, entre outras personalidades, falaram Paul Eluard e Renaud de Juvenel.

Em meados de 1948, integrando uma comissão de 25 escritores, cientistas e artistas, entre os quais Irene Joliot-Curie, Sir Julian Huxley, Louis Aragon, Pablo Picasso, Paul Eluard, Ilya Ehreburg, Alexandre Fadeiev, Renato Guttuso e Elio Venturini, Jorge assinou com Pablo Neruda — únicos nomes da América Latina — a convocação de um Congresso de Intelectuais pela Paz, que veio a realizar-se em agosto daquele mesmo ano, em Wroclav, na Polônia. Tomada de posição pública de

intelectuais famosos contra a guerra fria e, sobretudo, contra a ameaça atômica.

Desse Congresso nasceu o Movimento Mundial da Paz, ao qual Jorge se incorporou, tendo sido eleito membro do Bureau do Conselho Mundial da Paz. O Conselho instituiu um Prêmio Mundial da Paz para com ele distinguir anualmente personalidades cuja obra ou cuja atuação servisse à causa da paz. Entre os premiados recordo os nomes de Charles Chaplin, Pablo Picasso, Lázaro Cárdenas, Presidente do México, Paul Robson, Nazim Hikmet, Halddor Laxness e Josué de Castro.

Não pretendo, nem caberia, fazer aqui um balanço completo da atuação de Jorge nos anos de vida na Europa. Quero apenas testemunhar que ele se bateu pelas causas da paz e da liberdade e o fez de coração aberto, com empenho e determinação, sacrificando, inclusive, sua carreira de escritor para cumprir tarefas políticas.

Para o Partido Comunista Brasileiro a presença de Jorge na Europa era importante e, talvez por isso, os anos se passavam sem que a direção cogitasse de fazê-lo voltar. Mas, naquele inverno, ainda em janeiro de 1952, Jorge decidira que devíamos regressar de qualquer forma: já nos demoráramos demasiado tempo fora do Brasil. Eu também não desejava outra coisa senão voltar. Resolvemos não esperar sequer o julgamento do processo montado contra Jorge, que rolava na polícia, desde a publicação de O Mundo da Paz, livro de reportagens sobre a União Soviética e os países de Democracia Popular, escrito em 1949. O livro refletia em suas páginas a solidariedade e a confiança que Jorge e eu depositávamos no socialismo e na política de paz da URSS. Refletia igualmente o sectarismo que nos dominava, a nós dois e a todos os intelectuais de esquerda.

Jorge não esperou tampouco o acordo do Partido; em vez de solicitar consentimento para voltar, comunicou a Arruda, que passara por Praga poucos dias antes de nossa partida para a União Soviética e a China, a nossa decisão irrevogável.

Sua folha de serviços prestados era impecável. Trabalhara muito e bem, mas não estava mais disposto a continuar no estrangeiro.

Arruda representava Prestes, mandava na direção do Partido, tinha poderes para fazer e desfazer. Ao contrário do que supúnhamos, ele não tentou dissuadir-nos, concordou conosco: Prêmio Stalin, escritor de prestígio internacional, Jorge seria ainda mais útil no Brasil.

Jorge mandou uma procuração ao jurista João Mangabeira, nosso amigo, e ao advogado Alfredo Tranjan, para defendê-lo no processo relativo a O Mundo da Paz. Esse processo, diga-se de passagem, seria arquivado, um ano após nosso regresso ao Brasil, com um primor de sentença ditada pelo juiz, um sábio!:"Não se trata de um livro subversivo e, sim, de um livro sectário."

## **A QUEM O PRÊMIO?**

Arruda estava extremamente satisfeito com o Prêmio Stalin: "Uma glória para todos nós e uma ajuda inestimável para o Partido", declarara com ênfase.

Aconteceu, exatamente, o que prevíamos: os 25.000 dólares do prêmio iriam para o Partido. Não estranhámos, nem tampouco nos aborrecemos. Conhecíamos os apertos da organização que sustentava um número grande de camaradas na ilegalidade, companheiros que viviam em condições as mais precárias; tudo custava dinheiro, dinheiro que era arrecadado entre contribuintes, tostão por tostão.

Estávamos acostumados.

Quem não gostou, ao saber em Moscou que o dinheiro do prêmio iria para o Partido, foi Ehremburg, e se aborreceu. Ilya não tinha meias medidas nem papas na língua, dizia logo o que pensava. O prêmio havia sido dado a Jorge por seus merecimentos

– mais do que ninguém ele sabia o quanto Jorge o merecera, inclusive fizera parte do júri -, e não ao Partido brasileiro. Dinheiro que chegava na hora exata, quando Jorge voltava para o Brasil, tendo que enfrentar mil problemas e dificuldades... Ehreburg dispunha-se mesmo a levar o fato à discussão dos altos escalões. Só não levou a termo sua intenção, impedido por Jorge: "Deixa disso, Ilya, o dinheiro está em boas mãos..."

### **NÃO DEU OUTRA**

Só pensei na cara do Coronel João Amado, pai de Jorge, fazendeiro de cacau mas simpatizante da esquerda, quando visse o filho chegar com a família aumentada, uma mão na frente, outra atrás, para acampar em seu apartamento em Copacabana, pois nem casa possuía para morar. Nosso sítio, no Estado do Rio, fora entregue, depois da atropelada partida para a Europa, a um corretor de imóveis que o loteou e vendeu os terrenos por qualquer preço e a prestações baixas – dois deles, inclusive, foram dados de presente por seu João a um amigo pobre.

Não sobrou nem dinheiro nem casa.

Lembrei-me do espanto do Coronel, em 1946, ao saber que, dos 15.000 cruzeiros – a quanto montavam os subsídios de um deputado federal, na época -Jorge iria receber apenas dez por cento, indo os restantes 13.500 diretamente para as mãos do tesoureiro do Partido. O velho não se conformara, explodira: – Essa agora é boa! Ficarem com o ordenado! Quem se mete cm política entra nos partidos para ganhar dinheiro, fazer negociatas, sempre foi assim. O besta do Jorge escolheu um partido pobre, que vive ameaçado, perseguido, e que, em vez de dar dinheiro, toma... Esse partido é um caso sério!... – A explosão do Coronel, no entanto, fora rápida, durara pouco, não queria desgostar o filho, criticando o Partido, tratou de voltar atrás: – Afinal de contas, este é um partido sério, direito...

— Sorrira, na voz uma ponta de orgulho. — Enquanto eu viver, meu filho não vai morrer de fome.

E quem disse que Jorge chegaria de mãos abanando? Ele traria na bagagem um belo diploma e uma medalha de ouro com a efígie de Stalin.

Arruda acertara deduzir do dinheiro do prêmio o necessário para pagar nossas passagens de Praga a Gênova e uma cabine de segunda classe, de navio, para o Rio de Janeiro.

Que diria o Coronel ao tomar conhecimento do rumo dado ao dinheiro do prêmio? Não ia deixar a coisa passar em brancas nuvens, isso não! Teria outra explosão ou, pelo menos, faria umas piadas, talvez até arriscasse leves ironias mas, como de hábito, voltaria atrás, a alegria de ver o filho em casa, a felicidade de nos ter como hóspedes, era o que importava. Lulu ia se regalar com o filho ao lado e, em seguida, me entregaria a direção da casa. Parecia-me ouvi-la: "Toma, Zélia, a casa é tua, você vai cuidar dela... eu já labutei demais, aquele diabo de palacete acabou comigo..." Ela sempre se referia a um palacete construído em Ilhéus, pelo marido, na época da alta do cacau, casa enorme que lhe dera muito trabalho. Prognóstico acertado, foi o que aconteceu.

## **DESPEDIDA**

Aeroporto fechado, sem teto para o avião decolar, passamos dois dias em Praga, antes da viagem. Órfãos dos filhos, tristes, perambulamos pelas ruas da cidade que tanto amávamos: nunca nos cansávamos da beleza de Praga, cidade das mais lindas do mundo. Atravessamos mais uma vez a ponte de Karlos, imponente, embaixo o Volta. No verão o rio fazia as vezes de mar, suas margens transformadas em praias repletas de banhistas estirados sobre a relva, ávidos de sol para bronzear a pele. No inverno a vista era ainda mais bela, as águas mais escuras

contrastavam com as margens, duas largas faixas brancas, de neve... Fomos até a Malastrana, a parte mais antiga de Praga; havia muito não a visitávamos... Percorremos, pois, os lugares mais formosos da cidade, como fizéramos quando, pela primeira vez, chegáramos a Praga. Voltamos a ser aqueles turistas de 1948, apenas agora a percorríamos às vésperas de deixá-la: quase uma despedida. Ao regressarmos da China, já não teríamos tempo de flunar pelas ruas...

Durante esses dois dias, além de Kuchválek, que nos acompanhara na peregrinação, dos amigos que tínhamos em Praga, vimos apenas Lumir e Wally e nos despedimos dos Depestre que deixavam a Tchecoslováquia, partiam para Havana. René conseguira, a duras penas, liberar Edith da trama em que a haviam metido, obtivera vistos para Cuba, que ainda vivia sob a ditadura de Batista. Pouco se demoraram por lá, porém; foram expulsos, acusados de agentes de Moscou, com a mesma absurda e infame arbitrariedade com que foram tratados na Tchecoslováquia, quando os stalinistas consideraram Edith suspeita de ser agente do imperialismo americano.

Os Depestre foram terminar sua via-crúcis, tempos depois, no Brasil, onde viveram dois ou três anos.

## **CHOQUE NAS PONTAS DOS DEDOS**

Finalmente o céu abrira um pouco, do aeroporto nos anunciavam a próxima partida do avião. Antes que deixássemos o hotel, naquela manhã, Wally telefonara para a creche e para o "Lar das Crianças": tudo ia bem, Paloma sem novidade, João passeava no bosque... Apesar das notícias tranquilizadoras, eu me sentia agoniada, estava a ponto de estourar. Rosa viu tudo, não teve conversa, pediu-me que a acompanhasse ao toalete. Nem bem entramos no sanitário, ela me disse: "Chore à vontade, minha filha; desabafe, vai te fazer bem..." Chorou comigo e depois

sorriu: "Quando tiver vontade de chorar, não faça cerimônia, me chame, te faço companhia..." Com isso conseguiu que eu também sorrisse.

Não podíamos desejar melhores companheiros de viagem do que os compadres Rosa e Nicolás. Ele dizia coisas divertidas, provocando-a, ela espirituosa, com respostas prontas na ponta da língua, e ríamos todos. Rosa estreava o inverno europeu, viera direto de Cuba, do sol e do calor, estranhara. Por mais roupa que vestisse, continuava a sentir frio.

Além do frio, cada vez mais intenso à proporção que avançávamos para o norte, o fenômeno da eletricidade estática, no corpo, produzida no inverno, se acentuava, eletricidade à flor da pele, sobretudo nas pontas dos dedos. O menor toque, principalmente no metal, provocava um choque fino e desagradável. O inverno de Praga, comparado ao inverno de Moscou, era manso e as descargas elétricas também menos fortes. Mas, em todas as partes, a incompatibilidade do pente com o cabelo era igual: ao menor contato com o pente, nem precisava encostar, os cabelos se alvoroçavam, ficavam de pé, estalavam. Com as roupas interiores, também havia problema, as combinações embolavam-se, subiam pernas acima, acabavam se enrolando na cintura.

Já no avião senti a eletricidade aumentar: tudo que eu tocava dava choque, nem precisava ser metal, até na madeira e no plástico... Resolvi usar luvas, não estava para ficar levando choques a toda hora, mas foi o mesmo que nada, a eletricidade atravessava tudo! Viajar de mãos dadas, como gostamos de fazer, nem pensar! Desta vez não deu. Ao segurar minha mão e ao receber a tremenda descarga, Jorge se acovardou, arrepiou carreira, tá doido? "Fumaça pra lá, Santo Antônio pra cá..." Nicolás dormia profundamente... E se nos divertíssemos um pouco, pregando-lhe um susto? Aproximei-me mansamente do compadre e, com a ponta do dedo, sapequei-lhe um toque rápido no nariz. O choque nos fez estremecer, foi horrível, só faltou sair faísca.

Num salto, acordando assustado, Nicolás gritou: "Comadre... por Dios!..." Por via das dúvidas, não dormiu mais até chegarmos ao fim da viagem, com medo de que eu, instigada por Jorge, recomeçasse a brincadeira.

## MOSCOU

A recepção, no aeroporto de Moscou, não poderia ter sido mais calorosa.

Além dos amigos, personalidades do governo nos aguardavam. Jorge era recebido com as honras devidas. Desta vez seríamos hóspedes do Soviete Supremo, o governo soviético se ocuparia da estada de "Jorgí Amadú" – é assim que pronunciam seu nome, na URSS. Além de uma intérprete como acontecera nas visitas precedentes, uma representante do Soviete Supremo nos acompanhou durante todo tempo, até Irkutsk, onde tomamos o avião para a China. A pessoa responsável por Jorge, enquanto estivesse em solo soviético, seu anjo da guarda, chamava-se Alexandra; alta, morena, sacudida, uma executiva, sem tirar nem pôr.

Camarada Alexandra só falava russo, mas isso não dificultava em nada o nosso relacionamento, pois Natacha, outro anjo, jovem e loiro, intérprete de espanhol, traduzia tudo ao pé da letra, sem vacilar.

Nossa primeira providência, ao chegarmos ao hotel, foi entrar em contato com Sátva e Vólia Brandão, moças brasileiras – delas já falei em livro anterior –, filhas de Otávio Brandão, que viveu na URSS, exilado político, durante mais de dez anos. Otávio voltara para o Brasil em 1945, deixando em Moscou as filhas mais velhas que terminavam o curso universitário. Ficáramos amigos das meninas Brandão desde a primeira vez em que as víramos na União Soviética. Elas conheciam tudo em Moscou, sabiam das coisas, não havia o que não soubessem, e,

além de companhia agradável, gentilíssimas, muitas vezes nos foram úteis. Por exemplo, graças às duas moças, pudemos assistir a peças de clássicos russos, sem perder uma frase sequer; traduziam os diálogos, palavra por palavra, inclusive dando inclinações à voz, de acordo com as dos atores. Algumas vezes, verdade seja dita, aquele zunzunzum de não acabar provocava protestos da vizinhança incomodada, mas, após rápido pedido de desculpas e de uma ligeira explicação -certamente faziam nosso cartaz -, as meninas Brandão recomeçavam a tradução antecedida sempre por um rápido nitchvó, tudo bem, toca o bonde, vamos em frente.. Não nos deixavam em falta, jamais! Além das inúmeras qualidades que possuíam, elas falavam muito bem o espanhol. Rosa se encantou com Sátva, simpatia recíproca, e Sátva passou a acompanhá-la e a explicar-lhe o entrecho das peças de teatro a que assistiam juntas. O intérprete de francês posto à disposição do casal Guillén, pela União de Escritores, só era útil a Nicolás. Naquele tempo os intérpretes de espanhol ainda eram relativamente poucos, na URSS.

A cada estada em Moscou eu lavava a alma, tirava a forra! Assistia aos mais maravilhosos espetáculos de teatro, espetáculos de todos os gêneros, peças representadas por grandes atores, bales dançados pelos maiores bailarinos do mundo. Desta vez, no entanto, não pudera assistir a tudo que desejava. O tempo era curto demais para atender a tantos convites e solicitações..

A cerimônia solene da entrega do prêmio a Jorge realizou-se no grande salão da Academia de Ciências da União Soviética, lotado por inúmeros amigos, escritores e altas personalidades. Ao fundo, suspensos na larga parede, enormes retratos de Lênin e Stalin. Como de praxe, o Presidente da Academia, após proferir umas palavras de louvor ao premiado, colocou-lhe a medalha no peito, entregou-lhe o diploma. Ilya Ehremburg o

saudou com palavras cálidas e afetuosas. Os dois amigos se abraçaram, emocionados.

Devíamos partir para a China, em seguida à premiação, já que nosso tempo era pouco e diminuía ainda mais, pois decidíramos viajar de trem, durante cinco dias, atravessando a Sibéria, até Irkutsk, onde tomaríamos o avião para a China.

Ficamos em Moscou, no entanto, ainda dois dias, esperamos pelo aniversário de Nazim Hikmet. Nazim completava cinquenta anos, e uma grande homenagem estava sendo preparada, por amigos e leitores, um ato público, num teatro. O programa, além dos discursos de praxe, consistia na leitura, pelo próprio Nazim, de alguns de seus poemas em turco, em seguida declamados em tradução russa por escritores russos, dos mais famosos, que os tinham traduzido: Konstantin Simonov, um deles.

Ehremburg oferecia-lhe um jantar em sua casa, na mesma noite, após o ato.

Ao convidar-nos, e aos Guillén, pediu-nos que chegássemos cedo a fim de batermos um papo e tomarmos vodca com caviar. Admirou-se, ao saber que iríamos ao ato poético. Ele é que não era louco, disse, de submeter-se àquela penitência. Nazim merecia todas as homenagens, mas ouvir declamação de poesia não era homenagem, era sacrifício. Ele, Ilya, conhecia muito bem a poesia de Nazim, a admirava, poesia era para ser lida e não recitada, declamação de poesia não o seduzia. Homenagearia o amigo, com Luba, em sua casa... Pensando bem, nós, que não entendíamos turco nem russo, que diabo íamos fazer lá? Ia ser de amargar! Mas Nazim ficaria contente ao nos ver, e assim nos tocamos para o teatro, Sátva em punho.

Competente e correta, a moça estudou o programa – ela não fazia o trabalho pela metade – e foi nos explicando tudo, tintim por tintim, antes que abrissem as cortinas e começasse a declamação.

Homem bonito, grande porte, cabelos loiros encaracolados, olhos azuis, simpatia e entusiasmo contagiantes, do palco,

Nazim dominava a plateia, que o aplaudia em delírio.

Foi bom termos ido, pois ele logo nos localizara e nos saudara com a mão, todo satisfeito. Assim começamos a ouvir a declamação, nem um pouco arrependidos, ao contrário, encantados! Sempre atenta, Sátva transmitia-nos tudo, a essência e as sutilezas dos poemas, muitos deles inéditos para nós, pois, escritos em turco, não estavam traduzidos para línguas que pudéssemos ler.

Durante um pequeno intervalo, olhos grudados no programa, Sátva sorriu satisfeita: "...ele agora vai declamar um poema sobre Pierre Loti..." Ao pronunciar o nome do escritor francês, sua voz tornou-se ainda mais doce, romântica. Contornos que admirava Pierre Loti desde criança, autor que sabia descrever, como ninguém, paisagens e natureza. Lera seus livros de viagens, volumes da biblioteca de seu pai, conservados com carinho.

Nazim terminava de dizer sua parte em turco. A postos, Sátva toda ouvidos para traduzir do russo. Ao ouvir os primeiros versos, no entanto, abafou um ai, cobrindo a boca com a mão, arregalou os olhos... deixou escapar: "...parece que o camarada Hikmet não gosta muito de Pierre Loti". A declamação prosseguia animada, Sátva atenta. "Ai!", gemeu novamente. "Ele agora insulta Loti de cão imundo... diz que em vez de denunciar as misérias da Turquia no seu livro, ele apenas descreveu o exotismo e as belezas naturais, não soube ver a situação miserável em que vive o povo turco..."

## **EMBARQUE COM NOTÍCIAS**

Em Moscou eu voltara a experimentar a mesma angústia que sentira em Praga ao perambular pelas ruas, a mesma sensação da despedida. Quis ver pela última vez a Igreja de São Basílio, tão bela... Percorrera, devagar, a praça Vermelha... Mesmo em dia

de frio tão inclemente, o vento cortante, a fila de pessoas, interminável, ali estava para visitar o mausoléu de Lênin. Por detrás dos altos muros, as torres do Kremlin, com suas estrelas vermelhas... andávamos com dificuldade sobre a camada lisa de gelo que cobria as pedras do chão, permanente ameaça de um tombo. Voltei ao parque Gorki; andei pelas ruas do centro, detendo-me nas portas e entrada dos grandes armazéns Gum, sempre cheias de gente a entrar e a sair; passei pelo museu Gorki; debrucei-me sobre o rio Moskva, gelado...

Tanta emoção em tão poucos dias: ao ver o Presidente da Academia apor a medalha em Jorge e Ilya saudá-lo, emocionado, não pudera conter as lágrimas.

Despedir-me dos amigos, dar adeus a Moscou foram provas difíceis que me comoveram e me machucaram.

Enorme, maior do que qualquer outro trem, o Transiberiano cobria o percurso de Moscou a Vladivostok em dez dias. Faríamos metade do caminho.

Camarada Alexandra e a pequena Natacha lá estavam, na gare imensa, tomando as últimas providências antes do embarque. Viajariam conosco, nos acompanhariam até o último palmo de território soviético, nos deixariam na porta do avião chinês, dando por cumprida sua missão. Pedimos aos amigos que não fossem à estação; não esperávamos por ninguém, mas no último momento surgiu, afobada, uma funcionária da União de Escritores, trazendo dois telegramas. Antes mesmo de abri-los, Jorge disse: "Notícias de nossos filhos..." Era o que ele e eu esperávamos, aflitos, sem que, no entanto, nos abrissemos um com o outro, cada qual amargando de seu lado. Prometera a mim mesma não estragar a viagem, e cumpria.

Desabafava-me com Rosa, em seu ombro derramava minhas lágrimas. Os telegramas eram de poucas palavras mas diziam tudo: PALOMA ENGORDOU 200 GRAMAS. ABRAÇOS WALLY. O outro era de Kuchválek: JOÃO NÃO SABE MAIS FALAR PORTUGUÊS. Kuchválek se divertia... Não aguentei, quebrei o trato e, sem fazer cerimônia,

mesmo na frente de Jorge, abri a boca no mundo, chorei, chorei de me acabar.

O trem se afastava lentamente, pesado, a cidade ficando para trás... Adeus, Moscou.

## O TRANSIBERIANO

Até Pequim, tínhamos pela frente um bom pedaço de caminho. Trem parador, o Transiberiano recebia e desembarcava passageiros ao longo do trajeto.

Antes de cada parada, um alto-falante anunciava a temperatura local, sempre muitos graus abaixo de zero. Além de parador, o Transiberiano não tinha pressa de partir, demorava-se em cada estação, dando tempo de sobra para que descêssemos a fim de desenferrujar as pernas, fazer um pouco de exercício.

A princípio, esperávamos encontrar nas estações alguma coisa interessante para ver ou comprar, uma novidade qualquer nos quiosques nelas instalados, mas acabamos desistindo. As coisas que havia eram iguais em toda parte, não valia a pena nos acotovelarmos diante dos balcões, disputando um lugar com as pessoas que para lá se atiravam, desejosas de comprar um jornal, um postal, cigarros, tomar chá... Camarada Alexandra, a quem Jorge apelidara de Comandante - ela gostara muito do apelido -, nos ensinara um macete para evitar o congelamento do nariz, já que o nariz era a única parte do corpo a ficar descoberta. Aprendemos com ela a fechar a mão, encostá-la na boca, soprar em cima sem parar, para que o bafo quente subisse ao nariz, aquecendo-o, evitando que se congelasse para todo o sempre. Comandante Alexandra nos arrastava a aventuras perigosas, tais como sair na disparada, puxando-nos pela mão... A fazer corrupio com ela sobre o chão de gelo, escorregadio como sabão... Que medo horrível de me espatifar numa queda!

Mas, verdadeira fortaleza, ela garantia a nossa estabilidade. Rosa e Nicolás não desciam jamais! Tratavam, isso sim, de trancar bem a porta da cabine a cada parada, a fim de impedir a entrada do vento frio.

Invadíamos, lentamente, o coração da Sibéria. Bem quentinhos, por detrás da janela de nosso compartimento, víamos deslizar diante de nossos olhos a paisagem branca, repetindo-se monótona, sempre igual, as árvores de puro cristal, com seus galhos de garras transparentes voltadas para o céu, a brilhar, a ofuscar nossas vistas com os reflexos do sol que costumava aparecer de vez em quando, sol apenas claro, desbotado, sem calor... "Sol de segunda categoria...", divertia-se compadre Nicolás. Impressionante era ver as crianças enfrentando tão baixas temperaturas como se nada fosse, a caminho da escola, faces vermelhas de maçãs.

As cidades por onde passávamos, fosse qual fosse a temperatura, exibiam vida normal, todo mundo circulando pelas ruas, indo às suas atividades diárias.

Mesmo dispondo de relativo conforto no Transiberiano, boas camas para dormir a noite inteira, boa ducha para o banho diário, sala de jogos, sala de jantar e comida bastante razoável, nos cansamos. Cinco dias ali enclausurados era demais!

Tínhamos tanta ânsia de chegar que nem demos importância ao aviso de que em Irkutsk, onde íamos desembarcar, a temperatura era de quarenta graus negativos.

Sentimos até um grande alívio.

Os compadres trataram de se agasalhar ao máximo. Vestida com todos os suéteres que trouxera, sob o casacão de pele, um gorro de lã enterrado até os olhos e um poncho peruano, de vicunha, cobrindo tudo, Rosa ficara uma bola imensa e cômica. Ao vê-la daquele jeito, Nicolás teve um acesso de riso e nós o acompanhamos na gargalhada. Ainda uma vez ele a provocou, não ia deixar passar tal oportunidade: "*Rosa, tu que fuiste tan*

*hermosa, joven... has vertido cojer Iaviejez... " À provocação, em ritmo de poema, Rosa respondeu incontinenti: "...yoy tu... pués, Nicolazito, a ti solo te quedan las melenas y los versos..." O trem parou em Irkutsk no início da tarde, noite de trevas. Somente na manhã seguinte poderíamos prosseguir viagem. O pernoite seria num pequeno hotel, a dois passos da estação ferroviária. Várias pessoas nos esperavam na gare.*

De Moscou, Comandante Alexandra se encarregara de tomar todas as providências, e até um jantar estava preparado à nossa espera. Da estação ao hotel fizemos uns bons cinquenta metros de marcha, por um atalho aberto na neve alta, que, acumulada nos lados, formava altas barreiras de gelo. Agarrados um ao outro para evitar um tombo, Jorge e eu curtíamos o mais terrível dos frios, frio que atravessava todos os abrigos e ia até a alma...

## **IRKUTSK, SEU LAGO, SEUS PEIXES**

Grande e importante cidade da Sibéria oriental, cortada pelo rio Angara, Irkutsk possui, além de alumínio e indústrias químicas, importante central hidroelétrica. Porém, o que torna a cidade ainda mais famosa é o imenso lago Baikal, profundíssimo, com mais de seiscentos quilômetros de dimensão, de uma extremidade à outra – assim ensinam as enciclopédias.

Na noite em que pernoitamos em Irkutsk, durante o jantar, ouvimos maravilhas sobre o lago, maior reduto paleolítico e mesolítico da Sibéria, mas os peixes, ah!, os peixes! Os melhores, os mais raros do mundo... gabavam nossos anfitriões, lamentando não podermos prová-los, pois era inverno e o lago estava gelado. A particularidade desses peixes, no entanto, era das mais surpreendentes: existiam cinco ou seis espécies, vivendo isoladas umas das outras em camadas de água divididas pela profundidade. Os cardumes de cada espécie jamais invadiam

o espaço alheio. Assim, havia peixes da primeira profundidade, da segunda, da terceira. Cada grupo com suas características próprias, seu sabor especial.

O detalhe da divisão dos peixes por diversas faixas de água, já o conhecíamos de uma história que Ehremburg nos contara. Acontecera pouco tempo antes, quando demoraram um dia em Irkutsk aguardando o avião que os levaria à China, ele, Luba, Delia e Pablo Neruda. Era verão. E aproveitaram as horas de espera para ir até o lago Baikal. Ao saber que ali, naquele lago, n seus pés, viviam peixes de várias profundidades, o poeta se iluminara: por que não provar tais raridades, se ali iam almoçar antes de continuar viagem? Se mal pensou, bem o fez: "...pués me custaria comer pescados de la primera, de la tercera y de la quinta profundidad..." Seus desejos evoluíam rapidamente, evoluíam e se ampliavam. Ele adoraria, acrescentou, ver os peixes ainda vivos, pescados na hora. Atônitas diante de tal pretensão, coisa mais impossível, as pessoas do lugar que os acompanhavam não sabiam o que fazer para atendê-lo, não queriam recusar nada a tão famoso hóspede.

Ehremburg se divertia à grande, doido para ver que jeito aquela brava gente ia dar para sair da enrascada. Cético como ele só, Ilya não acreditava em tal segregação de peixes, vivendo em guetos. Para ele tudo não passava de lenda, pura fantasia. E como terminou a história? Peixe vivo, pescado na hora, ainda saltando, nem pensar!

Sobre os três peixes que lhes foram servidos, em travessas diferentes, ao almoço, apresentados como sendo das três profundidades desejadas, ninguém tirou a limpo, se sim ou se não. Para Ilya, apenas os temperos eram diferentes. Os três peixes, no entanto, não ia mentir, eram excelentes, de sabor finíssimo. "Raridades", dizia Pablo, degustando-os com prazer.

**COM PABLO E MATILDE, NAVEGANDO PELO YANG-TSE**

As histórias, divertidas e pitorescas, de Pablo Neruda são muitas. Jorge e eu, que tivemos o privilégio de ser seus amigos, que com ele viajamos por esse mundo de Deus, participamos de algumas delas. Ao narrá-las, eu o trago de volta para nosso lado.

História puxa história e, já que estamos a caminho da China e Pablo acaba de comer peixes de três profundidades, ocorreu-me interromper o fio de minha narrativa para contar peripécias de outra viagem à China, posterior, em companhia do compadre e de Matilde, sua última mulher, pessoa adorável. Creio que vale a pena.

No verão de 1957, saímos Ásia afora com Pablo e Matilde, logo em seguida ao encerramento do Congresso da Paz, em Colombo, do qual já me ocupei, capítulos atrás. Atravessamos a Índia e a Birmânia e entramos na China pela província de Kuo-Ming, ao sudoeste.

No aeroporto, à nossa espera, estavam o poeta Ai Qin, um representante do Ministério da Cultura e um intérprete de francês. Tanto nós quanto os Neruda éramos hóspedes da União de Escritores. Àquela altura, vários livros de Jorge já estavam traduzidos e publicados na China: São Jorge dos Ilhéus, Seara Vermelha e O Cavaleiro da Esperança. Terras do Sem Fim tinha sido reeditado pouco antes, e sua popularidade entre os leitores chineses crescera muito. Neruda também era muito festejado, não apenas por sua atuação política como, sobretudo, por seus poemas traduzidos para o chinês.

Tínhamos pela frente milhares de quilômetros a vencer de Kuo-Ming a Pequim, nosso destino, mas o programa de viagem já fora traçado e era excelente.

Iríamos até Nanquim de navio e de lá a Pequim de avião. O grande barco fluvial que tomamos desceria o rio Yang-tse em seis dias e cinco noites, levando cerca de mil passageiros, distribuídos em quatro classes. Passageiros VIP, hóspedes oficiais, nos deram o que havia de melhor em acomodações e

comida, mas, mesmo assim, o conforto deixava bastante a desejar. Por exemplo, apesar do calor sufocante que fazia, as cabines não tinham ar-refrigerado.

A bordo, mesmo antes que o barco zarpasse, Jorge e Pablo puseram-se à vontade, de bermudas e sandálias; quanto aos nossos companheiros chineses, surgiram no tombadilho do navio vestidos simplesmente de cuecas e camisetas cavadas, de malha. Aliás, todos os chineses de nossa classe estavam na deles, descontraídos em suas cuecas.

O navio ia parando de porto em porto. Quando não havia portos – coisa frequente –, encostava em ribanceiras preparadas de forma rudimentar para a atracação. O rio Yang-tse, grande e poderoso, muitas vezes largo de perder-se de vista a outra margem, chegava também a ser tão estreito que só dava passagem para um barco. Impressionante foi atravessar uma garganta do rio, estreitíssima, entre rochedos gigantescos, apenas o céu era visível, lá no alto.. Passávamos rente a cemitérios às margens do rio, cemitérios com uma particularidade: em lugar de plantarem flores sobre as campas, plantavam legumes e verduras que cresciam com um viço extraordinário! A cada parada do barco aconteciam invasões de passageiros que embarcavam, as bagagens dos que chegavam colidindo com as dos que desembarcavam, invasão de vendedores oferecendo pão, doces, legumes, ovos, comidas quentes e frias, aves, animais.. Confusão de vozes, uma festa para nossos olhos. Em uma das paradas, quando já soltavam as amarras para partir, Pablo quis saber de onde vinha o cricri insistente que ele ouvia em meio ao charivari. Ali estava, junto ao navio, o vendedor de grilos, gaiolinhãs lindamente tecidas de bambu, umas sobre as outras, dentro de cada gaiolinha um grilo enorme. *"...ai, que no puedo más vivir sin ei canto de la cigarra..."*, gemeu o poeta, transformando o grilo em cigarra. *Tudo bem, os poetas têm direito à fantasia.. Antes que o barco saísse, feliz como uma criança, ele exibia a "cigarra" que acabara de receber de presente.*

*Ainda uma parada, desta vez em cidade maior. Pedimos a Li, nosso intérprete, que comprasse um jornal, queríamos saber o que se passava pelo mundo ou, ao menos, pela China. O jornal foi lido de cabo a rabo, e nossos três acompanhantes confabularam. Possivelmente, o jornal publicava notícias que deixavam transparecer a situação calamitosa que se instalara na China: a era do sectarismo e do patrulhamento ideológico, início das perseguições, sobretudo aos intelectuais e artistas, do medo das "críticas" que podiam resultar em prisão e desterro. Fase negra da vida chinesa que viria culminar com a chamada Revolução Cultural, que atiraria ao cárcere e ao desterro os poetas Emi Siao e sua mulher Eva, o próprio Ai Qin, a escritora Ting Ling e tantos outros intelectuais amigos nossos.*

*Revolução Cultural à qual nem o filósofo Confúcio escapou: teve seus livros incinerados.*

## **UM "POLLO" PARA PABLO**

Para se ter ideia dos excessos a que conduzia o culto à personalidade de Mao nessa época na China, basta dizer que dois dias antes da compra do jornal, por ocasião do aniversário de Pablo, Matilde e eu quisemos fazer-lhe uma surpresa.

Matilde sugerira que lhe preparássemos um frango assado, à nossa moda. Pablo andava cansado da comida chinesa e vivia dizendo ter ganas de comer um pollito assado com salada de tomate e cebola. Falamos com Li, desejávamos festejar o aniversário de Pablo e pedíamos que explicasse ao cozinheiro que iríamos usar o forno da cozinha. Li não movia uma palha sem antes consultar o responsável pela comitiva, o representante do Ministério da Cultura. Resposta negativa. Não havia forno na cozinha. Como não? Eu estava farta de ver o forno, enorme,

assando carne, quando lá entrava, todos os dias, em busca de gelo para Jorge.

Na China, assim como na Índia e Birmânia, creio que em toda a Ásia, não se tomava água gelada, diziam fazer mal à saúde. Jorge já não aguentava mais tomar tanto chá e água quente, morria de sede, sonhava com um copo de água gelada.

Não tive outro jeito senão forçar a barra, aprendi a dizer "água gelada" em chinês, bing shuê, para conquistar as boas graças do mestre-cooca e, assim, ir à cozinha quantas vezes quisesse em busca de gelo. Se o companheiro ignorava a existência do forno, eu não, e fui tratando de esclarecê-lo. Confabularam os três, e Li, pessoa fina, quase morre de encabulamento ao explicar a verdadeira causa da recusa. Na China, todo mundo sabia que o presidente Mao decidira não mais festejar seu aniversário. Diante desse exemplo, ninguém mais festejava aniversários. Essa agora!

Ficamos sem ter o que dizer. Foi Jorge, comparsa no complot da surpresa, quem deu a solução, coisa mais simples: "Voltem a falar com eles, abandonem a palavra 'festa', ninguém está querendo festejar aniversário de ninguém; vocês querem, simplesmente, assar um frango e, se possível, fazer uma salada de tomates e cebola..." Foi tiro e queda, contentes todos nós, de podermos assar o frango; os amigos chineses, de poderem recuar da antipática proibição; e mais contente ainda ficou Pablo com a surpresa de aniversário, o pollo dourado, inteirinho, como ele gostava de ver, e a salada que tanto apreciava.

## **O ANIMAL PRÉ-HISTÓRICO**

Da leitura do jornal sobrara para nós apenas uma pequena notícia: fora descoberta por um camponês, inteiramente por acaso, a ossada de um animal pré-histórico. Por divertida coincidência, o local onde se dera a descoberta e se

encontravam os restos do animal seria nossa próxima escala. Ainda uma vez Pablo se iluminou: "...quiero ver este animal..." Nova confabulação, e Li nos explicou não haver nenhum interesse para nós, pois a descoberta era recente e a carcaça ainda estava por ser montada, havia somente os ossos soltos, espalhados. Neruda não era homem de desistir logo no primeiro obstáculo, nem no segundo, nem em nenhum: "...pués yo quiero ver los huesos sueltos!" Caso encerrado.

Resultado: fomos todos ao hangar, onde estavam sendo separados e catalogados os ossos e a caveira do que fora outrora um monstro gigantesco, à espera de retornar à forma primitiva e virar peça de museu. Coisa impressionante, valeu a pena ver ossos tão grandes, descomunais. Nos explicaram que, quando vivo, o animal antediluviano medira vinte metros de comprimento por vários – já não me lembro quantos – de altura. Devíamos à obstinação do compadre a chance e o prazer de tê-lo visto.

O que mais nos encantou, porém, nessa incursão foi uma peça rara, também encontrada em escavações, uma espécie de bacia de ferro, pesadíssima, com água pela metade. A uma ligeira passada de mão, quase uma carícia, por sua beirada, a água se punha a borbulhar, como se estivesse fervendo. Nem preciso dizer que desta vez não foi apenas o poeta que ficou doido, todos nós ficamos encantados, siderados diante da peça extraordinária. Passado o primeiro impacto, Jorge tratou de me apressar: "Vamos tratando de dar o fora antes que Pablo descubra que não pode viver sem essa bacia e resolva levá-la para bordo." Pablo já trazia, desde a Índia, uma cabeça de bronze, de Vishnu – divindade hindu –, cabeça enorme, pesada que só o diabo! Ao vê-la, numa loja em Madras, o poeta se iluminara: "...no puedo vivir sin ella..." Vishnu ocupava lugar de destaque no seu acanhado camarote. Ele a colocara em lugar estratégico, onde pudesse contemplá-la quando deitado. Segundo o próprio Pablo nos contara, dormira com ela sobre o ventre, no dia que a comprara.

Momentos de Pablo a se iluminar são tantos!... Mas fico por aqui, me despeço com saudade. Volto à nossa primeira viagem à China, em 1952, o avião nos espera, nossos compadres, Rosa e Nicolás, já estão prontos para partir.

## **UM POUSO NA MONGÓLIA**

O avião chinês que nos conduziria a Pequim pernoitara, como nós, em Irkutsk. Os passageiros seriam poucos, alguns ficariam na Mongólia, outros iriam até o fim da viagem.

A temperatura baixara ainda mais, o termômetro marcava 46 graus, pela manhã, ao deixarmos o hotel para o campo de aviação, não muito distante.

Novamente passamos por um túnel de gelo, tendo como teto o céu carregado. Ao entrar no avião, que horror!, parecia uma câmara frigorífica! Rosa desesperou-se, viera ao encontro da morte, já não aguentava tanto frio, estava enregelada, chegou a chorar. Nem sei que jeito ela deu, mas, quando olhei de repente, a vi aboletada sobre a poltrona, sentada em cima dos pés para aquecê-los. Até que o motor fosse ligado e esquentasse, que sofrimento!

O avião sobrevoou o deserto de Gobi voando tão baixo que nos dava a impressão de estar quase tocando a areia gelada, areia fofa, alva, linda, mais parecendo um mar de claras de ovo batidas. De repente o avião baixou de vez, pousou rápido, ao lado de pequena aldeia perdida na imensa solidão do deserto.

Saltaram, apressados, dois passageiros. Pela porta aberta entrou uma rajada de vento e areia. Felizmente a operação-desembarque foi rápida. Enquanto subíamos novamente, vimos os dois pobres lutando contra o vento forte para conseguir alcançar o povoado.

Diante de nós, até Pequim, tínhamos ainda um bom pedaço de céu, com um pouso na metade do caminho. Desceríamos em Ulan-

Bator, capital da Mongólia, para embarque e desembarque de passageiros. Nossa curiosidade pela Mongólia era enorme. Ao saber que passaríamos por ela, ainda em Praga, eu procurara me informar, lera alguma coisa sobre o país, antes de embarcar.

Plantada entre a URSS e a China, ocupando grande parte do deserto de Gobi, a Mongólia Exterior tornara-se República Popular desde o ano de 1924, embora reconhecida pela China somente em 1946. País com mais de um milhão e meio de quilômetros quadrados, sua população, no entanto, não chegava a um milhão. Em compensação, o número de cabeças de gado de seus imensos rebanhos era infinitamente superior ao de habitantes. Protegida dos ventos, por sua situação topográfica – a capital fora batida num planalto, bordeada de elevações montanhosas –, a cidade gozava, segundo li, de um clima privilegiado, saudável.

Do avião, podíamos ter uma vista panorâmica da cidade: ao lado de algumas construções pesadas e feias, no estilo soviético, havia, espalhadas por toda parte, em grande quantidade, tendas brancas, redondas, lindas. Em meio à alvura da neve e das tendas, destacava-se uma construção colorida, que nos pareceu um pagode chinês.

A escala em Ulan-Bator devia ser rápida, e nos surpreendemos ao ver que a jovem aeromoça chinesa nos indicava a porta aberta, propondo-nos descer.

Estavam à nossa espera, no aeroporto, duas pessoas do governo que vinham saudar o Prêmio Stalin. Além do mongol, a única língua que eles falavam era o russo. Ai, Camarada Alexandra! Ai, Natacha! Que falta nos faziam! Comovidos, nos despedíramos das duas amigas na porta do avião em Irkutsk. Mesmo sem intérprete, porém, chegamos à conclusão de que tinham vindo nos convidar a visitar a Mongólia, quando regressássemos da China. Ninguém consultou ninguém, fomos aceitando, por meio de gestos e de sorrisos, de algumas palavras soltas em russo e em tcheco – por que será que sempre temos tendência a usar a

língua mais difícil que sabemos quando não conhecemos o idioma no qual nos falamos? Convite feito e aceito. Os camaradas que nos saudavam e transmitiam o convite vestiam-se com roupas ocidentais; todos os demais, porém, homens e mulheres, funcionários do aeroporto, usavam os trajes normais do país, a roupa de todo dia, longas túnicas abertas na frente, com alamares e pequenos botões unindo as duas partes, larga faixa de cor diferente, tecidos de cores vivas, algumas de cetim, forradas de pele de ovelha; enterrados na cabeça, quase cobrindo os olhos, espetaculares gorros de pele, os pelos longos e brancos... roupas mais lindas, mais deslumbrantes, impossível! Os dois camaradas certamente haviam envergado paletó e gravata por nossa causa. Uma tolice. Vestidos à maneira da terra, com a roupa de todos os dias, os mongóis eram mais bonitos e imponentes, ganhavam outra dignidade. Enfiados em trajes ocidentais, viam-se diminuídos, falsificados.

## **A IMENSA SERPENTE**

A última etapa da longa viagem, o trecho Ulan-Bator-Pequim, nos parecia interminável: era ter um pouco mais de paciência, logo chegaríamos ao nosso destino.

Visitávamos a China quando ela dava os primeiros passos no caminho da implantação do socialismo; por isso essa viagem significava para nós uma experiência nova, formidável, deixando-nos, os quatro, a vibrar, impacientes.

Olhos presos à paisagem lá embaixo, Jorge avistou, de repente, algo que lhe chamou a atenção, puxou-me para ver: "Espia! Se não sabe o que é, fique sabendo, eu lhe digo: a senhora está, simplesmente, sobrevoando as muralhas da China!" Espiei e o que vi diante de meus olhos foi uma serpente gigantesca, longa a perder-se de vista, subindo e descendo por vales e montanhas... "As muralhas?", perguntei, incrédula.

Nicolás grudou o nariz no vidro da janelinha e exclamou entusiasmado: "*Pero, hombre! Es verdad! Son las muralias!...*" Agora sobrevoávamos Pequim. "*Que maravilla!*", extasiou-se Rosa, diante do límpido céu azul e do sol brilhando sobre a cidade. Há quanto tempo não víamos um dia assim bonito? Na Sibéria, fora aquele solzinho desenxavido, num céu baixo e leitoso, a paisagem desolada. Em Ulan-Bator, o frio era seco, agradável, mas nada de sol nem de céu claro. Na esperança de poder, enfim, desfazer-se de toda aquela roupa incômoda, Rosa ria de satisfação. O avião estava quase vazio e pudemos ter, cada um, uma janelinha particular para apreciar melhor a vista. A paisagem era uma coisa de sonho, os beirais dos palácios voltados para o céu... O que seriam as construções coloridas? Pagodes? Certamente chegávamos à China carregados de curiosidade.

Eva e Emi Siao, de férias em Pequim, estavam à nossa espera.

Representando a União de Escritores, para nos dar as boas-vindas, o poeta Ai Qin; lá estavam também um representante do Ministério da Cultura e dois intérpretes de francês.

Céu e sol enganadores, os da capital da China. O frio hibernal não fazia concessões, também ali mantinha seu caráter: inverno é para fazer frio, e não seria em Pequim que sol claro e céu azul iriam significar calor. Sol claro e céu azul, porém de inverno. Decepção de todos nós, principalmente de Rosa, que curtira tanta esperança de sentir, finalmente, um calorzinho gostoso: apenas botou o nariz para fora do avião, foi aquele desencanto! Recuou horrorizada ao levar uma rajada de vento gélido pelas faces, o que lhe arrancou um grito, quase de dor: "AH... Por Dios!..." Encolhidos no carro, a caminho do hotel, íamos apreciando o movimento intenso das ruas. A população que lotava as calçadas, homens e mulheres, estava vestida da mesma maneira, os trajes eram iguais, calça e jaqueta de algodão azul.

Veza ou outra, um ponto colorido, a roupa vermelha de uma ou outra criança, quebrava a monotonia, sobressaindo daquela massa azul. Raros automóveis circulavam entre um mar de bicicletas e, em meio às bicicletas, os famosos jinriquixás puxados por um único homem – à guisa de animal – transportando passageiros. Ficamos intrigados com as máscaras que a maior parte dos ciclistas usava, máscaras de tecido branco que lhes cobria a boca e o nariz. Liú, nosso intérprete, nos explicou que elas os protegiam da areia soprada pelo vento do deserto de Gobi.

## OS PROGRAMAS

A União de Escritores traçara um roteiro para nossa estada: além de Pequim, viagens a Hang-Zhou e a Xangai. Em Pequim visitaríamos o Palácio de Verão, o Palácio Imperial, a Cidade Proibida com o Templo do Céu e o Templo da Terra, iríamos ver de perto a Grande Muralha. Seríamos recebidos na União de Escritores para um encontro com ficcionistas e poetas, e, nos roteiros noturnos, o forte seria o teatro. Pedimos que incluíssem no programa algumas tardes livres, queríamos sair andando pelas ruas ao deus-dará, sem compromisso, como tanto gostamos de fazer.

Contei em livro anterior a história de Rosa e Shu, seu intérprete chinês. Por achá-la interessante e divertida, e por caber aqui, com propriedade, eu a repito, desculpem os que já a leram antes.

Rosa, coitada, ainda uma vez se via de asas cortadas, sem intérprete. Mas criou coragem e reclamou: não falava francês, precisava de um intérprete de espanhol. Fora posto à disposição dos Guillén um senhor, pesquisador científico, que vivera muitos anos na França. Liú, nosso intérprete, era jovem, professor de francês na universidade.

O pedido de Rosa deve ter causado um certo rebuliço na União de Escritores, pois naquela época quase não existiam tradutores de espanhol, e muito menos de português. A formação de quadros das línguas espanhola e portuguesa estava ainda em estado embrionário. Os dias se passavam e nada de intérprete...

Rosa apanhara um forte resfriado e encontrava-se acamada, aborrecida como ela só, até que... Certa manhã, ouviu ligeiras pancadas na porta e logo em seguida entrou em seu quarto um jovem chinês, alto, que, com a maior simpatia e um sorriso nos lábios, a cumprimentou, num espanhol impecável: "Buenos dias, camarada Rosa!" "*Pero, que bien habla! Que bueno!.,.*", entusiasmou-se ela, feliz da vida.

Mas Shu, esse era o nome do jovem, não foi além da primeira frase, certamente a única que conseguira decorar em poucos dias de classe. Mesmo assim, incorporou-se ao grupo até o fim de nossa estada na China, revelando-se o melhor dos escudeiros que Rosa poderia desejar. Vivo e inteligente, ao nos despedirmos, no final da viagem, Shu já entendia bastante e repetia com certo desembaraço as frases que aprendera conosco em tão curto tempo; pouco, sem dúvida, mas certamente mais do que se tivesse cursado um ano de escola.

## **OS DOS NARIZES**

Pequim ainda guardava, naquela época, características da antiga cidade com ruas de comércio privado, estreitas e coloridas. Um mundo de gente lotava as calçadas, olhando-nos como aves raras. Os habitantes de Pequim não estavam habituados a ver pessoas ocidentais, tipos, para eles, tão estranhos... As crianças, então, deviam nos achar cômicos, pois seguiam em nossos calcanhares, verdadeira procissão. Na maior curiosidade, ficavam nos espiando através das vitrines das lojas em que entrávamos. Podíamos demorar o tempo que fosse lá dentro e, ao

sair, o batalhão lá estava à nossa espera, engrossado com novos aderentes. O mais divertido é que apontavam para os nossos rostos, diziam coisas e riam. Intrigados, quisemos saber a razão daquelas gargalhadas sem fim, o motivo de tanta hilaridade.

Depois de muita insistência nossa, encabulado, Liú acabou contando que as crianças nos chamavam de "os dos narizes", achavam nossos narizes muito grandes... Realmente, comparados aos deles, os nossos eram enormes...

### **CHI-PAI-CHE**

Ainda existia em Pequim, como já disse, comércio privado, sobretudo de casas de antiguidades. Foi numa dessas lojas que Jorge comprou dois quadros de um pintor famosíssimo, Chi-Pai-Che, considerado um dos maiores artistas contemporâneos da China.

O governo chinês quis homenagear Jorge, que vinha de receber o Prêmio Stalin da Paz, oferecendo-lhe um quadro pintado especialmente para ele por Chi-Pai-Che, com o tema da paz. Certa manhã nos levaram à residência do artista, ele pintaria o quadro em nossa presença. O pintor já passara dos noventa anos e apenas pela manhã tinha energia para pintar. Abriu-nos a porta um ser estranho, um velho eunuco, empregado da casa. Fora castrado em criança para servir no harém do Imperador.

Os dois quadros que Jorge comprara eram lindos, mas, apesar do aval do professor de belas-artes que nos acompanhara na compra, das assinaturas e dos dois carimbos — carimbos entalhados em marfim ou osso pelo artista e somente identificáveis por ele —, achamos que seria bom que o próprio autor desse uma olhada, pois as imitações que existiam por lá eram tão perfeitas que só ele poderia tirar a coisa a limpo.

Alto, magro, barbas longas e ralas, Chi-Pai-Che nos esperava, o papel estendido sobre a prancha. Duvidei que ele pudesse manejar os pincéis com mãos tão trêmulas. Ao ver os quadros que Jorge lhe levara, mostrou interesse e debruçou-se, em seguida, sobre eles.

Uma senhora, sempre a seu lado, mulher de meia-idade, fazia-lhe as vezes de enfermeira, secretária, assessora, babá... Mesmo antes que ele lhe pedisse, ofereceu-lhe uma lupa. O velho examinava com prazer a pintura: trepadeiras de campânulas roxas, folhagens e bambus negros; embaixo, solitário, um grilo ruivo...

Passou em seguida para os carimbos, aí redobrou de atenção, demorou-se no exame. Por fim, depois de muito estudar, esgaravatar, levantou a cabeça, sentenciou: "Um dos melhores quadros de meus setenta anos..." Examinou depois a natureza-morta, um cesto de legumes e frutas, que Jorge oferecera de presente a Rosa e Nicolás. Verdadeiros os dois. As imitações de pintura na China eram tão perfeitas que o próprio autor do quadro só as identificava pelos carimbos, esses, sim, inimitáveis.

A senhora de meia-idade apressou-se a colocar no artista um avental, que lhe atou ao pescoço, qual um grande babador. Assistente, entregava-lhe a paleta com as tintas; o artista balbuciou qualquer coisa e ela, rapidamente, colocou em sua mão um pincel; outro sopro de voz a fez substituir o pincel por outro, depois outro, mais outro, verdadeira enfermeira instrumentadora a passar os instrumentos para as mãos do médico no momento da operação... Operação que Chi-Pai-Che realizou em pouco mais de uma hora, sobre a folha de papel virgem. Alcançara, com suas mãos trêmulas, o milagre de transformá-la, diante de nossos olhos, em obra de arte. Com pinceladas firmes, sem nenhuma vacilação, conseguira traçar linhas puras, fizera nascer maçãs frescas e coloridas e um casal de pombos

enamorados. Em chinês, hou é pombo e ping, maçã – hou ping significa paz.

Estivemos ainda uma vez com Chi-Pai-Che. Convidamos o artista a almoçar conosco no hotel. Secretária, a citada senhora tomou nota do dia e da hora e ele apareceu, pontual, envergando uma longa túnica de gabardine cinza e um gorro alto, de pele, que lhe aumentava ainda mais a estatura. A figura elegante e altiva do mestre, completada por um longo e retorcido bordão que segurava, me impressionou. Não resisti à tentação de pedir-lhe que posasse para uma fotografia.

Na ocasião, eu andava de namoro com uma Kiev – a melhor câmera fotográfica soviética que existia na praça -, presente de Jorge, em Moscou. Enfermeira, relutou em aceder ao meu pedido, àquela hora o artista já se encontrava fatigado; se eu quisesse fotografá-lo, devia marcar hora e ir bem cedo à casa dele... Sob uma aparência de apatia, Chi-Pai-Che, no entanto, estava de antenas bem ligadas, e, ao saber que eu queria fotografá-lo, escolheu o lugar, sentou-se e fez a pose. Essa foto, tirada no hall do hotel, encontrasse publicada no meu livro de fotografias, Reportagem Incompleta.

## **NOSSO AMIGO, O ESCULTOR**

Cumríamos nosso programa à risca. A União de Escritores bolara uma coisa inteligente: a cada saída nossa, além dos intérpretes, incorporava-se à comitiva uma personalidade da vida cultural que, além da honra da companhia, nos explicava, com conhecimento, o que íamos ver ou o que devíamos fazer. Por exemplo, quando tirávamos algumas horas para comprar coisas de arte, antiguidades, um professor de artes plásticas nos acompanhava a fim de aconselhar, não deixar que comprássemos gato por lebre. Nem sempre, porém, nosso amigo, por mais capaz e simpático que fosse, era ouvido. Sofria nas mãos de Jorge

que, ao gostar de uma peça, não queria saber se ela era desta ou daquela dinastia, feita há mil anos ou há cem ou na véspera. Gostava, comprava e pronto! Comprávamos bastante porque precisávamos gastar, antes de partir, os ienes – e eram muitos – que Jorge recebera, direitos autorais da tradução chinesa de Terras do Sem Fim.

Esse dinheiro devia ser gasto lá, como disse, . pois a moeda tinha circulação restrita ao país, não era cambiável em parte alguma. Como voltaríamos ao Brasil assim que chegássemos à Tchecoslováquia, aquela era uma boa oportunidade de comprar os presentes – muitos – que deveríamos levar a parentes e amigos.

O nosso consultor de arte era o mesmo que acompanhara Pablo Neruda, havia poucos meses, quando de sua visita à China com os Ehremburg. O infeliz também sofrerá nas mãos de Pablo. Ele mesmo nos contara, rindo, que um dia Neruda cismara de comprar um cavalo, enorme cavalo de pedra. Diante da peça ele se iluminara: "*...ai que ya no puedo vivir sin este caballo...*" O escultor fora categórico, a peça não era autêntica, como afirmava o vendedor, era uma falsificação, uma cópia, não tinha os mil anos proclamados, quando muito teria cem ou duzentos. O poeta não devia comprar, de jeito nenhum, essa peça falsificada. Pablo ouvira, pacientemente, todas as explicações e conselhos, não discutira: "*... pero yo quiero comprar este autêntico falsificado!!*"

Este autêntico falsificado fomos encontrar anos mais tarde, no Chile, na casa de Pablo, na Islã Negra, em meio à sua enorme coleção de peças de toda parte do mundo – a Vishnu lá estava, bela e formosa; localizamos também uma bola de vidro, enorme, igualmente nossa conhecida, que Pablo comprara no Brasil, "autêntica bola de cristal", na qual ele poderia ler o passado, o presente e o futuro – peças sem as quais ele não poderia viver.

## **A GRANDE MURALHA**

A pessoa que nos acompanhara na visita à Grande Muralha sabia tudo sobre a construção daquela obra única, construção que data de três séculos antes de Cristo.

Se a distância ela me impressionara, parecendo-me uma serpente descomunal, de perto me esmagara. Nosso acompanhante devia ser um especialista no assunto, sabia na ponta da língua datas, cifras, dimensões... Tudo muito instrutivo, mas eu não conseguia prestar atenção ao que ele dizia, no estado de emoção em que me encontrava. Aliás, sempre fui de opinião que explicações diante de uma obra de arte, em vez de ajudar, atrapalham. Nas excursões, por exemplo, enquanto o guia turístico dá sua aula ao grupo que o acompanha, as pessoas, ao prestarem atenção ao que ele diz, deixam de apreciar, livremente, de se emocionar diante de um quadro ou de uma escultura, para em seguida esquecer todas as datas, locais, títulos de nobreza etc. que o erudito guia lhes declamou momentos antes.

No caso da Grande Muralha, procurei depois, com calma, saber detalhes de sua construção. Encontrei afirmações diferentes em relação à sua extensão: variam de três mil, cinco mil, até sete mil quilômetros. Nunca me ocorreu tirar a limpo, saber qual das informações é a correta, se a modesta dos três mil ou a patriótica dos sete mil. Por mim, mesmo que só tivesse mil quilômetros me bastava, a Grande Muralha da China continuaria sendo a obra mais fabulosa que a mão do homem possa ter construído em todos os tempos.

## **AS CAMPANHAS**

Naquele ano de 1952, Mao Tsé-Tung e Stalin andavam em plena lua de mel, de braços dados, Pequim era uma festa só, enfeitada

com grandes retratos dos dois líderes, um ao lado do outro. Escolares, meninos e meninas, ostentavam nos pescoços o lenço vermelho, tal qual os pioneiros soviéticos. Em qualquer lugar por onde se andasse, podia-se ouvir o hino patriótico em louvor aos dois camaradas, transmitido por alto-falantes, a todo vapor, de manhã à noite. De tanto ouvi-lo decorei o refrão, letra e melodia: "Mao Tsé-Tung, Stalin! Mao Tsé-Tung, Stalin!..." Pela manhã era um divertimento andar pelas ruas: toda a população fazia ginástica rítmica. Como não tinham espaço em suas casas, invadiam ruas e praças; em toda parte, nas estações rodoviárias e nos aeroportos, encontrávamos os chineses a executar seus movimentos suaves, autêntica câmara lenta... Hábito saudável que, aliás, perdura até hoje. Pudemos constatar isso nesta nossa última visita à China, em 1987. Até Jorge, que nunca foi de muitos exercícios, ao deparar-se com um grupo de ginastas nas proximidades de nosso hotel, entusiasmou-se e não resistiu, entrou na dança: levantou pernas e braços, virou tronco e cabeça para a direita e para a esquerda, sem contudo conseguir acompanhar o ritmo da gente da terra; não tinha paciência, desistiu nos primeiros cinco minutos.

Naquela época, não era preciso muito esforço para sentir a disposição do governo de transformar o país feudal e atrasado em nação progressista e avançada.

Tarefa difícil num país de 9.950.000 quilômetros quadrados com mais oitocentos milhões de habitantes, na ocasião.

O governo socialista realizava audaciosas campanhas nas quais toda a população da China se empenhava. A campanha do extermínio da mosca? Vamos a ela! Cada cidadão chinês, em qualquer parte do imenso território, empunhando um mata-moscas de plástico, ia matando moscas e mosquitos que pousassem em sua frente. Nessa nossa primeira visita, encontramos os chineses entregues de corpo e alma à luta para desmascarar os "tigres", designação que davam aos comerciantes inescrupulosos.

Certo dia, íamos andando por uma rua central de Pequim, quando avistamos, logo mais adiante, movimentada aglomeração. Aproximamo-nos para ver o que estava acontecendo, na esperança de que fosse um dos grupos de artistas populares que costumavam exhibir-se nas ruas e que tanto apreciávamos: havia o homem que comia fogo, o malabarista, o halterofilista, o mágico.. uma graça! Desta vez, no entanto, não se tratava deles, tratava-se de uma manifestação. Um grupo de ativistas representava uma espécie de peça teatral: homens e mulheres caracterizados improvisavam um sketch, com o qual buscavam desmascarar o proprietário de uma loja, um "tigre", acusado de ganancioso, ladrão, explorador do povo. Na frente da casa comercial, a toca do "tigre", havia um cartaz com uma lista das denúncias, ilustrado com a figura de um tigre a mostrar as presas. Acuado lá dentro - espetáculo constrangedor -, o homem não se manifestava, apenas olhava de soslaio o movimento em frente à sua porta. Dessas representações políticas populares, inéditas para nós, assistimos a várias. Mesmo sem entender uma única palavra do que os atores diziam, podíamos acompanhar o enredo pelo desempenho, pela caracterização dos artistas amadores e pelos aplausos entusiásticos dos que assistiam ao show.

Percorremos fábricas, visitamos o campo, falamos com operários e camponeses, fazendo-lhes perguntas sobre assuntos que nos interessava saber: "Quantas horas de trabalho? O que comem?" Eles trabalhavam de 10 a 12 horas por dia, não passavam fome. Muitas horas de trabalho, demasiadas.. Mas eles diziam-se satisfeitos, já que antes não havia horários, trabalhavam enquanto tivessem forças..

## **BERÇO DO MACARRÃO**

Em nossa frente rodava uma bicicleta, e sua surpreendente carga chamou nossa atenção: de um caixotinho preso atrás do

ciclista, saía uma braçada de finos espaguete, abrindo-se em buquê, ultrapassando de um metro a cabeça do rapaz que os transportava – um metro, sem exagero. Comentei com Liú: – Garanto que na Itália, berço do macarrão, não existem espaguete deste tamanho... Pelo menos eu não vi...

Senti que Liú ficou picado: – A Itália, berço do macarrão? A camarada está muito enganada... A massa de farinha e ovos, o macarrão, nasceu na China. Quem o levou para a Itália foi Marco Polo.

Liú sabia a história de Marco Polo na ponta da língua, conhecia todos os passos do mais antigo, talvez primeiro, *globe-trotter* do mundo, o inveterado viajante veneziano que, em 1271, iniciou uma viagem a pé, saindo da Itália, atravessando toda a Ásia. De volta a seu país, quase vinte anos depois, levava em sua bagagem a receita do macarrão, a grande novidade culinária que conhecera na China. Marco Polo devia ter se regalado com a pasta. Certamente adorava os raviólis, os mais deliciosos... não esquecera de levar a receita.

Fomos prová-los no restaurante de uma cidade próxima de Xangai, famoso por sua competência em preparar a melhor qualidade e a maior variedade de raviólis. Os de recheio de pato tinham o formato de um patinho; os de lótus pareciam a própria flor; os de caranguejo, um caranguejinho, os de camarão, os de peixe e tantos outros, se não me falha a memória, cento e trinta e tantas qualidades, tinham a forma de seu recheio, todos manipulados artisticamente e de sabor delicioso, fossem os cozidos na água, no vapor ou os fritos.

Os espaguete quilométricos, na garupa de uma bicicleta, que tanto me impressionaram em 1952, fui encontrar novamente em 1987, desta vez fresquinhos, feitos na hora. Aconteceu em Xi An, onde estávamos. Xi An é a cidade em cujas imediações foi descoberto o famoso exército de terracota, enterrado há milhares de anos, centenas de soldados e cavalos em tamanho

natural, montando sentinela no túmulo do imperador, que para isso os mandara fazer, coisa inacreditável!

Como se os vários programas do dia não bastassem, enquanto nossos acompanhantes dormiam, saímos uma noite com João e Rizia, Pedro e Paloma, a vagabundar pelas ruas, gosto que não perdemos. Andamos por artérias pitorescas, atravessamos becos mal iluminados, e, de repente, desembocamos num movimentado mercado popular. A rua se transformara numa espécie de imenso restaurante com mesas nas calçadas, enormes fogareiros a carvão no meio-fio e sobre eles grandes tachos a fumegar, desprendendo apetitoso cheiro de comida.

Mulheres e homens, gente simples, espalhavam-se pelas mesinhas, comendo com prazer imensos pratos de raviólis, pastéis de ovo frito, arroz frito com ovo...

Paramos de repente, atraídos por algo sensacional que nos deixou embasbacados: diante de um tacho sem tamanho, com água fervendo, três rapazes – um deles quase um menino –, três malabaristas, três mágicos, faziam os espaguetes que os fregueses, já sentados à mesa, esperavam para comer. Contando apenas com as mãos, a destreza e a experiência, os três artistas transformavam – um após outro –, em poucos minutos, uma porção de massa em longuíssimos espaguetes.

Explicar o método talvez seja mais difícil do que fazer o espagete. Só sei dizer que eles esticavam a massa, a que haviam dado forma cilíndrica, e, segurando uma ponta em cada mão, espichavam-na no ar, torciam-na em louco malabarismo, uniam as duas pontas, as duas partes da massa se enrolavam, ficavam como um fio de telefone quando se enrosca. Depois de repetir a manobra várias vezes, uma boa polvilhada de farinha de trigo completava o milagre da transformação do pelote de massa em metros de finíssimos espaguetes. Cortadas as extremidades que os prendiam, eles eram transportados nos braços, com a delicadeza com que se carrega um recém-nascido, para serem despejados na água fervendo. Nas três viagens que

fizemos à China, repeti a brincadeira, provocando os amigos chineses, tirando-lhes a paternidade do macarrão, dando-a aos italianos, que a honram tanto.

As provocações foram sempre revidadas em seguida, cansei de ouvir a história de Marco Polo, o andarilho veneziano que gostou tanto da pasta chinesa que até a levou para a Itália.

## **UMA HISTORIA DE NICOLAS**

Da janela do trem avistamos Ai Qin; lá estava ele à nossa espera, acenando, rindo.

A viagem de Xangai a Pequim, com baldeações, fora longa e cansativa.

Obtivéramos uma cabine com quatro leitos, o melhor que havia naquele noturno mas, mesmo assim, bastante desconfortável. Resfriara-me em Xangai, tivera febre, nem pudera ir a um concerto, na véspera da partida, concerto de instrumentos de corda, antiquíssimos. Até hoje, ao ouvir Jorge recordá-lo, me sinto frustrada.

Ao saber que nós quatro dormiríamos no mesmo compartimento, Nicolás se apavorara. Já comentei o verdadeiro horror que o compadre tem a resfriados, segundo ele, a pior das doenças; trata-se de mania incontrolável.

— Com tudo trancado — apavorava-se —, os micróbios da gripe da comadre vão me atacar...

Essa obsessão de Nicolás o acompanhava desde a juventude. Para ilustrá-la, ele costumava contar que, mocinho ainda, se apaixonara loucamente por uma garota. Fora difícil conquistá-la, mas, à custa de mil poemas de amor que escrevera, inspirados nela, a menina acabara entregando os pontos. Marcaram um encontro.

Nicolás perfumou-se todo, calçou uns sapatos amarelos que ele julgava belíssimos e, coração aos saltos, na hora

combinada, saiu ao encontro da musa. Apenas se aproximou, a moça foi dizendo: "Quase não pude vir, estou terrivelmente resfriada..." Apavorado, Nicolás nem lhe estendeu a mão e, sem explicações, deu-lhe as costas, bateu em retirada, perfumado e de sapatos amarelos. Nunca mais a menina olhou para a sua cara; ele também não se importou, pois desinteressara-se do namoro ao ver o nariz vermelho e entupido da "empesteada".

Rosa e eu ocupáramos os leitos inferiores dos beliches, os homens, lógico, os do alto. Jorge deitara-se em seguida, mas Nicolás ficara por ali zanzando, sem saber o que decidir.

Acordei no meio da noite, sentindo frio. A porta estava entreaberta e por ela entrava um vento desagradável. Sentado num banquinho que arranjara não sei onde, Nicolás se instalara no corredor mal iluminado. Ao vê-lo ali, tentando equilibrar-se quando o trem entrava numa curva, fiquei com pena do compadre, chamei-o: — Compadre, aí nessa corrente de ar você vai se resfriar...

Vá dormir na sua cama...

Nicolás, que estava ali no castigo, para evitar um resfriado, achou tanta graça do meu conselho que se descuidou e caiu no chão. Nunca mais ele esqueceu essa passagem, e até hoje, imitando a cadência de minha fala paulista, o compadre se diverte quando me encontra: "...aí nessa corrente de ar você vai se resfriar..." Ai Qin trazia boas novas. O Embaixador da Tchecoslováquia telefonara para a União de Escritores, recebera telegramas para nós. Suspiramos aliviados, inda bem, não era sem tempo! Não havia dúvida, os telegramas só podiam ser de Wally e Kuchválek, dando notícias das crianças. Partíramos para Hang Zhou e Xangai preocupados, sem saber dos meninos; as últimas notícias haviam chegado ainda em Moscou. O Embaixador tcheco nos convidava para jantar com ele num dos últimos dias de nossa permanência na China. Mas não íamos esperar por esse jantar para receber os telegramas. Nem pensar! Apenas chegamos ao hotel, telefonamos para o Embaixador, pedimos que nos lesse

os textos. Era o que imaginávamos: Wally dava conta do aumento de peso de Paloma; Kuchválek, boas notícias de João.

Felizmente, já estava chegando a hora de voltar, eu até sentia frio no estômago, só em pensar na festa que seria nosso encontro com as crianças. Eu havia de beijar tanto tanto meus filhos, meus queridinhos... Apenas uns poucos dias em Pequim, depois uma semana na Mongólia e, pronto!

Dois programas não queríamos perder, antes de partir: assistir a um espetáculo da Ópera de Pequim e visitar o Palácio de Verão; estava programado ainda um encontro na União de Escritores e um jantar de despedida. A Ópera de Pequim, tão badalada, nos interessava muito. Estivéramos em alguns teatros em Pequim, em Hang Zhou e em Xangai. Os concertos de música e canto, muito interessantes, os teatros de declamação e prosa, para nós, eram monótonos, pois não entendíamos os diálogos que faziam tantas vezes o público morrer de rir ou chorar. Segundo nos preveniram, o espetáculo da ópera durava cinco horas.

Mesmo assim fizemos questão de ir.

## **A ÓPERA DE PEQUIM**

A ópera começava cedo, por isso ainda não eram sete horas e lá estávamos nos acotovelando para conseguir entrar no teatro. Teríamos ficado ainda muito tempo lá fora, apreciando o vaivém dos vendedores ambulantes, em verdadeira feira onde vendiam amendoins, tremoços, caroços de abóbora torrados, bananas, tangerinas, mil coisas, mas precisávamos entrar para ocuparmos nossos assentos.

No imenso recinto, já repleto, entre falas e risadas, destacava-se um croc-croc sem fim: caroços de abóbora partidos no dente.

Desta vez apenas os dois tradutores foram conosco. Nem Shu, o acompanhante de Rosa, havia sido convidado. Tive a impressão

de que obter entradas devia ser a coisa mais difícil do mundo. Ao que soube, o preço do ingresso era baixo, e o povo chinês doido por ópera, principalmente a O Imperador e a Favorita, ópera que levavam naquela noite.

A primeira coisa que nos chamou a atenção foram as prateleirinhas de madeira, pregadas nos encostos das cadeiras. Elas serviam para depositar as guloseimas que o público trazia para comer durante a representação. Nela colocavam, igualmente, os canecos destinados ao chá, que era servido nos intervalos por vendedores que circulavam com chaleiras fumegantes.

Sentamos assim distribuídos: Liú, eu, Jorge, Rosa, Nicolás e seu intérprete.

Ao primeiro sinal, anunciando o início do espetáculo, todo mundo calou-se, fez-se um silêncio absoluto.

Estranháramos nos outros teatros a ausência de cenários, os atores representavam impecavelmente vestidos, num palco limpo, vazio. Imaginávamos que com a ópera fosse diferente, mas não. Nada de cenário, nenhum décor, tudo na base do faz-de-conta. O artista, unicamente com sua representação, devia compensar, preencher, completar com gestos, movimentos, e muita arte, o que não aparecia na cena. Os atores usavam máscaras e, segundo me informaram, todos eles eram homens, mesmo os que faziam papéis de mulher. Identificava-se cada personagem pela maneira de andar. O Imperador andava de uma forma majestosa, passos seguros, porte altivo; o soldado andava diferente, passos mais largos, marciais... Havia um jovem letrado, por exemplo, que andava de lado como caranguejo, coisa que entusiasmou Jorge, que passou a divertir-se, durante alguns dias, imitando o "passo do letrado, aquele que me compete".

Abriu-se o pano e a representação começou, tudo na base do faz-de-conta, como acabei de dizer. O Imperador chegava num barco, mas cadê o barco? O barco era amarrado no cais mas, nem cais nem corda... O Imperador levantou o pé, apoiou-o mais adiante, depois fez o mesmo com o outro e desembarcou... Mesmo

sem existirem no palco, eu pude ver, devido ao sensacional desempenho do ator, barco, cais e corda e até nuvens e gaivotas voando, quando ele apontou para o horizonte... Depois chegou a Favorita em seu palanquim, e o palanquim também não existia...

Solícito e esforçado, Liú procurava explicar o que se passava no palco e eu transmitia a Jorge, que estava mais interessado nos movimentos dos atores do que em explicações truncadas. O tradutor de Nicolás, certamente muito fatigado, dava longuíssimos cochilos e acabou por adormecer profundamente. Curioso de saber o enredo, o compadre recorreu a Jorge. Encantado com o pedido, Jorge tratou de inventar uma história de sua cabeça, à medida que as cenas se sucediam. História bastante erótica, Rosa também o ouvia, já que a narrativa passava por ela antes de chegar a Nicolás; escandalizada, a comadre não se continha, exclamava à meia-voz: "...que horror!...", "...por Dios!...", "...que barbaridad!..." O espetáculo me enchia as medidas, uma beleza! Devia também encher as medidas do público que, embora mastigasse sem parar, não desviava a atenção do que se passava em cena, olhos vidrados, vibrando a cada lance... Às vezes, em meio a um diálogo ou à entrada de um novo ator, o povo aplaudia, todos unânimes, fazendo uma única e rápida castanhola com os dedos, que ressoava sem, contudo, perturbar a representação. Em seguida se fazia de novo o silêncio.

As horas iam passando, e a história improvisada de Jorge ia crescendo, tomava corpo, se ampliava com detalhes cada vez mais picantes, descambava do erótico para o pornográfico... Sem desconfiar de nada, eu continuava, inocente, a soprar no ouvido do vizinho o que ouvia de Liú. De repente, desconfiei de tanta risada.

A peça era mais para a tragédia do que para a galhofa, mais para chorar do que para rir... Jorge ria de não se conter, risada de quem está se divertindo à grande.

Apurei o ouvido, prestei atenção e caí na realidade: claro que ele se divertia, pois estava construindo, ali na hora, em cima da bucha, a cada cena, a cada gesto do ator, a sua história... Com um ouvido cá, outro lá, passei a divertir-me também. O tradutor de Guillén acabava de acordar e, encabulado, tentou resumir a ópera, que ele devia conhecer de cor e salteado, tentava recuperar o tempo perdido. Embalado na história de Jorge, Nicolás não quis conversa com o tradutor, não lhe deu crédito: "...continua, compadre, o camarada aqui ainda está meio dormido, não entendeu nada..." No palco, naquele momento, entrava todo um batalhão de soldados, montados em seus cavalos, à frente o Imperador, que dizia coisas, gesticulava... Na velha história, o Imperador era levado preso pelo exército. Jorge deu sua versão: "O Imperador, ultrajado ao saber que a Favorita o traiu com um soldado, está dando ordens para que ela seja punida. Está mandando que a infiel seja entregue a todo o exército e que cada soldado a possua..." Em seguida, achando que a punição fora fraca, tratou de botar mais lenha na fogueira: "...e depois a entreguem aos cavalos!..." 'A los caballos?', exclamou Nicolás, horrorizado, "que barbaridad..."

"Por acaso, pura coincidência, na cena seguinte a Favorita entrou carregada, toda desmilinguida, pois, segundo o texto verdadeiro, ela havia lutado e salvo a vida do Imperador, estando mortalmente ferida.

Findo o espetáculo, enquanto saíamos, pisando sobre um mar de cascas de frutas e de amendoins, ainda sob o impacto do terrível desfecho da ópera de Jorge, Rosa lastimava a Favorita: "...la pobrecita... que resistência!... Ai, Dios, si fuera yo, estaria *muerta*..." Jorge continha o riso, mas Nicolás não continha a indignação, não se conformava. Um espetáculo como aquele, cheio de sexo, erótico, pornográfico, parecia-lhe inaceitável num país socialista. Com Nicolás era assim: na hora de brincar não havia outro igual, mas na hora de falar sério também não havia quem se lhe comparasse.

## **A GRANDEZA DA SIMPLICIDADE**

Quando se viaja com amigos, sobretudo quando esses amigos são pessoas dotadas de inteligência superior, de finura de trato, de humor, de talento, de sensibilidade sutil, a viagem se transforma em festa, alegria permanente. Todas as coisas que sucedem tomam cor e sabor; cada acontecimento, cada palavra, serve para aumentar o prazer da boa convivência.

Neste livro conto de viagens que fizemos em companhia de Pablo Neruda e Nicolás Guillén, dois poetas imortais, dois amigos inesquecíveis. Pablo, grande poeta das Américas, o poeta político de *O Canto Geral*, o poeta de amor dos *Vinte Poemas de Amor* e *Uma Canção Desesperada*, Prêmio Nobel de Literatura, Prêmio Lênin da Paz (o Prêmio Stalin da Paz teve o nome mudado para Prêmio Lênin da Paz, após o XX Congresso do PCUS), lutador da liberdade até a hora da morte; Nicolás Guillén, o grande poeta da raça negra do Caribe, autor de *Sóngoro Cosongo*, orgulho de Cuba, homem valente, guerreiro de muitas lutas, também Prêmio Lênin da Paz, intransigente nos seus princípios. Ao falar desses grandes homens, eu os mostro em sua simplicidade, sem-cerimônia. Coube-me o privilégio de conhecê-los no dia a dia, privando com o lado pitoresco, as manhas, os caprichos, a graça, algumas vezes quase ingenuidades de menino, de um e de outro, Pablo e Nicolás.

Somente agora ocorre-me dar aos meus compadres as credenciais que os fizeram famosos e amados, figuras excepcionais de nosso tempo. Quis mostrá-los como eram na convivência quotidiana, simples e humanos. A simplicidade é inerente à grandeza; essa verdade eu a aprendi vivendo e convivendo com alguns dos homens maiores de nossa época.

## **ENCONTRO COM OS ESCRITORES**

O encontro fora promovido pela União de Escritores, presidido por Kuo-Mo-Jo, figura maior da cultura chinesa, Vice-Presidente da Assembleia do Povo, Vice-Presidente da República, uma reunião da nata da intelectualidade chinesa: escritores, artistas, homens de teatro e de cinema.

Falaram primeiro os escritores chineses e nos deram uma visão panorâmica da literatura da China, partindo dos grandes clássicos da poesia e da prosa, dos seus distantes começos até os dias próximos da proclamação da República, em 1911.

Falaram de Lu Sin, poderoso ficcionista, cuja obra audaciosa e revolucionária fora fundamental para a libertação dos povos da China. Aliás, constou de nosso programa oficial uma visita ao seu túmulo, e ganhamos alguns volumes de suas obras traduzidas em francês, inclusive A Verdadeira História de Ah Q,, livro formidável que Jorge fez traduzir e publicar no Brasil, poucos anos depois.

Ouvimos naquele encontro verdadeiras aulas sobre a poesia, a dramaturgia e as peças chinesas.

Jorge e Nicolás falaram a seguir e informaram sobre a literatura dos países da América Latina, em especial a do Brasil e de Cuba. Depois os camaradas chineses demonstraram curiosidade em saber nossa opinião sobre o que já tínhamos visto, do que gostáramos e do que não gostáramos; pediram franqueza e sugestões. Já que era para falar com franqueza, Nicolás se abriu, foi direto ao assunto. Assistira à Ópera de Pequim e se admirava de que um teatro da China socialista levasse à cena uma peça assim, coisa que o deixara muito chocado. Antes que ele prosseguisse, interveio um responsável pela programação de teatros, procurou explicar: realmente, a observação do camarada Guillén era justa, tinha razão de estranhar que num país que marchava para o socialismo permitissem levar à cena uma ópera de conteúdo feudal. Aquela ópera era muito antiga, tinha mais de mil anos, o povo a amava e eles não podiam retirá-la de cartaz assim de repente, o

público não compreenderia, nem aceitaria. Esperava que, com o tempo, novos textos, politicamente mais justos, mais educativos, fossem escritos para substituir os antigos. Guillén perdeu a paciência: "Mas quem foi que falou em feudalismo? Eu entendo muito bem o problema dos camaradas, mas o que me chocou foi o conteúdo pornográfico da história." Em vez de traduzir o que Nicolás dizia, o intérprete calou-se. Teria ouvido direito? Enquanto todos aguardavam a tradução, Nicolás deu de cara com Jorge, na outra cabeceira da mesa – ao lado de Kuo-Mo-Jo –, atacado por um fourire, e compreendeu tudo. Como fora acreditar nas invencionices do compadre? Esquecera que ele era romancista e adorava pregar peças, divertir-se? Apontou para Jorge e, solenemente, declarou: "Compadre, digas lo que quieras no te creo más... Nunca más!..."

## **TING-LING**

Ficara acertado que Ting-Ling iria conosco ao Palácio de Verão, no dia seguinte. Estávamos contentes pois, embora só falasse chinês, era excelente companhia. Nosso contato com a célebre romancista já se tornara íntimo. Com ela estivéramos nos jantares oferecidos por Kuo-Mo-Jo e por Mao-Dun, romancista e Ministro da Cultura, em encontros com intelectuais e personalidades: em toda parte Ting-Ling era saudada com respeito, admiração e estima. Ela nos acompanhara também quando o Ministro das Relações Exteriores, Chu-En-Lai, nos recebeu no Ministério e juntos visitamos Madame Sun Yat-Sen, para um chá em sua casa.

A viúva de Sun Yat-Sen, fundador da Primeira República Chinesa, em 1911, solidarizara-se com o regime de Mao, era benquista e cortejada pelo governo, apesar de ser cunhada do inimigo número um da República Popular, General Tchang-Kai-Chek, Presidente da República Nacionalista Chinesa, instalada

em Formosa, casado com sua irmã, uma das três belas e famosas irmãs Sung. Da terceira irmã, sei apenas que fora casada, antes da Revolução, com o homem mais rico da China.

Nesta visita, de pura cortesia, passamos bons momentos na companhia da dona da casa, pessoa inteligente, encantadora, a beleza persistindo apesar da idade.

Pudemos observar o respeito com que Madame Sun Yat-Sen tratava Ting-Ling, falando com carinho e admiração de sua literatura e de sua personalidade.

Amada e festejada por todo mundo, a escritora era também citada por seus feitos de guerrilheira, lutara nas trincheiras, participara da grande marcha. Ao regressar ao Brasil, Jorge publicou na Coleção Romances do Povo, que dirigiu para uma editora do Rio, a tradução de um dos romances mais populares de Ting-Ling: O Sol sobre o Rio Sang-Geang.

Com Ting-Ling fomos, pois, visitar o Palácio de Verão.

## O PALÁCIO DE VERÃO

O Palácio de Verão nos deixou de queixo caído. Nascera do capricho de excêntrica imperatriz. Tendo resolvido construir sua residência de verão sobre uma colina, a imperatriz escolhera o local que lhe parecera mais conveniente, por melhor situado e por aprazível. Existia apenas uma dificuldade: o terreno era plano... Mas, imperatriz que se preze não recua diante de nenhum obstáculo, e a nossa não recuou, ordenou que ali fosse levantada a colina de que necessitava. Milhares de homens foram postos ao trabalho – trabalho escravo, óbvio! –, retirando a terra de um lugar, colocando em outro até que, pronto! Lá estava a colina armada, bem alta, terra socadinha e molhada com suor misturado com sangue, trabalho bonito, perfeito, garantido. Sobre ela podiam levantar, sem susto, o palácio que quisessem.

Da imensa escavação surgiu, como era de se esperar, um lago, tão grande quanto a colina. Então, em meio a esse lago, a imperatriz, que tinha muitas ideias, mandou que colocassem um navio todo de mármore, que utilizaria como salão de chá, lugar para meditação e lazer.

Corremos tudo, castelo e museu. Depois Ting-Ling nos propôs dar uma volta de barco, assim teríamos uma visão perfeita do conjunto, o castelo sobre a colina e seus belos jardins em torno, panorama que, realmente, merecia ser visto.

Tomamos chá no navio de mármore e em seguida lá fomos, lago afora, num dos barcos que ali estavam à disposição dos visitantes.

Na tranquilidade das águas, conversamos, e nossa amiga mostrou-se preocupada ao saber que pretendíamos voltar para o Brasil. Não nos iria acontecer nada? Ela estava a par da situação política brasileira, estava a par dos motivos que nos haviam levado ao exílio. Recordo-me que, na conversa, ao saber que meu pai morreria em consequência de prisão, durante o Estado Novo, Ting-Ling me abraçara e beijara, pusera-se de pé e, de olhos cerrados, guardara um minuto de silêncio.

Mal sabia Ting-Ling – e quem poderia adivinhar? – que ela própria, daí a uns poucos anos, fosse cair em desgraça e que a China viesse a sofrer um retrocesso em sua marcha para o socialismo com a implantação da Revolução Cultural.

## **UM PARÊNTESE PARA FALAR SOBRE O DESTINO DE NOSSOS AMIGOS**

Abro um parêntese nesta narrativa de nossa viagem à China, de fevereiro a março de 1952, para fazer referência mais extensa a acontecimentos tristes e por vezes trágicos, concernentes ao povo chinês e, sobretudo, pelo que nos tocou diretamente, a amigos nossos, os mais chegados e queridos, como

os poetas Ai Qin, Emi Siao e sua mulher Eva, a romancista Ting-Ling.

Por duas vezes voltamos à República Popular da China após a primeira viagem da qual narro aqui histórias e emoções. Aliás, já me referi nestas páginas à segunda visita, em 1957, contando alguns casos acontecidos naquele então conosco, com Matilde e Pablo Neruda, nossos companheiros de aventura. Referi-me, de passagem, também à viagem em 1987. Demoramos trinta anos a voltar à China, lá não quisemos ir durante os anos do retrocesso político que culminou com a chamada Revolução Cultural. Somente em 1987 retornamos, numa viagem de sonho, pois a fizemos em companhia de nossos filhos João e Paloma, de Rizia e Pedro, nora e genro que nem filhos. Avanço mais uma vez no tempo para falar dessas viagens como pontos de referência para dizer algo a propósito dos anos negros da China.

Em 1957 sentimos na tristeza e na inquietação dos nossos amigos, nas faces preocupadas, nos silêncios, em detalhes absurdos como aquele de ninguém mais festejar aniversário para não ofender o Chefe da Nação e outros igualmente inconcebíveis, que as coisas não marchavam bem. No entanto, saímos do Brasil eufóricos, pois havíamos lido as declarações de Mao Tsé-Tung recomendando a todos os chineses que proclamassem alto e bom som suas dúvidas, seus desacordos, fizessem suas críticas. "Que as flores se abram!", pedira o poeta Mao no célebre discurso das "cem flores", verdadeiro poema. Ninguém duvidou da sinceridade do Chefe. Ele convocava o povo, numa abertura sem precedente, a colaborar com o governo. Assim foi interpretado por todos. "Se é para dizer o que se pensa, apontar defeitos, criticar os erros, reclamar, falar de coração aberto, abrir as flores..., vamos abrir os corações, falar a verdade." Por toda parte foi o que se viu: flores se abrindo e sendo cortadas pela haste.

Ainda na China, nesse ano de 1957, embora sentindo o ambiente carregado, não podíamos, nem de longe, supor que se

davam os primeiros passos para os anos de loucura desenfreada, de crueldade, à qual nem Ting-Ling, nem Ai Qin, nem Eva e Emi Siao, nem Shao Yanxiang, nem o próprio Presidente da República, Liú Chao-Chi, escaparam. Um após outro, no correr dos anos, os mestres da cultura foram denunciados, presos, desterrados... Presos e desterrados os nossos amigos, entre milhares de outros, submetidos à humilhante função de esvaziar fossas, limpadores de cloacas fétidas, sem o direito de exercer suas atividades habituais, proibidos de escrever.

As notícias que nos chegavam ao Brasil eram preocupantes e insuficientes: informações vagas e contraditórias, ninguém sabia direito o que se passava na China. Na Europa, e também no Brasil, alguns intelectuais de esquerda deliravam com a Revolução Cultural, a verdadeira revolução, segundo eles. Os acontecimentos da China concorreram para a onda de radicalismo que dominou certa corrente de pensamento esquerdista naqueles anos.

Foi Pablo Neruda quem nos deu informações mais precisas a respeito de nossos amigos. Pablo viera ao Brasil para a inauguração de um monumento a Garcia Lorca, trabalho de Flávio de Carvalho, em São Paulo, monumento que foi depredado, pouco tempo depois, por vândalos, partidários do golpe de 1964. Em seguida à inauguração, Pablo tomou um avião e foi nos ver na Bahia. Havia anos que não nos encontrávamos. Desembarcou dizendo: "Não me perguntem por ninguém, todos morreram..." Referia-se a velhos amigos espalhados pelo mundo, falecidos durante aqueles anos.

Dos chineses tivera notícias: soubera que Ting-Ling fora rebaixada à condição de faxineira da União de Escritores, em Pequim, varrendo e lavando privadas... Não lhe contaram, no entanto, que depois ela fora desterrada, proibida de escrever. Ai Qin fora preso ao voltar da viagem em que nos acompanhara pelo rio Yang-tse, em 1957. Por isso não o víamos mais em Pequim... Não aparecera nem para nos dizer adeus... Agora tudo se

explicava. Os Siao, Eva e Emi, encontravam-se desaparecidos, ninguém sabia dizer onde tinham ido parar.

Aquela foi a última vez que Neruda esteve no Brasil, só voltamos a vê-lo em Paris, Embaixador do Chile de Allende.

Ao partir da Bahia, além das saudades tão grandes, deixou conosco a preocupação pela sorte de nossos amigos chineses, vítimas dos horrores do culto à personalidade.

### **RESPOSTA ÀS NOSSAS INDAGAÇÕES**

Tudo o que se sabia da China, no Brasil, coisa pública e notória, era que a perseguição política recrudescera, acentuara-se o retrocesso democrático desde que o governo de Mao Tsé-Tung recusara-se a aceitar e a apoiar as revelações de Nikita Kruchev no XX Congresso do Partido Soviético, após a morte de Stalin. Ao revelar os crimes do stalinismo, Kruchev propunha uma nova política baseada na denúncia do culto à personalidade e das violações, tantas e tão monstruosas, da legalidade socialista, da democracia. O governo chinês a repudiou, preferiu ficar com a moral stalinista; o culto a Mao não tinha limites.

E nossos amigos chineses, o que se passava com eles? De que os acusavam, por onde andariam? Essas as perguntas que sempre nos fazíamos, Jorge e eu.

Somente em 1987, ao voltarmos à China, tivemos realmente resposta às nossas interrogações. Das velhas amizades, restavam vivos apenas Ai Qin e Eva Siao. Ting-Ling e Emi Siao estavam mortos. Presos, perseguidos, humilhados, não haviam suportado tanto sofrimento. Agora na China, já se podia falar, fazer perguntas e obter respostas. Inquirimos uns e outros, e as pessoas nos contavam de suas prisões; por toda a parte por onde andamos, Pequim, Xi An, Han-Zhou, Xangai, insistimos na interrogação que nos queimava por dentro, havia tanto tempo:

"Por que foram presos? Acusados de quê?" A resposta era sempre a mesma: "Muitas acusações, todas falsas." "E de onde partiam essas acusações, baseadas em quê?" "Do nada, ou antes, provinham da histeria generalizada no país, do culto à personalidade, da inveja, da maldade, do medo..." Querem saber, por acaso, um motivo de prisão? Pois bem: um cidadão fez um embrulho com uma folha de jornal onde estava estampado um retrato de Mao Tsé-Tung. Foi o bastante para ser denunciado, preso e condenado por desrespeito ao Chefe Supremo da Nação. Ainda outro exemplo, entre centenas: um membro do Partido foi preso por ter quebrado, acidentalmente, um busto de gesso de Mao Tsé-Tung, que enfeitava sua casa; acusaram-no de tê-lo feito propositalmente. Dessa avalanche de delações ninguém escapava, nem mesmo os mais provados lutadores comunistas. Contaram-nos de uma antiga militante, fiel e dedicada, que ao ser denunciada por desvio ideológico, motivo dos mais graves para desterro e prisão, ficou, da noite para o dia, com a cabeça completamente branca.

Criara-se uma organização, a Guarda Vermelha - segundo consta, idealizada por Jiang Qing, mulher de Mao Tsé-Tung -, formada por jovens imaturos e inexperientes, "modelos de devoção revolucionária", movidos por falso patriotismo e por um sectarismo cego. Em toda parte enxergavam "inimigos do povo", tudo servia para a denúncia. Acusações de pró-sovietismo, de desvios burgueses, desvios ideológicos e de outros mais: desvios sexuais, por exemplo.

Imbuídos de uma deformação psicológica e moral, esses jovens não titubeavam em denunciar "os inimigos", fossem eles quais fossem, pais, mães, irmãos, os melhores amigos... Espalhados e infiltrados por toda parte, olho atento, faro aguçado, eles descobriam ranço de burguesia e traição em tudo, nas menores coisas: numa palavra a mais, num sorriso fora de hora ou num olhar diferente... Mas a Guarda Vermelha não estava só, não era a única a vigiar. Havia os free lancers,

aproveitadores, invejosos, ambiciosos, bajuladores, mesquinhos, que denunciavam, mandando para a desgraça não apenas escritores mas também músicos, atores, pintores, os criadores em geral – a imaginação e o pensamento livre foram proibidos na China da Revolução Cultural. Epidemia pior que a peste que mata indiscriminadamente, essa histeria se alastrava como erva daninha, catava a dedo, para destruir o que havia de melhor na inteligência chinesa.

## **REENCONTRO**

Em 1987, estivemos em Pequim com Ai Qin e Eva Siao. Sem Emi, seu companheiro, seu amor, Eva, mulher corajosa, retomou o trabalho de fotógrafa e cineasta. Rosto triste, marcado pelo sofrimento, nos disse: "Agora tudo volta a marchar bem..." Amparada pelo carinho dos filhos, ela vai em frente. Os três rapazes, Leon, Vítia e Hou-Ping, que conhecêramos ainda crianças, brincando com João Jorge em Dobris, também não escaparam ilesos, sofreram muito. Filhos de pais "amaldiçoados", eles e milhares de outras crianças foram obrigados a abandonar os estudos e a fazer trabalhos pesados, só voltando à vida normal, a estudar, já homens feitos, após a reabilitação dos pais.

Eva ofereceu-me uma foto onde estou com Paloma no colo, tirada por ela em Dobris, cujo negativo resistiu a todos esses anos. Essa foto está na contracapa deste livro.

Coração rebentado, andando com dificuldade, apoiado num bastão, Ai Qin chorou no abraço do reencontro. Nós e nossos filhos, que estavam presentes, também choramos. Ai Qin colocou a seguinte epígrafe em recente volume de poemas: "Se eu tivesse morrido há sete ou oito anos, minha morte não teria valido mais que a de um cão esmagado." Grande pena, nossos compadres Ilya e Pablo já não estarem vivos. Eles não alcançaram a "virada", a

abertura política e democrática na China, o desmascaramento e a punição do "Bando dos Quatro", não tiveram a alegria de abraçar os amigos que conseguiram sobreviver.

## **ADEUS, LIÚ!**

Fecho este longo parêntese de tristeza para retornar à alegre China de 1952 a tempo de tomar o avião para voltar a Praga.

Pedimos aos amigos que não fossem ao nosso embarque, as partidas nos comovem, não gostamos das despedidas, mas eles foram, não faltou ninguém.

Estavam todos no aeroporto para nos acenar adeus e lá ficaram até que as portas do avião se fechassem. Partíamos emocionados: quando voltaríamos a ver nossos amigos chineses?

O primeiro que voltamos a encontrar, depois dessa despedida, foi Liú, nosso intérprete, nosso amigo. Quatro anos depois, em 1956, ele acompanhou a Ópera de Pequim, que vinha pela primeira vez ao Brasil, numa tournée. Viajou como intérprete do diretor da companhia. Que prazer tão grande ver Liú no Brasil, poder mostrar-lhe as belezas do Rio de Janeiro! Chegara nossa vez de servir-lhe de guia, de recebê-lo em nossa casa, de apresentar-lhe nossa família, nossos filhos que ele tanto conhecia de ouvir falar..

A temporada brasileira da Ópera de Pequim foi um sucesso. O espetáculo apresentado nada tinha a ver com a ópera que assistíamos na China: uma ópera inteira do começo ao fim. Montado para ser mostrado no estrangeiro, levava em conta o gosto ocidental. Espetáculo variado: cantos, acrobacias, mágicas etc, completamente diverso do tradicional, mas nem por isso menos interessante, ao contrário, ainda mais atraente.

Fomos ao aeroporto levar nosso abraço aos amigos da Ópera de Pequim que regressariam à China. Mais uma vez, ao nos

despedirmos de Liú, perguntamos: até quando?

Em edição extra, o Repórter Esso transmitiu o comunicado: "O avião que transportava uma parte da companhia da Ópera de Pequim – artistas, diretores e tradutores –, que vinha de se apresentar no Brasil, sofreu uma pane, explodindo no ar quando sobrevoava a Suíça. Não há sobreviventes." Adeus para sempre, Liú!

## **PIONEIROS**

Visitaríamos um país em luto. Na Embaixada da República Popular da Mongólia, em Pequim, onde estivéramos numa visita de cortesia, soubemos pelo Embaixador do falecimento do Presidente da Mongólia, acontecido dias antes.

Chefe do governo da Mongólia desde o ano de 1924, o General Choybalsan na juventude fora radiotelegrafista, e sua atuação de guerrilheiro, ao lado de Sukh Bator, contribuíra decisivamente para a independência de sua pátria. Choybalsan morrera em Moscou, onde fora tratar-se de grave enfermidade. O corpo já se encontrava em Ulan-Bator, exposto à visitação pública, num mausoléu improvisado, na praça principal.

Encravada lá nos confins do mundo, não sendo encruzilhada nem caminho para parte alguma, a Mongólia era pouco visitada. Segundo nos disse o Embaixador, eram raras as pessoas do mundo ocidental que apareciam por lá, e da América Latina ele acreditava que fôssemos os primeiros. Contou-nos que havia grande expectativa em torno da chegada de Jorge Amado e Nicolás Guillén, com as esposas, e que não seríamos tratados como simples hóspedes, mas, sim, com as atenções e o respeito que mereciam os dois grandes escritores das Américas, combatentes da paz, um dos quais era o camarada Amado, Prêmio Internacional Stalin. Senti-me a própria pioneira!

## ULAN-BATOR À VISTA

Enquanto nos aproximávamos de Ulan-Bator, a brincadeira, entre nós e os compadres, no avião, girou em torno do idioma em que iríamos dialogar com nossos anfitriões. Na ida fora aquela pantomima, eu de intérprete de russo...

Atrevimento da filha de dona Angelina.

A temporada na China me valera o conhecimento de uma dúzia ou mais de palavras em chinês, que aprendera e incorporara ao meu vocabulário de línguas estrangeiras. Até cantar eu cantava, uma canção inteira. Repetia as frases e as palavras decoradas tão direitinho que as pessoas entendiam e, achando que eu falava para valer, continuavam a conversa. Divertia-me agora, no avião, provocando Jorge e Nicolás, contando com a solidariedade de Rosa, sempre a meu favor. Dizia-lhes que com minha lista de palavras em chinês: ni-hau, po-hau, saichian, che-che e outras mais, eu ia me espalhar pela Mongólia, eles cada vez mais dependendo de minha competência.

No aeroporto, desta vez, encontrava-se um mundo de gente, não apenas duas pessoas como acontecera na ida. Até um microfone, obsoleto, diga-se de passagem, fora instalado como parte da aparelhagem de rádio ali a postos para transmitir ao país os discursos da chegada. Ficara claro, para os mongóis, devido à experiência do primeiro encontro, que não sabíamos bulhufas de russo – nem mesmo a atrevida que se metera a intérprete sabia –, muito menos de mongol; prova disso: traziam agora, a tiracolo, um tradutor de inglês. Olhei para a cara de Jorge e tive vontade de rir, pois ele e Nicolás estariam, como eu anunciara, no meu bolso, sendo a única do grupo a falar inglês. Falar é modo de dizer, falava e entendia mal, mas em terra de cego... O Ministro da Educação e Cultura nos deu as boas-vindas em mongol. Esse, o conhecíamos das reuniões do Conselho Mundial da Paz, onde representava a Mongólia. O microfone foi posto diante de Jorge... E agora?, pensei, em que

língua ele vai falar? Em francês não ia adiantar, tampouco em espanhol... Jorge tomou da palavra e, já que ninguém conhecia nenhuma das duas línguas, não titubeou, sapecou um discurso em português mesmo, idioma que deve ter parecido estranhíssimo aos ouvidos dos presentes e da população da República Popular da Mongólia que ouvia a transmissão. Não houve mais nenhum discurso, é claro, e passou-se à apresentação das pessoas presentes: ministros de Estado, deputados, artistas de cinema e de teatro, destacando-se dos demais uma atriz que de- 198 via ser estrela de brilho maior, bela em seu espetacular traje de cetim vermelho, a longa túnica apertada na cintura com várias voltas de uma faixa azul.

## **PÉ NA TERRA**

No percurso do aeroporto para o hotel, surgiam, uma após outra, centenas de tendas brancas, as mesmas barracas redondas que víamos do avião. Vistas de perto, eram infinitamente maiores e mais sólidas, grandes o suficiente para abrigar toda uma família. Havia muito mais tendas do que casas de alvenaria. País de nômades, o grosso de sua população – 900 mil habitantes, na época – era formado de pastores que, com a chegada do inverno, abandonavam os campos -oásis em meio ao deserto – e vinham para a cidade. Habitavam naquelas barracas, feitas de lã de ovelha prensada, espessas, de uns dez centímetros, verdadeiras couraças, confortáveis. Dentro delas ficavam bem abrigados, não havia frio, por mais terrível que fosse, capaz de atravessar as paredes de lã. Lá recolhidos, os pastores aguardavam a primavera para então saírem novamente com seus rebanhos para outras paragens – às vezes muito distantes –, em busca de pastos.

A temperatura em Ulan-Bator era de alguns graus abaixo de zero, porém o ar puro e o frio seco a tornavam suportável. As

montanhas alinhadas em torno da cidade encontravam-se completamente brancas, cobertas de neve; gostaria de vê-las no verão, no esplendor das florestas iluminadas de verde.

Nosso hotel ficava na praça principal da cidade, instalado num prédio antigo. O único hotel de categoria da capital da Mongólia, apesar de antiquado, oferecia certo conforto, e os quartos eram claros e amplos. De nossa janela, no segundo andar, podíamos ver perfeitamente, na outra extremidade da praça, o mausoléu onde se encontrava, sendo velado, o corpo de Choybalsan.

Nossa primeira providência, antes de fazer qualquer outro programa, foi marcar hora para, no dia seguinte, render nossa homenagem ao Presidente falecido, levando-lhe uma coroa de flores.

Jorge e Nicolás não se conformavam de ficar à mercê de minhas traduções, trataram de pedir um intérprete de francês. Sentimos que os responsáveis ficaram inquietos, reticentes; Jorge insistiu. Foi então que confessaram não haver na Mongólia tradutores de francês, aliás nunca haviam sentido necessidade; além do mongol, a elite conhecia a língua russa, bastava-lhes.

Os dois compadres ficaram desapontados com a notícia mas, que fazer?, conformaram-se. O jeito era ter paciência e continuar a depender de mim.

Não nos deram um intérprete de francês mas, em compensação, na hora do jantar, surgiu um novo personagem, designado para nos dar assistência. Tratava-se de um médico, mas somente no dia seguinte viemos a saber de sua verdadeira função. De começo a presença daquele cavalheiro foi um mistério profundo: aparecera quando já estávamos sentados à mesa; alto, magro, vestia um guarda-pó branco que lhe ia até as canelas, a roupa não o identificava. Para Rosa, era um cabeleireiro que iria cortar as melenas de Nicolás. Jorge achou que ele era nada mais, nada menos do que um assistente de cozinheiro que ali estava para ver do que gostávamos e do que não gostávamos. Iria

depois prevenir o mestre-cuca lá dentro... A teoria do romancista era tão convincente que eu embarquei nela.

Ar compenetrado, consciente de sua responsabilidade, a estranha figura não sentou. Passou uma vista d'olhos nas travessas de comida espalhadas sobre a mesa e, num gesto imperioso, indicou ao garçom que nos atendia um queijo branco, cremoso, e lá veio, em seguida, uma porção para cada prato. Queijo delicioso, fresco, de ovelha, nutritivo. Em seguida apontou a jarra com um líquido esbranquiçado, e nos foi servida a beberagem, em taças de prata incrustada em madeira, trabalho artesanal, de alto gosto. O tradutor, a meu lado, explicou que a bebida era uma especialidade mongol, muito saudável: "a nossa cerveja". Podia ser saudável quanto quisesse, mas que gosto horrível! Era fermentada e azeda. Eu, que costumo ter paciência para comer às vezes coisas de que não gosto, só não cuspi o diabo da cerveja por pura educação. Jorge achou que eu não entendera a explicação, "pra mim isso não é cerveja nem aqui, nem..." Ficamos sabendo que a dita cuja era feita de leite de jumenta. Jorge provou outro gole, depois outro...

"Não vá se embriagar...", pilheriou Rosa. Enquanto estive na Mongólia, Jorge a bebeu no almoço e no jantar, fazendo-lhe grandes elogios: sinceros ou não, só Deus sabe! Achamos, os três, que ele apenas se divertia à nossa custa... Até hoje, a dúvida paira no ar, apesar dele garantir que gostou de verdade.

Sempre sob a batuta do ilustre desconhecido, fomos comendo, comendo sem parar; os pratos se sucediam em nossa frente, comida gostosa e nutritiva, nutritiva até demais! Depois de um jantar daqueles, a prudência mandava que andássemos um pouco para fazer a digestão, e, além do mais, sobretudo, estávamos loucos de vontade de sair porta afora, batendo pernas por aquela cidade estranha na qual nem ruas havia, tudo era praça. Ao ouvir falar que desejávamos sair, o camarada que se ocupava de nós cochichou com o homem do guarda-pó.

Negativo! Nada de apanhar frio! Devíamos ir para a cama descansar. Depois dessa, concluímos que o camarada era, nada mais, nada menos, um responsável do Partido, cheio de poderes.

No hall do hotel, sobre cavaletes, encontravam-se as duas enormes coroas para a solenidade fúnebre da manhã seguinte. Devíamos sair do hotel às dez horas em ponto. As coroas eram bonitas porém inteiramente de folhas. Flores no inverno da Mongólia? Seria pedir demais.

### **CURTO-CIRCUITO**

Encontrávamo-nos a postos no hall, às dez horas precisas. Verdadeira multidão se comprimia lá fora, em frente ao hotel, curiosos de ver gente tão diferente deles. Massa colorida, as túnicas de várias cores, de várias cores as faixas na cintura, espetáculo lindo. Eram pessoas de todas as idades, enfrentando, desde cedo – nós as tínhamos visto da janela, ao acordar –, um frio daqueles, frio que lhes transformava em duas rosas as maçãs salientes dos rostos.

Tudo fora organizado dentro do rígido protocolo oficial: Jorge e eu iríamos à frente carregando uma coroa; Rosa e Nicolás, mais atrás, carregando a outra. Fez-se um cordão de isolamento para que pudéssemos sair do hotel. Atravessamos a multidão e seguimos andando, lentamente, cruzando a praça, fazendo atenção ao pisar no chão escorregadio, o frio castigando...

Ministros de Estado e parlamentares nos acompanhavam na marcha solene, depois vinha o povo. Nas proximidades do mausoléu, vi que toda uma fila de oficiais, em posição de sentido, nos aguardava. Paramos a uns dez metros deles.

Duas pessoas tomaram as coroas de nossas mãos e as levaram para depositar ao lado do catafalco sobre o qual encontrava-se

o esquiife. Quatro oficiais, quatro gigantes, peitos forrados de medalhas, dragonas de não acabar – seriam generais?

– , deram dois passos à frente enquanto os demais apresentavam armas.

Iniciaram-se os cumprimentos, tirei as luvas e, foi aí, ao apertar a mão do oficial, que aconteceu o inesperado: um violento choque me sacudiu, sacudiu a ele: eu acabara de provocar um curto-circuito com estalos, faíscas vermelhas e centelhas azuis... Estremeci, estremeceu o oficial. Por um átimo de segundo, pude ver aquele rosto imóvel, de pedra, desmontar-se. Cabe ao olhar assombrado do oficial a culpa pela vontade louca de rir que me dominou, vontade incontrollável... Quem já não passou por uma dessas? Querer parar de rir sem poder, sem conseguir? Situação angustiante e ao mesmo tempo cômica. Tirei rapidamente um lenço da bolsa, cobri o rosto com as duas mãos e tome risada! Riso ou pranto? Contornei o caixão aos soluços. Sem saber o que se passava comigo, Jorge preocupava-se e os compadres também. Por que estaria ela chorando daquele jeito? Teria se impressionado ao ouvir, na véspera, a descrição dos feitos heroicos de Choy-balsan, e agora, diante de seu cadáver... Seria sensível a esse ponto? Ou teria enlouquecido?

Durante o tempo que durou a cerimônia recebi palmadinhas nas costas, gesto de solidariedade e conforto, o que só fazia aumentar, ainda mais, minha vontade de rir. Tratamos de voltar ao hotel o mais depressa possível. Preocupados, os compadres nos acompanharam até o quarto: "Afimial de contas", perguntou Jorge, mal entramos, "o que está acontecendo com você?" Atirada na cama a corpo morto, já sem necessidade de dissimular, eu soltara a gargalhada de vez, e a custo consegui responder: "Fulminei o 'general'!..."

## **O PROFESSOR**

O médico nutricionista – já sabíamos até sua especialização – continuava firme no posto de comando, não faltava a nenhuma refeição e... nos nutria. Rosa e eu já não aguentávamos, apavoradas! Se continuássemos a comer daquele jeito, terminaríamos imensas de gordas, duas baleias. Não adiantava recusar: "Não quero mais, estou satisfeita, muito obrigada..." Ele nem tomava conhecimento! Sem dizer uma única palavra, apontava a comida no prato, o gesto dizia: "Tem que comer!" Jorge não tinha esse problema, era magro e podia comer o que bem quisesse e quanto quisesse que não engordava.

Nesse segundo dia, a grande surpresa: haviam desencravado, em 24 horas, um mongol que conhecia a língua francesa. Inda bem! Estávamos prontos para sair, havia um encontro marcado com o Primeiro-ministro, que sucedera provisoriamente Choybalsan; depois iríamos ao Parlamento, onde Jorge e Nicolás seriam recebidos. Eu deveria servir de tradutora. Angustiada, não sabia como me sair daquela prebenda. Com que cara, meu Deus, ia me meter a traduzir uma conversa de tanta responsabilidade? Não me sentia capaz, de jeito nenhum! Bendito intérprete, chegava na hora exata!

Professor de escola primária num bairro distante, radioamador nas horas vagas, uns 35 anos de idade, o tradutor que nos traziam cumprimentou-nos com gentileza: o rosto impassível, as mãos trêmulas.

Soubemos depois a sua história: aprendera o francês sem professor, sozinho. Costumava ouvir as emissões em francês da Rádio Moscou, apreciava as músicas francesas, achava aquela língua lindíssima e resolvera dominá-la. Recorreu à Biblioteca Nacional, encontrou pouca coisa em francês, quase nada, o suficiente, no entanto, para satisfazer a sua obstinação. O fundamental, a gramática francesa, estava lá, além de um livro sobre pecuária e um romance: O Conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas. Estudou e aprendeu a gramática; leu e releu o livro sobre pecuária, ficou entendido em bovinos, caprinos e

ovinos; adorou O Conde de Monte Cristo, leu e releu vezes sem fim o romance de Dumas; passou a entender o que transmitiam os programas de francês, da Rádio Moscou mas, hélas!, jamais falara a língua, nem uma única palavra. Falar com quem?

O pessoal da biblioteca dera a pista ao serviço de informações do governo.

Foram pescá-lo quando lecionava na pequena escola primária. Não havia tempo para muitas explicações: "Interrompa a aula, o camarada vai ter que nos acompanhar." Levavam um terno de roupa mais ou menos de suas medidas -segundo Jorge, o governo mongol possuía um estoque de roupas ocidentais para eventuais necessidades, como essa, por exemplo. "Mude a roupa e venha conosco, pois o camarada vai servir de intérprete de francês a Jorge Amado, escritor brasileiro, Prêmio Internacional Stalin." O nome de Jorge Amado não lhe recordava grande coisa, tinha uma vaga lembrança de tê-lo ouvido numa emissão e não chegava a impressioná-lo, mas o título de Prêmio Internacional Stalin buliu com ele. "Iremos daqui para o Palácio do Governo, onde o Primeiro-ministro nos espera." Primeiro-ministro? Agora, sim, ele estremeceu. Ao ver o intérprete enfatiotado, pronto para seguí-los, os emissários, dando por cumprida a tão difícil tarefa, respiraram aliviados: "Ufa!", disseram. "Ufa!", disse eu, ao vê-lo chegar: a pátria estava salva.

Ao tomar conhecimento de sua história, achamos que o professor até tremera pouco e que poderia ter empalidecido ainda mais.

No gabinete do Primeiro-ministro, começou falando lentamente, medindo cada frase, cada palavra, refletindo antes de proferi-las... Nós tratamos de deixá-lo à vontade, e na visita ao Parlamento, logo em seguida, traduzindo os discursos, ele já tremia menos; aos poucos foi ganhando terreno e confiança, revelou-se um excelente tradutor.

## **ARCO-ÍRIS NO PARLAMENTO**

O prédio onde funcionava o Conselho de Ministros era grande e relativamente novo: comportava os poderes executivo e legislativo. Edifício de estilo soviético, assim como os outros que havia na praça, a mesma arquitetura pesada dominante em Moscou desde a Revolução de Novembro.

O recinto do Parlamento estava repleto, naquela tarde. Na sala das sessões, alguns deputados, pastores de ovelhas, chamavam a atenção pela trancinha comprida até as costas, único cabelo na cabeça raspada. Os parlamentares vestidos com seus trajes coloridos davam ao plenário a beleza de um arco-íris. Contaram-nos que, ao construir o prédio, por volta dos anos 30, haviam esquecido as instalações sanitárias, inexistentes antes: os deputados iam fazer suas necessidades ao ar livre. Foram os arquitetos soviéticos, vindo fiscalizar as obras, que se deram conta e providenciaram as privadas. A pessoa que nos contou o episódio ria: "Ainda há quem prefira ao ar livre..."

## **A ESCOLA PRINCIPAL**

Visitamos a Universidade, que possuía sete faculdades, e nos surpreendemos ao saber que a escola principal era a de veterinária. Fácil de explicar, fácil de entender: o número de cavalos e de cabeças de gado, na Mongólia, era vinte vezes superior ao número de habitantes. Cada criança, ao nascer, recebia do Estado dez cabeças de gado. A base da alimentação do povo era a carne, o leite puro de vaca, de cabra, de ovelha e até de jumenta – segundo eles, o melhor de todos.

Comiam muito queijo, manteiga e carne fresca. Povo sadio, dentes perfeitos, pulmões limpos. Não havia um único caso de tuberculose. Os médicos alopatas tinham pouco trabalho.

Visitamos todas as dependências e nos encantamos com os estudantes, filhos de pastores, de camponeses, de operários, sem distinção de classe, com seu guarda-pó branco, comprido, jovens compenetrados, lidando com provetas nos laboratórios... A Mongólia passara diretamente do feudalismo para um regime de economia não-capitalista, buscava o caminho do socialismo.

Embora possuindo minas de carvão e de ferro, a economia do país baseava-se na pecuária, na fabricação de derivados de leite e do couro. Visitamos em Ulan-Bator fábricas de enlatados de manteiga e de conservas de carne para exportação. Produziam sedas e lãs manufaturadas. Em torno de cada empresa, viviam os operários, habitando casas de pedra e cal. Perguntamos pela construção colorida que divisáramos do avião. Tratava-se de um templo budista, onde residia o Buda vivo. O budismo, proveniente do Tibete, dominara o país desde os fins do século XVI. Em 1921, quando da liberação da Mongólia do jugo japonês, da população de seiscentos mil habitantes que havia, cem mil eram monges budistas.

O Deus vivo apoiou e participou, com Sukh Bator e Choybalsan, da luta de libertação, e até pouco depois de 1924, depois da mudança do regime, continuou como Chefe de Estado até a sua morte, em 1924 mesmo. Deixou o poder porque morreu. Venerado pelo povo, o Buda vivo era intocável e respeitaram-no. Após sua morte, foi proclamada a República. Seu sucessor, despojado do poder civil, continuava exercendo suas funções de Deus, porém não intervinha na política da República Popular. Apoiava o poder socialista. Em frente ao pagode, beleza de construção em madeira, vermelho, verde e dourado, vários fiéis faziam suas preces, uns acocorados, outros estendidos de bruços sobre uma larga tábua no chão de lama. A religião budista era inegavelmente forte.

Estávamos curiosos de ver um "Deus" em pessoa, de carne e osso... Mas quem nos recebeu – como não podia deixar de ser –, em sua sala forrada de esteiras, foi um homem como outro qualquer.

Mais para gordo do que para magro, apenas uma larga capa amarelo-mostarda o diferenciava dos demais monges que circulavam por ali. Ofereceu-nos chá e falou maravilhas do governo. O Deus vivo, um bonacheirão! Absolutamente nenhum sinal de grandeza sobrenatural.

Desconfio até que era membro do Partido.

O professor de francês, firme nas traduções, progredia a olhos vistos. Já não precisava pensar muito antes de falar. Enturmara conosco e divertia-se com as coisas que dizíamos, tinha espírito esportivo; não nos largava um momento sequer, feliz da vida!

## **VAMOS ÀS COMPRAS?**

Aproximava-se a data de nossa partida da Mongólia e ainda não havíamos comprado nada. A União Soviética e a China, onde Jorge era traduzido e publicado, não pagavam direitos autorais em divisas, mas o faziam em rublos e em ienes, moedas locais, dando-nos assim a possibilidade de comprar o que quiséssemos, durante nossas visitas. Na Mongólia não havia traduções nem direitos a receber. O jeito era trocar alguns dos nossos parcos dólares, e tentamos fazê-lo. Onde, porém?

Não víamos bancos nem casas de câmbio. Falamos ao intérprete, ele sabia tanto quanto nós, levou o problema ao Ministro da Educação e Cultura: deixe comigo, respondeu-lhe o figurão, e o intérprete transmitiu-nos a resposta vaga, desencorajadora.

O Ministro da Cultura nos recebera no aeroporto, se ocupara com nossa visita a Ulan-Bator, enturmara conosco, uma simpatia de pessoa, aparecia diariamente, às vezes vinha fazer refeições em nossa companhia. Moço ainda, teria uns quarenta anos, movimentado como ele só. Para ele não existiam obstáculos, era um deus todo-poderoso, um verdadeiro mandachuva, um espalha-

brasas. Onde quer que chegasse, as portas se abriam, conhecido por todo mundo e conhecendo a todos.

Viajaríamos no dia seguinte para Moscou, e de Moscou seguiríamos diretamente para a Tchecoslováquia. Logo pela manhã, o amigo Ministro foi nos apanhar no hotel, reservara aquele dia para as compras. Compras, maneira de dizer, pois logo soubemos que iríamos escolher mas não pagar, as "compras" nos seriam oferecidas pelo Estado.

Rosa e eu planejáramos comprar as maravilhosas roupas mongóis, um traje completo para cada uma: a túnica, a faixa, o chapéu de veludo - não os de pelos compridos, lindos porém demasiado grandes -, e as botas. As botas, de beleza extraordinária, eram feitas a mão, de couro com incrustações coloridas, as ponteiros viradas para cima. Botas e chapéus serviriam apenas como decoração, jamais os usaríamos. Jorge estava de olho nas taças de prata, nas quais serviam a cerveja de leite de jumenta. Nicolás sonhava com o chapéu, verdadeiro monumento, de duros gomos de veludo preto, presos ao alto com um arremate de cores vivas.

Saímos, pois, "às compras" com o Ministro; até aquele momento, por mais que procurássemos com os olhos, não tínhamos visto nenhuma vitrine de loja, como existem em toda a parte do mundo. Somente naquele dia pudemos conhecer uma loja em Ulan-Bator, porém loja sem vitrine.

Espalha-Brasas foi chegando, abrindo alas, as portas do estabelecimento se escancarando, os vendedores pondo-se à nossa disposição. Armazém grande de salas amplas, as prateleiras, de cima a baixo, repletas de um tudo, desde os trajes de cetim aos de couro, gorros e chapéus de todos os feitios, sapatos e sandálias, cobertores de lã, grossos e quentíssimos. Camarada Ministro notou a minha admiração diante da grossura do cobertor e mandou que separassem um para mim, cor-de-rosa, florado. Eu não pretendia, de forma alguma, sobrecarregar a bagagem com aquele volume imenso, cobertor dos mais quentes, sem nenhuma

serventia no clima do Rio de Janeiro. Não adiantou explicar que eu apenas admirara a grossura da peça, nada adiantou Jorge protestar: "...Deus me livre, não levo de jeito nenhum." Mandachuva fez ouvido mouco. Posto na mala de couro mongol, outro presente que recebemos, até hoje o cobertor encontrasse no Rio e tem-me sido da maior utilidade: já serviu até de colchão em momento de necessidade. Conto como sucedeu.

### **O COBERTOR MONGOL**

Sucedeu da seguinte maneira: Nos anos 60, Jorge resolveu organizar, no Rio de Janeiro, uma noite de autógrafos nos moldes da festa que o Comitê National des Écrivains, em Paris, realizava uma vez por ano e da qual ele participara duas vezes. Cada escritor, assistido por uma ou mais vedetes, artistas conhecidos, assinaria seus livros, como em Paris. A iniciativa visava a angariar fundos para a União Brasileira de Escritores, da qual Jorge era vice-presidente.

Entre os participantes dessa noite de autógrafos encontrava-se Carolina Maria de Jesus, autora que obtivera grande sucesso com seu primeiro livro, Quarto de Despejo. Carolina chegara de São Paulo já passava das dez horas da noite, quando a festa já havia começado. Viera diretamente da estação rodoviária para o nosso apartamento. Trazia a filha, menina de uns sete, oito anos, e um jovem, seu convidado. Na mão, um saco de estopa, cheio pela metade de limões colhidos no seu quintal, "...um presentinho..." Decidira hospedar-se lá em casa, a conselho de um livreiro de São Paulo que lhe fornecera o endereço: 'Vá se hospedar com o Jorge, ele vai ficar muito contente!' "E a minha filha e o meu amigo?", quis saber Carolina. "Leve todo mundo, não faça cerimônia, a casa de Jorge é grande." Brincadeira de mau gosto ou maldade? Certamente maldade, como, aliás, foi-nos fácil comprovar, tirar a limpo.

Pessoa simples, inexperiente, Carolina estranhou quando nossa empregada lhe disse que Jorge, eu e as crianças tínhamos saído havia muito, para ir à festa, que os velhos já estavam dormindo e que não lhe havíamos dito nada sobre a chegada de hóspedes. Além do mais, adiantara a moça, o apartamento estava superlotado, não havia lugar nem para uma mosca, até no diva da sala tinha gente dormindo... A pessoa que dormia na sala, à qual a empregada se referira, era nossa amiga Missette Nadreau, que chegara da França para viver no Brasil e estava hospedada conosco.

Chamada às pressas, larguei a festa pelo meio e fui até em casa ver o que realmente se passava, ver se havia algum problema e, se houvesse, resolvê-lo.

Encontrei à minha espera o problema da hospedagem de Carolina, de sua filha e de seu amigo. Àquela hora tardia eu não via muito jeito de obter acomodações para Carolina e sua comitiva, mas fiz um esforço, dei mais de mil telefonemas até conseguir alojar Carolina e seu escudeiro. Quanto à menina, que já dormia de pé, mandei que se deitasse na cama de João, que estava na festa. João dormiria num colchão, mas o diabo era que em casa não havia colchão sobrando. Lembrei-me do famoso cobertor mongol que, grossíssimo como era, certamente quebraria o galho.

Dobrei-o em dois e sobre ele, no chão, meu filho dormiu confortavelmente.

Soubemos, alguns dias mais tarde, que após deixar a casa onde pernoitara, Carolina, a filha e o amigo haviam passado para um hotel por conta de uma emissora de televisão que iria fazer com ela um programa-bomba, sobre a falta de solidariedade de Jorge Amado que se recusara a hospedá-la em sua casa, por tratar-se de pessoa do povo, e negra. Uma amiga nossa advertiu-a a tempo, explicou-lhe que ela estava sendo ludibriada, iam utilizá-la numa intriga para arrastar Jorge na rua da amargura. Carolina deu-se então conta do conluio no qual desejavam

envolvê-la, com promessas de cachê, geladeira, rádio, liquidificador e o diabo a quatro, e recuou: "...não, de jeito nenhum... por dinheiro nenhum do mundo!" Tomou um ônibus e partiu para São Paulo. De lá nos mandou uma fotografia dos três filhos com os agradecimentos pelas atenções dispensadas.

O cobertor mongol continua a me prestar serviço: ele cobre, há anos, minha máquina IBM, que permanece no apartamento do Rio, protegendo-a contra a maresia da praia de Copacabana. Não há salitre de mar algum, posso garantir, que atravesse meu precioso cobertor de lã.

## **OS PRESENTES**

Quanto aos trajes de cetim que Jorge e eu ganhamos naquele último dia de Ulan-Bator, continuam em nossos armários. Certa vez emprestei o meu, cor de cereja com faixa abóbora, para a atriz Glauce Rocha, amiga inesquecível que partiu cedo demais.

Glauce estava convidada para um baile pré-carnavalesco, onde haveria um concurso de fantasias autênticas, mas como conseguir uma fantasia autêntica? "Pois ela está aqui, Glauce, à tua espera..." E lá se foi Glauce, toda mongol, a cinturinha de vespa apertada na faixa abóbora, o monumental chapéu a elevar-lhe ainda mais a estatura, nos pés as majestosas botas de ponteiros voltadas para o céu... Talvez Glauce não se sentisse confortável dentro delas, mas valia a pena o sacrifício.

Essas botas, ah, essas botas!, fascinavam sobremaneira João Jorge, que ainda estava na escola primária. Um belo dia, não resistindo à tentação, ele as calçou e, sem que alguém o visse, saiu sorrateiramente para o colégio. Por acaso o surpreendi a tempo na esquina da avenida Copacabana com Rodolfo Dantas, no ponto onde o ônibus da escola costumava apanhá-lo, rodeado de curiosos que admiravam os estranhos borzeguins.

Rosa e Nicolás receberam presentes idênticos aos nossos. A dificuldade foi Nicolás encontrar um chapéu que desse em sua cabeçorra: todos eram pequenos para ele. Experimenta um, experimenta outro, esvaziou-se a prateleira. Rosa assistia, impassível, sem dar palpite, até que de repente não se conteve e saiu-se com esta: *"Diga me, Nicolazito, por casualidade pretendes pasear alguma vez con este sombrero por las calles de La Habana?"* Riu Nicolás, de perder o fôlego, rimos todos, e Nicolazito saiu, Ulan-Bator afora, de sombrero no cocuruto, feliz da vida. Jorge foi premiado, ganhando a taça que tanto cobiçará. Até hoje essa taça decora nosso apartamento de Copacabana. É a menina de seus olhos, e ai de quem, inadvertidamente, a usa como cinzeiro!...

## **O PROFESSOR É PROMOVIDO**

Andarilhos de vários universos, deixávamos a Mongólia convencidos de que jamais teríamos outra experiência igual. Conhecêramos um país onde nunca existira o capitalismo, de burguesia nem sinal, de pequena-burguesia muito menos.

Tratáramos com pessoas da melhor qualidade humana..

Em tão poucos dias nos tornáramos íntimos do professor primário, do homem que, para nos servir, fizera das tripas coração, falara francês pela primeira vez na vida. Nos abraços da despedida, estávamos todos comovidos. Entre a emoção e o encabulamento, nosso tradutor pediu a Jorge que lhe fizesse assinaturas das revistas editadas em francês, na União Soviética. Não tenho dúvidas de que das coisas que mais prazer deu a Jorge foi mandar para nosso amigo mongol quantidade de livros editados em francês na União Soviética, fazer assinaturas em seu nome, por três anos, das revistas: *Littérature Soviétique, Problèmes du Socialisme e Temps Nouveaux.*

Naquele mesmo ano de 1952, no mês de dezembro, Jorge voltou à Europa e encontrou-se com o camarada Ministro numa reunião do Conselho Mundial da Paz, em Viena. Perguntou-lhe por nosso amigo, tradutor de francês. Teria voltado a lecionar na sua escolinha? O amigo Ministro – em breve ele viria a ser Primeiro-ministro da Mongólia – respondera com uma gostosa gargalhada: "Professor primário? Está louco? Uma preciosidade dessas não se joga fora... Ele é hoje chefe do departamento de francês do Ministério do Exterior. Resultado de tua visita."

### **ADEUS, COMPADRES!**

Chegara a hora de nos despedirmos de Rosa e Nicolás. Eles permaneceriam ainda alguns dias na URSS, nós seguiríamos diretamente para a Tchecoslováquia.

Em Praga teríamos apenas tempo de arrumar a bagagem e voltar para o Brasil.

Conhecêramos os Guillén havia anos, em 1947, no Brasil, como já contei.

Depois nos encontramos em Paris e em Praga. Agora, na convivência diária durante mais de um mês, o carinho entre nós crescera, a amizade fizera-se maior.

Dizer adeus aos compadres não era tarefa fácil, coisa que me maltratava... Não sei por que, eu metera na cabeça essa história de que as grandes distâncias podem separar as pessoas para sempre, fatalismo idiota... convencera-me de que os amigos distantes passariam a viver apenas em nossa lembrança e nas saudades, jamais voltaria a vê-los, como se houvessem morrido. Não sei se Rosa também pensava assim, creio que não, mas só sei que no abraço da despedida choramos, as duas, de nos acabar.

Felizmente, minha teoria pessimista não tinha base, era absurda, e voltamos a encontrar o compadre, dois anos mais tarde, em Moscou, por ocasião da entrega do Prêmio

Internacional da Paz a Nicolás. Dessa vez ele estava sozinho, Rosa ficara em Cuba.

## **TRAVESSIA NO MAR BÁLTICO**

Voltei a encontrar, em 1954, não apenas Nicolás Guillén mas também outros amigos por quem derramara lágrimas sentidas ao despedir-me para sempre.

Voltei inclusive a lugares que pensara nunca mais rever, lugares de minha afeição.

Realizou-se naquele ano, em Estocolmo, um congresso do Movimento Mundial da Paz: membro do Bureau do Conselho, Jorge comparecera e eu o acompanhei na viagem à Suécia, via Praga. Nossa estada na Tchecoslováquia foi curta, mal tivemos tempo de ir até Dobris matar as saudades, antes de embarcarmos, com todo o secretariado do Conselho, num trem que atravessaria a Alemanha, até Lubeck.

Caravana numerosa e alegre, na conversa animada com Alfredo Varela, Emi Siao, Jean Laffitte e Halldor Laxness – Laxness receberia, daí a um ano, o Prêmio Nobel de Literatura –, nem sentimos o tempo passar. Além da amizade pessoal, também a admiração literária, mútua, unia o romancista islandês e o brasileiro. Halldor Laxness, inclusive, fizera traduzir *Mar Morto* para o islandês.

Jorge lera Laxness em espanhol e em francês, considerava-o um mestre do romance.

Em Lubeck o trem entrou num ferry-boat que nos levaria até a Suécia.

Passaríamos a noite navegando e acordaríamos em Estocolmo.

Nem bem o trem parou, todo mundo tratou de se espalhar pelo navio.

Jorge e eu subimos ao convés do gigantesco barco. Era inverno, fazia muito frio e, embora fosse cedo, não dera ainda

quatro horas, começava a escurecer, o céu baixo e carregado tingia de negro as águas do mar agitado. Centenas de gaivotas sobrevoavam o navio em busca de alimento, e nós nos divertíamos atirando-lhes pedaços de pão, que elas, com uma agilidade incrível, muitas vezes apanhavam em pleno voo. O navio zarpara, gaivotas e porto iam ficando para trás. Rodeamos o tombadilho e, enregelados, procuramos o calorzinho aconchegante do bar, localizado na popa. Sentamos na grande mesa onde já estavam vários amigos. A cerveja foi servida em seguida; cerveja, queijos, salames e sardinhas inteiras, cruas.

O navio começava a jogar e um marinheiro apressava-se em baixar as cortinas das vigias. O balanço se acentuava cada vez mais, e algumas pessoas se retiraram, certamente indispostas; eu também comecei a me sentir mal, atordoada e com uma insuportável sensação de enjoo. Sempre muito animado, Alfredo Varela divertia-se segurando uma sardinha pela cauda; com o balanço do barco ela ia e vinha como um pêndulo de relógio. Varela fazia o malabarismo bem no meu nariz, sem desconfiar que aquele movimento e o cheiro agressivo do peixe derrotavam meu estômago. O melhor a fazer, antes que fosse tarde, era voltar para a minha cabine, deitar e ficar quietinha. Fiz um sinal a Jorge de que eu ia embora, e ele, entretido numa prosa animada com Laxness, interrompeu a conversa por um momento para me indicar o caminho do trem: "...saia pela porta em que entramos, desça as escadas logo mais adiante, eu vou em seguida". Tive dificuldade em abrir a porta e, ao pisar no deque, fui empurrada violentamente por uma rajada de vento, que me fez sair aos trambolhões. Agarrei-me no primeiro mastro que encontrei pela frente e ali fiquei plantada; por quanto tempo?... Dez, quinze, vinte minutos talvez, tempo infinito. Noite de breu, ventania e chuva me açoitando, o mar enlouquecido explodindo em roucos estrondos, ondas gigantescas estourando na amurada a poucos passos de mim, molhando-me da cabeça aos pés. Nesse momento de desespero e angústia, face a face com a magra

a me desafiar, ameaçadora: "...se bobeares, tu vais ver...", todo o mal-estar e o enjoo desapareceram: nem frio eu sentia mais. O instinto de conservação, mais forte do que tudo, me aconselhava a ter calma, e eu fiquei calma. Calma, porém melodramática. Ai de mim se fraquejasse! Seria arrastada pelo turbilhão do vento, tragada pelo mar furioso... Mil pensamentos passavam por minha cabeça e eu só melodramatizando: "Jorge, coitado, ia ficar desesperado!... E as crianças? Ai, pobrezinhos de meus filhos! Três orfãozinhos sem mãe..." Via as manchetes nos jornais e revistas: "TRAGADA POR UM FURACÃO NO MAR BÁLTICO!" E mamãe? Dona Angelina não iria resistir ao saber que sua filha desaparecera tragicamente... Morreria na certa! Lalu ia chorar, desolada: "Coitadinho de meu filho, como está sofrendo!" Cheguei a achar graça da provável reação de minha sogra. Ia longe a novela que eu criava imaginando o pior, quando notei a claridade de um farol vinda da torre de comando. O fecho de luz circulou até parar em cima de mim. Sirenes tocaram, sinos badalaram. Fora localizado um "homem em perigo". Lá adiante, a porta por onde eu saíra abriu-se e por ela foram surgindo, um após outro, vários marinheiros.

Segurando-se pelas mãos, formavam uma corrente que, encostada à parede externa do bar, partindo da porta, avançava em minha direção. Ainda um passo e o marinheiro da ponta estendeu-me a mão. Consegui agarrá-la: mão forte de marujo, uma tenaz.

No bar vazio, nem Jorge nem ninguém. Todo mundo desertara; pelo chão, vestígios de vômitos... Deram-me a beber algo muito forte, fizeram-me sentar por uns minutos e depois me conduziram à escada que descia para o trem.

Desde o momento em que soubera do furacão lá fora, Jorge me procurara desesperadamente. Ao tentar sair, pela mesma porta por onde eu saíra havia pouco, fora barrado. Um marinheiro de plantão impedia que qualquer incauto se aventurasse a sair e indicava o caminho da escada interna. Aflito, ele descera

correndo e, não me encontrando na cabine, fora até o toaleta, que estava trancado.

Soubera então que, enquanto o trem permanecesse no ferry-boat, os WC não funcionavam. Cada vez mais aflito, resolveu percorrer as cabines de todos os vagões. Todas estavam ocupadas, todo mundo já se recolhera, inclusive Varela, que passara mal e encontrava-se largado no beliche. Desatinado, Jorge voltava para o bar quando me encontrou descendo as escadas, toda encharcada, pálida, tremendo de frio. Palidez maior que a minha, só a dele. Jorge gaba-se até hoje que Laxness e ele foram as únicas pessoas, naquela noite, a não passar mal. Quanto a Laxness, pudera!, homem dos fiordes da Islândia, acostumado àquelas travessias... Quanto a Jorge, velho marinheiro, jamais balanço de navio o assustou, enfrenta qualquer mar.

Medo, mesmo, só tem de avião. Faz questão de acrescentar, no entanto, que naquela noite de tormenta ninguém sofrerá tanto quanto ele ao julgar-me desaparecida para sempre nas águas gélidas do mar Báltico.

No dia seguinte, os jornais de Estocolmo não deram outra coisa: um furacão – coisa igual não se vira havia mais de não sei quantos anos – afundara vários barcos pesqueiros, causara destruições e mortes.

## **"MONSIEUR LE PRIX"**

Dois dos participantes brasileiros do Congresso de Estocolmo seguiram depois para Moscou, em nossa companhia, a fim de assistir ao Segundo Congresso de Escritores Soviéticos: os contistas Afonso Schmidt e Marques Rebelo. Com Ilya Ehreburg, Pablo Neruda e José Ventureli, tomamos um avião que fazia escala em Helsinque e Leningrado. Guillén já se encontrava em Moscou quando chegamos.

Dias depois foi-lhe concedido o Prêmio Internacional Stalin da Paz. Só faltava Rosa para que a alegria fosse completa.

Nossa turma – os Neruda, Guillén e nós mesmos – estava hospedada no mesmo hotel, o Metropol, na praça do Teatro Bolshoi. Neruda dois andares abaixo, Nicolás no mesmo piso. Feliz como uma criança, Nicolás nos mandava bilhetes que metia por debaixo da porta, recados que poderia dar pessoalmente, pois nossas portas eram vizinhas, uma em frente à outra. Seria mais fácil transmiti-los pessoalmente, mas ele queria ter o prazer de assinar as mensagens, assinatura que adotara na ocasião: "Monsieur le Prixl" Num desses recados, Nicolás convidava-me para madrinha do Prêmio, para apor a medalha em seu peito.

Aceitei, contente, o convite amigo e honroso, sem imaginar que Nicolás estava rompendo completamente o solene protocolo que cercava a entrega do Prêmio Internacional Stalin: ao Presidente da Academia de Ciências da URSS, Presidente do Júri, que designava a cada dezembro os premiados do ano, cabia remeter a medalha e o diploma.

Nicolás inventara essa novidade, nunca houvera madrinha de prêmio nem pessoa determinada pelo premiado para pendurar a medalha... Mas Nicolás não quis saber de história, bateu o pé, se não havia o hábito, tanto melhor, ele seria pioneiro. O compadre se divertia. Seu capricho, no entanto, não parará aí, ele rompia todas as convenções: manifestara a intenção de receber o Prêmio no recinto do Congresso dos Escritores, em meio a poetas e romancistas de todo o mundo, e não na austera sala da Academia de Ciências. Não foi fácil, mas ele conseguiu vencer todas as barreiras, graças à intervenção de Alexandre Fadeiev, Vice-presidente do Júri do Prêmio, Secretário-Geral da União de Escritores, membro do Comitê Central do Partido Comunista, grande escritor, um poderoso, que apoiou a reivindicação de Guillén, lutou por ela e conseguiu fazer-lhe a vontade.

Assim, em plena sessão do Congresso, fui chamada à tribuna e, emocionada, coloquei a medalha de ouro no peito do compadre. Tive apenas o cuidado de não olhar para as bandas de Ehreburg que, certamente, gozador como ele só, devia estar se divertindo com aquelas inovações tropicais na solenidade da entrega do Prêmio Internacional Stalin, nada mais, nada menos.

Poderia contar aqui outras histórias desse ano de 1954, fatos pitorescos, momentos de emoção, episódios divertidos que nos fizeram morrer de rir, tanto em Estocolmo quanto em Moscou. A tentação é grande, mas resisto e deixo de descrever, inclusive, a grande festa nos salões nobres do Kremlin, com jantar, música e dança, na presença da cúpula do governo soviético, em homenagem aos escritores participantes do Congresso. Não posso me estender mais, estou morrendo de saudades das crianças que ficaram na Tchecoslováquia, deixo o resto para outra ocasião, se outra ocasião houver.

## **SOLUÇÃO RACIONAL**

Estamos em março de 1952, voando de Moscou para Praga, retornando da China, e já foi avisado que os passageiros devem apertar os cintos, voltar os encostos das poltronas à posição vertical e apagar os cigarros. As rodas do avião já baixaram, descemos cada vez mais, sobrevoamos campos cultivados, pequenas aldeias, o aeroporto está logo mais adiante, um solavanco, tocamos o solo, Jorge já soltou o cinto antes do tempo – como de hábito –, levantou-se para apanhar os volumes que ficaram guardados acima de nossas cabeças, só não foi advertido ainda pela aeromoça – como sempre acontece –, que volte a sentar-se e permaneça em seu lugar até que os motores estejam completamente parados.

Acabava ali, no aeroporto de Praga, um mês e tanto de viagens: passeios, festas, novos amigos, novos conhecimentos.

Em Dobris a folga ia terminar, iniciariamos uma etapa de muito trabalho. Sem Marenka para me ajudar, não ia ser fácil. A moça casara-se, fora viver longe. Jorge e eu teríamos que nos virar para arrumar a bagagem, verdadeira mudança, sem ter quem cuidasse das crianças, João, um perigo solto, e Paloma, criança de colo, dependendo de mamadeiras, roupas e fraldas lavadas a tempo e a hora.

Ainda no avião discutimos o assunto e chegamos à conclusão de que tudo seria mais fácil se fôssemos apanhar as crianças só depois de tudo arrumado. Essa era a solução ideal, a mais prática e racional, sobretudo racional. Iríamos sofrer, não havia dúvida, iria nos custar um grande esforço ficar sem ver nossos filhos ainda por alguns dias, mas era o jeito, não havia outro. Tudo combinado de pedra e cal, apanharíamos os meninos depois de tudo encaixotado, as malas prontas.

### **'POR QUE FOCÊS TEMORRARRO TANTO?...'**

Wally, Lumir e Kuchválek estavam firmes no aeroporto, Wally falando da beleza de Paloma, Kuchválek, maroto, jurando que João esquecera o português. Ao visitá-lo aos domingos só falavam tcheco, o menino se recusava a falar o português: "Não entendo essa língua..." Segundo Kuchválek, devíamos nos dar por felizes se ele nos reconhecesse.

As malas ainda não haviam descido do avião e eu já estava doidinha, querendo saber de Jorge qual das crianças iríamos apanhar primeiro, esquecida completamente do que combináramos poucos minutos antes. Também completamente esquecido do trato, Jorge me disse que talvez fosse melhor apanhar logo Paloma, no caminho para o Lar das Crianças aonde íamos buscar João. A razão fora derrotada, mais fortes eram o amor e o coração. Nem podia ser diferente, Deus me livre que fosse!

Em dois automóveis seguimos com amigos e bagagem em busca de Paloma. Esperamos um bocado antes que uma enfermeira aparecesse trazendo a menina. Paloma crescera mas não engordara. Os olhos grandes, pestanudos, iluminavam seu rostinho sério. Estendi-lhe os braços, vem com mamãe... mas ela não se atirou. Desapontada, tive vontade de chorar. Jorge repetiu meu gesto, "comigo ela vem... !", mas o resultado foi idêntico. Nossa filha nos ignorava, nos olhava com a maior indiferença. Tomei-a das mãos da enfermeira, cobri-a de beijos e ela não reagiu, não riu nem chorou. As moças que haviam cuidado dela apareceram para as despedidas e todas choraram. Sentada no automóvel, com minha filha no colo, apertei-a contra meu peito, acariciei-a sem parar até chegarmos ao Lar das Crianças, onde se encontrava João.

Os meninos haviam saído a passeio pelo bosque, devíamos aguardar que voltassem. Esperamos no gabinete da diretora, que nos fez os maiores elogios à vivacidade e à inteligência de João, menino ativo a sobressair-se dos demais... Iam sentir sua falta, falta de suas canções em português e francês. De repente ouviram-se vozes infantis que se aproximavam. Eram as crianças voltando do passeio, imitando o canto dos passarinhos, João entre elas, na maior farra, um cachecol vermelho enrolado ao pescoço, o rosto corado. Me contive para não sair correndo ao seu encontro. Não o haviam prevenido de nossa chegada e, quando deparou-se conosco no gabinete da diretora, perdeu a ação, ficou mudo por um momento para em seguida reclamar, em seu português de sotaque carregado: "Por que foces temorrarro tanto?" Distribuiu, em seguida, entre os coleguinhas, no maior entusiasmo, os bombons e os caramelos que havíamos levado com esse objetivo, não escondendo a alegria, a felicidade de rever os pais e de poder ir-se embora com eles. Os outros, coitadinhos, jamais poderiam ter aquela ventura... Senti um nó na garganta, pensando nisso. Todo o pessoal da casa – tias, avós, professoras e crianças – veio para o bota-fora no jardim, e foi

uma choradeira geral. Paloma continuava indiferente a tudo, nem mesmo a cantoria dos meninos em homenagem a João a tirou de sua seriedade. Ao chegar a hora da mamadeira ela nem reclamara, mas, quando lhe dera, tomara todinha sem fazer luxo. Jorge não tirava os olhos da filha, preocupadíssimo. Ao tomarmos o carro para ir embora, ele não aguentou e baixando a cabeça me disse ao ouvido: "Idiotizaram nossa filha... !"

### **TRABALHO BEM-FEITO**

Com paciência e perseverança ou, melhor dito, com macaquices, bilu-bilus e mil artimanhas, Jorge conseguiu em três tempos "desidiotizar" a filha: rodopiou com ela, sacudiu-a, atirou-a ao ar, fez-lhe caretas engraçadas e purrutes ruidosos na barriguinha. O purrute, invenção dos pais para brincar com os filhos, revelou-se eficaz, tirou a menina da apatia em que se encontrava e ensinou-lhe, inclusive, a entender o português. Era só ver Jorge se aproximar e dizer, "vamos fazer um purrute?", ela se encolhia toda, já sentindo o contato dos bigodes do pai em sua pele delicada a lhe fazer cócegas, e ria. A menina bem-comportada, educada em creche modelo, a criança que não reclamava nada, ficava onde a colocavam, esperava em silêncio que lhe trouxessem o leite, graças às artes do pai, ficou outra, irreconhecível! Encheu-se de caprichos, exigindo atenções, reclamando colo, e eu que atrasasse com a mamadeira! Abria a boca no mundo. Em compensação, voltara a sorrir e até a dar gargalhadas sonoras com as macaquices do pai e do irmão.

Paloma se tornara uma criança feliz, viva, a alegrar nossa vida.

João chegara disciplinado, gente fina, obediente. Era divertido vê-lo saltar da cama pela manhã e sair aos pulinhos, batendo supostas asas, a cantar: "ptachek, ptachek...", imitando

um passarinho – o próprio da cançãozinha –, na direção do banheiro, onde escovava os dentinhos sem que se mandasse, vestindo-se depois, sozinho. Com tantas atenções e tantos mimos o cercamos que, segundo alguns amigos, estragamos rapidamente a criança; a boa educação, a disciplina rigorosa que lhe haviam ensinado, não durou muito, foi por água abaixo. Teríamos, realmente, estragado o menino? Prefiro pensar e dizer: fizemos com que nosso filho voltasse a ser uma criança livre e feliz.

### **ROMANCE FRUSTRADO**

Naquele domingo, nosso último domingo em Dobris, os amigos se reuniram para um almoço de despedida. Todo mundo triste, cercando-nos de carinho, enchendo-nos de presentes. Nós estávamos comovidos, mas, ao mesmo tempo, felizes com o fim de nosso exílio. Acontecesse o que acontecesse, fosse qual fosse o preço a pagar, valia a pena; a alegria de voltar para casa e rever nossa gente era maior que qualquer chateação que viéssemos a ter.

Cerca do meio-dia, da portaria, nos avisaram da chegada de uma visita. Era Vlasta, pessoa de nossa estima, vinda de Praga, toda suada, após pedalar dezenas de quilômetros em sua bicicleta. Soubera de nossa volta ao Brasil e se apressara a ir nos ver, queria ainda uma vez falar de seu problema, falar de Ferda, seu amor brasileiro, um amigo nosso. Vlasta costumava nos visitar de vez em quando, contava das cartas que recebera, sempre animada e esperançosa de conseguir a desejada autorização da direção do Partido – autorização que lhe fora negada -para casar-se com um estrangeiro. Fernando, o noivo, estivera em Praga e nós os vimos juntos, felizes e cheios de planos. Desta vez a moça estava profundamente triste e desanimada. Mexera céus e terras, falara com Deus e o mundo, sem obter o menor sucesso. Mais uma vez fecharam-se-lhe as

portas, nada conseguira, mesmo sendo o candidato dirigente do Partido Comunista brasileiro, pessoa íntegra, com todas as credenciais possíveis e imagináveis. O Partido tcheco mantinha-se irredutível: "Nada de casamentos com estrangeiros, nem pense em sair do país... !".

Assim responderam à sua insistência.

O caso de amor entre Vlasta e Fernando, impedidos de se casar, não era o primeiro exemplo de dogmatismo inumano que nos era dado testemunhar. Outros brasileiros haviam tentado casar com tchecas, sem sucesso. Apenas um caso, de nosso conhecimento, foi coroado de êxito: o herói a vencer a batalha foi Guido Araújo, que viveu alguns anos em Praga, conseguiu ali casar-se com Mila e levá-la consigo ao regressar à pátria. Até hoje são felizes, cercados de filhos, morando em Salvador, na Bahia. O casamento de Vlasta e Fernando Santana nunca se realizou.

Parece mentira mas era assim mesmo.

## **BRASILEIROS EM PRAGA**

Os últimos dias na Tchecoslováquia foram dos mais movimentados. No Hotel Alcron, onde ficamos uma semana antes de seguir para a Itália, encontramos uma delegação brasileira, a caminho da URSS para as comemorações do 1º. de Maio em Moscou, capitaneada pelo escritor Graciliano Ramos e sua mulher Heloísa, amigos queridos. Outro amigo, o escritor Dalcídio Jurandir, fazia parte do grupo. O reencontro com pessoas recém-chegadas do Brasil, no momento em que voltávamos para lá, vinha a calhar. As cartas que recebêramos do Brasil, nos últimos tempos, depois que fora noticiada a volta de Jorge, traziam notícias as mais desencontradas, informações contraditórias, umas otimistas, outras pessimistas.

Estávamos um pouco no ar, sem saber o que realmente nos iria suceder. Membro antigo do Partido Comunista, pessoa discreta, arredia, Dalcídio Jurandir, escritor de grande qualidade, é autor de uma saga romanesca que tem a Amazônia como cenário: Belém, a ilha de Marajó, o grande rio. Suas histórias e seus personagens recriaram a realidade e o povo do Pará.

Dalcídio trazia-nos recado de Arruda Câmara. O dirigente mandava nos avisar que tomássemos cuidado, não levássemos nada que pudesse dar margem a provocação, pois o Partido fora informado de que a polícia do Rio, ciente do regresso de Jorge, preparava-se para, no desembarque, fazer uma razia completa em nossa bagagem, em busca de documentos comprometedores. O aviso de Arruda tinha fundamento, como pudemos comprovar ao chegarmos no Rio. Na alfândega, nossa bagagem foi vasculhada durante mais de duas horas, os policiais a tirar tudo das malas, absolutamente tudo, a apalpar e a farejar, peça por peça, em busca dos tais documentos comprometedores, enquanto os funcionários assistiam, sem jeito, quase a nos pedir desculpas por aquele ato de vandalismo: se dependesse deles, tudo seria liberado em seguida sem nenhuma vistoria.

Ao transmitir-nos o recado, Dalcídio confidenciou-nos, entre encabulado e gozador, que recebera do mesmo Arruda, na véspera de partir, a tarefa de dar assistência a Graciliano Ramos durante a sua permanência no mundo socialista: "Assistência ao Velho?", admirou-se Jorge, surpreso e ao mesmo tempo achando divertida a absurda novidade. "Não se trata propriamente de dar assistência", corrigiu Dalcídio, "mas de ficar atento, contornar e pôr panos quentes em caso de uma eventual irreverência, de uma crítica à vida soviética... !" Homem de pensamento livre, o autor de São Bernardo, de Vidas Secas e de tantos belos livros tinha fama de ser franco e desaforado, de dizer o que pensava sem fazer cerimônia. A ida do grande escritor à União Soviética era uma coisa positiva:

valorizava, dava prestígio à delegação e ao Partido Comunista brasileiro, que contava com personalidade tão ilustre em suas fileiras. O Partido proporcionava a ida do mestre romancista a Moscou, mas colocava um "comissário político" a seu lado. Dalcídio sentia-se extremamente constrangido com a tarefa recebida. Mas tarefa do Partido não era para ser discutida, era para ser cumprida. Ao ver Mestre Graça de "comissário" nos calcanhares a tentar dirigir-lhe os passos, Jorge só faltou morrer de rir: "Tarefa danada, Mestre Dao, você vai torcer a orelha sem tirar sangue!"

## PORTO DE GÊNOVA

O Giulio Cesare, tinindo de novo, cheirando ainda a estaleiro, destacava-se dos demais transatlânticos atracados no porto de Gênova. Em sua segunda classe, viajaríamos para o Rio de Janeiro, levando João, de volta à terra onde nascera e que deixara aos quatro meses de idade, e Paloma, cidadã brasileira nascida na Tchecoslováquia, à pátria que não conhecia.

Porto de Gênova, meu porto de evocações. Mil vezes passe por ele, mil vezes me emocionarei evocando minha gente que dali partiu para o Brasil. Em datas diferentes mas embarcadas, ambas as famílias, em porões de navios, meu pai e meus avós paternos, minha mãe e meus avós maternos saíram, uns e outros, do porto de Gênova para a aventura da imigração.

Com os pais e os irmãos, a menina Angelina, que um dia seria minha mãe, foi colher café no interior de São Paulo. Abolida a escravidão, o braço dos imigrantes veio substituir o braço dos escravos na lavoura cafeeira. Quanto a Ernesto, que seria um dia meu pai, aos cinco anos, pela mão de meu avô, internou-se na mata brasileira com um grupo de idealistas, para fundar uma colônia anarquista, convencidos de que podiam salvar o mundo e garantir a felicidade dos homens.

Nesse porto de Gênova eu desembarcara em 1948, com uma criança nos braços, no peito muito amor e muita coragem. Houve quem me tachasse de irresponsável, ao ver-me sair mundo afora ao encontro de meu companheiro com um filho pequeno. Agora, em 1952, neste mesmo porto de Gênova, ao partir de volta para casa, eu já não era a moça ingênua que lá aportara, cheia de ilusões, sectária, limitada, com uma visão idealista do mundo. Vivera um tempo longo de saudade e de nostalgia, um tempo dramático de guerra fria, macarthismo, stalinismo, injustiças, desconfianças, acusações e delações: o medo desenfreado condicionando a existência das pessoas. Passara a conhecer melhor a vida. Não fora fácil, mas a gente vai aprendendo sem parar, apanhando para aprender: eu apanhei bastante.

Sofri, mas também tive os melhores momentos de minha vida: pela mão de Jorge corri mundos próximos e distantes, conheci povos e países, convivi com grandes homens, de alguns deles me tornei amiga. Voltava outra mulher, amadurecida, cabeça arejada, disposta a seguir meu rumo sem vacilações. De uma coisa, no entanto, estou certa – eu não mudara: continuava a ser a moça simples que Jorge fora descobrir em São Paulo, sem artifícios, nem empáfia, ingênua, por que não? Até hoje, se Jorge vier me pregar uma de suas peças, eu caio que nem um patinho e, se Deus quiser, cairei em todas, até o fim de minha vida.

Partida alegre e movimentada, despedida ruidosa como sempre acontece nos portos, sobretudo nos italianos. O Giulio Cesare possuía um conjunto de músicos que, na saída do barco, alegrava o ambiente. Fardados de branco, de branco imaculado, os músicos, com seus instrumentos em punho, aguardavam a hora de entrar em cena. Carregando um pequeno acordeom que ganhara na Itália, João Jorge, vestido à marinheira, cinco anos incompletos, um rapazinho, não tirava os olhos dos pan musicantes. Paloma," nove meses, atenta a tudo que se passava, o pai todo faceiro, carregando no colo a bela senhorita de

chapeuzinho de fustão branco, distraíndo-a toda vez que ela se assustava com os berros dos carregadores apressados em transportar o maior número possível de volumes, na ambição de uma fêria gorda. Os alto-falantes repetiam um aviso: pediam aos senhores visitantes que deixassem "la nave", pois iam levantar ferros.

A escada começava a ser içada, quando, abrindo espaço entre as pessoas que lá embaixo acenavam adeus aos que partiam, surgiu uma mulher ainda jovem, toda esfogueada, trazendo nos braços estendidos um pacote fofo, embrulhado em papel pardo, com todo o jeito de ser um vestido. Corria afobada de uma ponta à outra do navio, buscando, ansiosa, com os olhos, entre as pessoas debruçadas na amurada, aquela a quem devia entregar a encomenda: "Signora Glória!... Signora Glória, il vestito... Signora Glória... ", gritava desesperada. Um apito ensurdecido abafou-lhe a voz e, em seguida, o alto-falante anunciou: "Signori passeggeri, la nave é in partenza.

Os músicos atacaram, tocavam uma melodia muito em voga na Itália: "... non sai che impapaveri son alti, alti, alti, e tu seipic-colina, e tu sei piccolina...". Jorge me puxou pelo braço: "Veja teu filho!" Sério e compenetrado, abancado entre os músicos, João estreava, na maior felicidade, seu acordeom italiano.

**Paris, maio de 1988**